

Transviado

Jaime de Magalhães Lima



Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Transviado

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Transviado

Author: Jaime de Magalhães Lima

Release date: July 1, 2008 [eBook #25945]

Most recently updated: January 3, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net>

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK
TRANSVIADO ***

capa do livro

ROMANCES ILLUSTRADOS

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

TRANSVIADO

ROMANCE ILLUSTRADO
COM MAGNIFICAS GRAVURAS

LISBOA

EMPREZA EDITORA
T. da Queimada, 35

TRANSVIADO

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

TRANSVIADO

Romance illustrado com magnificas gravuras

LISBOA
EMPREZA EDITORA
35—Travessa da Queimada—35
1899

EMPREZA EDITORA

LUIZ DE MAGALHÃES

Dedico-te este livro que é simultaneamente uma recordação e uma promessa da nossa amizade. Nasceu da vida comum do nosso espírito, da experiência na aspera e triste jornada pela terra que temos feito juntos e em que caminharemos unidos até que o destino lhe ponha termo.

I

Nos campos do Mondego, abaixo de Coimbra, a primavera é frequentemente agreste e fria. Quando o vento do mar sopra rijo sobre os brancos lençóis de malmequeres a surgir da terra húmida e paludosa, ainda farta das águas do inverno, as tardes são inclementes para o corpo ávido do repouso e doçura da natureza.

Este rapaz que além se apeou d'uma carruagem, em frente da estação de S. Braz, na estrada que vem dos lados de Albergaria, atravessou a linha conchegando o gabão que o vento desconcerta, e, mal entrado na gare, em que só destaca uma carreta abandonada com poucos fardos, procura onde se abrigue. Estamos todavia n'uma tarde d'abril.

O rapaz seguiu vagarosamente, ao longo da gare; na porta em que leu «sala d'espera» abriu e entrou. A um canto, sobre o duro banco de madeira, dormitava um homem gordo, de lunetas, mãos nos bolsos e chapéu derrubado para os olhos; ao lado uma mulher esbelta e franzina, um olhar brilhante sob o véo que lhe cobria o rosto. O homem levantou-se levemente turbado, com modos submissos, e pareceu hesitar.

—Eu agora... contra a luz..., não distinguia bem. Perdoe v. ex.^a! disse dirigindo-se ao recém-chegado.

—Eu também, como vinha de fóra e a sala estava um pouco escura, não o conheci á primeira vista. Foi necessario reparar um pouco...

—Então como tem passado v. ex.^a depois da sua jornada ao estrangeiro?... Será melhor sentar-nos, acrescentou apressadamente o homem das lunetas sem esperar resposta... V. ex.^a tem aqui logar... dizia affastando um cesto de morangos d'um sofá que parecia mais commodo.

—Muito obrigado, muito obrigado... Não se incommode... Em qualquer sitio...

E o rapaz ia a sentar-se quando o outro, abruptamente, o obriga a aprumar-se apontando-lhe a mulher.

—Minha mulher... o sr Claudio de Souza Portugal, um cavalheiro muito illustrado e do meu maior respeito!

Trocaram-se as palavras sacramentaes e todos se sentaram.

—Que extravagante modo de vêr! começou Claudio. Nas cidades, onde não faltam recursos, a *Companhia* dá-nos uma sala de espera com certo conforto, e aqui, n'este deserto, no meio d'um charco, reduz todas as commodidades dos pobres passageiros a um banco mal pintado e frequentado sabe Deus por quem. Na Suissa chega a haver, nas estações que estão nas circumstancias d'esta, uns pequenos quartos em que se pernoita com agasalho e aceio. Aqui, que barbarie!... Havemos de ser sempre assim; um paiz de toiros ha-de ser forçosamente um paiz de campinos. Tambem tem a sua belleza, é verdade; mas, quando se tem frio, uma manta do Ribatejo e duas taboas de pinho, confessemos, são pouco.

E fitava a mulher, nervoso, contente com esta apparição inesperada, captivo da sua graça.

Ella respondia:—E v. ex.^a bem o deve estranhar. Segundo tenho ouvido, fez ha pouco uma linda viagem pelo estrangeiro. Provavelmente, agora mesmo, vae aproveitar a primavera em melhores terras.

—Não, venho aqui apenas para vêr um meu amigo que passa para Lisboa e volto já a Albergaria. Não é sacrificio, para mim, viver ali. Em Paris, em Vienna d'Austria, por toda essa Italia que é a melhor galeria do mundo, no meio de riquezas artisticas sem numero, nunca houve prazeres sufficientes para me apagarem as saudades do meu paiz. Pelo contrario, tinha horas d'uma tristeza prolongada. Creio até que mais d'uma vez caí na fraqueza de chorar. Porque, não sei bem; não eram saudades com um objecto determinado, era uma dôr vaga mas penetrante.

Ella, sorrindo, replicou:—Bem diz o ditado que dá Deus nozes a quem não tem dentes. Só eu aborreço cordealmente a vida de provincia e estou condemnada a soffrel-a. Já não queria Paris nem Vienna, com Lisboa me contentava. Nem isso!... Não posso comprehender o mundo sem muita gente. A Avenida e S. Carlos e o Campo Grande e as praças e as ruas, tudo isso é para mim encantador, e infinitamente melhor que o pó e os tamancos da villa de Albergaria. Eu sei que é de máu gosto não elogiar as bellezas do campo, mas fui educada em Lisboa e hei-de ser lisboeta até ao fim da vida. Não... Parece-me sentir se o comboio. Até já, que nós também não saímos, concluiu ella, erguendo-se, com visivel interesse em continuar a palestra.

O comboio entrava na gare e separaram-se, dirigindo se cada um ás carruagens em que descobriam as pessoas que procuravam. Depois, rapidamente, bateu o signal da partida, a confusão de pregoeiros de jornaes e de passageiros que corriam do restaurante dissipou-se, e, novamente, na gare ficaram sós Claudio, os seus interlocutores, e poucos empregados que arrastadamente recolhiam da sua tarefa a dormitar pelos armazens, entre as bagagens.

Claudio approximou-se do par que momentos antes tinha deixado e offereceu-lhe logar na sua carruagem para regressarem juntos a Albergaria.

—Não, muito obrigado, vamos incommodal-o. Temos ali um carrito em que viémos.

Instou; que a tarde estava horrorosa, que iriam talvez um pouco mais agasalhados, que lhe davam o maior prazer com a sua companhia.

—A Emilia dirá, respondeu o homem de lunetas voltando-se para a mulher.

—Ah! por mim, acudiu ella muito alegremente, acceito e agradeço; não sei desprezar tão boa fortuna. Desculpe-me v. ex.^a a franqueza... Conheço o apenas ha uma hora e vou dispondo já das suas cousas com uma familiaridade que póde induzil-o em mau juizo...

—Oh! pelo amor de Deus, minha senhora, não diga mais, que blasphemias!... Muito prazer, fico muito reconhecido a v. ex.^{as}.

Encaminharam-se, atravez da linha, para a carruagem, que era um vasto *landau* tirado por dois possantes cavallos, e Claudio sentou-se em frente de Emilia e do marido.

Apenas saíram da estação, a conversa reatou-se no tom de banal animação em que a vimos começada. Claudio ia inquieto, um pouco embriagado pela belleza da mulher que tinha deante de si.

Examinava-a á claridade d'este poente coado pela leve neblina do norte; ha pouco, na escuridão da sala, mal a tinha visto, só agora podia julgar inteiramente da estranha seducção que logo ao primeiro encontro o impressionára. Emilia era uma mulher de feições quasi vulgares, magra, testa alta, rosto oval com as faces ligeiramente angulosas, a bocca grande, os labios delgados, o nariz secco e pronunciado; mas uma mobilidade d'olhar, de gestos e de sorrisos, desprendidos entre um collar de dentes sem mancha, que enfeitiçava. Com excepção dos olhos que eram soberbos de doçura e languidez, nem uma só feição que merecesse a arte ateniense; ainda assim, um poder d'attracção enebriante.

Com esta superior espiritualidade contrastava a grosseria do marido, trigueiro, quasi calvo, o olhar embaciado, taciturno, todos os

signaes de vida interior apagados. Era escrivão de fazenda, chamava-se Ricardo Dias d'Almeida, e na villa conheciam-n'o pelo *Canadas*, porque a sua medida habitual, nas noites d'alegria, era uma canada de vinho.

A carruagem seguia vagarosamente, pesadamente, a estrada desabrigada que ia ladeando os campos despovoados; o crepusculo approximava-se e a conversação corria sempre viva, sem repouso. Eram Claudio e Emilia que sós a alimentavam, ella não cessando de interrogar-o sobre as suas jornadas, elle descrevendo e contando, ora relembando as maravilhas de luxo e de arte que tinha visto, ora referindo incidentes alegres da vida nomada. Quando jornadeava mais assiduamente, as paixões não tinham fim, uma cada dia, quasi invariavelmente. No lago de Como o amor fôra grande por uma sueca de cabellos dourados e bocca pequenina, que passara uma tarde com elle na villa Carlota, onde ha plantas exóticas e esculpturas de Canova; mas nenhum como o que tivera por uma ingleza com quem viajara seis horas no Rheno, de Mayance a Colonia. Eram incendios romanticos, labaredas ephemerass a que a sua imaginação por momentos se entregava caprichosamente. O que não pensou quando viu essa rapariga ingleza?! Sonhava-a filha d'um lord que por ali, algures, nas margens do rio, devia ter um castello para descansar no estio. Via-a nas torres, roupagens brancas, tranças ao vento e havia de raptal-a por uma noite de luar montado n'um soberbo cavallo arabe, veloz e nobre. Ao amanhecer andaria tudo em correrias doidas pelo castello, o pae espumando vinganças, os creados atonitos, chorando; e já longe, em mysteriosos campos desconhecidos, o cavallo jazendo extenuado e elle moribundo de fadiga e amor a deixar-lhe nos labios o ultimo alento. Depois, ao cair da noite, os pastores que o sepultavam na montanha e os soluços da sua amada sobre o corpo hirto e frio, e tarde, em tempos distantes, a scena ultima, o perdão do pae e a solidão no convento.

Emilia ouvia attenta esta indiscreta revelação d'uma alma. Com breves perguntas provocava ou novas confissões ou narrativas em que o espirito femenino se deleita. E Paris? Devia ser deslumbrante

de luxo e de prazeres. E o *Bois* e a Opera e os Campos-Elysios e as corridas em Longchamps? Vinham então as descrições de soberbas equipagens e de magníficos espectáculos. E diziam que agora era uma sombra do passado! Um fidalgo francez, com quem Claudio se relacionara, levou-o uma noite, depois da opera, ao Tortoni, quasi deserto, só para lhe mostrar logares que elle reputava celebres. Aqui se sentara o duque de X..., aqui o marquez de Z... Na rua a fila das carruagens não tinha fim. Então, sim, então havia luxo em Paris, dizia o fidalgo. Tambem passara quinze dias em Londres, na *season*, admirara muito a solidez do luxo britannico e, estava mesmo em dizer, o seu bom gosto, uma sobriedade de linhas e de decoração que tocava o atticismo.

—Mas tudo isso, concluia Claudio, não vale aquelle cantinho, e apontou para fóra da carruagem, atravez dos vidros.

Era quasi noite e estavam em frente das azenhas dos Casaes. Entre os troncos de choupos, as aguas espumantes sarjando a terra e as madresilvas debruçadas nos vallados, entre os vultos mal distinctos que a obscuridade confundia e deformava, a porta do moinho lançava um clarão e ao fundo via-se, em volta da lareira, o moleiro, a mulher e os filhos, abrigados do vento frio que corria no valle, sobre a ribeira.

—Que mau gosto! Perdoe-me a franqueza, respondeu Emilia. É impossivel que o sinta, está a brincar. Ou então, como já me percebeu a fraqueza, quer-me ouvir.

—Não, replicou Claudio, é a verdade. Se vivesse um pouco commigo, havia de convencer-a. Estou certo de que mudaria de sentimentos.

Fez-se um breve silencio; e houve entre os dois como uma commum necessidade de recolhimento intimo. Elle pensava com mágoa quanto a concepção vulgar da belleza estava longe do seu ideal, ella ficára indecisa perante uma affirmacão tão cathgorica, porventura instinctivamente subjugada pelo poder de insinuação de Claudio.

—Nem v. ex.^a imagina o que isto é, disse Ricardo julgando de boa educação não deixar cair a conversa. Tudo uma miseria! O que eu não sei é como esta gente vive. Só no anno passado houve mais de cento e cinquenta contribuições relaxadas. Isto na predial, porque na industrial, com a lei nova, ninguém paga.

—É verdade, é, são pobrissimos, respondeu pacientemente Claudio, mas a pobreza tambem tem as suas alegrias e até a sua belleza.

Nova pausa, novo silencio, o silencio proprio do contacto de duas almas que se sentem em desharmonia e que ao mesmo tempo se veem attrahidas por mutua fascinação. O certo é que a conversa perdeu todo o movimento e, entre desconnexas interrogações, variando sempre de assumpto, assim chegaram a casa do escrivão de fazenda.

—E então até amanhã, por certo não falta em casa do dr. Carvalho. Tem grande festa, disse Emilia.

—Que remedio! São os annos d'elle e eu sou-lhe tão obrigado...

E no dia seguinte, enquanto Claudio se sentava a uma mesa do whist, ouvia entre duas solteironas o seguinte dialogo:

—Já reparaste como a Emilia está hoje elegante?

—É verdade, já vi. Está bonita. E é singular! Ella que costuma cuidar tão pouco de si...

Só Claudio podia suspeitar o segredo d'aquella transformação. Via a com uma vaga, quasi inconsciente impressão de triumpho e de vaidade satisfeita. Nem sequer sonhava quantas batalhas lhe reservava esta primeira gloria, tão tentadora como traiçoeira na facilidade com que se deixava conquistar.

II

A estrada que partindo de Albergaria para o nascente se interna nas serras, segue paralellamente á ribeira que vem de Alcofa, ao lado de campos ferteis, copiosamente banhados pelas aguas da rega. O valle vae apertando e, passado um estreito em que os montes lateraes quasi se tocam, deixando apenas uma apertada passagem para o rio, a estrada bifurca-se; um dos ramos segue para a esquerda entre montes desertos, calcinados, de longe em longe marcados por oliveiras solitarias, com a vegetação rachitica dos terrenos calcareos que se esboroam em pó fino e branco. A breve distancia, a encosta começa a ser aspera, de todos os lados apparecem miserrimos campos fechados por muros de pedra solta; acima, n'uma quebrada, avistam-se os telhados da aldeia entre bastas ameixeiras e o olivedo já mais viçoso do que o deixamos em baixo. No latido dos cães e no cantar do gallo sentem-se uns prenuncios de vida, signaes de habitação humana com os seus guardas, as suas provisões e os seus pomares.

Essa aldeia é Villalva, um montão de casebres cortados de caminhos cheios de matto, de tojo, de urze e de carrasco, degráus informes dando accesso a casitas negras de fumo, cortelhos de magros porcos fossando na estrumeira. Á entrada, uma casa caiada, com tres pequenas janellas, uma escada ao lado, acompanhando a encosta, por detraz os curraes formando pateo; e por baixo, pelas frestas vedadas com um varão de ferro, espreitam palhas soltas e os cestos da vindima, advinha se o celleiro, a adega e o palheiro. Fôra ali, n'aquella aldeia e n'aquella casa, que nascera Claudio.

Os paes eram lavradores, tinham bons campos na varzêa, um vasto pinhal no Bunheiro, e bastas courellas dessiminadas nos montes onde colhiam o centeio, o vinho e o azeite. Os filhos foram poucos; dois morreram novos, n'uma epidemia de variola, uma filha,

a mais velha, casara cedo com um lavrador da Alumieira, a poucos kilometros d'ali, e Claudio ficára só em casa, desde os sete annos.

Um tio que se ordenára e era abbade n'uma freguezia do Minho queria que elle fosse padre; escrevia ao irmão lembrando-lhe que era tempo de mandar o rapaz á escola, se queriam fazer d'elle alguma cousa, que pela sua parte estava prompto a ajudal-o, como elle bem o sabia, e que emfim não tinha outros parentes e o pouco que possuia havia de deixal-o aos seus. Precisava mesmo de tratar das suas ultimas disposições; já no inverno passado a gotta o tinha tido preso em casa mais de dois mezes e sentia-se muito fraco.

O pae hesitava. Era um homem austero que tinha feito da vida uma tarefa de trabalho. A pé desde o romper do dia, ao lado do unico creado que tinha, vigiando tudo, adeante do gado pelos ingremes atalhos da serra, nas veigas, em noites de estio, com agua até ao artelho, guiando as regas pelos milharaes, curvado, ceifando, sob o sol ardente, o seu corpo não tinha repouso. Pouco fallava; a mulher e os filhos respeitavam-n'o mas temiam-n'o, conheciam as suas duras reprimendas, se o creado tardou a fazer a cama ao gado, se a enxada ficou no campo e o milho mal coberto na eira.

Era para aquillo que ensinava o filho; muitos louvores déra a Deus quando elle nasceu por ter quem o ajudasse e continuasse o amanho do seu casal. Para que fazel-o padre? Tinha ali com que viver. Mas o Veiga, que fôra recebedor lá na terra em que estava o irmão e que o tratava como cliente abastado, tinha-lhe dito, quando elle foi pagar a decima, que o irmão estava muito rico. Era um unhas de fome, não gastava um real, sempre de tamancos, com meias de lã no inverno, e de verão nem meias trazia. Tudo para poupar!

E já outros lhe tinham dito a mesma cousa. Ao certo nada sabia, que o padre nunca lhe disséra quanto tinha; receiava que lhe pedissem alguma cousa. Só quando foi pelo casamento da sobrinha lhe mandou uma peça em ouro.

Seria tudo isso verdade? Tambem não queria privar o rapaz d'uma fortuna. Toda a vida tinha trabalhado para os filhos; se agora

podia deixal-os ricos, era sua obrigação fazer diligencias para isso.

Entretanto Claudio frequentava a escola e, graças ás hesitações do pae sobre o seu destino, não lhe davam na lavoura serviço pesado; cuidava dos bois, se o creado trabalhava longe de casa, levava o jantar aos trabalhadores, se os havia de fóra, andava á tarde na apanha da azeitona. Era uma creança nutrida e forte, pacifica, as faces rosadas, cabellos e olhos castanhos, uma certa mansidão no olhar; parecia-se muito com a mãe que fôra sempre um modelo de paciencia. Aprendia mal, continuamente distraido, e associava-se pouco aos companheiros da escola; ao peão na barra, nas brigas e nas corridas ficava sempre vencido. O seu maior prazer estava n'um cantinho do quintal onde plantava flores que a mãe lhe pedia para pôr n'um vaso, no oratorio, aos pés d'um crucifixo. Vagueava pelo pateo, ora examinando os bois, ora afagando o cão, ora debruçado no muro a vêr as gallinhas que na rua apascentavam as ninhadas. O pae tinha-o em pouca conta.

—Nunca ha-de ser nada com aquella preguiça; comer, dormir e passeiar. O que elle quer é andar de mãos nos bolsos. Está mesmo bom para abbade.

—Ora deixa lá, respondia a mãe, Deus sabe o que elle será.

Essa sim, essa tivéra sempre grande inclinação para o filho, e muito mais agora que a rapariga se tinha casado e ficára só com elle. Ensinava-o a rezar, toda a doutrina christã, e repetia-lhe muito os mandamentos da lei de Deus e as bemaventuranças.

Bemaventurados os pobres d'espirito, e os que são mansos, e os que choram, e os misericordiosos, e os pacificos; é para elles o reino dos céos. Pintava-lhe as penas do inferno para os máus e a presença de Deus, na companhia dos anjos, para os bons. A creança não se cansava de interrogar. Como seria? Pelo seu espirito passavam sombras de terror quando o julgavam e lhe diziam:

—Isso é peccado.

Temia o inferno. Penas eternas! em lá caindo, era para sempre.

Os mendigos vinham á porta da cosinha, andrajosos, esfarrapados, calcando o matto fôfo e humido com o bordão a que tremulos se arrimavam. A mãe, para animar o filho na caridade, mandava-lhes por elle um pedaço de brôa.

—Seja pelo divino amor de Deus. Por alma de quem lá tem: Padre nosso que estaes nos céos...

O pequenito ouvia silencioso. Era bom; Deus ouvia tambem os mendigos e perdoava os peccados aos que tinham morrido e estavam nas penas do purgatorio.

Era preciso, dizia-lhe a mãe, rezar muito, e por muito que se rezasse nunca era o bastante para alcançar o perdão de todos os peccados; ficava-se sempre em divida. Scismava n'este mysterio.

A isto se reduzia a educação de Claudio, ás singelas lições do exemplo e aos piedosos conselhos da mãe quando á noite, findo o trabalho, emquanto não chegava a hora da ceia, se sentava com elle no chão, sobre a esteira, ao canto da sala, proximo do oratorio.

Decorreram dois annos n'este abandono. Ao fim, em agosto, veio uma nova carta do Minho, decisiva. O abbade voltava a insistir na educação do sobrinho; as despezas eram por sua conta. Não se prendessem com isso. O seu amigo padre Netto ia passar as ferias ao Carregal, não tinham mais do que entregar-lhe o rapaz no primeiro de outubro, viria com elle para o collegio. Depois o abbade olharia pelos estudos.

O pae d'esta vez não hesitou. A carta era tão terminante que não podia deixar de fazer a vontade ao irmão sem o risco de perder toda a herança para os filhos. Sem demora, com a sua habitual firmeza, tratou do enxoval. Um dia, pela madrugada, metteu algum dinheiro no bolso e foi com a mulher e com o filho a Albergaria. Ahi tomaram a deligencia e seguiram para Coimbra. Por lá andaram algumas horas, de loja em loja, desconfiados dos preços, abrazados de calor,

regateando e comprando os pannos, o chapéu, os sapatos, a gravata e a caixa de folha que havia de ser dentro de dois mezes a magra bagagem do bisonho estudante. Á tarde voltaram a Villalva.

Veio a costureira e o alfaiate. Queria-se tudo largo, muito largo, senão, elle era um latagão, d'aqui a pouco nada lhe servia, era um desperdicio. N'esse canto da sala, sobre a esteira, entre a janella e o oratorio, ali onde á tarde Claudio recebia as piedosas lições da mãe, o chão semeou se de linhas e de farrapos, de pedaços de panno orlados de grandes alinhavos, entre elles a pregadeira e a thesoura postas a um lado. Ia n'aquella casa, tão tranquilla, um bulicio desusado; a costureira cantava, rasgavam-se asperamente as peças de bretanha, e a mesa animava-se com o novo conviva, a rapariga que tagarellara todo o jantar, contando o que ia na villa e o muito que brincara quando fôra a Balmaes, á Senhora da Saude. Tinham andado toda a noite a dançar no jardim do sr. Cunha, um fidalgo que lhes mandara dar pão dôce e licores.

Claudio estava contente, tudo aquillo era para elle; a singela vaidade infantil alegrava-se com as parcas riquezas que aos seus olhos tamanhas pareciam.

O movimento foi baixando, as camisas juntaram-se dobradas sobre uma cadeira, a costureira não voltou, varreu-se a sala e o pequeno casal de Villalva caiu no seu habitual silencio.

O pequenito sentiu então o primeiro travo da saudade. Ia partir. Para onde? Os mestres eram tão maus... E os bois? e o seu cão? e as suas flôres? Iam talvez seccar. Só se fosse a mãe que as regasse para as pôr á Nosso Senhor. Já lh'o pedira e ella tinha-lh'o promettido.

O padre Netto mandara dizer que o rapaz devia estar no primeiro d'outubro, ás tres horas da madrugada, na estação do caminho de ferro, em Coimbra, para seguir com elle. Precisavam sair de Villalva á meia noite.

Depois da ceia começou a fazer-se a mala. Já estava tudo na sala, faltava arrumar a caixa. Claudio assistia e ajudava, allumiando com o candieiro na mão e ouvindo as recommendações da mãe. Iam duas andainas de roupa, mas a preta era só para os domingos, para ir á egreja, a alguma festa, ou para quando o sr. director mandasse; que visse bem, não se perdesse alguma coisa, tudo aquillo tinha custado muito dinheiro. Iam tambem uns sapatos pretos, só para trazer com a roupa melhor, não fosse estragal-os na brincadeira. Juntou-lhes ainda um rosario de contas de vidro branco e verde enfiadas n'um cordão vermelho, não se esquecesse de o resar todas as noites a Nossa Senhora, por alma dos avós e para que ella o ajudasse em todas as afflicções da sua vida e o defendesse das tentações do mundo.

A creança ouvia, promettendo fazer o que a mãe lhe ia pedindo. Cerca das onze horas, como já passasse muito da hora a que habitualmente se deitava, encostou-se sobre duas cadeiras e adormeceu, com a cabeça repousada sobre o braço. A noite começava a arrefecer. A mãe foi buscar um chale, abriu-o, afastou-lhe o braço e d'um casaco velho fez um travesseiro em que lhe pousou a cabeça. O pae estava dormindo na cosinha, não quizera deitar-se na cama; não valia a pena por tão pouco. E, n'este silencio que a fadiga trouxera, a mãe ficou só, velando, ajoelhada em oração perante o Christo, a rogar-lhe fervorosamente protecção para o filho.

Ao bater da meia noite foi acordar o marido, o filho e o creado que dormia em baixo, no palheiro.

As despedidas foram breves que nem o marido gostava de expansões nem o pequeno Claudio, tonto de somno, podia dar-lhes grande attenção.

A mãe acompanhou-os até á porta e logo os viu perderem-se na confusão da neblina mal illuminada pelo luar, ladeira abaixo, o pequenito pela mão do pae, atraz o creado, varapau ao hombro e sobre elle a caixa de folha, vibrando estridula e compassada. Ao fundo estava o carro. Claudio, mal elle partiu, adormeceu

novamente. E assim foi, moido da jornada, accordando só por breves minutos se o chamavam, até ás alturas de Espinho.

Quando ali chegou, era madrugada; cedendo ao habito despertou. Onde estava? Que era feito dos doces ruidos de Villalva, da voz do pae marcando trabalho ao creado, dos passos da mãe na cosinha, abrindo a arca para levar o milho á creação? Tinha saudades, as lagrimas marejavam-lhe nos olhos, mas a novidade da payzagem e a vertigem do movimento distraiam-n'o e moderavam esta hora de angustia.

Estava ao pé do mar. Não o surpreendia, já o tinha visto na Figueira, quando lá fôra em romaria com a irmã, pelo S. João, no anno em que ella se casou; atraia-o esta vastidão inquieta que Deus creára e em que admirava o seu poder. Apearam-se em Villa Nova de Gaya e causou-lhe grande estranheza a ponte pensil; mas vira e não comprehendia como tinham lançado aquellas cordas de ferro, d'um ao outro lado do rio. As ruas e as praças do Porto pouco o impressionaram; eram semelhantes ao que havia em Coimbra, na Calçada, na Portagem e na feira de S. Bartholomeu. O padre Netto mostrava-lhe as estatuas, D. Pedro IV, D. Pedro V. Sabia quem eram? O mestre escola fallava d'elles, lá em Albergaria, mas era para os mais adiantados. D'uma só cousa os seus olhos não podiam desprender-se, cheios de pasmo e curiosidade: os bois. Estranhava-os muito, com os seus grandes cornos, em lyra, e as mãos tortas, quasi aleijadas, deformadas pelo trabalho violento na calçada. Eram feios; os d'elle eram mais bonitos, cornos curtos, pernaltos, apumados e nédios.

Ao collegio devia chegar á noite, depois de cinco horas de carruagem. Iam continuar os aspectos novos que tanto captivavam a sua curiosidade de creança: Rio Tinto e os seus teares sem conta, —em Albergaria havia só um,—Vallongo e as pedreiras de lousa, e as vides a trepar pelas arvores e os valles estreitos e humidos com os seus altos milharaes. Oliveiras não havia. Com que se alumiam? perguntava ao padre. O azeite vem de fóra, respondia. E aquillo o que é? dizia apontando uma construcção desconhecida,

sobre quatro pilares de granito. É um espigueiro; guardam ali as espigas do milho até ficarem bem seccas e só depois é que o malham. Assim passou toda a tarde, interrogando, vendo, observando tudo o que se prendia com os seus habitos e com a propensão natural do seu espirito. O padre ia-lhe respondendo. Era um homem paciente e bom, muito habituado a creanças, sabendo conquistá-las.

Os primeiros dias do collegio foram maus, pouco de molde a apagar as saudades que Claudio tinha da casa. Os companheiros escarneciam-n'o ao vê-lo nos seus enormes sapatos, a roupa nova, angulosa e hirta, d'uma vastidão desproporcionada. Perguntaram-lhe quem era o pae.

—Meu pae, respondeu vaidoso, é o thesoureiro da junta de parochia.

Começaram a chamar-lhe o thesoureiro e Claudio, timido, vexado, sentiu-se só entre aquella multidão desconhecida. O isolamento em que vivera em Villalva, os aturados conselhos da mãe, ensinando-o cedo a distinguir entre o bem e o mal, o exemplo da austeridade do pae, mataram á nascença na sua alma todo o germen de expansão e de lucta, quebraram todas as forças animaes e deixaram o terreno varrido para n'elle se alastrar a dolorosa consciencia da obrigação.

Mandavam-n'o ali estudar; era preciso voltar a Villalva, exames feitos, coberto de louvores, sem uma falta. Temia a severidade do pae e temia ainda mais as lagrimas da mãe. O espirito da creança concentrou-se na sua tarefa; os mestres viram com admiração o estudo e a intelligencia do novo discipulo que vinha com fama de aprender mal.

O abbade, o tio, immundo e gordo, arfando de cansaço, vinha vê-lo algumas vezes e pagar as mezadas. Pouco fallava ao sobrinho.— Que era preciso estudar, eram as suas palavras quasi invariaveis. Pelo director sabia que ia bem e, como não tinha que reprehender, pouco fallava, porque, na sua opinião e na aridez do seu coração de

celibatario, era preciso chamal-os ao respeito, não dar confiança a esses fedelhos.

Aos sabbados havia lição de doutrina christã. A primeira vez que Claudio foi interrogado, foi para elle um triumpho. Sabia tudo: os mandamentos da lei de Deus, os mandamentos da egreja, as bemaventuranças, as obras de misericordia, os peccados mortaes, tudo, tudo, até os inimigos da alma. Os camaradas ouviram-n'o com espanto e elle sentiu-se victorioso e contente. Havia de o contar á mãe; era uma boa nova a levar-lhe quando fosse a férias.

Um dia o padre Netto espraizou-se mais que de costume na lição; foi até fallar do inferno, dizendo que os doutores da Egreja ignoravam se era um lugar em que se soffriam todos os tormentos e dores que o corpo póde soffrer, se um estado em que a alma andava errante, em continua agonia. Estranha revelação para Claudio, esta que para os seus camaradas passára incomprehendida! Ficou scismando. Vagamente percebia um céu e um inferno differentes d'aquelles com que a mãe o embalára. O theologo mostrava-lhe a dupla natureza do seu ser, sentia uma alma feliz ou torturada, mas inteiramente apartada do corpo. No seu espirito accumulavam-se os germens de meditação sobre a consciencia e o destino humano.

N'este mesmo anno levaram-n'o pela primeira vez á confissão. Foi um dia, que ficou memoravel na sua lembrança, assim como a inquietação que o precedeu. Quaes eram os seus peccados? Quantas pragas rogára? Tinha deixado alguma vez de estudar as lições por preguiça? Queria mal a alguém, aos professores ou aos camaradas? As duvidas traziam-n'o em sobresalto, porque era preciso dizer tudo para que a confissão fosse bem feita. Era preciso dizer tudo, e com sincero arrependimento e proposito de emenda.

Além d'isso,—suprema duvida,—era preciso arrepender-se pelo amor de Deus e não pelo temor das penas do inferno. Era realmente assim? Por esforço da vontade procurava obedecer ao amor de Deus, mas a sua consciencia infantil não podia alcançal-o. O temor do inferno predominava.

Fosse como fosse, o essencial era fazer a confissão completa e elle ia dizer todos os peccados de que se lembrasse.

O collegio ficava n'uma encosta; a egreja no valle, sobre a ribeira que o cortava. Descia-se rapidamente e seguia-se depois pelo valle acima, n'um caminho quasi plano, de grande lagedo de granito, orlado de carvalhos enfeitados de videiras; ao fim, um pequeno adro, a egreja e junto d'ella o cemiterio.

Ao romper do sol, o prefeito fez sair todos os que se iam confessar. Manhã de primavera, orvalhada, fresca, viçosa nos renovos do arvoredos; e Claudio opprimido, concentrado nas suas duvidas, sentia pela primeira vez bem nitidamente o divorcio entre a alma inquieta e a impassibilidade sorridente da natureza.

Com que delicia beberia o ar de manhã! Mas um demonio interior o suffocava. Começava a aprender o que era a vida humana.

Entraram na egreja, indo ajoelhar no altar do Santissimo; depois, levantaram-se e o prefeito mandou-os sentar n'um banco que ficava por baixo do pulpito.

O confessor era um só, o parochos. Um a um foram chamados os confessandos que, á maneira que voltavam, ajoelhavam rezando a penitencia. Claudio foi o ultimo. Rezou a confissão embaraçado e tremulo, mãos postas, cabeça curvada, os olhos fitos nos pés do confessor.

Começaram as perguntas, a seguir pelos mandamentos da lei de Deus e depois pelos mandamentos da egreja. A quantos tinha faltado? Mentia? Ah! n'este ponto tinha um peccado que fôra o seu primeiro grande remorso.

Um dia, um domingo, tinha chovido de manhã, e de tarde o prefeito mandou-os vestir para sairem; estava uma tarde calma, o ar carregado, os caminhos cobertos de lama. Claudio vestiu o fato preto e calçou os sapatos novos para se mostrar aos companheiros em trajos ricos.

—Para que anda o menino a estragar esse fato? perguntou o prefeito.

—Tinha frio, respondeu Claudio.

Mentira; não era frio, era vaidade. O remorso ia ficar-lhe de lembrança. Para o futuro seria mais corajoso.

O padre, um velhito, magro e bondoso, vendo o mundo já da beira do tumulto, sorriu com sympathia á pureza da creança, não quiz ouvir mais, mandou-lhe dizer o acto de contricção e absolveu-o.

A natureza sorria tambem nos gorgeios das aves que esvoaçavam fóra, no cemiterio, e nos suaves raios do sol da manhã que pela estreita fresta da sacristia alumiam docemente a pobreza dos gavetões carcomidos em que o padre guardava o calice, a alva e as vestes.

Claudio veio ouvir a missa e saiu da egreja contente. Sentia-se bem, a consciencia e a virtude tinham vencido todas as duvidas; pela primeira vez experimentava a grandeza d'um dramatico triumpho intimo.

Com excepção d'estes breves incidentes, que jámais se apagariam da sua memoria, a vida do collegio foi para elle monotona e triste; timido no recreio, vivendo pouco intimamente com os companheiros, todo se entregava ao estudo. Os mestres estimavam-n'o. Um d'elles ficára pasmado do modo porque Claudio lêra um longo trecho de Garrett contando a pobreza de Camões. Não se conteve que não exclamasse:

—Muito bem! Torna a lêr para estes meninos ouvirem. Impressionava-o a emoção com que a creança lia e que provinha d'uma penetrante comprehensão das dôres que o poeta cantava.

No fim do anno eram os exames, em Braga, onde os pobres rapazes iam arrebanhados, pallidos, enfermos de desconforto,

afflicções e receios. D'ahi dispersavam em férias, cada um para a sua aldeia.

Claudio veio em companhia do padre Netto que em Coimbra o entregou ao pae a quem chamou de parte para lhe dar informações do filho. Ia muito bem; muito applicado e muito socegado; fizera só instrucção primaria e portuguez, mas no anno seguinte devia fazer exame de francez, de desenho e até talvez de geometria. O abbade estava satisfeito; já lhe tinha dito que se o rapaz assim continuasse, o melhor era mandal-o para a Universidade. Sempre era outra cousa, outra posição, para que servia ser padre sabia-o elle, por mal dos seus peccados. Isto tudo aqui para nós, concluia; não se lhe póde dizer nada. Se a gente vae a gabal-os, fazem-se tolos e ninguem os atura.

O pae levou Claudio para Villalva. No caminho desceu um pouco da sua habitual frieza, perguntando ao filho o que fazia no collegio, se gostava d'isto, se não gostava d'aquillo, quantos eram os mestres e se lhe tinham dado muitas palmatoadas. Começava a respeitá-lo; o que o padre dissera, incendiava-o em ambições. Formado e com a fortuna do tio, a advogar, mandaria em Albergaria; via-o já presidente da camara, talvez deputado. O filho do Antonio Simões, de Barreiros, não era mais do que elle e estava em Lisboa nas côrtes, um fidalgo. Pois algumas vezes lhe tinha emprestado ás tres e quatro moedas para mandar a mezada ao rapaz! Agora era elle que mandava dinheiro ao pae; ainda ha poucos dias dera mais de sessenta moedas pelo Cerrado de Baixo, na Cruz das Almas.

Os primeiros dias de férias passados em Villalva foram uma festa para Claudio. Veiu a irmã e ella juntamente com a mãe, ambas contentes e orgulhosas, pedia-lhe a narração do que se passava no collegio, como era a jornada, os exames, o Porto, a cidade de Braga e o Bom Jesus do Monte. Quem lhes dera poder ir lá! Claudio, por seu lado, sentia uma nova atmospheria; ainda ha um anno esquecido, quasi abandonado, via-se agora cercado de atenções que eram novas para elle. Convertera-se n'uma esperança de riqueza e de poderio, lisongeava a ambição do pae, a vaidade da

irmã e a piedade da mãe que tudo attribuia ás suas orações, ás esmolas que dava e á recompensa divina. O filho ouvia-a; com ella cria tambem que toda a sua sorte vinha da vontade de Deus, mas a idade e a alegria de voltar ao seu casal não o deixavam prender-se muito a esses pensamentos. Os seus cuidados eram a admiração das flôres que deixára plantadas, os gados, os campos e as colheitas. A sua vida consubstanciara-se cedo com a d'esse mundo natural que era o companheiro inseparavel da sua alma e do seu corpo.

Uma tarde, em setembro, a mãe começou a sentir uma pequena dôr no ventre. Foi continuando no trabalho, arrumando a cosinha e preparando a ceia, mas as dores repetiam-se cada vez mais frequentes e agudas; seguiam-se uns ligeiros suores e, depois d'uns instantes de abatimento, parecia-lhe que ia adormecer, concebia uma vaga esperança de cura. Eram simples remitencias; o mal estava apenas incipiente. N'uma crise, a mais violenta, chamou o filho:

—Claudio, estou muito mal. Tenho uma dôr aqui, e punha a mão sobre o ventre. Valha-me Nossa Senhora! Se eu dêsse um passeio, talvez me passasse.

Foram para o quintal e lá se arrastou pelo carreiro junto ao muro. Poucos passos deu. A dôr voltava, ella encostada ás arvores esperava que abrandasse para dar alguns passos. Por fim, não poudé mais; veio para a sua alcova. Era quasi noite e o marido recolhia.

—Não te quiz mandar chamar, disse-lhe, para te não tirar do trabalho... Ha duas horas que não páro... Não sei o que isto é... E torcia-se angustiada, os olhos cavados, as faces desfiguradas.

Mandaram chamar o medico.

—Era melhor chamar o padre, dizia ella; e a Maria, a filha. Mas não... a esta hora... coitada... ficam lá os pequenitos sós... ai! meu

Deus... eu morro... morro... Estorcia-se, desgrenhada, os olhos em alvo, os braços nús, punhos cerrados.

Veiu o medico e receitou. Enquanto o creado corria á botica, preparavam um banho. Tudo faltava, agua e banheira. A confusão era extrema; a dôr não abrandava. Só cerca das dez horas chegaram os primeiros medicamentos.

Bateram onze horas. O mal não declinava. O pae de Claudio estava aterrado.

—Isto não melhora, dizia para o medico, fitando-o com olhos interrogadores e anciosos.

—Espere, espere... por enquanto ainda não é tarde. Então?! Não me esteja a desanimar. Parece que nunca viu ninguem com uma colica. Pois olhe que eu não tenho visto poucas e até hoje, graças a Deus, ainda nenhum doente me morreu d'isso.

Claudio fugira para longe; chorava mas não queria que o vissem chorar, temia o pae que por certo não deixaria de o reprehender pelas suas pieguices, como elle lhe chamava. Queria rezar. O oratorio era na sala e estava lá o medico. Abriu a porta de mansinho, atravessou o pateo e, seguindo o carreiro onde á tarde estivera com a mãe, foi ajoelhar-se lá no extremo, debaixo d'uma oliveira. A noite estava serena: o luar cobria os montes de que vinham as exalações quentes que succedem ás calmas do estio. Ajoelhado, de mãos postas, fitando os astros, via a face da Virgem, sentada no seu throno de gloria, entre nuvens douradas. Orava e ella via-o:—Ave Maria, cheia de graça... Respondia-lhe um olhar de doçura e esperança. Quando voltou a casa, finda a oração, a mãe dormia extenuada e pallida.

Foi ajoelhar-se lá no extremo debaixo d'uma oliveira.

Accordou á uma hora da noite. Ainda ali estava o medico.

—Então?! Está melhor? perguntou-lhe.

—Agora estou bem, graças a Deus. Muito cansada.

A fé de Claudio tinha n'este momento confirmação plena; no seu coração estavam lançadas sementes que o tempo podia transformar, mas nunca aniquilar.

Estes dois mezes de férias em Villalva foram para Claudio um começo de revelação consciente da felicidade d'aquelles logares. Ao chegar a noite da partida, não pôde, como da primeira vez, vêr distrahidamente os cuidados da mãe e adormecer; foi uma noite de lagrimas e de saudade confessada. Ainda tres dias depois, no collegio, a um canto da sala de estudo, tinha uma nova crise de lagrimas. Um dos mestres passou n'esse momento. Vendo-o a chorar e adivinhando o que se passava no espirito da creança, disse-lhe compassivamente:

—Deixe os livros, deixe os livros, vá brincar.

As saudades não turvavam porém a applicação do collegial. Pelo contrario, o desejo de voltar a Villalva triumphante, como no primeiro anno, a alegria dos paes e os carinhos que d'ahi vinham e de que a sua alma era tão avida, constituíam uma ambição sempre presente á sua lembrança e que o mantinha invariavelmente no mesmo caminho. Durante seis annos, que tantos foram os que consumiu n'estes estudos preparatorios, a sua vida manteve-se n'uma linha ininterrupta de respeito, de obediencia, de concentração, d'estudo e de fé. Se lhe fosse possivel fazer parar ali o desenvolvimento do seu espirito, teria ficado um alto exemplo de character e de firmeza. Mas outros destinos e outras amarguras lhe estavam reservados.

Aos desesseis annos matriculou-se na Universidade. O pae queria vel-o advogado; Claudio, como de costume, ia fazer-lhe a vontade.

A entrada na Universidade não desvanecia, antes accentuava, os caracteres da sua alma anteriormente adquiridos. Semelhantemente ao que lhe acontecera quando entrou no collegio, sentia-se por timidez e por natural pendor alheio a esta turba multa que o

rodejava, alegre, buliçosa, fremente de actividade e de pujança; a primeira e a nova situação eram rigorosamente paralelas, áparte um estado de consciencia agora mais determinado e em breve na sua plenitude. O mundo era para Claudio uma obrigação pesada e instante: alegrias, expansões sadias do naturalismo juvenil, tudo devia ser pautado e regrado pelo dever immanente. Desgraçado! Mal sabia elle a que abysmo corria.

No inverno immediato á sua entrada na Universidade, deu-se um acontecimento que havia de ter na sua vida as mais profundas consequencias. Morreu o abbade e instituiu-o universal herdeiro.

Deixava a quinta da Nogueira, propriedade afamada, inscrições e numerosas dividas activas, ao todo uns bons quarenta contos de réis, conforme o pae de Claudio lhe mandou dizer. Fôra elle que cuidára do inventario e liquidação da herança, visto que o filho era menor ainda, mas contrariado porque, dizia, estava habituado a cuidar os seus bens, não sabia cuidar de bens alheios, nunca fôra procurador. No fundo, não podia fugir a um vago ciume e inveja por se sentir, por aquelle lado, em grande inferioridade relativamente ao filho. Demais, sempre esperára que o irmão, embora muito inclinado ao sobrinho, o deixasse ao menos usufructuario; não podia tolerar sem tentações de revolta esta condição d'um subordinado que sabia que em breve seria independente de qualquer auctoridade. Por isso, quando Claudio veio passar o natal a Villalva, o pae, que desde a morte do tio nunca mais o vira porque evitava a occasião de o encontrar, addiando um momento que lhe era desagradavel, disse-lhe seccamente:

—Teu tio deixou-te tudo. Ora tu tens dezesseis annos e a lei dá-me o direito de administrar o que é teu até á tua maioridade; mas a minha tenção é emancipar-te aos dezoito annos. Se queres, toma já conta do que é teu; para mim é um descanso. Sabes muito bem o que tens a fazer, já não és nenhuma creança.

Vingava-se, desprezando o que a fortuna lhe negára.

Não o compreendeu assim Claudio, na sua simplicidade; tomando por generosidade e desinteresse o despeito do pae, commovido, pediu-lhe para que continuasse a cuidar dos bens da herança. Nada queria senão a mezada que já tinha; vivia satisfeito.

O pae recusava, mas os rogos e as instancias acabaram por convencer-o. Cedeu, talvez contente; julgava o filho humilhado e a humilhação pagava-lhe em grande parte o despeito de não ter sido herdeiro.

Não obstante as circumstancias muito particulares em que Claudio ficava vivendo, em completa e espontanea dependencia do pae, a herança que acabava de receber tinha, desde já, na sua vida a mais poderosa influencia. Affastava de vez todas as preocupações de ordem material, garantia-lhe de futuro uma riqueza que era de sobra para os seus modestos habitos; a salutar necessidade de ganhar pelo seu braço e pelo seu engenho o pão de cada dia ser-lhe-ia desconhecida.

A sua carreira estava traçada pelas condições particulares da existencia que agora se reuniam ás lições que aprendera no regaço da mãe. A vida era uma obrigação de fazer bem. Simplesmente restava determinar o que era o bem.

Nas poucas relações que em Coimbra creára, veio encontrar uma atmospheria absolutamente differente da que deixára no collegio.

Deus não existia, era uma invenção do mêdo, conservada pelos reis e pelos padres que especulavam com a credence popular. Onde estavam as provas da sua existencia?

O positivismo, unica sã philosophia, mandava que só na observação e na experiencia nos fiassemos. Só o que d'ahi vinha era certo, o resto ficava ao sabor de cada um. Não era pois verdade o que os padres e a mãe lhe tinham ensinado.

Deixou-se levar n'esta nova corrente. Obedecendo a uma sêde interior de verdade, ouvia e meditava o que os camaradas

estudiosos lhe diziam e lia com avidez as obras que elles lhe indicavam.

De lições escolares pouco cuidava, que os lentes eram uns velhos estúpidos e ignorantes, do novo methodo nada sabiam. Buchner, Spenser, Comte, Littré, Darwin, Taine e Haeckel, esses eram verdadeiros mestres. Era lêl-os, estudal-os, e ficava-se senhor de toda a verdade. A «Historia da creação», de Ernesto Haeckel, foi para Claudio uma revelação. Estudou-a, linha a linha, em frigiditas noites de inverno, debruçado sobre a banca de cerejeira, mettido em cobertores de papa, á luz frouxa do candieiro d'azeite.

Começava a comprehendere o novo mundo: a creação foi uma fabula que a ignorancia inventou, os seres transformavam-se, e a pedra, a rosa, a salamandra e o homem eram formas d'uma mesma actividade, producto apenas de leis constantes e universaes; no mundo tudo é rigorosamente derivado d'um estado anterior, a flôr é uma folha que se transforma. Por conseguinte, o que é bem e o que é mal? Tudo é relativo, diziam os novos evangelhos, não ha bem nem mal, o assassino e o santo são dois productos naturaes do mesmo quilate.

Era n'esta crença que aos dezoito annos Claudio regressava a Villalva, satisfeito com os progressos do seu espirito, occultando porém á mãe o seu modo de pensar, resolvido a supportar a sua religião. No fundo, não tinha mudado; só uma ingenuidade infantil lhe fazia crêr que estava regenerado e lhe deixava passar ignorada a contradição interior. Não só todo o seu trabalho provinha d'uma ambição de verdade que não aprendera nos livros que estudava mas que tinha sido previamente lançada no seu coração pelo amor e pela piedade maternal, mas ainda todos os actos da sua vida lhe negavam as affirmações do espirito.

Não o via; o desenvolvimento da consciencia não era ainda sufficiente para lh'o revelar. Sem embargo, a contradição era completa.

Que o digam os seus primeiros amores que foram d'esse tempo.

À tarde, Claudio descia de Villalva; vinha á botica da villa, em frente da praça, ouvir os ociosos que por alli paravam e ensinar-lhes politica. Que eram o Fontes e o Braamcamp? Idiotas! Sabiam porventura alguma cousa?! Nem sequer conheciam os grandes livros modernos em que se aprendia a sciencia social.

O administrador escandalisava-se com a petulancia do rapaz.

—Era para isto, dizia, que os mandavam a Coimbra e que o pae e o tio tinham andado toda a vida a trabalhar. Se elles lhe tivessem mettido uma enxada nas mãos, seria bem melhor.

Claudio ouvia as reflexões do administrador que só confirmavam a sua vaidade. Uns estupidos, uns brutos! Elle é que sabia.

Foi n'uma d'essas tardes, enquanto passeava d'um ao outro extremo da sala, em frente do boticario a jogar as damas com o recebedor, que, n'um momento em que assomou á porta, viu passar uma rapariga loira, alta, reforçada e agil, cantaro á cabeça, a caminho da fonte.

—Quem é? perguntou ao boticario. Que linda cousa!

—É a Conceição, filha do Manuel da Aveleda. Olhe, cuide-me d'aquillo, cuide-me d'aquillo que está no seu tempo, accrescentou o boticario. A minha pena é não lhe poder ser bom.

E distraidamente fez avançar a sua «dama».

Claudio ficára profundamente impressionado com a graça e a meiguice da rapariga, um modelo de mocidade e de doçura. Nos dias seguintes, vinha, como de costume, á botica, e ao entardecer não tirava os olhos da estrada, do lado de Villar, onde ella morava.

Ella passava sempre, ora só, sizuda e apressada, ora com as companheiras, rindo e parando a cada passo.

Já tinha percebido que o estudante a fitava; uma vez mesmo, ao voltar a esquina, para assegurar o seu juízo, olhára para traz. Não se enganava: elle lá estava, á porta, fitando-a sempre. Chegára até a dizel-o a uma das companheiras.

—Vês aquelle rapaz, o filho do José Portugal, de Villalva? disse-lhe. Quando eu passo, olha muito para mim.

—É bem rico, quem dera! respondeu a companheira.

Calaram-se. A Conceição não adiantou conversa, um pouco arrependida da indiscrição. Gostava d'elle, e, se ia só, ao passar em frente da botica, punha os olhos no chão e os passos embaraçavam-se-lhe.

Por seu lado, Claudio soffria o mesmo embaraço. Que fazer? Seguil-a? Mas ella não olhava para elle; a imaginação representava-lhe a resposta avessa com que seria repellido e o golpe que o seu coração soffreria. Depois, seria uma troça do boticario, do administrador, do escrivão... e elle gostava d'ella, não podia consentir gracejos sobre uma cousa em que o seu coração era parte. Escrever-lhe? Responderia ella? Estavamos no mesmo caso. Ia rir-se com as companheiras e d'ahi a dois dias andaria a carta em todas as mãos. Ainda era peor do que fallar-lhe.

Uma vez chegou a trazer a melhor rosa que encontrou no jardim para lh'a offerecer. Em lugar de ir á botica, passearia e encontral a-ia em baixo, fóra da villa; ahi ninguem o via, o caminho é deserto, e fosse o que fosse poderia fallar-lhe sem maior perigo.

Foi. Na sua impaciencia, saiu cedo. Quando chegou á fonte, ainda não era sol posto. Começou a subir a encosta que liga a fonte com a villa; onde o caminho é menos devassado, n'uma curva, sentou-se sobre um muro, esperando a Conceição. O coração batia-lhe ancioso; pela imaginação passavam-lhe mil devaneios. Com que palavras começaria? Estava quasi arrependido. Para que se mettia elle n'aquellas cousas? Fugiria? Tambem não, era fraqueza. N'isto, n'esta oscillação entre o amor e a timidez, a Conceição appareceu

com as companheiras habituaes Não lhe podia fallar. Para Claudio era um allivio, libertava-o d'uma situação afflictiva. Levantou-se e dirigiu-se á botica.

—Muito tarde, hoje, sr. Claudio, disse o boticario.

—Demorei-me um pouco, respondeu laconicamente.

Ainda bem, pensou, que a penumbra da baiuca encobria o rubor que lhe viera á face quando o boticario lhe fallou.

Não tardou porém que os seus desejos fossem satisfeitos. Uma tarde demorou-se na botica e, ao voltar a casa, fez caminho por Villar.

Em boa hora!

A Conceição passava, atravessando a rua para casa d'uma vizinha.

—Muito boa noite, meu amor.

—Muito boa noite, sr. Claudio.

—Por aqui, sem medo, a estas horas?

—Ninguém me rouba.

E a conversa continuou ligeira e alegre.

D'ali por deante já Claudio não receiava dirigir-se-lhe, estava certo do amor da Conceição. Dentro em pouco havia hora aprazada para se encontrarem.

Esses amores duraram dois annos e foram castos e puros. A Conceição era para Claudio um culto; tocar-lhe era maculal-a, era destruir o que n'ella havia de sagrado, a melhor fonte d'amor. As suas cartas respiram a mais estremada candura. De Coimbra escrevia-lhe:

Querida Conceição

Escrevo-te hoje para te mostrar toda a tristeza em que tenho andado. Desde que vim, nunca mais tive alegria, nem a terei enquanto não voltar para ao pé de ti.

Por muito que procure distrahir-me, trago sempre comigo a mágoa de não te vêr. Só para o natal ahi voltarei. Terei paciência que outro remedio não tenho.

Queria ter ao menos a alegria de te fallar um instante mas isso não póde acontecer. Tu nunca aqui vens e eu não posso sair d'aqui.

Lembro-me de que estou longe de ti e a tristeza não me deixa, porque te adoro de todo o meu coração e serei até á morte

o teu

Claudio

Não podia supportar esta singeleza o rapaz de vinte annos, que do materialismo positivista tinha passado ao naturalismo na litteratura e lia agora Zola, deliciando-se no exame das baixezas humanas, sem attentar no que ellas encerram de grandioso e dramatico, ainda mesmo nos seus aspectos infimos.

O falso conhecimento das sciencias naturaes, consideradas superficialmente, junto ao vigor, nunca isento de brutalidade, de gente moça, haviam necessariamente de dar em resultado o desprezo da castidade e da pureza que d'ora em diante passariam a cognominar-se ridiculo sentimentalismo.

Por outro lado, a forma impressa na infancia á sua alma permanecia e permaneceria como o verdadeiro fundamento da sua

natureza; a piedade christã, embora sob aspectos differentes, seria sempre uma fonte abundante e inexgotavel de idealismo.

Claudio não attingia a contradição intima entre a sua alma e as doutrinas aprendidas nos livros e nas palestras com os camaradas da universidade. Não eram as mulheres simples objectos de amor sensual atravez do qual a natureza assegurava a conservação e a propagação da especie? Fóra d'isso, tudo era doença, romantismo archaico ou timidez pueril.

E todavia não supportava sem um fremito de repulsão a lembrança de que a sua amada, um anjo que a aureola dos anjos envolvia, havia de desfazer em brutal sensualidade a frescura do seu rosto semi-divino e o meigo riso, irisiado de cores mimosas, que desabrochava nos seus labios como a rosa entre o orvalho da manhã.

Ignorava a contradição, parecia-lhe apenas inconstancia, que não desejava e queria todos os dias a mesma cousa; tomava estas fluctuações á conta de fraqueza do proprio animo.

Por fim, resolveu acabar com uma situação aos seus olhos ridiculamente inconfessavel. O que?! Amar uma mulher só para lhe dizer palavras doces, olhar para ella, contar-lhe o que se fazia em Villalva, ouvir a que horas ella ia á fonte e a que horas lavava a roupa?! Não era um homem! Não se atrevia a ir mais adeante, não queria tomar as responsabilidades do descredito d'uma rapariga? Por si não se importava com essas pieguices da aldeia, mas a mãe com certeza não gostava, iria magoar-se com o seu proceder. Elle tambem... não gostava; repugnava-lhe, embora as doutrinas que aprendera em Coimbra lh'o admittissem. Precisava fallar com franqueza á Conceição.

Uma manhã, em que ella tinha de vir a Alcofa, foi enconral-a na estrada e conversaram de pé, á sombra d'uma oliveira.

Eram oito horas; dos montes requeimados reflectia se um sol penetrante, na atmosphaera quieta das varzeas o arvoredado esperava

sequioso que a briza do norte viesse beijal o, um calmo torpôr invadia toda a natureza.

Claudio sentia-se mal, sentia-se fraco; talvez d'aquelle calor, pensava, mas na realidade a agonia vinha-lhe do coração, da vaga consciencia de que ia quebrar uma urna de affectos limpidos e sãos cujos pedaços jámais poderia soldar e cujo licor sagrado para sempre se perderia no pó em que tão impensadamente o derramava.

Aquelle momento havia de lembrar-lhe, muitos annos depois, com um arrependimento lancinante quasi com remorso.

A Conceição veio alegre e risonha, como de costume, entregue sem reserva á alegria de vêr o seu Claudio; elle opprimido.

Com um miraculoso poder de sympathia que tudo adivinha, a Conceição perguntou-lhe immediatamente:

—O que tem? Vem hoje tão triste!

—Tenho a dizer-te uma cousa que te vae fazer chorar, mas é preciso que t'a diga. Isto não póde continuar, disse Claudio brutalmente. Olha, Conceição, meu pae nunca consentiria que nos casassemos e então para que hei-de enganar-te? Hei-de ser sempre teu amigo, mas por isso mesmo não quero prejudicar a tua felicidade. Não te faltam bons casamentos, pódes ser ainda muito feliz. O mal é para mim que vou perder-te.

A Conceição chorava de dôr e de surpresa; nada sabia dizer.

Se era por ella ter feito algum mal, que lh'o dissesse, que não podia ser senão intriga; que só pelo amor que lhe tinha lhe custava deixal-o...

Claudio porém insistiu no proposito de terminarem as suas relações e apartaram-se, ella banhada em lagrimas, elle cruelmente alliviado por se libertar d'uma situação que começava a pesar-lhe.

No fim d'um anno a Conceição casava com um carpinteiro. Passa ás vezes na villa, o cesto á cabeça, quando leva o jantar ao marido, o farto collo a entrevêr-se pelo chambre desabotoado no pescoço para respirar na pesada atmosphaera do estio. Claudio via-a, contente por se convencer de que os amores idyllicos não tinham sido estorvo á sua felicidade. Um dia a veria com saudades da ventura que perdera!

N'estes erros do espirito se consumiram os cinco annos que Claudio passou em Coimbra; ao fim d'elles era necessario voltar a Villalva.

O problema da sua existencia apresentava-se-lhe cada vez mais urgente, cada vez mais confuso, a alma dilacerada entre os impulsos mysticos que vinham da sua primeira infancia, as instigações do espirito inquieto por uma sciencia estreita e incompleta e vagos ardores de mocidade que o aconselhavam a calcar sciencia e mysticismo e entregar-se sem reserva ás expansões do instincto. Que fazer?

Poucos mezes depois de regressar a casa, vieram o administrador do concelho, o reitor do Ervedal, o prior de Villar, o regedor do Sabugal e o Rodrigues, grande influente nas freguezias da serra, convidal-o para a presidencia da camara.

Diziam-lhe que a eleição era segura, por esse lado nada tinha a receiar, ninguém lh'a disputava, mas, quando a disputassem, estava alli força sufficiente para a vencer, pois que os homens que alli via representavam mais de dois terços da votação de todo o concelho.

Tambem não faziam questão de lista, elle escolheria os collegas que quizesse; o que desejavam era um homem sério e capaz, porque não imaginava o que ia na camara. Uma ladroeira! Traziam toda a sorte de vadios a receber por conta do cofre municipal e até se dizia que o presidente estava alcançado.

—Dizia! Era certo, acrescentava o reitor do Ervedal. Ainda ha pouco, quando foi obrigado a entrar com a receita da viação, teve de

pedir oitocentos mil reis ao José Maria, das Aranhas, e hypothecou-lhe a terra da Preza.

Claudio defendia-se; que estava muito novo, queria estudar e não se mettia em politica. Tudo intrigas, tudo dissabores!

—Não era politica, replicavam-lhe, era um serviço que prestava ao concelho. Visse o que o pae tinha feito na junta de parochia. Nas obras do cemiterio deixava tudo para estar ao romper do dia ao pé dos trabalhadores. Poupano muito dinheiro á freguezia com o seu zelo e a sua economia, e prejudicando-se porque para isso tinha de deixar a sua vida. Agora elle que era um rapaz formado e rico!... Até o entretinha! Que fazia alli, sempre agarrado aos livros?...

Depois... precisava pensar, em tres dias responderia definitivamente,—foi a evasiva com que Claudio se libertou dos seus interlocutores que começavam a fatigal-o com rogos e instancias.

Ao fechar a porta, recolheu murmurando:

—Pois sim! Contem com isso, não me faltava mais nada do que metter-me n'essa vinagreira.

O seu proposito de recusa era formal, mas temia o desgosto do pae que adivinhava de opinião differente. Só perante este queria desculpar-se, porque para os outros a resposta estava feita.

Consultou-o. Com grande surpresa sua viu que não o animava. Que não se illudisse, dizia-lhe, já sabia muito bem o que era tudo aquilo. Todos os que alli vieram tinham as suas pretensões; não o queriam na camara senão para as satisfazer. Bem se importavam elles com as cousas do concelho! Cada um cuidava de si, da sua fonte e da sua estrada. Quando esteve na junta, o Mattos, da Azenha, ficou de mal com elle porque não lhe mandou compôr o caminho do Freixial. Queria que lhe fizessem estradas para as suas quintas e não se importavam de mais nada! Tambem lhe não aconselhava que recusasse; um homem precisa servir para alguma cousa. Mas se imaginava que nos cargos publicos havia só honra e

gloria, estava muito enganado; trabalhos e desgostos é que lá encontraria.

No fundo desejava que o filho aceitasse, considerava como um triumpho para a sua vida a situação de Claudio; mas já velho, conhecendo o mundo e amando o filho, invadia-o o desprendimento das vaidades e o egoismo do repouso, não se atrevia a aconselhar uma vida de inquietações.

Claudio, percebendo a hesitação do pae, recusou, e este, quando mais tarde foi prevenido pela mulher da resolução do filho, respondeu:

—Não está para os aturar. Faz muito bem. Tem que comer e quer viver descansado.

Não passavam porém sem deixar vestígios estes incidentes. Que fazer? que fazer? Não era a vida qualquer coisa que elle tinha obrigação de aproveitar em beneficio dos outros?

Toda a hypothese de solução, ainda que ephemera, fazia reviver o problema. Bastava uma proposta dos politicos da villa para que comsigo trouxesse longas meditações sobre a escolha entre uma vida d'acção e uma vida de estudo e meditação.

Os dias corriam longos entre o fastio dos livros, por uns vagos desejos da acção, e o desgosto da acção, por uma interior necessidade de recolhimento. Amores não os havia profundos, que este estado tudo turvava e embaraçava, só a duvida imperava dissolvendo e quebrando toda a energia e todo o movimento salutar e espontaneo.

Necessariamente haveria remedio para esta situação.

Era preciso procural-o no estudo, deveria estar n'esses montões de livros que se lhe accumulavam sobre a mesa.

O melhor era estudar, mas d'esta vez com methodo e conforme os bons principios, que nem os padres nem os lentes da Universidade lhe tinham dado instrucção aproveitavel. Começava-se pela mathematica e seguia-se pela physica, pela chimica, pelas sciencias naturaes, a terminar na historia, nas sciencias sociaes, nas bellas artes e na litteratura.

Quando tivesse levado a cabo esta empreza, então poderia fazer alguma cousa com plena consciencia.

E a pequena sala de Villalva encheu-se de estantes de livros, de retortas e de aparelhos estranhos que a rude gente da aldeia olhava com curiosidade e desconfiança.

Não podiam porém varrer-se n'um dia os velhos habitos, mórmente no proprio local em que se tinham creado; não podia supportar o estudo aturado aquelle que fôra educado na liberdade dos campos e nos prazeres da vida rustica.

Claudio sentia-se fraco, incapaz de levar a cabo a sua empreza com a tenacidade que ella, no seu entender, reclamava; aborrecia-se do estudo, a cada passo trocava a leitura dos livros de chimica por um romance ou por um trecho poetico, vinha á botica saber dos namoros das raparigas e dispendia longas horas em um novo jardim que fizera no cerrado, á entrada da aldeia, onde o pae cavára uma cisterna e tinha a eira e os abrunheiros. Era quasi um escandalo. Que rapaz aquelle! Não fazia nada, ninguém sabia o que elle queria, alli mettido com os livros.

O regedor passou uma tarde de maio em que Claudio com uma thesoura limpava as roseiras dos pedunculos das flores desfolhadas.

—Tenha v. ex.^a muito boa tarde, disse-lhe.

—Ora viva o sr. regedor! Então como vae?

—Obrigado, como velho.

—Por aqui está a passar um bocado de tempo?

—É verdade.

—Tambem não sei que gosto é este. Ainda se fossem cousas que déssem fructo... mas a modo que não vejo por aqui senão estas ameixieiras.

—Eu gosto d'isto, respondeu Claudio já com certo fastio da conversa.

O regedor fez uma pausa e, bem ruminado o pensamento, exclamou:

—E a respeito de advogar, nada?!...

Foi a voz do povo, toda a aldeia assim pensava; não comprehendia aquelle viver mysterioso, aquella inercia, aquella ausencia de vulgares ambições mundanas.

O pae de Claudio tambem não estava contente, sonhára o filho dominador e poderoso, e via-o recolhido, calado, indifferente.

—Elle lá sabe! pensava comsigo.

Os camaradas de Claudio que tinha conhecido quando ia a Coimbra levar-lhe a mezada, diziam que elle era muito intelligente. E depois era rico, podia fazer o que quizesse...

Não queria metter-se em politica? Talvez fizesse bem. Para que? Para lhe gastarem dinheiro e no fim dizerem mal d'elle. Lembrava-se do que passára na junta de parochia, das ingratições e desgostos que soffrêra.

—Elle lá sabe, elle lá sabe...

Era assim que concluia sempre as suas reflexões, continuando no trabalho como se não fosse rico, tal qual nos tempos em que todas as suas ambições se limitavam a ter mais uma junta de gado.

Demais, sentia-se muito cansado para vêr sem indiferença as cousas d'este mundo. A cada instante, nas palestras em que ficava ao domingo depois da missa, no adro da egreja, com os magnates da freguezia que o ouviam como a homem de muito juizo, dizia:

—Estou com os pés para a cóva.

—Ora deixe lá, está novo ainda para gosar esta vida. Os filhos ricos, agora é que é viver!

—Eu cá me sinto, respondia.

E ficava a scismar n'um abatimento, n'uma fadiga que o opprimia e que tinha como prenuncio de curta duração.

Não se enganava. No mesmo anno em que Claudio viera de Coimbra, o pae soffreu um ataque de *grippe*. Tinha ficado muito fraco; durante muitos dias arrastou-se pela lareira e pela sala, quasi sempre sentado, somnolento, caindo bastas vezes em prostração. O medico vinha vel-o, desconfiando d'aquella moleza, e um dia em que elle se queixou de que os pés lhe inchavam, auscultou-o.

—Ha alguma novidade? perguntou-lhe Claudio que o acompanhou até á porta do pateo.

—Parece haver ali qualquer embaraço de circulação, respondeu o medico com um gesto de descontentamento.

O velho ao fim d'um mez parecia restabelecido, sómente um pouco mais lento no trabalho. Esta fraqueza, esta fraqueza... Isto vae mal, dizia ás vezes. Mas a continuação dos seus lamentos sem symptoma de molestia notavel acabou por convencer a familia de que não havia perigo imminente. Assim se passaram cerca de dois annos depois do ataque de *grippe* em que o medico confessára as primeiras suspeitas.

Uma tarde, ao recolher a casa, disse á mulher:

—Andei a podar as pereiras e vi geitos de lá ficar. Deu-me uma tontura que, se não me encosto a uma arvore, caia. Isto vae mal!...

Mas a mulher não deu grande importancia ao succedido. Seria fraqueza. Elle tambem não comia nada... disse-lhe. Sempre aquelle fastio... Era preciso chamar o medico a ver se lhe receitava alguma coisa que lhe dêsse appetite.

Alguns dias depois, já quasi esquecido aquelle breve incidente, o pae de Claudio deitou-se á hora habitual e adormeceu. O filho estava ainda para a villa, a mulher ficára a costurar e o creado preparava as estacas para a vinha. Estavam em fevereiro, as noites eram longas, ainda se fazia serão. De repente, da alcova em que o velho dormia, veio esta voz angustiada:

—Carmo, Carmo, acode-me, estou muito afflicto.

Ella correu ao quarto.

—Olha, disse elle, vê se me ajudas, quero levantar-me, falta-me o ar. Lançou-lhe o braço pelas costas, a mão apoiada no hombro, e, quando procurava erguer-se, tombou sobre élla, com todo o seu peso, morto, a cabeça pendida sobre o peito.

Para Claudio a comoção foi extraordinaria. Agora, perante os restos inanimados que tinham sido d'aquelle que mais respeitára, via em toda a luz o que significava uma vida de honestidade e de trabalhos, a riqueza e a ordem que em volta de si derramara durante tão longos annos. Para aquelle não tinha havido hesitações e o triumpho fôra completo; augmentou os bens, serviu os seus e os estranhos, toda a existencia foi um combate com a natureza, com os homens, com os acasos do destino. Os braços caíram de fadiga, mas o animo não esmoreceu até ao derradeiro alento. Quem lhe déra ser assim!...

Para isto, para estas reflexões, não precisava dos livros, nem leituras nem sabios o inspiravam; o pensamento vinha-lhe do coração, espontaneo, brotando da alma como a agua do rochedo. Quem sabe?! Talvez fosse vão todo o caminho andado, tempo perdido o que gastára á procura da verdade, folheando com avidez os tratados de philosophia d'esses homens que diziam serem os mestres da humanidade!

O problema da sua existencia voltava-lhe ao espirito, cada vez mais instante, aggravado pelas muito particulares circumstancias que a morte do pae trouxera. Que fazer? que fazer?! Era essa a voz interior que a toda a hora lhe eccoava no peito.

Emquanto o pae vivia, a sua vida accommodára-se a um modo de cousas transitorio. Considerara a herança do tio como fortuna do pae e não consentiu que ella saísse da posse d'este. Ia vivendo tranquillamente com as flores e os livros, ora no seu jardim, ora na

sala alumiada e silenciosa do modesto casal de Villalva, ora nas palestras da villa, ora em solitarios passeios pelos montes e pelas varzeas, herborisando e estudando, quando não se quedava a fallar com a gente do campo, interrogando-a sobre os seus rebanhos e as suas lavouras. Estudava agora, depois decidiria o que havia de fazer. Não o satisfaziam os livros? Era certo. Por vezes sentia um fastio invencivel de tudo aquillo e advinhava em si, sem as poder definir, outras ambições, outras esperanças, outros desejos. Depois, depois resolveria; enquanto o pae vivesse, não sairia d'ali nem queria saber dos seus bens.

Hoje as circumstancias são differentes. Passados os primeiros dias de mais pungente saudade, começa a pensar, com um firme proposito de resolução, no caminho que lhe convém seguir. Estava rico, com vinte e quatro annos, que iria fazer da mocidade e da fortuna? Ficar ali?

Era um convento, uma vida estreita, e os livros com que se tinha aconselhado diziam-lhe que a existencia era uma lucta, o ascetismo uma doença, e a expansão de todas as forças, de todos os appetites e de todas as paixões uma lei natural, porventura a condição do vigor e da saude. O luxo e todos os seus prazeres eram bons. Havia desgraçados a quem isso offendia? Illusão, não era offensa, era a lei do mundo; eram vencidos, seres inferiores que o progresso da especie exigia que se consumissem na miseria. Não era isso o que a mãe lhe ensinára e intimamente sentia-se inclinado á piedade, á modestia, á doçura e á tranquillidade? Vicios hereditarios, casos atavicos, que a regra era luctar, o signal de superioridade vencer.

Ouviu a mãe. Disse-lhe que estavam ali muito mal, sem commodidades e sem conforto, que queria frequentar mais assiduamente algumas relações que deixára em Coimbra, e por isso pensava em se estabelecer em Albergaria, d'onde mais facilmente poderia sair.

Demais, pensava em fazer uma longa viagem que era necessaria para se instruir; custava-lhe deixar a mãe em Villalva, entre uma gente estúpida, sem recursos, sem medico, sem ter quasi quem lhe

accudisse n'uma doença ou n'um desastre. Lembrava se do que acontecera com a morte do pae; por pouco deixou de se vêr sósinho nos seus ultimos instantes.

A mãe ouviu com grande pasmo e surpresa. Na sua simplicidade, tinha imaginado que tudo estava muito bem, o celleiro farto e a arca cheia de boas teias de linho. Não era aquillo toda a riqueza do mundo, não o considerava ella como supremo favôr de Deus e premio do ardor com que lhe orava? Isolamento não o sentia, que as horas eram poucas para o trabalho e corriam ligeiras no labutar constante. Tambem não comprehendia a falta de recursos; a doença e a morte vêm quando Deus quer, não temos mais que acceitar a sua santa vontade. Mas, se a Claudio convinha sair d'ali, fizesse como melhor fosse para elle. Vivera sempre para os outros e agora que já não tinha marido nada lhe custava obedecer ao filho. A paciencia e a resignação não conheciam limites n'aquella alma.

Claudio começou pois a cuidar com impaciencia da sua nova instalação. Arrendou um palacio, á entrada da villa, do lado do poente, com pateo nobre, escadaria de pedra, grandes salas cortadas de largas janellas saccadas sobre basta cantaria, vasto jardim e pomares. Tinha sido, segundo se dizia, dos duques d'Aveiro, e agora pertencia a um avarento rico de Coimbra que o arrendava barato porque não o queria improductivo, não queria, na sua expressão, cavallos d'estado.

Vieram moveis caros, louças da India, quadros, bronzes e damascos, comprados nos bazares de Lisboa por onde Claudio andou em companhia d'um antigo amigo e condiscipulo que era de gente fina e muito entendido em *bric-à-brac*. Veiu tambem um *landau* e dois grandes cavallos francezes que tinham pertencido a um negociante que se arruinára em fundos hespanhoes.

—Pechincha! dizia-lhe o amigo. Isto que aqui vês por um conto e duzentos, custou mais do dobro. A carruagem é de Binder, os cavallos estão novos e os arreios são magnificos! O pobre homem vendeu a medo, envergonhado; se os tivesse annuciado e

esperasse, era impossivel que não encontrasse quem lhe desse mais.

Gastaram-se n'esta primeira installação uns oito contos de réis dos doze que o José Portugal tinha deixado em Coimbra, á ordem do filho, em casa d'um commerciante da Praça Velha, que lhe cobrava os juros das inscrições e recebia as rendas que vinham do Minho. O velho, na sua escrupulosa honradez, pensava sempre em não prejudicar o filho em proveito proprio ou em proveito da filha casada. Por isso punha de parte aquillo que em sua consciencia entendia sobrar dos rendimentos da herança.

—Lá lh'o deixo, pensava, elle lhe dará a applicação que quizer. Não lhe hão-de faltar terras para comprar. Está ahi a casa do fidalgo que, por morte d'elle, se vem a vender toda. Já não podem com dividas.

Foi o amigo de Claudio, Jorge de Castro, quem veiu mobilar-lhe a casa.

Não havia que fiar em estofadores. Um dinheirão e tudo sem gosto! Ainda ha pouco vira na Avenida a casa do Antonio Ferreira, um negociante da praça que enriqueceu com a alta da borracha. Pagou mais de trinta contos ao Gaspar e não tinha um cantinho que se diga: benza-te Deus. Muita seda, muitos dourados, uma caixa de amendoas! Enquanto o José de Menezes, que se casou ha pouco, com um conto e quinhentos poz a casa como um brinco. A sala de jantar pouco mais tinha que a meza, uma credencia, velha baixela de estanho, meia duzia de cadeiras, suspensa do tecto uma lampada de bronze e nas paredes quatro prateleiras com pratos de Wedgwood, brancos, na sua brancura leitosa, de leite a desnatar n'um fundo escuro e mate.

—Original! concluia Jorge.

Aquelles objectos pareciam que tinham acabado de servir e que a todos os instantes estavam em movimento. Davam uma expressão de vida que os armadores de profissão desconheciam. Que

barbaridades iam por essas casas de Lisboa! Havia-as armadas em capellas, com muitos pannos, papeis dourados, jarras de porcelana, flores artificiaes e castiças de prata; havia as armadas em tumulo, todas em estuque brilhante e frio; e havia-as tambem, de amadores improvisados, armadas em museu onde os moveis, aliás ricos e ás vezes de grande valor, se accumulavam sem relação, sem parentesco que os ligasse. Se lhes pozessem rotulos e preços, a loja era completa. O Menezes não; tinha muitissimo gosto. E sabia comprar: aquella sala de jantar não lhe custou talvez duzentos mil réis.

Claudio comprehendia mal a lição do amigo e estranhava o calor com que lhe era dada; no collegio nunca ouvira fallar de estofos e mobílias, em Coimbra vivera retirado de elegancias e em Villalva trabalhava-se de sol a sol; a mais brilhante peça da casa era a enxada polida entre os seixos da serra. Soubera pelos livros que a arte era a corôa da educação d'um bello espirito e queria-a tambem como tudo o que aos olhos da propria consciencia podesse engrandecel-o; mas outras eram as suas preoccupações interiores. Havia de aprender com tempo e paciencia, quando tivesse a sua vida mais assente. Não tardaria, pensava; tinha uma casa commoda e de bom gosto, o estudo havia de aproveitar-lhe melhor sob impressões deliciosas, os progressos seriam rapidos.

Não o pensava igualmente a mãe, abatida com tamanho encargo, a casa, as salas e os creados. Suspirava pela paz laboriosa de Villalva, baixinho, em silencio, não fosse o filho ouvil-a e desgostar-se com as suas saudades.

Estabeleceram-se novos costumes em conformidade com a nova vida, almoço ao meio dia, jantar ás seis horas, as manhãs para o estudo, as tardes para os negocios da casa, visita ás propriedades e passeios de carruagem, as noites... oh! as noites eram realmente um grave embaraço. A botica enfadava, era mesquinha com a sua baixa e insalubre curiosidade; o jogo era para velhas, um estúpido brinquedo; em casa, o estomago pesado, frente a frente com a velhita, o tédio era extremo. De resto, ella gostava de fazer serão ao

pé das creadas, na cosinha, com a sua velha rocca á cinta, fiando o linho de Villalva. Chegando áquella hora, Claudio não sabia onde se refugiasse.

Valia-lhe ás vezes Coimbra, alguma noite no theatro, onde por accaso encontrava quem lhe fallasse de Flaubert, de Zola, de Comte ou de Spenser, as grandes preocupações de seus estudos. Mas isso mesmo era raro porque, nos cinco annos que lá tinha estado, levára uma vida bisonha, retrahida e poucas relações deixára.

D'esse tempo ficaram-lhe apenas dois amigos; Jorge de Castro, que ha pouco encontramos em Lisboa, aconselhando-o na installação do palacio de Albergaria, e José d'Albuquerque que mais tarde nos vae apparecer intimamente ligado á vida de Claudio.

Ambos esses amigos eram fidalgos de nascimento e de habitos. Fôra curiosa a maneira porque entre elles e Claudio se creára um profundo affecto, apesar das tendencias e da origem plebeia d'este ultimo.

Claudio passeiava habitualmente só. Vinha porém todas as tardes a uma livraria da baixa, na Calçada, procurando com avidez as novidades litterarias chegadas de França e prescrutando, entre os livros alinhados nas prateleiras, o caminho a seguir na sua ancia de saber. Era ali que invariavelmente encontrava Jorge de Castro e o Albuquerque, propensos como Claudio a cousas litterarias. D'este modo, por este unico laço, começou a constituir-se essa amisade que a uniformidade de sentimentos e de nobreza d'alma consolidou no futuro. Findo porém o tempo escolar, Jorge fôra viver para Lisboa e em Coimbra só ficára o Albuquerque, em casa de quem Claudio raro apparecia enquanto estudante, porque todo o apparatus de luxo que encontrava brigava com os seus habitos e a sua educação.

Agora que mudára de ideias e de aspirações, aproveitava a hospitalidade do amigo, para desenferrujar a lingua, dizia, que era uma necessidade permutar ideias.

Nem assim, com todo este complicado artifício, podia conformar-se com a vida de estudo que architectara. Às vezes possuía-se d'um invencível fastio dos livros e corria ao jardim, plantando, regando, limpando as arvores e as flôres, voltando instinctivamente aos bons habitos da sua educação.

O jardineiro, que contractára em Lisboa, corria logo, que não se enxovalhasse s. ex.^a, elle faria o que quizesse.

Claudio desculpava-se; era para se entreter, que lhe fazia bem á saude.

—Ora essa! dizia o saloio com espanto e admirando a pericia do senhor.

Já tinha tido um patrão que tambem fazia o mesmo, o seu gosto era andar a tratar do jardim, mais era um grande fidalgo, empregado no paço da Ajuda, muito amigo do sr. D. Luiz!

O estudo não o satisfazia. Foi a conclusão a que Claudio chegou no fim d'um anno de residencia em Albergaria.

Talvez questão de ambiente, falta de incitamento pela ausencia de camaradagem adequada... O melhor era a experiencia, o conhecimento directo das cousas e dos homens, sair d'alli, vêr o mundo, os grandes espectaculos da vida, do trabalho, da arte humana e da natureza. Ainda sobrára alguma cousa do mealheiro que o pae lhe deixára, iria correr a Europa.

Começaria pela Hespanha, pelas margens do Mediterraneo passaria a Italia, regressando iria á Suissa, d'ahi pela Allemanha a Moscow, voltaria pela Suecia, pela Dinamarca e pela Hollanda, iria a Pariz e a Inglaterra. Nem valia a pena fazer planos! Dirigir-se-ia a Pariz e faria alli quartel general, centro de todas as excursões.

Escreveu a Jorge, communicando-lhe o seu plano, dando-lhe conta da morosidade com que o seu estudo proseguia e da maneira

por que pensava em adeantar-o rapidamente com uma longa viagem.

Veria agora a velha Europa, os paizes de mais antiga civilisação, e ficariam para successivas jornadas o Oriente e a Grecia, a India, o Japão e a America do Norte.

O amigo applaudia. Quem lhe déra poder fazer o mesmo! Mas tinha casado cedo, não podia levar a mulher e os filhos, custava-lhe deixal-os, era contentar com a sua sorte. Passava o verão com a mãe em Loures, o inverno em Lisboa, e as suas viagens duravam habitualmente um dia, dois ou tres em casos muito excepcionaes.

Em Santarem, onde fôra com o Antonio de Mello e o Carlos d'Azevedo, gastára um dia, a jornada a Evora durou tres dias mas já não parava com saudades de casa, como quando veio a Albergaria, onde recebia cartas da mulher que eram um sermão de lagrimas.

Tudo tinha compensações, dizia afinal; se elle, Claudio, tinha a inteira liberdade de dispendir o seu tempo e o seu dinheiro, podia instruir-se e alcançar uma vasta instrucção, elle, Jorge, tinha os carinhos constantes d'um lar amado e alegre. Não era aquillo aconselhar-lhe o casamento. Que se instruisse agora, que aproveitasse, e a seu tempo lá chegaria.

Claudio partiu em abril e jornadeou até ao fim de outubro com uma impaciencia desusada. Não parava em parte alguma, com sêde de impressões, uma embriaguez de aspectos desconhecidos propria de quem fôra creado em horisontes estreitos.

Museus, monumentos, costumes, paysagens, tudo observava, registando na lembrança conhecimentos novos.

Às vezes deixava-se possuir d'um extremo cansaço, tinha saudades da sua terra, parecia-lhe que cousa alguma valia tanto como a paz de Villalva e até a imagem da sua Conceição d'outros tempos lhe passava meigamente pelos olhos. Fadiga! Eram momentos passageiros; com esforço e tenacidade juntaria larga

copia de conhecimentos, em casa, no socego do seu canto, havia de digerir toda aquella massa informe, havia de dispol-a em theorias e systemas, e então o saber seria completo e o estudo deixaria de o enfadar.

Uma tarde, na Flandres, teve uma visão que lhe ficou de lembrança. Saira de Gand, de manhã, a vêr uma propriedade modelo que tinha tido o primeiro premio no ultimo concurso e, já proximo do pôr do sol, esperava o comboio n'uma estação de aldeia. A gare estava deserta e silenciosa; em volta os campos verdes e planos, emoldurados em altas sebes de choupos que oscillavam ao vento brandamente; raros casaes dispersos; em frente a casa d'um lavrador, uma velha á porta, fiando na roda, á maneira do norte, e ao pé uma creança recolhendo as gallinhas ao poleiro. Que seria da familia? Andava nos campos, certamente.

Em casa ficaram os velhos e as creanças fazendo o pouco trabalho de que eram capazes. Talvez alli estivesse a suprema sabedoria. Que andava elle a fatigar-se com vãos estudos? O mais sensato seria voltar a Villalva, casar-se e trabalhar; fazer como aquelles que alli via. Uma pungente saude acompanhando o sentimento da inamidade de toda a sua vida lhe apertou o coração e os olhos humedeceram-se n'um movimento de desalento profundo.

Pariz apagava essas impressões fugitivas; desfaziam-se rapidamente na sua atmospha de luxo, de prazer, de epicurismo.

As theorias materialistas aprendidas nos livros confirmavam as instigações dos sentidos. Claudio convencia-se de que a verdade era a riqueza e o progresso dos gozos e das commodidades. A luta pela vida reduzia-se á expansão naturalista, á conquista dos regalos do corpo. Que mais poderia significar? Que valor poderia ter o sacrificio pelos outros? Não lh'o encontrava, de facto. Talvez utilidade social... mas isso era uma cousa vaga, indefinida. Guia seguro só a expansão do individuo, a satisfação dos seus appetites; o resto, preocupações moraes, eram vicios hereditarios, remanescente d'um estado metaphysico que a sciencia condemnava.

E n'estas idéas voltava em fins d'outubro a Albergaria, com um scepticismo convencional, mal ajudado pela experiencia do luxo dos hotéis caros das cidades, e sempre em contradição com constantes inclinações interiores para outras e mais altas paragens.

Os primeiros dias que seguiram o seu regresso foram para ouvir a mãe e visitar as terras. A mãe contava-lhe ingenuamente o que se passara na sua ausencia; as colheitas tinham sido boas, regular anno de vinho e abundante de milho. Não chegaram as vasilhas da adega, mas, como o filho não estava, não quiz sem consentimento d'elle comprar novos toneis e, para o que faltava, pediu-os emprestados. Encheu-se tudo o que havia em casa e mais duas vasilhas de noventa almudes que se pediram. Se o preço fosse bom, era uma riqueza. Iam agora começar com a azeitona. Também não era mau anno mas o feitor dizia que não passaria de metade da colheita anterior. Os creados é que muito lhe custavam a supportar, sempre com intrigas, com invejas, trabalhando pouco e exigindo muito.

—Grande náó, grande tormenta, dizia lembrando-se com saudade dos tempos de Villalva e do socego em que lá vivera durante quarenta annos.

Claudio ouvia com interesse as palavras da mãe. Involviám-lhe o coração n'um alento d'amor que ha muitos mezes desconhecia; todo se entregava a esta caricia que recebia como uma benção. Demais, nunca tinha esquecido a casa e as lavouras; os habitos da infancia arreigaram-se-lhe no espirito, o ruminar dos bois, o latido dos cães e o murmurio do arvoredó, todos os doces ruidos que acompanham a vida dos campos tornaram-se para os seus ouvidos o mais mavioso dos córos cuja harmonia lhe fazia esquecer o mundo e os homens para o confundir pantheistamente no movimento da natureza. No eterno canto que da terra se desprende, a sua alma vibrava unisona.

Por isso, voltando a casa, tudo corria e via, interrogando secretamente esses queridos seres que ainda na mudez lhe respondiam. As folhas dos platanos voavam já pelas ruas do jardim

levadas no humido sudoeste que ia trazer as primeiras chuvas do inverno, os loureiros começavam a destacar negros entre os choupos amarellecidos, as aguas corriam livres, á borda dos campos relvosos, frescos dos copiosos orvalhos do outomno; abria-se a hora do recolhimento e da treva.

Tambem para elle, tambem para Claudio era chegada a hora de recolhimento no estudo, pelas noites de inverno ou pelas suas geladas manhãs, junto ao fogo propicio. Descansado o corpo das jornadas, banhado o espirito n'esta atmosphaera amiga, havia então de estudar e, alliando com as leituras a recordação do muito que vira, as infinitas impressões que armazenara na memoria durante seis mezes em que correra sempre, n'este novo consorcio o estudo havia de ser captivante e util. Passaria ali o inverno, todo o verão seguinte, ainda outro inverno, e depois iria em nova viagem, pelo oriente. Assim proseguiria na sua educação.

Os dias porém iam correndo, estavamos já em meiado de novembro, e os livros trazidos de Paris jaziam intactos, em monte, a um canto do gabinete, entre recordações de viagem, um punhal de circassiano comprado em Tula, mosaicos de Florença e vidros de Veneza. Ia addiando a hora de começar como um estudante relapso; todos os pretextos lhe serviam, a necessidade de frequentar o lagar que precisava reparação, as visitas a antigos conhecimentos de Coimbra, um novo curral que construia em Villalva, á maneira do que vira na Hollanda. Dissipava o tempo n'esta inquietação, com um inconfessado temor dos enfados do estudo. Lia desconexamente grande copia de romances, Bourget, Tolstoi e os russos, cuja fama no occidente despontava a este tempo, mas os volumosos tratados de sciencia e de philosophia continuavam esperando.

Ás vezes sentia saudades de Londres, de Paris e dos seus prazeres. Estudo, lavouras, deveres sociaes, destino da sua vida, tudo passava então ao rol das phantasias. Tinha vinte e cinco annos, uma fortuna regular, que fazia ali, para que privar-se de gozos? Não eram o seu legitimo direito? Amar, beber, regalar os

olhos e os ouvidos nas maravilhas da arte, em artistica sensualidade, era o que lhe convinha, era o que cabia á sua idade, era o que havia de lhe trazer em recompensa o riso e a franca alegria de que tanto carecia e em que corpo e alma haviam de expandir-se salutarmente. A natureza protestava contra a clausura.

E os piedosos conselhos da mãe? Coitada! Illusões das almas simples; a verdade era muito outra. Não tinha sido vão o baptismo nas aguas de cynismo epicurista em que se iniciára pelos templos afamados da devassidão cosmopolita.

Era n'esta crise do seu espirito que lhe apparecia Emilia.

III

Em casa do dr. Carvalho, Claudio pouco fallou com Emilia, elle prezo a uma meza do *whist*, para ser agradavel ao juiz que sem isso se aborrecia, ella dansando sempre. Tinham vindo as Andrades, de S. Luiz, as Silvas, de Barrosas, raparigas novas, muito praticas em galanteios e n'esta especie de reuniões, de fluente banalidade. Animavam muito, dizia-se; com ellas e quatro estudantes que de Coimbra acompanharam o sobrinho do doutor, as valsas e as quadrilhas seguiram-se quasi sem interrupção. Á meia noite parecia haver certo cansaço, mas, como o doutor mandasse servir sandwiches e vinho da Madeira, a alegria renovou-se.

—Que bella noite! dizia um dos estudantes para as damas. O peor é ámanhã a *cabra*. Eu ainda não vi nem uma linha da lição. Provavelmente já não me deito. E ainda por cima as saudades... Não sei o que ha de ser de mim!

Uma das Andrades, que se agradara do rapaz e via já ali correspondencia amorosa para uns bons seis mezes, apressava-se a responder-lhe:

—Agora não esqueça o caminho!... D'aqui a pouco temos o Sagrado Coração de Jesus. Não falte. Quero ver...

—Se eu poder... Queira Deus que não venha a cahir em férias de ponto!

Cerca das duas horas, o juiz deu a sua partida por finda e Claudio veio então a uma janella respirar por um momento o ar fresco da noite e repousar a cabeça aturdida pela immobillidade e pela attenção forçada.

O dr. Carvalho, vendo-o só, abeirou-se d'elle para o distrair.

—Tem-se aborrecido muito, não é verdade?

—Não!... Pelo contrario! Basta a travessura d'estas meninas para nos communicar alegria. Esta D. Emilia, principalmente, é d'uma vivacidade...

—Ah! muito galante!

—E fina...

—Parece incrivel que ella ainda conserve estas maneiras fidalgas, a viver todos os dias com um homem d'aquelles!

—É grosseiro, o marido?

—Não imagina!

—Pois eu suppunha-o um pobre diabo, só um pouco amigo de vinho.

—Não, muito longe d'isso! É d'uma grosseria e d'uma brutalidade nunca vistas. Eu conheço perfeitamente a historia d'essa rapariga,

por um condiscipulo meu que era muito lá de casa d'ella e creio até que ainda parente.

E contou:

—Esta rapariga foi educada em Lisboa com poucos meios mas andando constantemente em muito boa roda, porque a familia era realmente muito fidalga. Os paes estavam quasi sempre por Penacova. Tinham ali proximo, no Chello, uns bemsitos, uma casa na villa, e para economisar,—coitados, não havia melhor!—viviam lá todo o anno, com excepção do tempo que passavam na quinta do morgado do Véro que os convidava muito, para os ajudar. Dos quatro filhos que tiveram, o mais velho, uma rapariga, morreu de variola, dos rapazes um assentou praça, creio que já está tenente, o outro que era um estroinão, foi para o Brazil, e esta, a Emilia, casou, mesmo em Penacova, com o Ricardo que ao tempo era escripturario de fazenda e que só depois foi nomeado escrivão, por muita instancia do morgado do Véro com o Marques Lino, deputado pela Louzã.

Foi um casamento de paixão. A rapariga vinha lá de Lisboa, habituada a muita convivencia e a muito namorisco, encontrou se só, não tinha mais ninguem que lhe fizesse a côrte e apaixonou-se. Os paes ainda se oppozeram, tinham-n'a educado com a esperança de lhe arranjam um casamento rico, mas começaram, com estas cantigas do costume, a dizer-lhe que o Ricardo era muito bom rapaz, que não era o dinheiro que fazia a felicidade, e, como eram babosos pela filha e ella andava doidinha de todo, lá se deixaram levar e o casamento foi por diante. Ora o Ricardo não é tão papalvo como parece; o que elle é sei-o eu, um grande relaxado com muito pouca vergonha e muita impostura, que se convenceu de que a protecção da familia da mulher ainda o podia levar a escrivão de fazenda, como levou. Mas mal se apanhou servido, fez-se então um bebado descarado, sempre pelas tabernas, com amigas réles, e em casa com uma linguagem desbragada, dizendo toda a casta de obscenidade deante da mulher e dos filhos... É impossivel que esta mulher, para quem manobrasse com arte... Deus sabe até o que ella

terá feito por outras terras!... porque não creio que ella com o genio desinvolto que tem e vendo o que o marido é e como a trata...

—Mas não consta nada?! interrompeu Claudio.

—Não... mas aquillo não falha. Estava bom para si que é novo e tem tempo para essas cousas!

—Para mim?

—Sim, para o senhor. Ainda queria melhor?

—Não são annos de fortuna! respondeu Claudio sorrindo e encaminhando-se para o centro da sala, d'onde vinha o juiz a despedir-se do Carvalho.

—Que boa aventura! pensava Claudio instantes depois, passeando a passos largos no seu gabinete, de regresso de casa do dr. Carvalho.

Era o que lhe convinha; mulher bonita, graciosa, educação aristocratica. Que desenfado para os seus ocios de Albergaria!

Ella era captivante, estava alli aborrecida, contrariada, o marido desleixado, sempre pelas tascas, repellente para quem se mostrava de habitos tão finos e sensibilidade tão delicada. Não devia falhar a aventura.

Marcava-lhe prazos: um mez para conquistar a confiança de Emilia, mais dois de correspondencia amorosa, ao terceiro a primeira entrevista e o resto estava certo.

Era claro! Uma mulher casada sabia bem para que era que elle lhe fazia a côrte. Não tinha a esperar casamento. Devia ser boa essa situação em que nunca podia haver compromissos de futuro. E o marido? Com aquella obesidade, calvo e de lunetas, não seria de temer.

Depois, tinha com certeza necessidade de dinheiro; não se mostrando muito avaro, havia de o manter em boa disposição. Um achado, um achado! O pior era a mãe; não havia de gostar, haviam de lhe produzir grande impressão os amores com uma mulher casada. Coitadita! Não sabia o que era a lei soberana da lucta pela vida. Por que privilegio aquelle immundo bebado guardava para si uma deliciosa mulher?

Elle, Claudio, era novo, rico, agradava-lhe mais do que qualquer outro; estavam no seu direito, haviam de amar-se livremente.

A natureza não conhecia fidelidades nem infidelidades; os seres attraíam-se por selecção natural, não havia fugir á lei.

Demais, isto era uma aventura; se a velhita se mostrasse muito contrariada, punha-se termo ao episodio. Nem a elle convinha prolongal-o. Um anno, quando muito; na primavera seguinte, malas feitas e a caminho do Oriente! Nada de se prender com pieguices; isso era bom para os tempos em que ia ao Outeiro fallar com a Conceição e tinha escrúpulos de lhe tocar. Fôra bem tolo! Se fosse agora, o caso seria outro. Já era tempo de ser homem.

Meditava todo o plano de campanha. No dia seguinte iria visital-a. Era correcto. Continuariam a conversação da estrada de S. Braz, que ia em bom caminho de intimidade, e não sairia sem deixar ajustado sob qualquer pretexto novo encontro. Era preciso bater a caça sem cessar.

Os devaneios da imaginação amorosa prolongaram-se até altas horas da noite. E adormeceu contente, nas suas risonhas esperanças.

Pela manhã dirigiu-se ao seu gabinete, para estudar como de costume! Abriu um livro de botanica, mas não estava em boa disposição de leituras scientificas.

Era melhor um livro de pura litteratura. O quê? Tourgueneff? Não; eram tristes estes russos com as suas lamurias sobre a vida, sobre

a miseria e a dôr. Eram fracos; questão de clima, de lymphatismo e inacção forçada pelos rigores da natureza. Com um sol tão lindo e o jardim como um açafate perfumado de rosas e de lilazes seria barbaro embrenhar-se em pensamentos sombrios.

Vejamos outro. Balzac? Tambem não; era uma obsessão de gente fallida, credores e agiotas por todas as esquinas, outra especie de fraqueza, a angustia da cubiça.

Outro ainda, vamos correndo a estante. Merimée! Ah! Merimée... este sim, este era um homem são. Sceptico, dizem. Que importa? Não é o scepticismo a verdadeira philosophia? Quem póde dizer-me o que é vicio e o que é virtude? Phantasias! O que existe é a natureza humana com todas as suas forças e a sua expansão. A harmonia ha-de sair da lucta, deixemos livre o instincto.

Abriu as *Cartas a uma desconhecida* e foi sentar-se proximo da janella, comodamente estirado n'uma poltrona ingleza. De todo o jardim se evolava uma sensualidade triumphante e cariciosa, murmurios de regatos, scintillações do orvalho na folhagem mimosa, balsamos das flores que desabrocham, vozes sentidas das aves que se amam e preparam o ninho.

Sentiu-se levado n'essa onda que o attraia á sua doçura, pousou o livro sobre os joelhos e, apoz breves minutos de hesitação, lançou-o sobre a mesa e desceu a vaguear pela sombra dos platanos, á beira dos lagos que os ramos beijavam, curvados, em mystico amor. A imagem de Emilia não lhe deixava os olhos e, ancioso por encontra-la, ia pensando no que lhe diria, todo entregue vaidosamente aos sonhos de conquistador.

Ao meio dia foi almoçar.

De noite fizera somnos curtos, inquieto, o corpo morbidamente irritado da atmosphaera de fumo e de poeira em que permanecera durante cinco horas. Cada vez que accordava, a custo conciliava novamente o somno; era um dormir febril em que o retrato de Emilia permanecia como visão insistente. Por isso, depois do almoço,

cedendo á fadiga e ao torpor da digestão, adormeceu novamente n'um divan do seu gabinete. Quando acordou, eram cerca de duas horas da tarde. Exultava. Dentro em pouco estaria ao pé da sua amada.

Foi vestir-se; tirou do guarda-roupa o traje mais elegante que trouxera de Londres. A gravata era um problema; as mulheres attentam em todas estas frivolidades e é necessario satisfazer-lhes o espirito. Luvas, sapatos, meias, bengala, outros tantos pontos a resolver e que Claudio considerou um a um, experimentando e observando, em frente do espelho.

Saiu de casa proximo das tres horas. A meio da praça, lembrou-se de que tinha de passar em frente da botica e o pharmaceutico ia estranhar-lhe o traje. Hesitou; voltaria atraz e sairia pelo jardim. Poderia ser que elle o não visse... Foi para diante. De facto, o pharmaceutico dormia a sésta. Por esta vez, estava salvo da interrogações compromettedoras.

Á porta da casa da rua da Cruz, em que morava Emilia, bateu de mansinho duas pancadas com a bengala, que eccoaram seccamente na pequena escada despida e núa. Sentiu-se um abafado rumor de passos apressados e veiu abrir a porta uma rapariga descalça, os cabellos curtos, escondendo as mãos sob um avental de riscado.

A rapariga olhou Claudio com surpresa.

—O sr. Almeida está?

—O sr. Almeida está a descansar.

—E a sr.^a D. Emilia?

—A sr.^a D. Emilia acabou ha pouco de jantar.

—Leva-lhe este cartão e diz lhe que eu desejava fallar-lhe, sim?

E tirou da carteira de couro da Russia, com monograma de ouro, um cartão em que se lia: *C. de Sousa Portugal*. Mandara-os fazer em Paris, eram os que usava no estrangeiro e já por vezes o tinham feito passar por conde.

A creada voltou:

—Que faça favôr de subir...

Claudio subiu e encontrou-se n'uma sala pequena, rectangular, com uma só janella saccada, e tendo por toda a mobilia um sofá coberto de palhinha, algumas cadeiras, um tapete, uma meza com um panno vermelho, sobre ella um candieiro, dois castiçaes, um par de jarras vasias e um album de photographias, e na parede um retrato a carvão, mal desenhado. A pobreza transparecia n'aquella nudez.

Emilia appareceu immediatamente, com um vestido de chita clara muito singelo, apertado no pescoço por uma larga fita de velludo preto e um alfinete de prata, um só annel, a alliança, na mão esquerda, o pequenino pé bem calçado de preto. Apertou a mão a Claudio e, começando a conversa, disse-lhe que o marido estava a descansar mas que ia chamal-o.

—Não o incommode v. ex.^a por minha causa, vinha só apresentar a v. ex.^{as} os meus respeitos.

—Mas elle é que ha-de sentir não o vêr.

—Pelo amor de Deus lhe peço, não o incommode.

Sentaram-se. Fallaram da reunião da vespera e apreciaram a belleza das raparigas que lá foram. Claudio teria estado melhor se podesse conversar um pouco mais, e accentuava significativamente estas palavras; mas o juiz, coitado! é que já não prescindia do *whist* e não quiz contrarial-o. A ella por certo não tinha acontecido o mesmo. Dansára toda a noite e n'isso estava a suprema felicidade, não era verdade?

A conversação da estrada de S. Braz recomeçava. Pela janella aberta via-se um largo campo em que uma rapariga graciosamente curvada ceifava, balouçando a fouce com agilidade, o azevem prestes a amadurecer que se estendia n'um vasto lençol, ondeando ao vento, em fugidios reflexos prateados; em baixo, tremiam os choupos verdes e luzentes, bordando os caminhos e abrigando os regatos; ao longe, a orla negra do horisonte com os montes cobertos de pinhaes; o ambiente, tepido e perfumado, dos fenos que seccavam ao sol, as pavêas alinhadas na terra e polvilhadas de pontos amarellos, murchas flores de malmequeres.

Viver n'aquella casa e dizer mal da vida provinciana era uma injustiça com a feliz sorte que o destino lhe concedia, dizia Claudio. Que linda payzagem! Nunca ali tinha vindo e era decerto um dos pontos mais bonitos da villa.

—Todos me dizem isso mesmo, respondia Emilia; mas ou por estar habituada ao local ou porque realmente não está no meu feitio apreciar estas cousas, nunca penso em tal paysagem. Venho á janella para vêr se temos sol ou se temos chuva. Só este silencio é de morrer! Parece-me que estou n'uma sepultura, eu que fui educada no meio de tanta gente. Não! Por enquanto não me dou por convencida!

—Mas hei-de convencer-a, creia v. ex.^a Não me será difficil.

—Talvez...

—Com certeza. E mais tarde v. ex.^a ha-de agradecer m'o. Será o meio de se aborrecer menos em Albergaria.

N'isto, o escrivão assomou á porta d'uma alcova, em chinellos, sem luneta e sem collarinho, a camisa desabotoada.

—Oh! disse confuso, queira v. ex.^a perdoar, sr. doutor. Estava a descansar, senti fallar e levantei-me pensando que era o meu escripturario que ficou de me trazer esta tarde o borrão das novas matrizes da Afurada. De fórma que...

—Oh! disse confuso, queira v. ex.^a perdoar, sr. doutor.

—Ora, sem cerimonia, á sua vontade. O que eu sinto é ter vindo perturbar-lhe a sésta, mas não queria deixar passar mais tempo sem vir apresentar os meus respeitos a vv. ex.^{as}.

—Muito obrigado, muito agradecido, não era necessario incomodar-se.

—Estava admirando estas lindas vistas de sua casa...

—Ah! sim, não são más, mas a casa não presta para nada. Ora eu lh'a mostro que ella depressa se vê.

Emilia córou. Envergonhava-se da sua pobreza.

—Quem anda sempre com a mala ás costas, disse, sem paradeiro, não póde ter a casa em ordem. V. ex.^a vae pasmar da nossa sumptuosidade.

—Que importa! apressou-se a responder Claudio, accudindo ao embaraço de Emilia. Bem pequena era a nossa casa de Villalva e viviamos lá contentes. Estou quasi arrependido de ter mudado.

O Ricardo mostrou a casa: a sala, dois pequenos quartos, uma sala de jantar e para além, indicava, a cosinha, a dispensa e um quarto para as creadas. Não tem mais nada; lá em baixo uma loja para a lenha, este pedaço de quintal que se vê d'aqui, e mostrava o da janella; serve para os pequenos brincarem.

—Um cantinho delicioso; só esta vista vale um palacio, dizia Claudio.

—Não estou descontente. Na Pampilhosa habitei uma casa que nem vidros tinha! Esta ao menos é mais limpinha.

De pé, em frente da janella, conversaram ainda algum tempo. Claudio pedia informações da casa, perguntava os limites da propriedade, quanto teria custado e se se vendia. Tinha pertencido a

uns fidalgos de Penella, era agora d'um brasileiro, e provavelmente vender-se-ia porque elle trazia a propriedade muito desprezada e arrendada.

—É tentadora. Se fosse minha, fazia-lhe a casa um pouco mais abaixo, de fórma que podesse descobrir toda a varzea.

—Compre, compre, dizia Emilia. Que bom visinho!

—Não me quero prender, tenho ainda uma vida tão incerta... E não incomodo mais a v. ex.^{as}, disse abruptamente, curvando-se e estendendo a mão a Emilia. Com a palestra ia a esquecer-me de que tinha vindo perturbar-lhes o seu socego. A culpa não é minha, a culpa é da amabilidade de vv. ex.^{as}.

—Nós é que ficamos muito obrigados á sua amabilidade, replicava ella. Quando quizer apparecer... Estamos quasi sempre em casa; á noite mesmo, só saímos aos sabbados, a casa do dr. Carvalho.

—Não me despeço d'acceitar o favor, ia dizendo já a caminho da escada.

—Mesmo para vêr se me converte á boa doutrina...

—Hei-de converter, por Deus!

Claudio sahiu contente. A sua intimidade com Emilia caminhava a passos largos; ainda ha dois dias era uma desconhecida e já hoje lhe offerecia relações continuadas. O escrivão tambem devia estar contente; um desgraçado, sempre perseguido dos credores, havia de exultar com a amisade de quem lhe podesse valer com largueza. Era não desanimar nem perder tempo. Fallavam-lhe em ir lá á noite? Aproveitaria. Excellente! E depois Emilia cada vez lhe parecia mais tentadora. O que era a educação! Ainda n'aquella pobreza, que aceio, que ordem, entre quatro paredes caiadas e núas! Que differença entre aquelles habitos e o desleixo provinciano. Já mais de uma vez tinha notado como iam bem vestidos, na sua modestia,

os dois pequenitos de Emilia que via á tarde, na botica, passando da escola. Devia soffrer muito a infeliz rapariga, tão fina de nascimento, ligada a um homem estúpido e boçal que necessariamente a trataria como a qualquer escripturario de fazenda.

Uma breve impressão de piedade lhe passou no coração, mas immediatamente procurou affastal-a. Era uma preza que buscava, uma amante delicada e fina que lhe satisfizesse os sentidos e o espirito, já com pretensões a gôsos artisticos; nada de romantismos. Se se punha com pieguices, tinhamos outra Conceição, e para vergonha uma bastava. Aquella desculpava-se por creancice; agora devia ser homem. Ia gosar, não ia chorar.

Cuidado, muito cuidado, para que não dêsse algum passo em falso e prejudicasse a sua grande ambição! N'isso é que devia pensar. O resto... nada de escrupulos; se não fosse elle, havia de ser outro; era impossivel que ella se não aborrecesse d'aquelle bebado que demais tinha, segundo diziam, uma amante em Coimbra. Deus sabe mesmo o que já teria acontecido pelas outras terras onde ella andou. Caça d'arribação!

E com estes pensamentos fortalecia o animo para a sua nova empreza.

Emilia dissera-lhe que apparecesse á noite; havia de o fazer, era até a hora que mais lhe convinha.

Como tudo se encaminhava ao sabor dos seus desejos!

O dia livre para o estudo e para cuidar dos bens, a noite, essa noite que até agora tanto o enfadava, para as caricias da amante.

Talvez que o grande erro da sua vida, o motivo pelo qual nunca podéra seguir no estudo cingindo-se aos programmas que architectava, fosse esta ausencia de prazeres.

Tambem devia contar com elles, como homem que era, para a propria perfeição, para alcançar a plenitude de desenvolvimento

mental a que aspirava.

Para isso a influencia da amante devia ser salutar, vinha preencher uma lacuna da sua existencia.

Os impulsos de namorado transformavam-se na alma de Claudio em esperanças de gozo, de paz e de saber, d'essa vida tranquilla e nobre; e, o espirito enlevado n'esta illusão, esperou alegre a noite em que havia de voltar a casa de Emilia.

Não foi no dia immediato áquelle em que lá esteve pela primeira vez. Mostraria uma pressa que ao marido se podia tornar suspeita, e vaidosamente resolvêra usar de todas as precauções que á sua conquista conviessem, como homem astuto e habil. Nem sequer lhe devia passar á porta.

Andou pelas suas terras, foi a Coimbra vêr os amigos, palestrou alegremente com o boticario, passeou bastas vezes no jardim, e assim consumiu o tempo d'estes dois dias que precederam a nova visita a Emilia.

Nada estudou e pouco pôde lêr; não se sentia em boa disposição, a alegria distraia-o, inquietava-o. Em pouco tempo, pensava, viria a tranquillidade, quando a sua vida estivesse definitivamente fixada.

Approximava-se a hora d'esse encontro em que punha tantas esperanças. Seria melhor vestir-se antes de jantar e poderia mesmo referir-se a esse facto na conversação que tivesse com ella; devia engrandecel-o aos seus olhos o habito elegante de, ainda na provincia e só, mudar de traje para se sentar á meza. Mas entre o fim do jantar e a hora de sair medeiava um espaço de tempo em que não sabia que fazer... Era melhor vestir-se então e a Emilia diria do mesmo modo que se tinha preparado para o jantar.

Mentir! Não era isso tão mau, não lhe repugnava tão profundamente? Sim, mas por costume, por vicio de educação de que necessitava corrigir-se. Se a mentira era um instrumento proprio a conseguir o seu fim, porque não o havia de usar? A lucta pela

vida, a lucta pela vida! Grande lei! N'essa é que precisava inspirar-se.

O jantar, em companhia da velha mãe, que lhe chamava ceia e pouco comia porque, dizia, tinha jantado ao meio dia, foi breve. Quando terminou, ainda a noite não se tinha cerrado.

Claudio recolheu-se aos seus aposentos; ia vestir-se pausada e esmeradamente. O relógio, parecia-lhe, caminhava lento; mau grado seu, achou-se prompto ainda não eram oito horas. Tinha-se impacientado talvez, apesar do proposito em contrario que fizera.

Era cedo, mas tambem custava-lhe esperar alli, quieto; ia dar um pequeno passeio e depois das oito horas se dirigiria a casa de Emilia.

Desceu a estrada que vae a S. Braz. Ao fundo da descida, sentou-se n'um banco de pedra que alli havia. Não iria mais longe. A poeira enxovalhava o e não queria voltar a casa para se limpar; poderiam estranhar tantos cuidados.

A noite estava calma e morna; sobre a sua cabeça uma abobada de arvores colossaes, cortada a espaços breves e raros pelas manchas do céu que empallidecia á luz do luar nascente.

Além, para lá do valle em que as aguas corriam murmurosas, ficava a casaria da encosta, ainda na sombra; depois, a viva crista dos montes; por detraz, erguia-se a lua jorrando silenciosamente a claridade. Nos loureiros, á beira dos regatos, debruçados sobre alfobres mimosos, cantavam os rouxinoes.

Claudio sentiu-se penetrado de poesia e de amor. A figura de Emilia passou-lhe nos olhos como uma apparição de pureza; não era n'aquelle momento a sensual amante que buscava, era uma belleza ideal que adorava.

Romantismo! oh! o maldito romantismo que o atacava! Quando se veria livre d'aquella molestia? Porventura seria incuravel e nunca

chegaria a sua hora de forte e viril razão? Procurou dissipar estes sentimentos, que tinha por fraqueza, e começou a pensar no que iria dizer á Emilia.

Precisava lisongear-lhe os caprichos e instinctos feminis, fallar-lhe de elegancia, mostrar-lhe com que luxo vivera em Paris, no *Continental*, e como sabia apreciar-o. Por este meio havia de alcançar a sua admiração; d'ahi a mostrar-se em confronto com a grosseria e a rudeza do marido, o caminho era curto. Não poderia escapar-lhe.

Tinham batido oito horas. Emfim!... Era tempo. Podia ir sem risco de mostrar ignorancia dos costumes elegantes.

Encaminhou-se para a rua da Cruz. Estava ancioso e desesperado da sua anciedade. Sempre aquella fraqueza nos momentos difficeis! Difficeis não, porque aquella não tinha a menor difficuldade. A consciencia da sua desproporcionada agitação mais o irritava. Que podia temer? Que o não recebessem? Não voltaria. Que Emilia se contrariasse com os seus galanteios? Teimaria; nem sempre se vencem campanhas em uma só batalha. Era pedir muito. Vaidade da sua parte; concluia. O que elle receiava era a infelicidade na sua empreza que tomaria por uma prova de incapacidade para as luctas do mundo. Coragem, firmeza! Não havia de succeder assim.

Em casa do escrivão, veio abrir a porta a creadita descalça, correndo pressurosa, da cosinha, onde preparava o chá, mangas arregaçadas e o lenço mal atado, quasi solto, a cair-lhe nos hombros.

—A sr.^a D. Emilia recebe? perguntou Claudio, suspeitando de que Emilia o ouvisse e procurando uma linguagem elegante.

—Os senhores estão na sala, respondeu promptamente a creada. Faça favôr de subir.

Proximo da meza, illuminada por um pequeno candieiro, Emilia costurava, um pequeno açafate pousado ao lado sobre uma cadeira, e Ricardo lia um jornal approximando-o da luz, tomando quasi toda a meza sobre que estendia os braços e o papel.

—Seja bemvindo! exclamou Emilia com uma irreprimida e franca alegria.

—Eu tinha promettido... começou Claudio.

—Faz-nos muito favôr, interrompeu Ricardo. Nos dias em que não tenho de ir a Coimbra é sempre esta semsaboria. Olhe, os pequenos já estão deitados; mal anoitece, começam logo a cair com somno. A Emilia passa o tempo com os farrapos. A mim, o que me vale é o *Seculo*. É muito bom jornal. V. ex.^a não costuma lê-lo?

—Não, nunca o vejo.

—Pois é bom. Às vezes traz tres folhetins! É o que me vale. E ainda assim, quando Deus quer, ás nove horas estou na cama. Quando quizer... faz-nos muito favôr.

—Eu receiava vir perturbar o socego d'este cantinho. Imagino que os celibatarios hão-de ser muito importunos para a gente casada.

—Por mim nunca receie, disse Emilia. Ainda não pude habituar-me a deitar-me cedo; antes da meia noite não durmo. Por aqui me entretenho conforme posso. E ainda v. ex.^a quer que me conforme com a vida de provincia!... Só estas noites são um castigo!

—N'esse ponto concordo. Tambem me custam um pouco.

la recommençar a antiga conversação. Estavam satisfeitos os desejos de Claudio; teria ensejo de mostrar que, apesar das suas preferencias pela vida do campo, sabia o que eram os prazeres da vida aristocratica, experimentára-a, e em Paris tinha andado em todos os regalos do luxo. Para Emilia devia ser uma fascinação.

Mas em breve a conversação caiu no extremo opposto. Não era de Paris que se fallava, era de Villalva, da sua paz e das suas alegrias. Emilia ouvia-o com tanto interesse, tão meigamente o instigava á intimidade que Claudio, impensadamente, esquecendo todo o proposito anterior, caiu no mais completo abandono e começou n'uma confissão sincera, espontanea, d'um coração que estava a trasbordar d'affecto, almejando por um coração gêmeo em que o vertesse.

Contava a morte do pae, a surpresa com que, recolhendo a casa, fôra encontral-o no leito, os olhos cerrados e a face livida, n'uma serenidade em que lhe parecia sobreviver um reflexo da sua imaculada consciencia.

Relembrava as silenciosas lagrimas da mãe junto do cadaver do esposo e quanta grandeza vira n'aquella mudez de estatua, n'aquella dôr tão pura que se concentrava recatada, como temendo polluir-se no contacto com a indifferença mascarada de lucto que sempre apparece n'essas horas. Elle, Claudio, não chorava. Sentia-se esmagado, mesquinho, perante esse quadro em que se resumiam tantos annos de communhão no amor e no trabalho. Intimamente perguntava em que dissipára os trinta e tres annos da sua existencia.

Só mais tarde é que poudes sentir uma infinita saudade; só mais tarde é que percebeu bem o desapparecimento d'aquella sombra querida a labutar, a labutar, pelas frescas alvoradas, pela ardencia do sol, pelo frio penetrante, pelas noites do estio, ao frouxo reverbero das estrellas. No primeiro instante, fôra apenas uma grande lição. Que era a sua vida de estudo ao lado d'aquella ignorada epopêa? Aquelle sim, aquelle tinha chegado ao posto, aquelle tinha sido digno.

A confissão corria torrencial, como as aguas do açude que se despenham. Ricardo ouvia e vagamente presentia qualquer cousa captivante; Emilia, na sua delicadeza femenil, deixava-se levar n'um surdo e inconsciente arrebatamento de admiração. Já não provocava a conversação, interrogando; o mais espontaneo tornava-

se para ella o mais agradável. E, quando Claudio vendo o relógio se ergueu, ella exclamou com visível pezar:

—Já?!

—São dez horas e não quero contrariar os hábitos de v. ex.^{as} Estou aqui ha duas horas! Para sécca não foi pouco.

—Quer provocar amabilidades, disse Emilia. Pois não lhe faço a vontade! Não digo nada.

—Faz v. ex.^a muito mal. Quem cála consente e eu sou capaz de voltar.

—Queira Deus que seja breve!

Ricardo acompanhou Claudio até á porta e voltando á sala:

—Parece ter bom coração este rapaz, disse, dirigindo-se a Emilia.

—É muito sympathico e muito fino, respondeu ella. Ninguém ha-de dizer que foi creado na aldeia.

—Lá estás tu com toleimas. Imaginas que só essa gente de Lisboa é que sabe conversar. Um rapaz rico e que tem viajado!...

Emilia não replicou. Temia as brutalidades de linguagem do marido e não queria provocal-as.

Ambos se alegravam com as novas relações: ella, porque via em Claudio uma boa companhia para attenuar o aborrecimento das noites provincianas e o marido porque systematicamente cortejava todas as pessoas ricas que poderiam ter influencia, esperando alcançar melhor collocação. A sua aspiração, presentemente, era passar para recebedor; teria menos trabalho e mais alguns proventos.

Só Claudio é que saíra descontente da rua da Cruz, descontente da sua inhabilidade, interiormente humilhado do seu procedimento.

Não era aquella a conversação que tinha marcado como inicio de conquista; tinha feito tenção de fallar a Emilia da vida elegante e fôra contar-lhe intimidades de Villalva. Que imbecilidade! Que interesse podia ella ter na vida rustica da sua aldeia e da sua familia? Sempre infeliz!

O erro era querer ser aquillo que as aptidões naturaes lhe recusavam. E, depois, praticára uma ruim acção cujos aspectos negros a imaginação lhe avolumava, dando-lhe as proporções d'uma grande infamia; fallára a Emilia da morte do pae, a Emilia que d'antemão tinha considerado sua amante! Como, por que estranha aberração de todas as regras moraes, que tão cedo se acostumára a respeitar, confundia as cousas intimas e sagradas, aquillo que no seu coração havia de mais recatado e nobre, com os mais baixos dos seus appetites? Fôra inhabil e fôra indigno, e esta suspeita torturava-o.

A noite foi agitada; breve o somno feito sob esta oppressão. A fadiga e a frescura da madrugada trouxeram-lhe porém duas horas de repouso. Pelas sete horas da manhã despertava e a alegria da natureza, o bulicio do mercado, que era junto á sua casa, todo o fremito de vida proprio d'aquella hora conseguiram infundir no espirito de Claudio a tranquillidade perdida e porventura um vago contentamento.

Não! Exaggerava. Melhor fôra que não tivesse fallado da morte do pae, mas que mal houvera n'isso? Emilia não era sua amante. Era talvez, sob a apparencia de frivolidade, uma mulher digna; até o cuidado com que olhava pelos filhos, devia leval-o a julgar bem da sua honestidade. Os amores não tinham passado ainda da sua imaginação, e quem sabia se na sua imaginação morreriam! Tudo tinha remedio. Não havia de que se arrepender. Tivera confissões intimas com uma mulher que conhecia ha pouco, mas de cuja dignidade não tinha direito a desconfiar; a isto se reduzia a sua falta, se falta tinha havido. Não era motivo para inquietações.

Tranquillisado o espirito, Claudio começou a frequentar os serões de Emilia, duas ou tres vezes por semana.

Os fumos de conquistador pareciam apagados, lançara-os á conta das suas bastas phantasias, e entregava-se sem reserva á doçura d'um convívio em que sentia mal definido prazer. Fallára á mãe em visitar Emilia. Parecia-lhe muito boa rapariga, dizia, muito bem educada; havia de gostar d'ella.

—Ora, respondia a mãe, vou lá visitar fidalgas! Nunca me entendi com essa gente. Não saio do meu canto, estou velha para aprender costumes novos. E quem sabe lá o que ella será? Conhecel a ainda não ha um mez e já te parece uma santa. Caça d'arribação! dizia teu pae que Deus haja.

—É porque a minha mãe não a conhece. Em a conhecendo, ha-de gostar d'ella, verá.

Mas a velhita, na sua bisonha desconfiança, não se dava por vencida, meneando negativamente a cabeça.

Aos sabbados era a reunião em casa do dr. Carvalho. Claudio nunca faltava. Dispunha sempre as suas cousas de modo a que estivesse livre n'essas noites.

Emilia pedia-lhe singelamente que não faltasse e elle queria mostrar-lhe que nunca esquecia os seus desejos.

Demais, se o juiz não vinha, não havia *whist* e todos se juntavam em volta da meza do loto, palestrando e interrompendo o jogo a cada instante.

Então corriam horas deliciosas para Claudio, entregue desprendidamente á admiração de Emilia cujo espirito d'uma infantil alegria contrastava tão singularmente com as suas pesadas e sombrias duvidas habituaes. Para ella, a vida era apparentemente um trinado de aves.

Uma noite fallou-se dos passeios de Albergaria.

—Ha um muito bonito, mas é um pouco longe, disse Claudio, Lourosa.

Ninguém sabia onde ficava.

Claudio explicou:

—Lourosa fica entre Villar e a Ariosa. Sóbe-se a estrada até Villar, depois começa-se a descer e no fim d'uns tres ou quatro kilometros encontra-se a povoação. É uma aldeia, sem cousa alguma de notavel; os pinhaes que ficam entre Lourosa e Villar, esses são d'uma extraordinaria belleza, cortados de ribeiros orlados de choupos e salgueiros, os montes abundando em vegetação. Um retalho delicioso de natureza montanhosa!

Todos desejavam vê-la.

—É bem facil, dizia Claudio. Saimos d'aqui de manhã, levamos o almoço, passamos por lá o dia e ao anoitecer estamos em casa. Depende só da vontade de v ex.^{as}. É marcarem o dia e eu me encarregarei de tudo.

—Vamos lá! Estou prompto! Magnifico! Não faltou!—grande alarido de vozes confusas em torno da meza.

Ficou ajustado o passeio; iriam o dr. Carvalho e a mulher, Emilia e Ricardo, as Silvas, de Barrosas, o reitor, o dr. Maia, um rapaz da Beira que tinha vindo advogar para Albergaria, e Claudio; ao todo umas dez pessoas.

Assim é que os passeios são bons, diziam; onde vae muita gente, d'ordinario não se passa sem qualquer cousa desagradavel.

Tres dias depois, ás seis horas da manhã, no pateo do palacio de Claudio, um char-à-banc ordinario tirado por dois magnificos cavallos, nédios e impacientes nos seus arreios burnidos, de ferragens reluzentes, esperavam os convidados. Em cima do carro havia tres cestos de verga, da ilha da Madeira, dois fechados e um

terceiro coberto com uma toalha por baixo da qual se adivinhavam as garrafas de vinho.

Os convidados vinham lentamente. Claudio recebia-os á porta. O primeiro foi o reitor que, contava, já tinha dito missa e tomado a sua chavena de café; era fraco e ninguem o apanhava em jornada de estomago vasio. A isso, graças a Deus, devia a sua saude; não havia de fazer como o seu collega do Eiral que não tinha cuidado nenhum comsigo e agora lá ia para as Pedras Salgadas a vêr se conseguia algumas melhoras. Incommodo, despeza, e no fim viria bem ou mal, como Deus quizesse:

Depois do reitor veio o dr. Carvalho; tinha-se demorado um pouco e pedia desculpa, mas não quiz sair sem vêr a mulher do José Manco que estava com uma pneumonia, muito doente.

—Tenho feito clinica em muita terra, dizia, mas pneumonias como as d'estes sitios nunca encontrei. Terriveis! Quasi sempre fataes. Não sei se é do clima, se da constituição da gente... Ahi vem já o Ricardo e a sr.^a D. Emilia com o dr. Maia. Bom! Só faltam as Silvas. Não pensei, ainda assim, que fossem todos tão pontuaes.

Emilia vinha apressada e risonha, ao lado do marido que conversava com o advogado, queixando-se ambos da madrugada. Trazia um vestido de chita azul guarnecido de rendas brancas, luvas côr de camurça e grande chapéu de palha clara com papoulas vermelhas. Trabalhára até á meia noite, a burnir o vestido, a pregar-lhe as rendas que eram d'um outro, e a enfeitar o chapéu composto com uma velha carcassa que tinha comprado ha dois annos e as flores que trouxera no chapéu de inverno.

O marido regateava-lhe uma a uma todas as despesas e envergonhada, ás occultas, andava constantemente remexendo os farrapos para improvisar enfeites que satisfizessem os seus appetites de elegancia.

Agora que tinha de acompanhar Claudio, cujo bom gosto começava a admirar, esmerara-se e vinha contente, julgando que

elle havia de reconhecer no traje a distincção da pessoa.

Não se enganava. Claudio admirou a sua gentileza; intimamente fazia confrontos entre as senhoras da villa. Emilia era decididamente a unica com educação. Fina, muito fina! concluia no seu juizo.

Pelo seu lado, procurava tambem não decair no conceito da sua amada e pedia-lhe agora desculpa da pobreza da carruagem. Uma grande falta de recursos para fazer alguma cousa em termos! Tinha procurado um *breack* decente, mas nem em Coimbra o poudé arranjar. Uma miseria! Vira-se obrigado a remediar-se com aquelle que ali estava e os seus cavallo. Se continuasse por ali, porque pensava em se estabelecer definitivamente em Albergaria, havia de comprar uma carruagem propria para aquelles passeios.

Eram quasi sete horas quando appareceram as Silvas, acompanhadas d'uma creada ofegante, com uma pequena cesta á cabeça.

—Ah! disse a mais velha, julguei morrer! Que estafa! Mas a culpa não foi minha. A mana não quiz vir sem trazer um bolo de sete cantinhos,—é muito bom, é ainda feito por uma receita que nos deu a D. Adelaide Saldanha,—e aquelle forno é um castigo. Primeiro que aqueça...

—Ora v. ex.^a a incommodar-se... interrompeu Claudio.

—Deixe lá, deixe lá, disse o dr. Carvalho, que mostrava com ellas grande confiança, quem corre de gosto não cansa. E visto que foi para nosso regalo, havemos logo de lhe fazer uma saude. Olhe, já ali vão,—e apontava para o cesto das garrafas.

Recolheram-se todos á carruagem que partiu, oscillando ao sair o portal. O reitor e Ricardo tomaram logar ao pé do cocheiro.

—Vamos aqui melhor, dizia o Ricardo para o reitor, escusamos de aturar senhoras. É bom para o Maia que está novo e o Carvalho

tambem... chega-se muito para as Silvas. É menino! Eu cá já não faço versos. Tomára eu mas é o almoço. Parece-me que já ia.

—O sr. tambem está sempre com essas cousas! Ora não seja má lingua... dizia o reitor.

Ao passarem na botica, estava o boticario á porta a conversar com o regedor do Sobral.

—A vida está para aquelles, disse despeitado por não ter recebido convite. O pae e o tio a pouparem para estes agora gozarem!

A companhia ia alegre.

As Silvas palravam com o advogado; interiormente sonhavam ali um casamento, sua ambição capital. Fallavam das suas flores, das suas gallinhas, dos cuidados que tinham pela adéga e pelo lagar d'azeite, procurando com deligencia pôr em relevo as suas virtudes domesticas. Mutuamente se elogiavam; uma sabia de cosinha como ninguem, não havia má cosinheira ás ordens d'ella; a outra, diziam, tinha nascido para homem, constantemente nos campos, á frente dos bandos na apanha da azeitona, entre as vinhas, no outomno, com grande chapéu de palha, dando ordens e berrando aos trabalhadores:

—Olha como levas esse poceiro! Não fazem nada em ordem! Que estupidos! Não póde a gente ter um momento de descanso...

O advogado ouvia e procurava palavras de admiração.

—Isso hoje é muito raro, dizia V. ex.^{as} foram educadas á antiga. Bons tempos! As meninas d'agora vão para os collegios e vêm de lá anemicas, sem prestimo nenhum. Levantam-se ao meio dia e só servem para tocar piano.

Tambem elle pensava em casamento: queria cousa de conveniencia. A sua ambição era um dote de dez a doze contos de

réis. Não o tinha ainda encontrado, mas não desanimava nas suas diligencias.

O dr. Carvalho procurava associar-se á conversação, ora com gracejos, ora lisongeando as Silvas.

—Muito tolinhas, pensava. Com algum geito ainda vêm a cair.

Claudio conversava tambem, dirigindo-se á mulher do dr. Carvalho e a Emilia, empenhado em prender esta ultima aos seus sentimentos. Apontava tudo o que na estrada ia vendo de pittoresco ou de bello, os carvalhos nodosos do Casal Novo, projectando-se nos montes nus e asperos, a varzea de Villar humida e mimosa, emoldurada nas montanhas que se encastellam em torno.

—N'este tempo, o campo é muito bonito, exclamava a mulher do doutor em admiração convencional.

Emilia, intimamente insensivel, sómente por ser agradavel a Claudio, repetia:

—É bonito, é realmente muito bonito.

Sentia-se bem, não pelas impressões da paysagem, mas pelo doce prazer de ouvir Claudio.

Tinham passado a primeira cadeia de montanhas começavam agora a descer rapidamente para Lourosa.

Á esquerda, no extremo horisonte, ficavam as corôas de neve da serra da Estrella, em frente, em toda a sua desdenhosa magestade, erguiam-se as serras da Louzã, as faldas bordadas de aldeias, de pinhaes e de campanarios, os píncaros despidos e negros, respirando, no ceu sereno e mudo, solidão e grandeza.

—Oh! amigo Claudio, disse o dr. Carvalho, parece-me que você se enganou; isto aqui ainda é mais feio que do outro lado.

—Oh! não. Eu acho este panorama magestoso. Magestoso, meu amigo!

—Será, não digo que não. Eu é que não vejo senão muita pedra. O que vale é que você hade tratar-nos bem. Que horas serão?

—Oito.

—Uma hora de caminho! Aquella subida de Villar é enorme e nós viemos devagar. Os seus pobres cavallos vão dizer mal do passeio. Com uma carga d'estas!

—Não, não é muito. Agora vamos depressa. D'aqui a meia hora estamos em Lourosa.

A carruagem ia descendo e o aspecto dos montes modificava-se; a vegetação tornava-se mais basta e os raros casebres dispersos eram construidos de delgadas laminas de pedra schistosa. Dentro em pouco atravessavam Lourosa.

—Então? dizia de cima o Ricardo. Cá o nosso reitor diz que estamos em Lourosa. Para onde nos leva você, ó doutor?

—Não seja impaciente; vá andando, vá andando que não se hade arrepender, respondia Claudio.

—Eu sei lá! Desconfio...

Apenas se passa a aldeia, a estrada perde-se serpeando nos pinhaes bastos e sem interrupção que cobrem aquella região de monticulos e desfiladeiros. Nem a mais pequena planicie; os accidentes do terreno são continuados e dos valles apertados, entre o matto espesso e tenro, solta-se um alento de viço e de frescura. As urzes floriam em quebradiços calices de rosa desmaiada, os fetos expandiam as rigidas frondes reluzentes e nas palidas giestas desabrochavam as suas fulvas e aladas flores.

—Ah! isto sim, isto aqui é outra coisa, disse o dr. Carvalho. Dou a mão á palmatoria. Sim, senhor. Valle a pena vir cá.

—Já vê que não o enganei, respondeu Claudio.

Tinham parado em frente da casa d'um cantoneiro, um pobre abrigo com uma só porta, sem janellas, feito de lageas toscas, quasi sem argamassa, a luz espreitando entre as telhas desunidas. Era ali que esperavam os creados de Claudio que tinham vindo adiante, alta madrugada, para fazerem os primeiros preparativos. Com a mobilia do cantoneiro conseguiram montar a mesa, em baixo, ao pé d'uma fonte, longe da estrada, para fugir aos curiosos, de modo que não fossem vistos de quem passasse. Eram essas as instrucções de Claudio. Estava tudo prompto, dizia um dos creados, para quando s. ex.^{as} quizessem.

Claudio propôz á companhia um passeio. Era muito cedo, passeiariam agora pela fresca viriam depois a almoçar quando o sol apertasse, que o dia promettia ser quente.

Todos acceitaram. Só o reitor e Ricardo é que se apressaram a pedir que os deixassem ficar. Já sabiam o que era gente nova e o que eram as serras; não se fiavam nas pernas. Ninguém insistiu.

—Liberdade! disse o dr. Carvalho, cada um gosa a seu modo; e as Silvas, aproveitando o ensejo para fallar da sua actividade, diziam ao dr. Maia que não sabiam que gente era aquella, tão commodista. Para ellas não havia como andar a pé. Tinham ido uma vez á Senhora da Penha, umas boas tres léguas por maus caminhos. Pois ainda não era noite quando voltaram a Barrosas e do dia seguinte, ás cinco horas da manhã, estavam a pé como se nada tivesse acontecido.

Elle, o dr. Maia, respondia que tambem tinha sido grande andarilho, quando era mais rapaz, em Coimbra; fôra a Lorrão com os companheiros de casa. Mas agora não tinha tempo, por causa do escriptorio; uma vida sedentaria, que o matava. O que lhe valia eram os banhos do mar. Costumava ir para Espinho.

—Nós vamos sempre para a Figueira, disse uma das Silvas.

—Este anno provavelmente tambem para lá irei. Fica-me aqui mais perto e posso vir ao tribunal quando fôr preciso.

Entretanto Claudio fallava com o cantoneiro que lhe indicava o passeio. Desciam abaixo, á azenha, subiam pelo carreiro que se via do outro lado, atravez do monte, depois chegando acima encontravam um caminho; não tinham mais do que segui-lo e lá iriam ter.

Era um sitio muito lindo! Ainda o anno passado ali tinha estado o director das obras publicas com uma familia de Coimbra.

Dentro em pouco, Ricardo adormecia na cabana do cantoneiro, sobre uma esteira estendida n'uma velha arca, o reitor sentava-se n'uma pedra, á porta da casa, a lêr os jornaes que cautelosamente tinha trazido, e em frente, na montanha, iam subindo os restantes companheiros.

As Silvas caminhavam adeante, fazendo gala da sua robustez e rindo-se do Carvalho e do Maia que queriam acompanhá-las e se confessavam já cansados; atraz, a larga distancia, seguiam Claudio com Emilia e a mulher do Carvalho.

—Sangue quente! dizia Claudio apontando os que iam á frente. O sr. dr. Carvalho é que parece um rapaz, alegre e ligeiro...

—Foi sempre assim, respondeu a mulher do doutor. Muito rijo!

Claudio mostrava insistentemente a Emilia a belleza infinda das cousas por que passavam: a suavidade de colorido das *primulas* que bordavam a ribeira, os aljofares d'orvalho que cobriam o matto, os choupos tremulos na aragem da manhã, os pinheiros que se desenhavam nitidos na limpidez do céu, as vozes mysteriosas que se desprendiam do arvoredado. Queria que ella commungasse nas suas impressões e ella já não resistia.

—É bonito, muito lindo, respondia a cada instante.

O cantoneiro não os enganára. Passado o cume do monte, o caminho era ladeado de muros baixos, para defender os mattos dos rebanhos que passassem; continuava assim em longa distancia até que o pinhal começava a rarear e abria-se uma clareira. Tinham em frente, na margem opposta do ribeiro, uma ravina apertada por onde a agua corria, em pequenas cascatas, entre as azenhas e os pinheiros. Era a este lugar que o cantoneiro se referira.

—Muito lindo! muito lindo! exclamavam todos.

Só uma das Silvas fez reservas.

—Sim, é bonito, disse; mas a nossa Albergaria não é peor. Só aquella abundancia d'agua!...

Desceram abaixo, atravessaram o ribeiro e subiram pelo carreiro que dava accesso ás azenhas. Pouco caminharam; estavam cansados, o calor já apertava, e, aos primeiros muros que encontraram entre a sombra do pinhal e á beira da agua, sentaram-se.

Claudio, sempre ao lado de Emilia, ia colhendo flores agrestes e fazia-lhe vêr as formas delicadas e os mimos de colorido que se perdiam ignorados por aquellas serras. Para que os jardins? A belleza espalhava-se por toda a parte, nas cousas mais triviaes, tudo estava em a perceber com olhos carinhosos.

Por isso o campo nunca lhe enfadava. A natureza era inexgotável, as suas riquezas não tinham limite e a vida inteira era sempre breve, não diria já para as admirar que seria querer muito, mas para compreender a sua existência.

Quando se chega a isto, quando se adivinha o thesouro que a todos foi prodigamente aberto e que raros aproveitam, uma absorvente avidez de sensações nos invade e somos arrebatados por este espectáculo prodigioso e infundo que nos vem d'aquillo que antes chamavamos mudez e solidão. Animam-se os rochedos, no maior ermo acompanham-nos vozes desconhecidas; o coração captiva-se d'um amor puro e largo, immaculado e sereno. E como as cidades nos parecem então abomináveis, com as suas misérias e a sua vida de artifício e mentira! Nem satisfazem o espirito nem os sentidos.

Queria que Emilia se penetrasse do mesmo sentimento. Ella já não luctava; ouvia e nas palavras de Claudio sentia com deleite uma embalsamada frescura.

O dr. Carvalho e o Maia não deixavam as Silvas. Fallavam agora dos galanteios da Figueira no ultimo outomno e discutiam o procedimento d'uma menina de Coimbra que passava a noite a fallar, a uma janella baixa, com um janota de Lisboa, um tal Couceiro d'Abreu, que se dizia de boa familia, mas que pelos modos não o parecia.

Era a mais velha das Silvas que sustentava a conversa com o dr. Carvalho.

—Ella tinha desculpa, dizia. Uma rapariga nova, sem experiencia do mundo, não podia calcular o que se pensaria no meio d'aquella gente que morre por dizer mal e, quando não tem que dizer, inventa. Mas elle!... Um infame! É preciso ser muito canalha para jogar assim a reputação d'uma rapariga. Que eu não acredito... Os homens são todos assim, terminava suspirando, com os olhos baixos e fitos na ponta do guarda sol que cravava entre os seixos.

—Mas que mau humor, que maldade! Parece que já algum homem lhe fez mal.

—A mim?! Estão bem livres d'isso, eu lhe asseguro. Tenho os olhos bem abertos.

—Ora tem os olhos abertos... Eu queria vêr!... Se gostasse a valer d'um rapaz...

—Ai, nada, nada! Não sou de pieguices. Que também lhe digo: Se gostasse d'alguem, não havia de ter medo do que dissessem. Havia de lhe fallar onde melhor me parecesse. Com tanto que estivesse de bem com a minha consciencia...

—Bravo, bravo! exclamava o doutor, sonhando aventuras. Gosto de gente assim.

Claudio tinha-se levantado e, apoz elle, toda a companhia. Eram horas do almoço. Voltaram á casa do cantoneiro, seguindo o mesmo caminho por que tinham vindo.

A mesa estava posta n'um sitio ensombrado, o reitor já tinha lido os seus jornaes e contava pormenores d'um crime praticado no Poço do Bispo ao Ricardo que passeiava impaciente em frente da mesa, olhando sempre o carreiro por onde os companheiros tinham desaparecido.

Um pouco acima, encostada a uma canastra, uma creada adormecera.

—Olá, seus mandriões, gritou o dr. Carvalho dirigindo-se ao reitor lá do outro lado do monte.

—Vivam, vivam, respondeu o Ricardo. Já cá tardavam.

A mulher accordou.

—Muito moida, tia Venancia? perguntou o reitor.

—Sai de Albergaria ainda era noite. Já vinha ao pé do Hospital quando bateram tres horas, respondeu a pobre mulher.

O almoço começou quasi em silencio. Todos tinham estranhado a madrugada e o passeio; o calor e a fome acabaram de os alquebrar. Sentia-se a moleza e o cansaço. Só o dr. Carvalho resistia, sempre alegre e palrador. Estava habituado a não ter horas para dormir nem para comer; os doentes é que mandavam. Estranhava a Claudio o luxo com que tratava os seus convivas, que não era preciso; até as taças para o champagne tinha mandado vir. Um copo para cada um era quanto bastava.

—Principalmente para o Ricardo!... Um só e grande, segredava maliciosamente.

Pouco a pouco a animação ia surgindo, na excitação dos vinhos e das viandas; a conversação tornava-se continua, entre o bulicio da baixella e o riso dos convidados, cada qual elogiando o prato que melhor lhe convinha ao paladar e todos louvando Claudio.

—É um cavalheiro, um cavalheiro, dizia Ricardo, o prato coberto com uma enorme fatia de fiambre e lançando a mão a uma farta garrafa de Collares. Eu cá vou andando com este, não sei que graça acham a essas limonadas!

E apontava os vinhos do Rheno.

Estavam chegados ao champagne. As rolhas voavam entre os gritos das Silvas que com grandes gestos defendiam os olhos. O dr. Maia, que ha muito se calara ruminando o discurso, levantou-se para beber á saude de Claudio.

Não eram palavras banaes as que queria dizer; pretendia fazer um discurso que impressionasse os ouvintes e particularmente a mais nova das Silvas para quem começava a olhar como uma noiva possivel.

«—Minhas senhoras e meus senhores...»

—É muito amavel, não se esquece das senhoras, disse sorrindo com ironia o dr. Carvalho para a Silva que estava ao lado d'elle; e atrevidamente chamava a sua atenção, batendo-lhe com a mão no joelho, por baixo da mesa.

«Não era á minha humilde e obscura personalidade, não era a mim que sou um forasteiro n'estas terras e tão pobre de dotes de eloquencia, que competiria talvez saudar o nosso generoso amphytrião; mas a profunda estima e consideração que tenho pelo illustre doutor Claudio obrigam-me a levantar a minha fraca voz n'este concerto de bellezas da natureza, de illustrações e de formosuras que tocam o nosso coração...»

—Toma, diz em segredo o Carvalho para a Silva, aquillo é com a mana. A menina é que não apanha nada. Só se fosse um beijo que eu lhe dêsse!

—Não seja atrevido!

—Não seja má. E bateu-lhe novamente com a mão no joelho, procurando ajuizar da perna.

«O dr. Claudio, meus senhores, a cuja amabilidade devemos as boas horas que temos passado aqui e que jámais esquecerei, não é um homem vulgar. Tem seguido a evolução da sciencia e está ao par das modernas descobertas da sociologia. Eu que deixei ha pouco os bancos da universidade, não posso acompanhá-lo nos arrojados vãos do seu estudo mas comprehendo a sua bella orientação positivista...»

E continuou assim fazendo o elogio de Claudio, até se lhe esgotar a provisão de banalidades que tinha adquirido em Coimbra. Ao fim, sentou-se vaidoso, procurando adivinhar a impressão que tinha deixado nos ouvintes.

—Muito bem, muito bem, sr. dr. Maia, disseram de differentes lados da mesa.

A Silva disse-lhe tambem em voz branda:

—Gostei muito de o ouvir, falla realmente muito bem.

—Não, minha senhora, isso é muita bondade de v. ex.^a Não tenho tido uso. Aqui, na comarca de Albergaria, o movimento é pequeno e com estes jurados analphabetos não vale a pena estudar.

—Oh! não esteja com modestia... eu reparei que todos o estavam ouvindo com muito agrado. Na provincia é tão raro encontrar alguém que saiba fallar...

O reitor contava ao Ricardo dos prégadores que tinha ouvido. O melhor era o Alves Mendes. O que eu admiro, dizia, é a memoria que elle tem para metter aquillo tudo na cabeça!

Claudio estava embaraçado. Não contava com o discurso e percebia que os convivas esperavam a resposta.

Interiormente sentiu um momento de enfado que attribuia á impertinencia do dr. Maia, mas que de facto vinha do risco, que corria, de desmerecer no conceito de Emilia, a seus olhos supremo juiz do bom gosto.

Durante alguns minutos pensou no que iria dizer; depois, como impellido por uma subita resolução, levantou-se e disse:

—Agradeço as immerecidas palavras do sr. dr. Maia, que por certo foram dictadas pela consideração que me dispensa e não pelo que realmente valho. Entre aquelles que me honraram acompanhando-me n'este passeio, não quero fazer senão uma unica distincção, aquella que de justiça é devida. Saúdo de todo o meu coração as senhoras que com a sua formosura, o seu espirito e a sua gentileza generosamente nos déram estas tão breves horas de alegria!

—Vivam, vivam! Á saude de vv. ex.^{as}! D. Emilia... D. Maria.

E todos beberam.

Claudio bebeu tambem, olhando Emilia. Era a ella que se dirigia e era a admiração pela sua graça que o inspirára.

—Foi pena ser tão pouco, disse o reitor para Claudio, sollicitando um discurso.

—Não perderam nada. Não sou orador. Isso é aqui para o nosso dr. Maia.

Os brindes não tinham fim. Cada qual bebia pelas pessoas das suas relações e o dr. Carvalho, que o calor do banquete tinha excitado, voltando-se para a Silva, disse-lhe quasi em segredo:

—A ultima, a virar e a serio, por uma intenção particular, por uma menina que sinceramente admiro e estimo!

—Agradeço em nome d'ella e posso assegurar-lhe que é pago com muita amizade.

—Não acredito, respondeu o Carvalho, fitando-a com olhos languidos.

E, voltando se para Claudio, accrescentou:

—E se nos levantássemos, oh doutor? Olhe que estamos á meza ha duas horas e não queremos morrer aqui de indigestão!

—Está dito. V. ex.^{as} mandam.

Novamente os convivas se espalharam nos montes, reconstituindo-se os primeiros grupos; o Carvalho e o Maia com as Silvas, Claudio com Emilia e a mulher do Carvalho, o reitor ao pé de Ricardo.

Pouco se affastaram do lugar do almoço; o calor, a madrugada, o cansaço do passeio e o pezo da digestão tornaram-os abatidos,

molles e somnolentos. Só Claudio e o dr. Carvalho resistiam, movidos ambos por identicos motivos.

Às quatro horas partiram de regresso a Albergaria. Houve um momento de animação aos primeiros movimentos da carruagem, mas em breve voltou o silencio proprio da fadiga.

O Ricardo cambaleava dormindo, os olhos cerrados por baixo da luneta, o collete desabotoado mostrando a camisa enxovalhada de suor. A mulher do dr. Carvalho, que tinha percebido os galanteios do marido com a Silva, desesperada com ciumes queixava-se de dores de cabeça. Claudio vinha scismando.

Porque não havia de casar-se? Que vida daria ao seu lar a graça e a elegancia d'uma mulher? Mas não era facil encontrar quem com instinctos d'artista se sugeitasse á vida monotona de provincia.

Emilia crescia agora aos seus olhos e na sua admiração. Que rara fortuna possuil-a! E como devia ser infeliz, ligada a um homem grosseiro e bestial! Uma irrepremissivel compaixão o aproximava d'ella e mais um laço ligava aquellas duas almas que, n'uma turva inconsciencia, se iam prendendo e confundindo.

Cerca das seis horas, chegaram a Albergaria. Claudio conduziu cada um á sua casa e todos se apartaram com palavras de reconhecimento e cordealidade.

—Queira Deus, dizia Claudio á mulher do dr. Carvalho, que v. ex.^a não fique a dizer muito mal do passeio. Talvez que uns granulos de antipyrina...

—Não, respondeu o doutor. É muito sujeita a dores de cabeça. Em dormindo, fica bem. Isto não vale nada. Quem déra que todos os dias assim fossem!...

Claudio tornou-se inseparavel da familia de Ricardo. A cada passo se encontravam juntos: nos passeios, á tarde, pela estrada do Sobral; na egreja, á missa e em dias de festa; á noite, em casa do

dr. Carvalho e pelos serões da vizinhança. Na botica estranhava-se a mudança de Claudio; commentava-se já com risos maliciosos e palavras mordazes. Só elle ignorava o que se dizia; feliz de tanta e tão bella amizade, a ella se entregava inteiramente e ingenuamente transformava em sentimentos puros, d'esta vez sem plano nem preocupações scientificas, os projectos de conquistador com que dois mezes antes entrara em casa de Ricardo.

Entre Claudio e Emilia fazia-se rapidamente a permuta de habitos e costumes que é de regra entre amantes; ella cedia dos seus prejuizos lisboetas para admirar a natureza e conformar-se com a paz provinciana, elle esquecia a simplicidade de Villalva, o estudo e os propositos de vida laboriosa, para se confundir nas futilidades em que imaginava bom gosto e arte.

De facto, nenhum mudára; ambos passavam apenas por uma crise d'amor que lhes transfigurava o aspecto das cousas.

Para Emilia a natureza era um adorno, como as flores na meza do glutão que, só cubiçando as viandas, se compraz todavia cercandolas de frescura e perfumes; nada podia dizer ao seu mesquinho espirito a vida gigantesca da terra, o drama eterno e mudo em que os elementos se combatem e amam, captivantes de mysterio, insondaveis na profundidade dos seus destinos. Nem as arvores nem as aguas nem as montanhas podiam ter significação aos seus olhos apartadas da voz do amante e dos seus doces olhos, as brizas do poente que á tarde varriam a atmospheria ardente do estio, a sombra do loureiro que á hora da calma a protegia, o murmurar dos regatos e o canto apaixonado dos rouxinoes ao luar eram unicamente a faustuosa decoração do theatro em que se lhe revelava a imagem de Claudio, mas valiam aos seus olhos tanto como a rutilancia dos cristaes, das sedas e dos salões dourados em que o seu temperamento se formára.

Por sua vez, Claudio caia n'uma illusão parallela: pensava que Emilia lhe revelava um mundo novo de elegancia e arte, lançava á conta de rudeza a simplicidade que em tempos, que agora lhe pareciam distantes, adorava na casa de seus paes, e tomava por

alargamento e complemento da educação do seu espirito a frivolidade a que só o arrastava a anciedade de se impregnar das graças da sua amada.

Pelo S. João acompanhou Emilia e Ricardo a Coimbra, a uma festa em casa d'um fidalgo, d'appellido Albuquerque.

Os Albuquerques viviam n'um palacio, proximo da estrada da Beira; a pouco mais d'um kilometro da cidade, encontrava-se um largo portão de ferro rematado por um braço e continuado para um e outro lado pela gradaria alta que circumdava a propriedade.

De dentro trasbordava o arvoredor, os choupos, os platanos, as olaias, as palmeiras e as eras que vestiam as paredes d'uma crina frondosa; em frente do portão, uma alameda, bordada de buxo, que em leve declive conduzia, em linha recta, a uma curta e larga escada de pedra, de dois lanços, formando semicirculo, com uma grande taça de pedra ao centro d'onde a agua se derramava sobre um tanque em fios longos e scintillantes. A casa era d'um andar, sobre celleiros e adéas muito baixos, quasi inteiramente enterrados, tendo acima do sólo só as estreitas frestas que lhes davam luz. Entrava-se n'um largo vestibulo bem mobilado de escabellos em que destacava o vermelho e ouro do braço que os encimava; á direita a larga porta d'uma capella, á esquerda uma extensa linha de vastissimos salões, em frente a entrada para o interior do palacio.

O velho Albuquerque, fresco e esmerado na sua velhice, o rosto vivo e malicioso lembrando os retratos de Henrique IV, com ademanes fidalgos recebia as senhoras no vestibulo e conduzia-as pelo braço ao coração da festa. Ao lado estava o filho que o ajudava n'essa tarefa. Fôra condiscipulo de Claudio e era ainda seu intimo amigo. Quando o viu, veio para elle promptamente, e, n'um movimento de jubilo, abraçou-o.

—Mas que feliz surpresa!...

—Tantas vezes me pediste que viesse ás tuas festas e tantas vezes recusei que algum dia havia de quebrar o encanto. É verdade que faltei ao dictado... Vim sem ser convidado, mas já sabia que me desculpavas.

—Agradeço-t'o muito. Déste-me agora uma grande alegria.

—Tinha vontade de te vêr, creio que ha tres mezes que não nos avistavamos. Ultimamente tenho vindo pouco a Coimbra. Depois as instancias da familia do Almeida...

—Escolheste bem; a companhia é excellente. Gosto muito da Emilia! D'uma vivacidade... Que pena ter casado com aquelle homem... Mas anda cá, continuou o filho do Albuquerque pondo as mãos na cintura de Claudio e olhando o attentamente, reparo agora!... Estás um janota! Que é da modestia e do estudo e d'essa austeridade d'outros tempos?

—Um pouco mais civilisado, um pouco mais civilisado... Querias-me eternamente rustico?

—Não, quero-te assim, estás muito bem. Até me pareces mais bonito. Essa maluqueira de te metteres em casa com os livros, como n'um convento, era intoleravel! Ainda bem, ainda bem que estás a caminho da salvação! Que eu, verdade, verdade, tambem gosto de socego...

E entraram ambos na sala onde os pares se levantavam para a primeira quadrilha, em meio da confusão das sêdas e das joias, de cristaes, de moveis artisticos e de louças orientaes illuminadas abundantemente pelos candelabros de bronze que pendiam do tecto e pelas pratas cinzeladas que pousavam nos velhos contadores indianos. A casa dos Albuquerque tinha fama pelas suas festas, pelo luxo e pela alegria que tradicionalmente as caracterisavam, e muitos corriam ali só para admirar essa ostentação de opulencia.

Claudio teve um momento de pasmo, A vida simples de Villalva e a vida estreita que levava em Albergaria não o tinham educado a

passar indifferente pela riqueza e pelo luxo; captivavam-no pela novidade, pela sensualidade, pelo preconceito bebido nos livros materialistas de que a expansão de todos os appetites era salutar e humanamente digna, e, mais do que isso, pela sympathia com o espirito frivolo de Emilia.

Todo o espectaculo que tinha diante de si lhe parecia admiravel; passava uma epoca, que seria breve na sua existencia, de cubiça mundana.

Dentro em pouco dançava com Emilia. Ella estava radiante, julgava-se transportada aos salões de Lisboa. Uma noite de baile era a reviviscencia das melhores lembranças da mocidade, d'aquellas a que o seu espirito mais insistentemente queria. A Claudio apontava aquella peça da India que só tinha igual na collecção d'El-rei D. Fernando, os brilhantes da condessa de Murte de que o Leitão avaliára em sete contos de réis, o vestido de setim da Costa Real, de Miranda do Corvo, feito em Paris quando lá esteve, na primavera, a graça, a distincção do velho Albuquerque, e toda a tremulina de fogos fatuos que lhe passava diante dos olhos. Elle ouvia e applaudia com palavras de admiração, que o amor lhe segredava, o enthusiasmo futil de Emilia.

Cerca da meia noite, o borburinho do baile afrouxou. No meio das salas ficaram grupos de casacas esguias e negras, em volta das damas formaram-se pequenos circulos de cadeiras; os creados entravam com grandes taboleiros pesados de finas iguarias, o Albuquerque e as filhas corriam as salas offerecendo os calices do precioso vinho das suas terras do Douro.

Comia-se alegremente e trocavam-se saudes intimas, com palavras banaes de convencional cortezia.

Claudio aproximou-se de Emilia; ia beber por ella, pelos seus filhos e pelo seu marido, pela sua felicidade e alegria. Os copos tocaram os labios e dois minutos de silencio disseram o que os labios calaram,—o affecto que n'aquelles dois corações surdamente crescia.

À uma hora, já o Ricardo queria partir. Andára a arrastar-se pelas cadeiras, pelas portas das salas de dança e pelos cantos das mesas de jogo, mãos nos bolsos e luneta pendida sobre o nariz, até que chegasse a hora de se fartar: agora, repleto, a festa terminara para elle, queria dormir. Estava massado, dizia á mulher, e tinha no dia seguinte a repartição. Elle é que sabia o que isso era, com o mez de julho á porta e o semestre da contribuição predial para receber!

Claudio accudia em favor de Emilia:

—Seja rasoavel, dizia ao Ricardo; são tão poucas as occasiões que ella tem de se divertir...

Intimamente tambem elle tinha vontade de partir; ao deslumbramento das primeiras horas seguia-se uma sensação de fadiga e enfado, uma vaga necessidade de recolhimento e silencio. Porque? Mysteroso cansaço!

Abandonado, a um canto da sala, n'uma soberba cadeira de espaldar, ia seguindo com os olhos Emilia que valsava ligeira nos braços d'um rapaz estroina, todo fresco e risonho de cynismo e de saude. Comparava-a com as outras raparigas e cada vez mais se penetrava da sua gentileza. Até no trajar lhe parecia vencel-as, ella que para vir ali fôra buscar ao seu pobre guarda-roupa as unicas sedas que lá havia, um vestido preto que os paes lhe déram quando casou e uns farrapos côr de rosa com que o enfeitára.

Sahiram pelas tres horas da madrugada. A frescura da manhã, açoutando-lhe as faces, animava-os. Claudio e Emilia vieram conversando até Albergaria. Ricardo ia a dormir, oscillando com as trepidações da carruagem.

—Sim, dizia Claudio a Emilia, tudo isto é magnifico mas o socego dos nossos serões não é peor. Em regra, fico indifferente ás festas a que o coração é alheio; e n'uma multidão d'estas não póde haver intimidade.

—Tudo tem o seu lugar. A mim, nada me refresca como um baile; fico bem oito dias, pelo menos. Dá-me saúde.

Claudio voltava triste. Emilia julgava-o cansado e elle mesmo queria attribuir a sua inquietação aos effeitos d'uma atmosphera viciada e da excitação do fumo e do movimento. Só tarde pôde conciliar o somno, o corpo abraçado e dorido. Não se lhe varriam dos olhos e dos ouvidos os rumores das vozes e da musica, o brilho rutilante das salas e a imagem de Emilia valsando distraida e fogosa nos braços dos rapazes galanteadores e ousados. Inconscientemente, soffria as primeiras dores do ciúme.

Estavamos chegados ao fim de junho. O dr. Carvalho aconselhava Claudio a que não deixasse de ir ás caldas. Só as inalações das aguas sulphurosas podiam livral-o d'aquella bronchite, dizia. Era o que a sua experiencia lhe tinha mostrado.

Claudio defendia-se brandamente. Estava tão bem... Mas o Carvalho instava. Resolveu partir para as Caldas da Rainha.

No primeiro de julho, por um sol ardentissimo, foi a casa de Emilia despedir-se. Ella nunca tinha estado nas Caldas da Rainha, mas ouvira sempre á gente com que convivia em Lisboa que não havia terra de mais gozo. Todas as noites se dansava; os dias passavam se em continuados jogos e merendas á sombra do arvoredos.

—Embora!... respondia Claudio. Estava aqui muito bem.

E olhava a varzea e os campos d'onde se desprendiam sussurros d'aguas que iam descendo e um alento de frescura, sobre os milhos tenros, mimosos, regados n'aquella noite.

A voz de Emilia e a doçura da intimidade casavam-se com a suavidade da natureza. Teve um instante de desalento; sentiu derramar-se-lhe no corpo, como uma uncção venenosa, um torpor em que a vontade se aniquilava, mas, sacudindo energicamente a tentação, levantou-se, apertou a mão de Emilia com palavras d'um adeus vulgar, e saiu.

Em casa foi abraçar a mãe. Ingenua, resignada, sorridente na paz da sua alma, recommendava-lhe que tivesse cautela, tinha muito medo de remedios. Não gostava de o vêr partir, ficava em cuidados, antes fosse para Pariz.

—Tenho sempre muito medo! dizia.

Partiu. O movimento, a curiosidade da paysagem, as ininterrompidas cambiantes d'aspectos moderavam os movimentos de saudade e quasi lhe davam a illusão do esquecimento.

Depois, ao chegar ás Caldas, a installação, a consulta do medico, os banhos, novas terras, nova gente, cousas novas, trouxeram-n'o durante dois dias n'uma agitação que tomava por contentamento. Apressou-se a escrever á mãe, ao dr. Carvalho e ao Ricardo, referindo o que se passava e promettendo que voltaria ao fim de vinte dias, quando o tratamento tivesse terminado. Teria muito que contar aos serões.

Estava na firme disposição de se associar á vida mundana, assistindo aos concertos, passeiando todas as tardes na Matta, jogando o arquinho com as damas e o *whist* com a gente grave que Lisboa emprestava por um mez, dançando e galanteiando. Queria tomar os conselhos de Emilia e imital-a, para mais merecer no seu conceito.

A illusão foi breve. Ao fim de dois dias, com desespero e odio, fugia de toda a convivencia, procurava os cantos affastados e ermos para se concentrar nas suas lembranças, e opprimido, ancioso, como um tigre na jaula, revolvía-se na estreita cella que habitava n'uma hospedaria.

A ausencia revelára-lhe o amor. Percebia agora até onde levianamente tinha caminhado. Dissipada toda a duvida, sabia,—com que amargura!—que o seu coração estava preso a Emilia, cuja imagem o acompanhava sempre, sempre, fundindo n'uma só ambição todos os desejos, todas as preocupações e todas as necessidades.

Que era feito das suas convicções materialistas, dos seus propositos de conquistador, da alegre esperança com que d'animo leve procurava a casa de Ricardo? Por que estranha inercia deixára transformar essa viril resolução no affecto candente que o consumia? Mysteroso impulso!

Era por certo uma fraqueza. Havia de occultal-a firmemente, sem um minuto de desfallecimento, aos olhos do mundo, e ainda mesmo aos seus mais intimos amigos. Às vezes tinha uma esperança e dizia comsigo:

—Pieguice! Tambem assim foi com a Conceição e hoje vejo-a passar, casada, com os filhos ao collo, sem o menor desejo. Hei-de curar-me; tudo se gasta, tudo esmorece.

Em pouco tempo adoecia. As saudades e a agitação constante em que ellas o traziam determinaram um aggravamento da doença que o tinha levado alli. Ao cair da tarde começava a febre, a noite passava-se em suores, e pela madrugada dormia então prostrado um somno povoado de pesadellos. Não queria medico; sabia bem qual era o seu mal.

Uma manhã, com surpresa do creado, que sempre o estranhára e nunca podera comprehendel-o, pediu uma carruagem e correu ao caminho de ferro.

Só a viagem bastava para lhe restaurar as forças. Quando á noite chegou a Albergaria, parecia-lhe que todos os soffrimentos tinham sido apenas um sonho mau.

Não o sentiu porém assim a pobre e velha mãe que, recebendo-o surprehendida e alvoroçada, ao attentar na sua physionomia escalavrada por dez dias d'ausencia de Emilia, mal poudes conter as lagrimas.

Claudio mentiu-lhe. Fôra uma constipação com alguma febre, uma noite que se demorara na Matta. O medico dissera-lhe que só

passados vinte dias podia continuar no tratamento e por isso voltára para casa.

N'isto, beijou-a, intimamente pedindo n'este beijo, supplica muda, perdão da mentira. Ella estranhou-o mas, tomando-o apenas como sêde dos seus carinhos, passou-lhe a mão no rosto, affagando-o.

—Não ha de ser nada, se Deus quizer... Parecia-me que o coração me adivinhava qualquer cousa, quando te vi sair.

O serão prolongou-se até muito tarde, Claudio perguntando pelo que se passava em Albergaria e a mãe ouvindo o que era a vida nas Caldas.

—Ai, Senhor! Que dinheiro se gasta n'essas cousas! exclamava. E tanta pobreza por esse mundo...

—E Emilia!?

—Não a tinha visto, mas dissera-lhe o filho, na egreja, á missa, onde o tinha encontrado, que a mãe não saia porque andava um pouco doente.

Claudio estremeceu. O quê?! Ella tambem!... E calou-se um instante, absorvido n'esse pensamento, entre o temor e a alegria.

Bateu uma hora da noite. Era tempo de se deitar, dizia a mãe; precisava descansar, não lhe voltasse a febre.

O filho beijou-lhe a mão e recolheu-se ao seu gabinete, a caminho do quarto em que dormia, que era contiguo.

Abriu a janella para lançar os olhos sobre o jardim. Quantas vezes nas Caldas se lembrara com penetrante saudade d'elle e da sua tranquillidade, a que associava o vulto de Emilia! Vinha do norte uma densa névoa que envolvia as arvores n'uma gaze humida e fresca, das magnolias rolavam gottas d'agua caindo descompassadas sobre as folhas seccas que juncavam a terra, e as

aguas rumorejavam sumindo-se nos sorvedouros que atravez da encosta as levavam aos ribeiros. Toda a voz humana se calava, só a natureza cantava o seu infindo e eterno canto.

N'aquella frescura Claudio procurava um balsamo, mas a inquietação abrazava-o, embalde o peito arquejante se dilatava nas auras matutinas. Esperava um somno tranquillo. Entre as nuvens de poeira que o tinham acompanhado ante-gozára o repouso no seu leito, no silencio do seu lar e na alegria de voltar em poucas horas a vêr Emilia; e o silencio não lhe trazia repouso e a frescura não lhe abrandava esse fogo estranho que lhe corria nas veias!

Mentira á sua mãe. Esse pensamento torturava-o. Nunca o tinha feito. Queria affastal-o, procurava motivos que lhe satisfizessem a consciencia. Mentira, é verdade, mas que mal resultava d'ahi? Não fôra só para occultar o seu amor por Emilia? E a quem interessava esse amor senão a elle, a elle só? Debalde! A razão não lograva dominar a dôr que estava ali, como um espinho, cravada no coração, penetrando cada vez mais fundo. Depois, Emilia... que lhe diria, que pensava ella?...

Lembrava todo o passado, os continuados passeios, as palestras intimas, a mutua confissão de todos os cuidados, de todos os bens e de todos os males da existencia de cada um. Muita vez se tinham referido á sua amizade mas nunca entre elles se fallára de amor.

Para Claudio essa illusão terminára. Sabia que a paixão o consumia. Havia de occultar-lh'a porque era uma offensa á sua honra e porque, se ella a adivinhasse, havia de repellil-o com a sua intemerata virtude.

É verdade que a mãe lhe dissera que Emilia tambem adoecera na sua ausencia... Mas não! Era impossivel! Não cabia na sua candura a sombra d'um pensamento criminoso. Criminoso?! Pois era crime o affecto entre duas almas irmãs e o desprezo do homem vil a que Emilia se achára ligada n'um momento infeliz? Convenção estúpida contra que a natureza protesta, frageis leis humanas que a vida deroga a cada instante, desmentindo-as e escarnecendo-as!

E todavia não podia libertar-se da duvida! A convicção não lhe empolgava o espirito. Mentira a sua mãe, havia de mentir-lhe todos os dias occultando-lhe o intimo do seu coração, fugiria de todos guardando o segredo de que córava, perseguido pelos phantasmas implacaveis da sua consciencia. A consciencia! Tambem o amor era crime? Que tinha elle com o que o mundo pensava?

Não fôra intencionalmente que procurara aquella mulher, não era seu direito,—lera-o nos livros, aprendera-o nos evangelhos da sciencia!—conquistar todos os bens que a sua força podesse alcançar? A vida era uma lucta. Gloria aos vencedores, vergonha aos vencidos! Queria a sua hora de luctador, queria a sua hora de triumpho, queria as palmas da victoria, elle que tão mal dispendera os primeiros annos da mocidade n'um timido recolhimento. Mas voltava uma onda de amargura... Não, não podia ser! E a honra de Emilia? e o seu nome? e os seus filhos? Que duvida! que angustia!...

Altas horas, adormeceu, prostrado d'este doloroso meditar. O somno foi breve; pela madrugada ergueu-se e desceu ao jardim.

O sol bebia os orvalhos da noite, uma branda aragem do norte varrera a névoa, no ceu azul corriam ligeiras, a perder-se no horisonte, pequenas nuvens alvas e leves. A natureza despertava para a vida, e no renascimento da luz Claudio colhia a sua parte de vigor.

A inquietação da noite fôra um desfilar de phantasmas que iam longe, como as nuvens para que levantava os olhos. Talvez a febre, o cansaço da jornada... Em poucas horas veria Emilia. Havia de occultar-lhe a tempestade por que passara, transformal-a em pura e candida amizade.

Fôra um erro, uma falta, ter mentido a sua mãe. Pezava-lhe ainda, magoava-o. Para o futuro, porém, não teria necessidade de a repetir porque na sua existencia nada haveria que precisasse occultar. Todas as attribuições dos ultimos dias passavam como um sonho mau, e ia seguindo pelas ruas do jardim na embriaguez do leve

perfume que as ultimas rosas espalhavam no ar, juncando a terra, desfolhadas e emmurchecidas pelo estio.

À beira do lago pendia d'um rochedo um jasmineiro; sobre as aguas boiavam as suas flores singelas e brancas. Debruçou-se, ajoelhado na terra e colheu um ramo. Era para Emilia.

Voltou a casa contente e almoçou com a mãe. Tinha dormido pouco, dizia-lhe, talvez excitado da jornada, mas sentia se bem, com bom apetite. O dr. Carvalho é que o aconselhara mal;—coitado! —de boa fé. O que elle precisava não eram banhos das Caldas, era estar em casa socegado com os seus livros e as suas flores. Ali sim, ali é que tinha saude.

A mãe applaudia: graças a Deus nunca precisara sair da aldeia senão para ir a Coimbra ou á Figueira, no S. João. Sempre assim vira fazer aos da sua condição. Agora é que tudo eram doenças e banhos de mar e remedios da botica. Muito dinheiro e pouco que fazer! Não sabia como essa gente governava o que era seu, a sair a cada instante, a casa sempre em mãos dos creados. Deus a livrasse de tal vida! Até tinha escrupulo...

Onze horas. Claudio levantou-se. Ia vêr o dr. Carvalho, explicava, passaria por casa de Emilia, e depois viria descansar. Tinha medo do calor, estava muito fraco.

Saiu e dirigiu-se a casa do dr. Carvalho.

O dr. Carvalho estava no escriptorio, de esporas, chicote na mão e chapéu na cabeça, ouvindo um cliente. Correu risonho de braços abertos para Claudio.

—Estava agora mesmo para ir a sua casa. Fui ao Amial que tenho lá uma mulhersinha com uma perniciosa,—e bem mal,—e ia vê-lo. Então como vae, diga-me cá? Que foi isso? Aqui ficamos todos muito surprehendidos ao dizerem-nos que tinha voltado. Foi o Martins, quando veiu ao chá, que trouxe a noticia. Ainda quiz ir

saber como tinha chegado mas estavam cá as Silvas e depois, quando ellas saíram, era tarde, já passava da meia noite.

—Isto não foi nada. Demorei-me um dia a conversar na Matta com o conselheiro Andrade, estava fresco,—ali nas Caldas ha para tarde um norte mesmo frio, e a bronchite aggravou-se. Tive uma febricula. O medico do hospital disse-me que devia suspender os banhos e, em vista d'isso, achei que o que tinha a fazer era vir-me embora. E fiz bem! Já esta noite dormi descansado.

—Em todo o caso, tenha cuidado. Eu acho o ainda palido e um bocadinho abatido. Deixe cá vêr esse pulso... Está bem, mas tenha cuidado, tenha cuidado. Nem mesmo devia sair com este calor.

—Não vou para longe; quero só visitar os amigos. D'aqui a pouco estou em casa.

A visita foi breve, Claudio contando rapidamente como se passava o tempo nas Caldas e o dr. Carvalho referindo o que se passára em Albergaria. Tudo muito desanimado com a falta de Claudio; até aos serões pouca gente tinha apparecido. A Emilia não saia, andava um pouco incommodada do estomago, o dr. Maia estava para a Beira, elle, Claudio, nas Caldas, o Ricardo sempre a caminho de Coimbra; só as Silvas e o reitor é que se conservaram firmes. Quasi nem havia parceiros para o quino.

Saindo de casa do dr. Carvalho, Claudio dirigiu-se á repartição de fazenda, á esquina da rua da Cruz.

O seu desejo era ir immediatamente a casa de Emilia, mas já desconfiado, procurando evitar toda a suspeita, com a astucia vulgar dos namorados que a ninguem illude senão áquelles mesmos que a usam, foi primeiro procurar o Ricardo para fazer crer que o interesse e a amizade se estendiam a toda a familia.

O Ricardo, mal o viu, levantou-se logo.

—Como está v. ex.^a tem passado bem? perguntou muito respeitoso, afastando a cadeira com ruído e atirando apressado o cigarro para o escarrador.

—Um pouco incommodado; foi por isso que voltei mais depressa.

E reeditou a velha história da Matta, da bronquite e do médico que só ao fim de vinte dias o deixava continuar a tomar banhos.

—Ora muito sinto, muito sinto, repetia Ricardo, procurando dar á voz uma intonação magoada.

—E em sua casa, a sr.^a D. Emilia e os pequenos como vão?

—Muito obrigado, os pequenos optimos, cada vez mais travessos; a Emilia é que não tem passado bem, com uma grande falta de appetite e muito fraca. O dr. Carvalho já lhe receitou uns granulos de quassina e de arseniato de strychnina, mas ella teimou em não tomar nada. Que está bem, que está bem, que não precisa remedios... Deus queira que não me dê ainda alguns trabalhos!

—Eu hei de ir vê-la, disse Claudio mostrando desprendimento mas intimamente ancioso.

—Olhe, deixei-a agora mesmo a costurar na sala. Fui a casa beber uma cerveja, que este calor mata-me! Nem posso trabalhar, tem-se me atrazado o serviço!...

Claudio aproveitou o ensejo.

—Não quero interrompê-lo por mais tempo, á noite conversaremos com vagar... Então, se me dá licença, vou ali vê-la sr.^a D. Emilia... Até logo...

—Não se incomode... dizia ainda para Ricardo que se dispunha a descer a escada e a acompanhá-lo até á porta.

Os poucos passos que medeavam entre a repartição de fazenda e a casa de Emilia foram para Claudio lentos e compassados.

Dominando os movimentos, por um esforço da vontade, julgava dominar a anciedade e porventura libertar-se assim da inquietação. Á porta bateu cautelosamente, o peito opprimido, suffocado de impaciencia. Lembrava-se da primeira vez que ali fôra. Tambem então estava ancioso, em alegres esperanças de conquista, e agora,—quanto caminho andado em tão breves dias!—ali estava novamente mas escravizado pela paixão, torturado de duvidas, turvado pela dôr.

A creada desceu, como de costume, abriu, e d'esta vez, sem hesitações, exclamou:

—Ah! o sr. dr. Claudio!... Faça favor de entrar. A sr.^a D. Emilia está na sala!

Claudio subiu. Entrou na sala, quando Emilia, já de pé, tendo ouvido a sua voz e apressando-se a deixar a costura, vinha ao seu encontro.

As mãos apertaram-se n'um movimento de franca e irreprimida alegria; n'um momento pareciam magicamente dissolvidas todas as duvidas e todas as dores.

Sentaram-se e a conversação começou precipitada, rapida. Sentiam-se ambos bem; á frescura da sala com as janellas semi-cerradas juntava se a frescura do espirito faiscante no contacto dos dois corações amorosos.

Para Claudio as Caldas eram uma estação deliciosa; as horas passavam se ligeiras em concertos, em bailes, em passeios, n'uma festa continuada de graça, de luxo e de elegancia. Lembrara se lá muitas vezes de Emilia. Como ella havia de apreciar aquelles dias que correspondiam tão bem á delicadeza da sua educação! O peor fôra a constipação que não o tinha deixado concluir o tratamento. Seria outro anno! Paciencia. Tambem tinha a compensação de se vêr na tranquillidade da sua casa.

Emilia estava um pouco surprehendida com a doença de Claudio. Só pelo jardineiro que trouxera o ramo de jasmins soubera do seu regresso, que o Ricardo, conforme velhos habitos, em casa só parava para dormir e comer, pouco fallava. Mas suppozera que se tinha aborrecido da vida e da gente que elle chamava ironicamente a gente fina, e por isso voltára ao ninho.

Ella, tambem, tinha passado mal, do calor, provavelmente; uma inapetencia e uma fraqueza que a não deixavam um instante. Não tinha saído de casa, nem uma só vez, depois que elle partira.

N'este ponto, a conversa esmoreceu e fez-se um momento de silencio. Claudio fitou Emilia, viu-a pallida, os olhos cavados, todo o viço minado pela paixão.

Perpassando-lhe pela mente, n'uma vertigem, a lembrança da torturante saudade que soffrera, arquejante de desejo, caiu de joelhos, e beijando-lhe as mãos que apertava nas suas convulsivamente:

—Emilia! Emilia! balbuciou com a face occulta no regaço.

Ella, muda de surpresa e entorpecida d'amor, mal tentou desembaraçar-se dos laços que a prendiam.

De repente, Claudio levantou-se, como n'um subito e apavorado despertar:

—Perdoe-me, perdoe-me pelo amor de Deus, disse para Emilia.

E tremulo, desvairado, correu a esconder-se em casa.

IV

Olhe, ahi vem o dr Carvalho que lhe póde contar alguma cousa, dizia o boticario para o recebedor, atirando os dados sobre a taboa do gamão.

—De quê? do calor? perguntava o Carvalho entrando. Tem sido de morrer. Esta manhã tive de ir a Sarnadas...

—Mas responda lá, é verdade ou não é?

—Respondo... mas hei-de saber primeiro o que me pergunta.

—É verdade que o Claudio vae todas as noites, á uma hora, para casa da D. Emilia enquanto o bebado do Ricardo está no melhor do seu somno?

—Ora...

—Ora!... Elles até já teem saído a passeiar! Ainda a semana passada umas mulheres, que iam ás tres horas da noite para a feira de Monteiros, os encontraram sentados lá em baixo, ao pé da fonte. Tambem agora só de noite... que de dia não se pára com calor.

—Eu acredito lá n'isso! Quando mesmo fosse verdade o que vocês querem dizer, ella ia deixar o marido, os filhos e a creada, e sair para fóra de casa! Bastava que um d'elles accordasse para a comprometter.

—Vê o doutor o Claudio por aqui?!... Metteu-se na toca como um rato dentro do queijo. É que arranjou coisa melhor que a nossa

companhia. E faz bem. Olhe que eu antes me queria com ella aos couces que com o nosso recebedor aos beijos. Não é peste nenhuma.

—Não sei... essas cousas são faceis de dizer. Vejo-os em minha casa todas as semanas, ainda não descobri n'elles signaes de namoro. Conversam, jogam e até ás vezes passam quasi toda a noite sem se aproximarem um do outro.

—Não que elles iam mesmo namorar-se para sua casa! Se não fallam um com o outro é porque andam entendidos. Para mim é mais uma razão. Que o doutor deve defendel-os... Tambem nos saiu bem bom...

—Adeus, adeus, que estão hoje com muito má lingua, apressou-se o Carvalho a dizer, fugindo com receio de que lhe fallassem na Silva que continuava a seguir, com boas esperanças de conquista.

Estavamos a este tempo em fins d'agosto, mez e meio depois que vimos Claudio saindo como um louco de casa de Emilia. De facto, retraira-se; com o pretexto nos seus estudos e na sua debil saude, fechara-se em casa e quasi ninguem o via. Entregara-se por completo ao drama da sua existencia.

Aquelle dia em que de volta das Caldas tinha ido vêr Emilia, ficára-lhe na lembrança. Fôra a hora mais cruel de toda a sua vida. Recordava-o a todo o instante, como se trouxesse cravado no peito um punhal que lhe rasgava as carnes a cada movimento.

A mãe estranhára-lhe a pallidez vendo-o entrar. Não era nada, resultado da fraqueza e do calor; ia dormir um pouco... Fechou-se no quarto, atirando-se para um sofá, succumbido de pavor. O que fôra? Que loucura o fizera ajoelhar aos pés de Emilia? O que pensaria ella? Perdel-a-ia, julgando-o um vulgar conquistador, ou começava uma vida d'amor? Que fizera dos seus propositos de amizade e da energia com que havia de dominar toda a paixão? Por outro lado, pensava, ella resistira frouxamente quando elle lhe apertou as mãos. Era pois verdade que o amava?

Um refrigerio se lhe derramava nas veias. E a mãe? Ai! mentira-lhe; tão cedo olvidára as torturas da noite! Não, não seria assim, não seria levado por uma hora de desvairamento. Havia de voltar a casa de Emilia, poderia agora abrir-lhe completamente a sua alma, fazer-lhe inteira confissão do seu amor, das suas duvidas e ella, se o amava,—era certo, era certo!—havia de querer, como elle, uma vida pura, uma vida sem macula, em que nenhum tivesse de córar nem perante o mundo, nem perante a propria consciencia.

A consciencia! Voltava esse estranho phantasma. Onde, em que livros, em que systemas aprendera a guiar-se por esse feitiço interior, onde vira provada a sua existencia? Imaginação doente! Não havia consciencia, não havia deveres deante de dois entes aproximados pelos impulsos do amor que os abrazava e confundia. Ah! pensasse baixinho... estava ali sua mãe, sentia-lhe os passos, vinha talvez escutar, saber se dormia. Não fosse adivinhar o que lhe passava pelo espirito e morrer na cruz de tamanha dôr! Que lhe dissera ella na estreita sala de Villalva, pelas noites de luar, ao pé do Christo? Lembrava-se agora! A consciencia, a consciencia!

Fôra alli que se lhe revelára essa apparição que o vigiava implacavelmente.

Havia de obedecer-lhe. Sentia um fremito de coragem que o erguia do abatimento e da duvida. Mas não!... Delirava.

Não eram escrupulos que o atormentavam, era o receio de perder o amor de Emilia, de se ter apartado para sempre do seu coração, ferindo-a na sua virtude. A que baixeza descera!

Não eram melhores os remorsos, a consciencia atribulada, que esta misera prisão á fragilidade d'uma mulher? Quem lhe dêra libertar-se! Porque não havia de o fazer? Para que voltaria a casa de Emilia? Cobardia! Havia de a insultar e fugir? Pediria primeiro o seu perdão,—ai! quanto lhe seria doce! depois... talvez, talvez...

E o seu espirito perdia-se n'um labyrintho e o coração vogava em ondas de dôr.

N'este martyrio passou todo o dia. Ao jantar queixou-se á mãe. Ainda não se sentia bom. Se fosse estar dois dias em Villalva, poderia fazer-lhe bem a mudança d'ares. No dia seguinte resolveria, conforme fosse a noite.

Interiormente, esta palavra fazia-o tremer. A noite! O que iria passar-se entre elle e Emilia? Contava uma a uma as horas que o aproximavam d'esse momento decisivo e, por mais doloroso que o imaginasse, apetecia-o.

Ás oito horas batia á porta da pequena casa da rua da Cruz. A custo subiu a escada; o corpo mortificado arrastava-se pesado e lento, banhado n'um frio suor d'agonia.

Mal entrou na sala, deixou-se cair sobre uma cadeira. Emilia estendeu-lhe a mão, silenciosa, mais pallida ainda do que elle a vira de manhã, com lagrimas de emoção a toldarem-lhe os olhos. Claudio olhou em volta. Estavam sós. Podia fallar.

—Por certo me terá julgado severamente, mas se quizer fazer-me a esmola de me ouvir,—é uma esmola,—ha-de perdoar-me.

—Não tenho que lhe perdoar, interrompeu ella tremendo, escusa de me dizer cousa alguma, sei muito bem o que se passa no seu espirito... Eu é que sou infeliz!

E as lagrimas desprenderam-se-lhe pelas faces.

Fez-se uma longa pausa e a conversação continuou.

N'esta mutua confissão em que o amor desabrochava, sentiam-se ambos bem; partiram-se as cadeias que os prendiam n'um mutismo oppressivo e as palavras voaram como um bando de rolas soltas á luz por uma alegre madrugada.

Claudio podia contar todos os soffrimentos por que passára e Emilia responder-lhe, descobrindo a seu turno o intimo do seu peito.

Tambem ella tinha soffrido muito ao vêr crescer esta affeição. Chamava-lhe assim, repugnava-lhe a palavra amor em que sentia mais de perto a quebra da fidelidade conjugal.

O adulterio repugnava-lhe, invocava para o repellir o dever e a religião, sem todavia sentir a profundidade d'aquellas obrigações.

Repugnava-lhe porque era feio, era de mau gosto, contradizia os preceitos da sua educação e não cabia no convencionalismo estreito que era toda a sua regra moral, vasia de sentimento.

Envergonhar-se-ia de ser infiel ao marido pelas mesmas razões que a levavam a passar noites crueis procurando tirar dos seus farrapos trajos elegantes, para competir com a gente fina cujas relações frequentava.

Claudio ouvia e applaudia, penetrado de admiração perante tão sublime virtude, ingenuamente julgando ter encontrado par ás suas duvidas e atribulações, onde de facto só havia um fragil simulacro de grandeza moral.

Esta noite, que se annunciára tormentosa, derramava em ambos os amantes uma tranquillidade profunda.

Tudo agora ficava determinado d'uma vez para sempre.

Perdoada a falta de Claudio, que se punha á conta do arrebatamento produzido pela presença de Emilia ao fim de tantos dias de saudade, quebrada toda a repressão dos sentimentos intimos, podia assim reconhecer sem remorsos o seu mutuo affecto todo impregnado de respeito.

Seriam como irmãos; elle com a sua amizade trazer-lhe-ia lenitivo á tristeza da infelicidade conjugal, aconselhando-a, guiando-a e amparando-a pela presença d'um coração fiel, ella havia de banir a aridez das horas de estudo de Claudio pelas graças do seu espirito. A vida tornava-se perfeita.

O encontro d'aquellas duas almas fôra um bem providencial para ambos, perdida uma em busca de carinhos, perdida outra na desventura d'um destino amargo.

Duvidas, saudades, hesitações, tudo se dissipava nas brizas propicias do amor triumphante. O espirito vergou-se ao sentimento e acceitou, sem perplexidade nem confusão, esse flamejar de desejos, tomando-o por uma aurora luminosa e serena.

Claudio entrou no seu palacio, fatigado mas alegre, a refazer-se n'um somno povoado de venturas. No dia seguinte podia dizer á sua mãe:—Graças a Deus, estou melhor;—e ella veria contente, como a benção das suas orações, a vida e o rubor voltar ao rosto do filho.

Pela calma do estio as flores beberiam o viço nos regatos e a natureza havia de povoar-se de vozes harmoniosas e clementes, cantando em côro com os amantes felizes.

Era boa occasião de voltar ao estudo, satisfeitas as vagas aspirações sentimentaes que nunca deixavam de o seguir. Tinha o affecto da mãe e de Emilia. Que mais precisava? Devia mesmo romper com perniciosos habitos de ociosidade provinciana, gastando-se a inquirir das intrigas do soalheiro e expondo-se a ouvir, com a brutal liberdade da gente rude, allusões ás suas relações com Emilia que outros poderiam interpretar injustamente. Por isso deixára de frequentar a botica, armado para uma vida de pureza e de saber. Na seccura das suas preocupações racionalistas infiltrava-se um desconhecido fermento de poesia cujos primeiros e rapidos movimentos lhe davam a illusão da felicidade.

D'essa illusão partilhava Emilia, e para ella era completa. Rapidamente esquecera o dia em que Claudio voltára das Caldas; na sua leviandade mulheril, entregava-se sem reservas ao prazer da hora presente.

Ella, tão pobre de carinhos, abandonada do marido que cada vez mais se entregava aos seus vicios, sentia como uma infinita suavidade a nova atmospheria de affecto que a envolvia. Já não

havia dores que fossem unicamente suas, já não havia cuidados que não tivessem confidente, afflicção que não tivesse soccorro. A imagem de Claudio entranhava-se-lhe no coração como o supremo bem e sabedoria. Era bello tudo o que elle amava, era bom quanto elle julgava bom. Deixára de a tentar o ruido das festas, a vã agitação por que algum tempo suspirava, para esquecer as mágoas; a natureza e o seu silencio ou os seus mysteriosos murmurios diziam-lhe agora mais que todos os artificios que com delicia lhe deslumbravam os olhos.

Para elle, ainda não chegára a hora de inteira tranquillidade. Estava bem, não havia remorso que lhe pesasse, poderia confessar toda a sua vida. Mas não a confessava. Porque? Não era tão puro, tão casto o seu amor por Emilia? Não córava elle lembrando-se que algum dia pensára em fazer d'ella sua amante? Não estava resgatada essa affronta, que nunca communicára a ninguem, pelo respeito com que agora a idealisava, santificando-a e adorando-a como martyr? Embora!

Não ousava fallar de Emilia, temia que alguém manchasse com ruins desconfianças este amor immaculado. Nem á sua mãe o confessava; na ingenuidade do seu pensamento condemnaria talvez o affecto por uma mulher casada e não poderia comprehender a isenção do filho.

Por isso se calava, por isso fugia d'antigos companheiros com que francamente ria de amorosas aventuras picarescas, arrastando dentro de si, como um pendulo que oscilla e mortifica, esta constante reserva e o temor do que elle julgaria injustiça. A sua vida era feliz, mas apertava-se dolorosamente, cercada de phantasmas.

N'este idyllio se consummiram quatro mezes. Claudio frequentava pouco a casa de Emilia, sempre perseguido d'uma vaga suspeita do naufragio da honra da sua amada.

Encontrava-a em casa do dr. Carvalho uma vez cada semana, via-a na egreja, acompanhava-a nos seus breves passeios. Só de longe em longe a procurava na rua da Cruz, contando os dias, para

que a frequencia se não tornasse notada da vizinhança. Inutil cuidado; o cynismo vulgar, melhor inspirado do que o idealismo poetico, não se illudia sobre a realidade, satanicamente commentava a familiaridade e sorria.

Uma tarde, nos primeiros dias de dezembro, á hora em que o sol ia baixando e um frio sereno e humido annunciava os gelos da noite, Claudio entrava na villa, regressando d'um passeio a Palhares, com Emilia, com as Silvas, a mulher do dr. Carvalho e o Maia.

Este, tendo partido um casamento rico que tentára na Beira, voltava-se agora com mais insistencia para a Silva, tanto mais que lhe haviam dito que ellas tinham em Monteiros um tio rico de quem seriam herdeiras.

Averiguára pelo juiz que lá estava, um seu parente, e viera a saber que o homem era realmente rico; pagava uns noventa mil réis de contribuição predial, tinha bastante dinheiro a juro, fóra um bom mealheiro que guardava em casa, como grande avaro que era. Não constava que tivesse testamento, nem o faria porque isso lhe repugnava. Os unicos herdeiros eram as sobrinhas.

A herança devia estar para breve. Elle contava setenta e quatro annos, já o anno passado tinha tido um antrax que o pozera ás portas da morte, e os medicos diziam que não podia ir longe; havia desordens no funcionamento dos rins, perigosas e incuraveis.

A duvida era uma unica: este homem tinha um filho natural d'uma creada, mas nunca o reconhecera, correndo-o com uma bengala uma vez que o pequenito, por conselho da mãe, lhe pedira a benção no meio da rua.

Pretendia que elle fosse filho d'um creado, com quem a rapariga tivera amores, mas, para maior segurança, quando o rapaz tinha quatorze annos, mandou-o para o Brazil. Sabia-se que elle vivia e que de lá soccorria a mãe, a quem o velho abandonára na miseria.

O Maia, porém, não se assustava com isto; já conhecia alguns casos mal parados de investigação de paternidade illegitima que o affoittavam, quasi se sentia tentado com a demanda para dar largas á sua actividade profissional, e conhecia o processo por que ordinariamente estes terminam casos.

O rapaz não tinha dinheiro para custear o pleito e viria a uma conciliação, contentando-se com uns magros contos de reis.

Na verdade, esse grupo que vinha estrada acima cantando louvores á natureza,—a tarde estava lindissima! não se cansavam de repetir,—cuidava apenas de amores.

O Maia procurava mulher e fortuna; Claudio contemplava a sua Emilia; a Silva, a mais velha, que dizia agora que não se queria casar porque não estava para aturar homens,—queria a sua independencia!—a cada instante olhava para traz, a vêr se descobria o dr. Carvalho que tinha ido á Varzea visitar os doentes, e a mulher do Carvalho, que andava muito inflamada em ciumes, vinha guardando a amante do marido.

Pararam na praça. Havia alli um grande ajuntamento, em volta d'um trapezio erguido no meio da calçada e tapetado em baixo com immundos farrapos.

No trapezio estava sentado um homem magro, as faces cavadas, vestido d'uma desbotada malha côr de rosa, calçado de cothurnos brancos; em baixo, de pé, uma mulher, tambem vestida côr de rosa, saia curta, coberta de lantejoulas que se estendiam em arabescos pelos hombros, levantava do chão uma creancita magra, longos cabellos louros e olhos azues, e arremessava-a ao homem do trapezio. A creancita, voltando-se no ar, soltava um grito agudo e o homem recebia-a nos braços.

Claudio voltou-se constrangido, para não presenciar este quadro de miseria, e, ao lado d'elle, uma rapariga do povo, que era linda, voltou as costas tambem.

—Credo, Virgem Nossa Senhora, nem quero vêr! disse ella.

—Eu tambem não gósto, respondeu Claudio.

—Quem ha-de gostar de vêr o innocentinho alli aos trambolhões?! Até parece que o desmancham.

—São modos de vida. A fome tudo póde.

—Antes pedir esmola.

E trocaram ainda mais umas breves palavras, com uma subita sympathia tirada da mesma compaixão.

O dr. Carvalho não tardou a chegar, risonho e animado.

—Vamos para casa, disse para a Silva, antes que se faça noite, que lhe quero dar um ramo de violetas como ha muito não vê. Tenho-as lá magnificas. Deu-m'as o jardineiro da condessa de Albergaria. Uma maravilha!

A mulher do Carvalho córou, e lá seguiram todos a caminho do jardim.

Claudio acompanhou-os até á porta e voltou a casa, para não mais sair n'aquelle dia. Emilia ia taciturna.

—Tão calada? perguntou Claudio.

—Estou com frio.

—Deus queira que não lhe vá fazer mal.

E separaram-se.

No dia seguinte, á tarde, Claudio foi á rua da Cruz saber de Emilia.

Com grande surpresa, appareceu-lhe Ricardo, dizendo que a mulher estava muito incommodada desde a vespera.

Logo ao chegar a casa, fôra atacada de vomitos; desde então nunca mais a tinha deixado uma violenta dôr de cabeça.

—Até chorava, dizia o Ricardo.

Tinha querido chamar o medico, mas ella toda se exaltára com a lembrança, dizendo que isso ainda lhe fazia peor, que nunca se chamou um medico por uma dôr de cabeça e que o maior beneficio que lhe podiam fazer era deixal-a só, em paz e socego.

Claudio ficou no maior desalento. Evidentemente, tratava-se d'uma doença grave, para que Emilia não fizesse o esforço de se levantar do leito e vir vel-o quando não podia ignorar que elle ali estava. O seu primeiro impulso foi instar pela assistencia d'um medico, mas depois, reflectindo, receiava contrarial-a e aggravar o mal. Resolvio esperar mais vinte e quatro horas que antecipadamente sabia serem de agitação.

A noite foi afflictiva. A possibilidade da morte de Emilia perseguia-o como um espectro, povoando-lhe a escuridão de visões tenebrosas. O despontar do dia, porém, alliviou-o; dissipava os sonhos, parecia dar-lhe consciencia mais nitida da realidade. Não seria cousa grave! A sua imaginação é que tinha certa tendencia a representar-lhe o peor. Até poderia ser que áquella hora tudo estivesse passado! O que o preocupava agora era determinar a hora de ir vêr Emilia.

Preferiria a tarde para não mostrar excessivo cuidado. Oh! Senhor, que vida! Não ter a liberdade de confessar os seus sentimentos, sempre em continuados temores, fugindo como um criminoso... E não o era!

Mas não podia esperar tanto. Sete horas da manhã!... Teria ainda dez horas. Impossivel. Iria depois de almoço. Que lhe importava o que podessem dizer. Ia ás occultas, porventura?...

Era meio dia quando chegou á rua da Cruz. Á creada perguntou por Emilia. Estava melhor, já se levantára, até de manhã descera um bocadinho ao jardim.

Subiu ligeiro e contente, alliviado d'um grande peso; entrou na sala que estava deserta, Emilia tardava e por certo já lhe tinha ouvido a voz... Era singular! Ella que sempre corria para elle tão pressurosa...

Decorreram longos minutos, Emilia aproximava-se a passos lentos, compassados, parando a meio do corredor, para dar á creada umas ultimas ordens. Claudio esperava-a de pé, frenetico, movendo-se nos dois passos que medeavam entre a meza e o sofá.

De repente, perpassara-lhe pelo corpo um frio de terror. Emilia vinha para elle com aquella mesma pallidez caracteristica que já um dia lhe conhecera e em que só os seus grandes olhos ficavam boiando como pharoes, em braza, n'uma toalha alva e mate, orlada ricamente pelos mais finos cabellos.

—O que tem? perguntou Claudio afflicto, prendendo-lhe a mão. Estranho-a.

—Não sei, respondeu ella pausada e desprendidamente. Foi apenas uma dôr de cabeça, um pouco mais violenta do que as que costume ter. Antes fosse uma doença grave! Que faço eu n'este mundo?!...

—Não seja injusta nem cruel com os que a estimam. Se soubesse o que eu tenho soffrido ha algumas horas...

—Não vale a pena. Que falta lhe podia fazer? Haveria muita rapariga fresca e nova que o cubiçasse. Conheço-me. Olhe: ainda ante-hontem vimos uma bem bonita na praça, aquella que esteve ao pé de nós. Não lhe pareceu?

Claudio só então comprehendeu que Emilia ardia em ciume. Correu-lhe o sangue ao coração, seccaram-se-lhe os labios e, como

uma féra precipitando-se sobre a preza, lançou os braços em torno da cintura de Emilia, beijando-lhe as faces em convulsões de desejo.

—Claudio, Claudio, exclamou ella, tentando libertar-se, endoideceu?

—Não, não endoideci, respondeu elle tremulo e o rosto congestionado. A culpa é sua, unicamente sua. Fica assim convencida do meu amor?

Já não era o timido que nós viramos soluçante, implorando perdão, por uma calma noite de julho. A cubiça e uma instinctiva mas plena certeza de dominio tornavam-n'o arrogante e despotico. E Emilia obedecia, defendendo-se frouxamente com o temor do escandalo e da sua vergonha, inconscientemente dominada por um ardor de paixão que a fazia acceitar como boas as razões que o amante arditamente inventava para a levar a quanto lhe apetecia.

Não valia a religião nem o dever; a culpa era do destino que, tendo-lhe dado um marido repellente e sordido, lhe deparava agora uma alma irmã da sua.

Claudio voltava a casa agitado de contentamento. Todos os escrupulos, todas as preocupações se baniram ao alento d'aquelle corpo que tivera nos braços, ao contacto d'aquella face cuja impressão sentia ainda nos labios.

A animalidade vencia, a satisfação da carne punha em debandada os terrores da alma transformando-os em deliciosas e captivantes esperanças. Voltaria á rua da Cruz no dia seguinte, á mesma hora, quando Ricardo estivesse na repartição e os filhos na escola. Sequioso dos beijos de Emilia, todo se entregava a essa cubiça absorvente.

Eil-o novamente vagueando entre as flores, n'esse jardim que fôra e seria ainda o theatro das suas inquietações, esperando o bater do

meio dia como cavallo fogoso escarvando a terra e mascando o freio, a orelha fita ao toque do clarim que marcará a partida.

Quem lh'a déra ali, por essa tarde de dezembro em que o sol tão brandamente penetrava a terra passando entre os troncos nus das arvores desfolhadas pelo inverno! Iria colher violetas á sombra dos cedros e a meiguice dos seus beijos havia de confundir-se com o perfume subtil e inebriante, o amor a adejar na luz pallida e cariciosa.

Onde estavam as dolorosas duvidas de ha pouco, onde o respeito pela sua amada que havia de pôr no sacrario a que não chegariam as palpitações da concupiscencia impura? Sonhos vãos, vãos propositos! Nem d'isso já se lembrava! Varrera-lh'o da lembrança a chama em que todo o seu ser ardia n'uma transformação gloriosa.

Com que alegria subiu á sala de Emilia!... Mas Emilia vinha triste, os olhos macerados, mysteriosa, perseguida d'um pavôr que nem o anseio de vêr o amante podia dissipar. Não se assustasse Claudio... Ricardo desconfiára, estranhára as visitas áquella hora, ameaçára-a. Tudo porém se poderia arranjar, ella lhe mandaria dizer quando e onde se poderiam encontrar. Depois lhe contaria pausadamente como isso se passára; não se demorasse, saísse quanto antes. Que não se affligisse, ella era a mesma. E abraçaram-se.

Claudio voltou a casa; todo o seu peito entoava hymnos de triumpho. Era sua! A certeza do amor de Emilia vencia todas as atribulações e resgatava todas as dores passadas. O ardor da paixão e a coragem confundiam-se n'um só fogo, impetuoso, subindo para os céos, á serenidade olympica do amor victorioso.

Na mesma tarde d'este dia em que tivéra o primeiro annuncio da desconfiança de Ricardo, Claudio recebeu uma carta de Emilia.

O marido partira para Coimbra e ella pedia-lhe que viesse, ás dez horas da noite, a uma pequena capella abandonada que ficava junto á casa, na rua da Cruz, e que com ella tinha communição interior.

Entregaram a carta a Claudio na presença da mãe, no fim do jantar. Teve de mentir. Disse que era do prior de Villa Nova, a pedir-lhe que fosse lá á noite. Estava com um ataque de gotta e não podia sair.

—Foi-se metter na eleição da junta de parochia e agora ha-de querer que eu lhe dê os votos de Villalva!...

Para se conformar com o que disséra á mãe, saiu ás oito horas. Não era verosimil ir procurar um velho, n'uma aldeia, ás dez horas da noite. E ainda, para retardar a partida, foi preciso inventar uma carta longa a escrever, inaddiavel, que justificasse a permanencia em casa.

Seguiria pela estrada acima, caminho de Villa Nova, e voltaria torneando a villa, a entrar na rua que o levaria em direitura a casa de Emilia; mas, quando chegou ao extremo da villa, eram apenas oito horas e um quarto. Que fazer? Impossivel dirigir-se já á capella; poderiam vê-lo e comprometteria Emilia.

Seguiu para deante. Foi sentar-se n'um lugar deserto, á beira do caminho, sobre o parapeito d'um aqueducto, esperando.

Accordava agora do desvario sensual em que todo o dia andara arrastado; a treva, a fadiga, o silencio, o isolamento e a immobildade forçada despertavam-lhe a consciencia. Era um crime o que ia fazer? Não era; a paixão convencia-o da propria innocencia. A ninguem prejudicava, nem mesmo a Ricardo que fôra o primeiro a abandonar a mulher. Não a roubava aos filhos, para que havia de privar-se do seu amor? Este mundo é uma conquista; queria a sua parte. Mas porque então este sentimento d'amargura á hora em que ia satisfazer-se a sua maior ambição? Mentia e a mentira repugnava-lhe.

Não vira elle o que lhe acontecera com a mãe ao receber a carta? Mentira! Era a voz que sentia echoar pelos despidos cerros dos montes e pelas sombras do olivedo nos valles. Mentira! Mentira!... Olhava em torno. Viria alguém?... Que importava? Quem o sabia?

Oh! não, tinha-o escripto na fronte, illuminada por uma luz de remorso. Fôra loucura... Porque não fugiu, porque não se affastou para longe a primeira vez que encontrara Emilia? Emilia!... Quanto soffreria ella tambem?!... Devia-lhe amparo, fôra elle que a tentara na paz da sua virtude, fôra elle que lhe derramara no sangue, como um veneno, aquella pallidez com que a vira nas horas de soffrimento e que se lhe gravaria nos olhos para sempre.

Queria vê-la, queria abraçá-la,—fortuna suprema! E o amor e a compaixão casavam-se na mesma anciedade.

Finalmente, ás dez horas, abriu-se a porta da capella da rua da Cruz. Claudio não a conhecia.

Foi preciso que Emilia o guiasse na escuridão, apenas cortada pela escassa luz que vinha da porta lateral que abria sobre os campos e dava passagem para um alpendre da casa de Ricardo.

A capella estava abandonada; servia apenas de palheiro e arrecadação de alfaías de lavoura. Iam sentar-se no degrau do altarmór, unica elevação que havia no pavimento lageado e raso.

—Tambem alli está um confissionario velho, disse Emilia, mas só tem um assento, o do padre.

—Leva-me lá, respondeu Claudio, quero ajoelhar aos teus pés e pedir-te perdão das minhas faltas.

—As suas faltas!...

—Suas?... Não me chames assim. Parece que me affastas.

Ella sentou-se e Claudio ajoelhou. Estava tremulo e frio, gelado pelas longas horas de espera na estrada deserta e mortificado pelas angustiosas cogitações em que o lançavam as luctas interiores da paixão, as contradições do dever e do desejo, da realidade cynica e das aspirações ideaes. Caíra como prostrado, mudo de emoção,

esmagado de duvidas em que a amargura e o contentamento se confundiam n'uma mesma vibração.

Ella sentou-se e Claudio ajoelhou.

Ella estava serena, na simplicidade do amor apartado das complicações d'uma consciencia intelligente e timida. Estava nos braços do amante, que lhe envolviam a cintura, ninguém o sabia, e esta ultima circumstancia bastava a tranquillisal-a. Não havia duvidas intimas; tudo se reduzia a convenções mundanas que, illudidas ou compridas, ficavam sempre igualmente satisfeitas.

Pouco e pouco, Claudio reanimou-se no alento da amante. A sensibilidade vencia. E tarde, pela noite calada, recolhia a casa n'uma plenitude de vida e de contentamento que ha muito lhe era desconhecida.

A sua existencia tornára-se completa, julgava elle com a fé mais firme; ia entrar n'um periodo de fecunda e longa tranquillidade. Considerava-se unido para sempre a Emilia no mais puro hymeneu, ella era a legitima esposa do seu corpo e da sua alma, a que devia fidelidade que do coração lhe votava. Quizera o destino, por um capricho cruel, que essa mulher vivesse separada d'elle, n'uma vida de privações e de penas, mas esse facto não enfraquecia nem prejudicava a união. Pelo contrario, sublimava-a, introduzindo-lhe elementos moraes de paciencia e resignação que inflamavam os amantes pela lucta perpetua.

Restava a Claudio dispôr as cousas externas conforme as novas condições da sua existencia.

Para illudir a mãe, faria um pequeno gabinete, em baixo, ao pé do jardim, em que passaria as noites, sem ninguém o sentir. Iria á rua da Cruz nos dias em que Ricardo fosse a Coimbra, repetiria quanto possivel os passeios e jornadas que o affastasem de Albergaria,—convinha ao bom nome de Emilia, cuja honra se lhe afigurava immaculada,—e evitaria mesmo frequentar a casa do dr. Carvalho com a assiduidade que até então usára. Voltaria a completar os

seus estudos que d'esta vez tinham todas as condições de proseguir até ao fim, satisfeito o corpo e envolvido o espirito n'uma atmospha de poesia. Assim seria a sua vida até á hora derradeira em que queria morrer os olhos fitos n'essa imagem que era o sangue do seu sangue, a sua razão de ser.

N'este novo caminho, em que affoitamente entrou, deu aos seus estudos uma nova direcção. Era necessario resolver o problema moral, que ha tantos mezes o inquietava, era necessario pôr de harmonia a razão e o sentimento, descobrir os motivos que haviam de justificar plenamente a sua existencia e banir todas as duvidas que o turvavam.

Na verdade, a sciencia nada lhe dissera. As leis da lucta pela vida e do transformismo nunca lhe podéram explicar nem porque era doloroso mentir a sua mãe nem por que motivo havia de occultar os seus amores com Emilia. Conveniencias sociaes? Mas então os instinctos naturaes não são o melhor juiz dessas conveniencias e não conduzem á perfeição final? E, se assim não é, se ha parallelamente outras leis, quaes são, em que se fundam, que princípio as sanciona, como e em que modificam as primeiras?

Evidentemente, a sciencia era incompleta; nada lhe dizia sobre aquillo que mais o interessava e mostrava-se incapaz de lhe offerecer tranquillidade. Porque era verdade que vivia inquieto.

Voltava-se para os livros de religião e de moral. Devia haver uma outra sciencia. Lia Epicteto, Marco Aurelio, os padres da Egreja e, entre os modernos, Renan, Amiel e Tolstoi. A vida seria, nas palavras d'estes, o desprezo do mundo e da carne, a conformidade com o destino, a exaltação no amor e na humildade. Os primeiros serão os ultimos e os ultimos serão os primeiros. N'este mundo, todos somos irmãos. «Irmãos, amae-vos uns aos outros!» As palavras do evangelista tornavam-se uma obsessão.

Se assim era, que crimes eram os seus, na occiosidade, na traição e na mentira! Dominava-o um impulso de arrependimento. N'uma tragedia intima, repetia: Pequei! Esquecia a sciencia. O corpo

e os seus apetites não eram uma realidade também? Sim, de certo, mas melhores seriam as privações do que a tortura d'aquella vida sem repouso...

N'este drama, passou cerca de dois annos. Aos olhos dos estranhos, a quem os amores escandalosos, por muito continuados, se tornaram indifferentes, a tranquillidade parecia perfeita. De facto, nenhum obstaculo de natureza material existia.

A mãe de Claudio não se julgava no direito de pôr estorvos á sua vontade, desde a morte do marido; nos seus inveterados habitos de servir e obedecer, considerava o filho o seu senhor. O Ricardo, ou fosse ignorancia, aliás nada provavel, dos amores da mulher, ou fosse um cynico interesse na amisade de Claudio de quem sempre esperava protecção e com cuja bolsa contava para os momentos difficeis, amiudando e prolongando as suas noites de Coimbra em casa da amante, acabára por deixar Emilia n'um desaforo que lhe permittia longas horas do mais repousado amor.

Os tormentos vinham da consciencia. Claudio não encontrava solução moral que importasse justificação plena do seu viver. A duvida e a inquietação eram constantes, permanentes; cavavam-lhe na alma abysmos de mysterio, perante os quaes a todo o instante tremia e se apavorava. O mais pequeno incidente revolvía toda essa vasa que o suffocava, um dia de ciumes de Emilia, a suspeita de que o tinham visto entrar na capella, um gesto, uma palavra de sua mãe, condemnando os desvarios do adulterio.

Por outro lado, Emilia descia aos seus olhos. Saciados os apetites que as graças do seu corpo despertaram, via em plena nudez a inanidade do seu pensamento moral.

Instinctivamente boa e simples, amando Claudio ingenuamente com o affecto caracteristico das mulheres apaixonadas, era todavia incapaz de se elevar á comprehensão das duvidas que o agitavam; e ella, que se sentia contente com a sua sorte, não percebia que o amante pudesse, sem reservas, deixar de partilhar o seu contentamento.

Presentiram o juízo que o publico formava das suas relações? Adivinhavam-n'o, e até se esforçavam por lhe tirar toda a apparencia de razão; mas viera tão cedo e em tal calor de paixão que não constituiria mais que um passageiro desgosto com que ambos em breve e facilmente se conformáram. Que tinham os outros com a sua vida? Olhassem para si que teriam bem de que fallar. Que fazia o Carvalho sempre de braço dado com a Silva? E a outra não ia casar com o Maia? Uma miseria! Só por causa da fortuna.

Era sabido que ella na Figueira tinha namorado um rapaz de Lisboa que lhe vinha fallar ao terraço, á uma hora da noite.

Um dia, na primavera, exactamente tres annos depois que conhecera Emilia, Claudio recebeu uma carta de seu amigo Jorge de Castro, annunciando-lhe uma proxima visita.

Visto que elle, Claudio, se metter a ermita, resolvia o Jorge ir abraçar-o; que preparasse os cavallo, queria visitar todas as aldeias suas conhecidas, que a visita não era só para elle, era tambem para aquelles montes de que se lembrava com saudades.

A carta respirava uma grande alegria, denunciando uma natureza sã, vigorosa. Claudio leu-a com tristeza. Porque não havia elle de viver assim contente?... Scismava. Talvez o Jorge lhe revelasse o segredo d'aquella fortuna.

Respondeu lhe immediatamente. Exultava. Os cavallo estavam promptos, tinha-os n'aquelle momento ligeiros como gamos, do campo de Coimbra. Traçava já varios passeios, em Albergaria e em Villalva onde lhe queria mostrar os jardins que créara no meio de rochedos. Promettia-lhe mais varios regalos da mesa provinciana, que o amigo apreciava, bons patos com arroz, uma preciosa vitella vinda da serra e vinhos da varzea de Villar que não os havia melhores. Que viesse quanto antes. Até precisava muito conversar com elle, accrescentava laconicamente.

—Até precisava muito conversar com elle... repetiu Jorge, lendo a carta na presença da mulher. É capaz de querer casar. Que pateta! Aos vinte oito annos, quando tem uma fortuna boa e todos os prazeres ao seu alcance... Eu, se agora me visse solteiro, não me casava antes dos quarenta annos. É muito bom, mas uma prisão...

Claudio veio esperar o amigo a S. Braz, por uma tarde serena, o ceu limpo e azul, os campos rebrilhando de reflexos multicores.

—Oh! que magnifico sol! disse Jorge ao apear-se, depois de abraçar Claudio. Com um tempo assim, até os inimigos se podem visitar.

E encaminharam-se para a carruagem.

Todo o caminho se dispendeu no exame dos cavallos e na apreciação da paysagem. Jorge ia maravilhado. Que vigor, que frescura! Aquillo devia fazer mal... Era lethifero. Dava vontade de fechar os olhos e adormecer por alli, á beira dos comoros toucados de madre-silva e de giesta. Uma natureza assim desmoralisava. Por isso Claudio se quedára n'aquella apathia. Estava encantado. E ria, sem de longe imaginar a dolorosa ferida que tocava.

Ás cinco horas da manhã do dia seguinte, Jorge passeiava no jardim esperando que Claudio despertasse. Este não tardou.

—Ainda bem! exclamou Jorge. Até é peccado dormir por uma manhã d'estas.

Em volta, a vida era d'uma intensidade extrema, n'um turbilhão alegre e scintillante, de murmurios de regatos, tremulas manchas d'um sol benigno, gorgeios d'aves, perfumes de lilazes, de rosas e cylindras.

—Vives aqui muito bem, disse Jorge, sentando-se n'um banco de pedra, á sombra dos loureiros, em frente d'um platano magestoso, opulentamente curvado sobre o tanque em cujas aguas os seus ramos vogavam.

—Não tão bem como te parece!

Contou então todo o drama da sua vida; o primeiro encontro com Emilia, a leviandade com que se lançára na sua conquista, o amor sincero e a paixão que d'ahi resultára, a angustia em que vivia n'uma vida de constante mentira, as tentações que tinha de pôr termo a essas torturas, o receio e a compaixão pela infelicidade da amante, sempre que se lembrava d'uma separação. No fundo, sentia-se torturado de arrependimento e remorsos; a sua felicidade, tão cubiçada dos estranhos que o julgavam satisfeito e impenitente, reduzia-se a uma cruelíssima agonia.

Jorge desconhecia essas situações. Casára cedo, por casualidade, cedendo a uma inclinação natural, sem maior esforço da vontade. Não dizia que o casamento fosse bom nem mau; elle tinha-se dado bem e louvava a Deus por o ter feito, pois sabia d'outros casos semelhantes ao de Claudio e todos tinham mau fim.

Lembrava: o Cabral, um companheiro da Universidade, apaixonou-se pela mulher d'um amigo e suicidou-se. O Nogueira, um bom rapaz mas um sceptico, começou a namorar a mulher d'um visinho,—brincadeira!—e a mulher toma o caso a sério, abandona o marido e vem metter-se-lhe em casa. E ahi estava o pobre desgraçado preso provavelmente para toda a vida. Estes eram casos recentes, mas outros aconteciam a cada passo. Elle fugia d'isso. Era quasi ridicula tanta felicidade conjugal, bem o sabia, mas ao menos que descanso!...

De resto, Jorge não se atrevia a aconselhar qualquer resolução. O tempo a indicaria. Era sempre uma loucura querer substituir inteiramente o destino e a sorte pelas inspirações da vontade. Parecia-lhe até uma falta de humildade, desmedido orgulho. Demais, o peccado não era grande. Tinha amores com uma mulher casada cujo marido a deixava a cada momento por uma amante?... De quem era a culpa? As cousas do mundo não se podiam tomar todas em casos de consciencia. No bom senso vulgar havia muito de razão e justiça.

Pensava Claudio que, se amanhã fosse á pharmacia e contasse aos companheiros d'outro tempo o que lhe succedia, alguém tomaria a serio as suas duvidas? Todos se ririam. Ridiculo, n'aquella comedia, só o Ricardo. Era a boa tradição e, quem sabe? talvez a boa regra. Afinal, o amante era vencedor. Por conseguinte, dormisse descansado e levasse as cousas alegremente. O tempo, o tempo lhe diria o que tinha a fazer. Não havia de tardar... que aquelle viver aborrecia.

Jorge voltou a Lisboa sem deixar no espirito de Claudio outra impressão, além da tristeza em que caia comparando-se com elle.

Aquelle sim, aquelle soubera viver! Voltava a casa aos braços da mulher e dos filhos, a um ninho de caricias e de affectos de que abertamente e tranquillamente podia fartar-se, isento de toda a duvida, livre de todo o remorso.

Porque não fizera elle o mesmo? Porque se lançára n'uns amores que a consciencia lhe condemnava, fossem quaes fossem as razões que o espirito buscasse para os legitimar? E porque não havia de emendar-se? Porque não havia de converter Emilia ao dever, como elle mesmo se tinha convertido? Ella seria então a primeira a desejar o seu casamento, a desejar vê-lo emendado d'uma vida de mentira, olvidando o passado, que pelas suas amarguras lhes serviria a ambos de lição, para os affastar de nova queda. Assim resgatariam, em longos annos de honestidade, a breve loucura d'algun tempo. Corajosamente, sem lagrimas, com a risonha serenidade da virtude, apartar-se-iam. Quanto a vida lhes seria então suave e boa!

Isto pensava, isto pensou durante alguns mezes sem se atrever a communicar-o a Emilia. Temia a impressão que havia de lhe produzir a lembrança do abandono do amante, seu unico amparo, a sua unica alegria, d'ella que ninguem tinha no mundo, entregue ao marido que a desprezava, perdida no mais arido ermo de carinhos.

O receio e a compaixão traziam-n'o em mentira; ia addiando, addiando sempre a hora d'uma confissão que imaginava o seu

dever e salvação e de que todavia tremia, não por elle que a tudo estava d'antemão resignado mas por Emilia que já então sabia ser moralmente fragil, inconsistente.

Pelo S. João foram, como de costume, a Coimbra, a casa dos Albuquerque. Claudio ia contrariado, absorvido, como andava, em preocupações moraes que o traziam n'um permanente desejo de recolhimento; mas Emilia, em rapidas fulgurações, mostrava ainda todo o seu antigo ardor pela futilidade elegante.

—É mais uma occasião que tenho de te vêr de casaca e gravata branca, e assim é que ficas bem. Mas vê como te portas... Ha por lá muita menina bonita!

Era a recommendação habitual, quando partiam para essas festas.

D'esta vez, Emilia veiu de Coimbra preocupada e distrahida, fallando a custo e evitando os olhos de Claudio. Este já não se illudia com taes modos e gestos; por muito frequentes os conhecia. Eram ciumes. Quantas horas afflictivas passára na capella da rua da Cruz para affastar essas tempestades que eram uma das dores com que a leviandade de Emilia sobrecarregava a sua atroz situação!

Antecipadamente sabia o que seria a sua primeira entrevista depois do baile, toda consagrada a explicações e a mentiras. Mentiras? Sim, mentiras. Emilia tinha razão. Claudio em toda a noite não tirara os olhos de Laura, uma filha do velho Albuquerque, cheia de graça e de candura, valsando com uma travessura infantil.

Seria mais um remorso, havia de mentir-lhe, havia de a convencer de que era sempre a victima dos seus zelos infundados, mas era certo que Laura lhe deixára uma impressão profunda, e vagamente, com uma tenacidade perigosa para os amores de Emilia, pensava em que talvez estivesse ali a sua salvação. Seria um capricho dos sentidos, o encontro casual d'um temperamento ardente e d'uma natureza nervosa, uma surda concupiscencia? Talvez não. Laura era uma rapariga educada em ociosidade absoluta, sem a minima

instrução, sabendo com segurança apenas valsar, brincar e montar a cavallo e a Claudio, burguez por habito e por educação, d'uma delicadeza moral doentia pela aturada insistencia dos problemas da sua vida, repugnava uma existencia tão vasia e inutil.

Qualquer cousa ignorada o atraia, porém. Tambem aqui o espirito e a reflexão não lograram vencer o sentimento.

Quem podia saber a verdade? Quem podia dizer-lhe o que se abrigava n'aquelle corpo de creança? Talvez um coração apaixonado, uma d'estas mulheres que se consomem n'um só amor.

A imaginação representava-lhe prazeres infinitos, n'um lar todo illuminado por essa luz de sacrificio. Havia de a dominar pelo amor, havia de banir dos seus desejos os habitos de ociosidade. Ella seria bondosa, ingenuamente amavel; não era uma rapariga prevenida e, quando tivesse amamentado um filho, quando tivesse vivido n'uma atmospheria de labor e de virtude, a esposa da sua alma revelar-se-ia.

Depois, se errasse nas suas esperanças, tambem saberia mandar a quem não soubesse amar. A herança paterna, o homem severo e frio, accordaria.

Mas Emilia, Emilia?... A sua falta pesava-lhe então n'uma fadiga e n'um desespero invenciveis; entre o desejo de sair d'uma vida, a seus olhos criminosa, e a ambição duma vida normal, cavava-se um abysmo inundado de lagrimas que era precioso transpôr. Recuava. Nunca! Pobre Emilia...

Às vezes, sobre o conflicto d'aspirações passava uma onda de scepticismo. Laura, Emilia, o casamento, o adulterio... phantasias! Fugisse d'ali, fosse viver em Lisboa, não poupasse ao seu corpo todas as delicias que a fortuna lhe consentia. Mas o dever dominava-o, não havia modo de se libertar, n'uma vida facil, d'essa pesada escravidão a que desde a infancia fôra votado.

Outras vezes, esquecia Emilia. Laura apparecia-lhe como uma visão de candura, o anjo que lhe annunciava a paz, e caia na tristeza da infinita saudade das cousas cubiçadas e impossiveis.

Queria aquecer-se ao sol da sua ingenuidade e da sua fé, beber na sua simplicidade um alento purificador. Loucura! A felicidade fugira-lhe para sempre, de tudo poderia curar-se menos do remorso, a vása de todas as almas delicadas, a toldar-lhes o mais pequeno movimento. Só o dever seria a sua ambição; deixasse como um forte, por justo castigo da sua culpa, os sonhos de felicidade. Loucura ainda! Dever, felicidade, que estranhas vozes eram essas?

Luctar era bom para quem tinha os favores do destino. Elle não; vinha batido dos erros e contrariedades e só na escuridão da terra encontraria repouso.

Comprehendia agora. E pensava na doce paz do cemiterio e nas flores que haviam de lhe cobrir a sepultura.

Nova loucura! O suicidio era um crime. Não lh'o ensinára sua mãe?!...

Iam decorridos oito dias sem que Claudio tivesse voltado a casa dos Albuquerque, como costumava depois dos bailes, por obrigação de cortezia. O seu desejo de tornar a vêr Laura ficava aqui prejudicado pelo receio d'um novo accesso de ciumes de Emilia.

Por fim, uma tarde, ou por mais animado ou por indifferente e fatigado de tanto meditar, metteu-se na carruagem e partiu.

A visita foi curta; pouco pôde fallar com Laura.

—Sei que tem um jardim muito bonito, disse ella. Se algum dia lá passar, quero pedir a meu pae que m'o deixe vêr.

—Muita honra... e com o maior prazer. Mas nada tenho notavel; só uma collecção de rosas que não é má. N'este tempo, porém,

póde dizer-se que não há rosas.

Ficava confundido com a lembrança de Laura. Que mysteriosos instinctos a attraíam á sua casa e ás suas flores, ás cousas que elle tanto amava. Ah! Se Emilia o soubesse... Tremia.

D'aquella visita voltava quasi doente, sobresaltado, um vaguear permanente, os olhos cavados, o corpo quebrado, com todos os symptomas physicos da paixão.

A fadiga era extrema; com ella veio um somno profundo de que despertou n'uma tranquillidade que ha muito desconhecia.

O que fôra? Que se passára? Porque tantas inquietações?

A indifferença vencia. Voltaria aos braços de Emilia mais firme do que nunca nos seus propositos de eterno amor.

Para que abandonal-a? Não era o dever que o instigava, não; era o egoismo, o desejo d'uma vida repousada, uma sêde de carinhos e de affectos.

Ingratidão! Tão cedo esquecia o que Emilia era para elle...

Voltasse aos seus livros, ao estudo e ás suas occupações habituaes, resignado com o destino. A felicidade dependia unicamente d'elle; era conformar-se com a natural expiação do seu erro, sacrificando humildemente ao bem alheio os seus sonhos de ventura.

Virtude e saber, tudo era orgulho; a humildade a sabedoria suprema. Fôra o que sua mãe lhe ensinára e era o que o coração n'aquelle momento lhe repetia.

Da incerteza em que então começou a viver ficou testemunho no «diario» a que Claudio confiava as suas penas, n'um isolamento e n'uma clausura que as aggravavam. D'ahi tiramos os seguintes fragmentos:

7 d'agosto. Tranquillidade, abandono. Entregue ao tempo e ao acaso, vejo correr os dias n'uma resignada desesperança. N'esta calma perpassa a imagem Laura e ouve-se por vezes uma dorida voz de anciedade. A vida é mais alguma cousa do que esta apathia na dôr, a vida é a pratica do bem. Até a minha serenidade é crime!... Não! enganei-me. As benções da resignação não desceram ao meu peito, vivo na tristeza das cousas desejadas e inaccessiveis. Sinto uma prostração das luctas vãs, não chegou ainda a hora da conformidade.

16 d'agosto. Scismo. A intensidade da aspiração instiga-me a romper com o passado. As fézes d'um amor illegitimo toldam-me a alma até ao azedume. Que direitos tem Emilia sobre mim? É cúmplice d'um mesmo crime? Seja pois victima do mesmo resgate.

17 d'agosto. Esta tarde fui surpreendido pela visita dos Albuquerque. Vinham de passeiar, disseram, e desceram para vêr o meu jardim. Laura veio tambem. Perceberia o velho o que me passava pelo espirito? Desconfio. Apressa-se a não perder o ensejo de remendar a sua fortuna escalavrada. Nos primeiros instantes, esta lembrança de que era instrumento de especulação revoltou-me; depois, a presença de Laura tudo desvaneceu. A graça, a candura, a ingenuidade! Só esse alento me restituiria a vida. Acompanhei-a colhendo flores para ella, recebeu-as com avidez, á partida não as quiz pousar na carruagem, guardou-as nas suas mãos carinhosamente. Ella tambem quererá prender a sua descuidada ventura á miseria da minha alma ensanguentada? Talvez... talvez a guie um mysterioso impulso de caridade! Sinto renascer a esperança.

O Albuquerque pediu-me que fosse jantar com elle. Prometi-lhe que iria muito em breve.

18 d'agosto. Noite terrivel. Fui encontrar Emilia n'uma exaltação de loucura com a noticia da visita de Laura. Quando lhe annunciei

que tinha promettido ir brevemente a casa do Albuquerque, respondeu-me com uma seccura brutal:

—Vá, está livre, póde ligar-se a quem quizer. Nada me deve. Na minha desgraça não perdi a dignidade, fique sabendo! Os nossos amores terminaram hoje. Aborreceu-se. Era tempo... Sei muito bem o que me cumpre fazer; é voltar áquillo de que nunca deveria ter saído.

Emudeci de surpresa perante aquella linguagem e aquella firmeza; a alegria de vêr terminadas as minhas hesitações e as minhas duvidas lança para longe todas as demais preocupações. Livre emfim!... E sem lagrimas nem manchas de sangue, sem os espectros que me guardavam o somno. A vida é uma festa. Corramos ao prazer. Affasta quanto póde perturbar-te e aprende na miseria moral quanto vale a sã alegria do corpo repousado na satisfação dos seus appetites. Para traz, para traz todas as atribulações da consciencia; retempera-te no vigor d'um naturalismo ingenuo.

19 d'agosto. Voltei a casa de Emilia. Disse-lhe que queria saber quaes seriam em publico as nossas relações.

—Mas, evidentemente, da maior amizade, respondeu-me. Nem outra cousa se justifica. Não valia a pena ter o incommodo de vir aqui só para isso.

Mentia; o que eu procurava era a confirmação das palavras do dia antecedente. Tudo acabou. Conversamos duas horas, com a animação que o contentamento intimo me dava, sem uma referencia d'amor, sem a mais leve tentativa de reconciliação. Quando parti, pareceu-me que os olhos se lhe humedeciam. Porque? Compreendeu que a separação está consumada? Para sempre!

Extincto todo o capricho sensual, só ligações moraes nos poderiam prender, e essas desvaneceram-se ao vêr por terra todas as illusões de emenda, de doçura, de resignação, que d'ella esperava para resgatar a nossa falta commum. Restaria a

compaixão pela sua desventura e o receio de uma allucinação que, pondo-lhe termo á vida, agravaria as minhas dores com o mais pesado remorso. Tudo isso passou! Eis-me livre e tranquillo.

20 d'agosto. Fui talvez cruel, abandonando Emilia á sua miseria. Se não fosse Laura, tel-o-ia feito? Cedi á virtude ou ao egoismo, a um novo apetite, ao cansaço do corpo saciado, ou ao arrependimento e ao proposito de emenda? Voltam as duvidas a rasgar-me o coração. Melancolia. Fraqueza. Toda a alegria se esvae.

Oh! a volupia das lagrimas, o prazer de sentir o soffrimento dos que choram por nós! Talvez uma vága saudade...

27 d'agosto. Uma hora cruel, extrema angustia. Hoje recebi uma carta de Emilia, pedindo-me que fosse vê-la á noite, na capella. Todo o dia fiquei na maior inquietação. Passeei de tarde procurando accalmar-me com a fadiga do corpo. A excitação crescia e foi na maior anciedade que ás dez horas cheguei á rua da Cruz.

Emilia fez-me sentar no velho confessionario e rojando-se na terra, a meus pés, suffocada pelas lagrimas, disse-me que me chamára porque já não podia soffrer mais; que sabia que eu ia partir para uma viagem longa, não podia crêr que tivesse acreditado o que n'um momento de ciúme me tinha dito, tres annos de amôr em que tudo sacrificára por mim não podiam terminar com duas palavras de separação. N'isto, ergueu-se. Succumbido de terror, vi ressuscitar, deante de mim, banhada de luar, aquella pallidez e os olhos flamejantes em que um dia me abrazei ebrio d'amôr; e da humida escuridão da capella vieram aos meus ouvidos, como uma anathema, como a eterna excommunhão da paz e da virtude, lentamente, pausadamente, estas palavras:

—Diga-me... diga-me... oiça bem!... se não posso contar mais com o seu amôr. Quero suicidar-me!

Um sentimento de miseravel cobardia se apoderou de mim e menti, menti com firmeza, vilmente. Tudo era falso; nunca amára

Laura, nunca pensára em casar-me, ia a Lisboa por breves dias para cuidar de cousas urgentes, o meu amor por ella não afrouxara um só momento, queria só castigal-a dos seus imerecidos ciumes. Convenceu-se e serenou. Beijei-a. Entre os meus labios e a sua face interpunha-se uma sombra que em vão procurei dissipar, a sombra da mentira. No fundo, bem o sei, não cessaram um instante as ambições de regeneração. Só o temor do suicidio me contém.

30 d'agosto—Lisboa. Vim até aqui calcando as supplicas mais compungentes que podem sair d'um coração humano. Se ouvisse sómente a compaixão e a piedade, voltaria atraz... Não posso mais! Morro esmagado entre a fraqueza e o desejo. Revolta-se o orgulho e ergue-me um impulso de rectidão. Rectidão ou crueldade? Commetti um crime e para resgatal-o tenho de arriscar uma vida. Deverei permanecer na vergonha ou ensaguentar a virtude? Vae, não receies, diz-me uma voz occulta.

As lagrimas de Emilia são uma fraqueza, o apêgo aos beneficios do seu crime. Não seria a tua compaixão uma fraqueza tambem?

Cuidado! Pensa bem. Não é talvez a virtude que te guia, é a crueldade; não é o amor do bem, é a paixão por Laura.

31 de agosto. Esta manhã encontrei F... que me fallou dos Albuquerque. Conhece Laura, viveu muito com ella. É encantadora de singeleza e de bondade, disse-me. Passei o dia no maior contentamento. Todas as esperanças renascem, vibrantes de vigor. Esqueci que ao longe uma mulher afflictta, semi-doida, bebe o calice da minha culpa. Nem as lagrimas, nem a deshonra alheia, nem a consciencia do proprio aviltamento podem perturbar-me a alegria.

Serão assim os outros homens?... Será a virtude um acaso e a miseria moral a lei comum?

2 de setembro. Lisboa. Tristeza, desalento. Impossivel conservar-me aqui, tenho de voltar a Albergaria. O que me espera? Vou lutar? Cederei abdicando para sempre da paz da consciencia e da felicidade na virtude em proveito dos caprichos e da fraqueza de

Emilia? Hora maldita a da tentação! Tudo na minha vida é incerto, só o soffrimento me resta por companheiro. Abraça a tua cruz, é a cruz do teu erro!

4 de setembro. Voltei a casa de Emilia. Encontrei-a fatigada, abatida, mas ao ver-me, o rosto illuminou-se-lhe d'uma candida alegria. Julgava-me restituído ao seu amor. Quando, tentando novamente desprender-me, lhe declarei que só para a tranquillisar lhe tinha dito que nunca julguei terminado o nosso amor mas que, na verdade, o tinha acreditado e estivera em risco de tomar compromissos com Laura, não teve uma palavra de resposta. Silenciosa, muda de espanto, na paralyia da dor, só lagrimas se moveram na face immovel e queda. O que se passou dentro em mim, não o sei; uma compaixão profunda, angustiada, e, mais alto do que ella, o bramar da consciencia e a tortura do dever. Que me resta? Confessar a verdade inteira, pedir o seu perdão e separar-nos. Deixal-a-hei pois na miseria e no abandono?... Nunca! Dorme, enxuga as lagrimas, dou-te a paz da minha consciencia e serei só a soffrer, soffrerei resignado, sem um lamento!

Desde esta hora, durante longos dias, todo o «diario» de Claudio revela uma incerteza e uma confusão infindas.

O sentimento d'um dever a cumprir, a compaixão pela miseria de Emilia, a lembrança de Laura, cujo affecto sentia crescer, o cansaço d'uma vida inquieta e a ambição de tranquillidade, tudo o fazia oscillar constantemente entre os mais descontrados propositos.

Debalde o pensamento procurava guial-o; a energia e a vontade haviam naufragado nas ondas do seu coração.

A vida arrastava-se penosamente, sem norte, sem rumo, desvairada, em meio de esperanças, desillusões e desalentos.

27 de novembro. Um dia chuvoso, pesado, humido, escuro. Tres horas de leitura junto ao fogão, no doce goso de aprender e de pensar. Mas esta cella é vasia.

Torturam-me ambições d'amor e de conforto moral. Nunca o tive. A affeição illegitima que contradiz o dever, rasga e esphacela o coração sem o aquecer; é uma consumpção doentia.

Quero o amor de Laura, o seu amor e não a sua piedade pelas minhas dores, quero um alento que me restitua á vida corajoso e são, não quero os balsamos com que se occulta a miseria de Lazaro.

28 de novembro. Não póde ser boa a caridade que alimenta o peccado. A minha compaixão pela sorte de Emilia é um novo erro. Coragem! Sê justo!

Aproxima-se a noite, fria, escura, revolvida na sua treva por um vento inclemente. Succumbo; invade-me um suave desejo de morrer. A morte seria a paz, a libertação de todas as duvidas, de todas as hesitações, das interrogações da consciencia. Não!... Seria cobardia e vaidade: a cobardia de arrastar a minha cruz, a vaidade de ungir o meu cadaver com as lagrimas dos que me amaram. Devo viver. Quero resgatar pela virtude as offensas a Deus.

28 de novembro. A dissolução do passado torna-se um encargo em que só entra a razão implacavel e fria. Injustiça?... Não. A severidade é tambem um meio de ser caritativo; a minha complacencia com Emilia é uma falta d'amor.

30 de novembro. Um dia alegre, sorridente; a atmospherá quieta, a paisagem rutilante. Na minha alma, um esvoaçar de esperanças boas. Laura, Laura!... Toda a natureza me repete o seu nome.

1 de dezembro. F... veio vêr-me. É um antigo companheiro que se quedou no materialismo natulista. Durante duas horas, fallou-me de transformismo e de evolução, muito crente na sciencia. Emquanto o ouvia, erguiam-se na minha lembrança as illusões do passado e a

tristeza caía mais pesada sobre o meu coração que sobre a terra as sombras da noite. Anciedade d'amor e de perdão. Podesse a tua alma, Laura, sentir o palpar d'esta vida dilacerada pela amargura e havia de protegê-la, abrigo-a na sua pureza!

2 de dezembro. Destino cruel! Quero terminar uma vida de mentira, mentindo áquella mesma que foi a minha amada. Degradação extrema. Quizera dizer aos que passam:—Fugi d'este ser impuro, cuspi-me na face e desprezai-me!

14 de dezembro. Emilia morreu no meu coração; apenas o dever e a piedade me prendem. Sinto-o bem, vendo a meu lado permanentemente a imagem de Laura. Só por ella apeteço a vida. Egoismo, ambição de repartir com uma alma pura as agruras das minhas culpas? Talvez... Ai! Quanto a duvida me opprime!

16 de dezembro. Enganas-te. Não é remorso, é orgulho o que tu sentes; não é o amor da virtude, é o pejo de confessar a tua mesquinhez e fraqueza. Aprende a humilhar-te.

Tempestade. O sibillar do vento desperta em mim sonhos de paz e de conforto domestico, as ambições do corpo dissipam as atribulações da alma.

18 de dezembro. Um immenso desgosto da vida, cansado de lutar em vão. A morte seria para mim a melhor esmola de Deus. E todavia aterra-me. Porque? Saudades de Laura, ambição do seu affecto.

Chove. Gotejam mansamente as arvores e os beiraes, a noite vem descendo suave, humida e negra. Só o repouso da minha alma não vem; em vão o imploro da natureza propicia!

20 de dezembro. Indifferença, fadiga, reacção da intelligencia. Que te importa a miseria estranha, as lagrimas que espalhaste? Que te importa o passado? Orgulho imbecil! Vive a tua vida, conforme o teu destino, fabrica o teu mel ou o teu veneno, como a

vibora nos brejos ou a abelha sobre a rosa. A natureza não erra. Não tentes dominal-a. Vaidade das vaidades!

31 de dezembro. Meia noite. Atmospha limpida e calma, o céu estrellado, nem a mais ligeira nuvem nem o estremecer d'uma folha. Interrogo os astros. Bom agouro? É a tranquillidade que o novo amor me traz?

1 de janeiro. Saí sósinho. Impressão de abandono, ao pensar nas alegrias do novo anno em volta do lar. Só minha pobre mãe me resta por companhia. Advinha talvez as minhas dores e roga a Deus que as affaste. Na praça encontrei um mendigo mal abrigado nos seus farrapos de burel. Serenamente, estendeu-me a mão, recebeu a esmola e seguiu o seu caminho. Ao longe, vejo a casa de minha irmã; no campo, descendo para o rio, os gados que meus sobrinhos guardam. O amor divino, o burel, o trabalho—suprema sabedoria! Por que estranha loucura os abandonaste, por que aberração voltaste a face á felicidade que tinhas deante dos teus olhos e te lançaste nas vagas da ambição e da vaidade?

3 de janeiro. Passei a manhã no jardim, cultivando as minhas flores. Alegria plena. Cantava, arrebatado no palpitar de energia que se desprendia á luz tépida e branda. Ao longe, distante, quasi perdido, um lugubre rebate de remorso, phantasmas da consciencia voando levados pelos balsamos a exalarem-se da terra que o sol beija e fecunda, castamente.

A crise terminava para Claudio n'uma inacção de impotencia; o ardor do sentimento e a intensidade da razão quebravam todas as energias da vontade.

Os dias succediam-se eguaes na sua infinita inconstancia; a melancolia, o remorso, a indignação, a alegria, o desprendimento, confundiam-se obscuramente, ora no desejo de possuir o amor de Laura, ora no temor do abandono de Emilia, ora n'uma viril resolução de emenda, ora finalmente n'um cansado scepticismo.

Mas, aniquilado para toda a acção, entregára-se n'uma conformidade de desesperança ao seu triste destino.

Virtude, felicidade, estudo, tudo se perdera! Nem sequer para ahi podia volver o pensamento que logo na memoria não surgissem lembranças crueis dos espinhos por onde deixára em pedaços todo o viço da sua mocidade.

Uma unica imagem, uma unica, vogava nos destroços do naufragio, incolume, resplandecente, irradiando uma luz divina que penetrava a alma de beatitude,—sua mãe.

Perante ella, todas as sombras se dissipavam; o tumulto da paixão convertia-se n'um culto singelo, purificador e ardente.

Instinctivamente, habituava-se á irregularidade da sua vida. A consciencia parecia adormecer,—não se repele um drama interior,—e essa indiferença, quasi satisfeita, começava a conquistá-lo. Habituara-se ao egoismo absorvente de Emilia e ao seu incorregivel ciume e habituara-se tambem á presença de Laura que sabia ser o fructo prohibido. Exteriormente, a sua vida era d'uma tranquillidade e d'uma satisfação completas; cuidava das suas terras, passeiava, vinha bastas vezes a Coimbra conversar com os amigos ou assistir aos espectaculos publicos, e até mesmo frequentava a capella da rua da Cruz, corajosamente, sem aquelle receio de que as suas visitas fossem sabidas, que em outro tempo tanto lhe pesava e que hoje punha á conta de preocupação pueril.

Pois podia alguém illudir-se sobre a natureza das suas relações com Emilia?! Era claro que todos as percebiam e adivinhavam. Pasmava de que só agora tivesse feito este raciocinio tão simples e tão seguro.

Assim se consumiram cinco mezes, durante os quaes Claudio muitos dias visitou Emilia sem que em longas horas de palestra banal houvesse uma unica referencia ás luctas passadas. De longe em longe, o problema voltava á discussão, mas agora quasi friamente, á parte a ligeira irritação de Claudio, que provinha do

sentimento da sua escravidão, e os fogosos impetos de Emilia que temia vêr fugir-lhe a preza.

Claudio insistia sempre pela necessidade de pôrem termo a uma vida que os envergonhava; Emilia respondia-lhe com a obrigação em que elle estava de nunca a abandonar, obrigação que lhe custara, a ella, a perda da sua honra.

Um dia, em fins de maio, Claudio recebeu o convite do filho do Albuquerque para jantar. Era no dia dos seus annos; festa intima para que só convidava Claudio, que dos velhos amigos da casa não fallava, eram sempre convidados.

Claudio foi com conhecimento prévio de Emilia, que pouco se amedrontava já com estas visitas, convencida de que os amores por Laura não adeantavam. De resto, promettera-lhe que voltaria immediatamente, no fim do jantar, e ás onze horas estaria na capella.

Debalde o esperou até á meia noite, hora a que, receiando a entrada de Ricardo, se deitara para soffrer uma noite de insonia, torturada de despeito e de ciume.

Claudio ficára até tarde em Coimbra, bem certo do que na primeira entrevista o esperava, mas intimamente indifferente, n'esta indifferença que a frequencia dos arrebatamentos de Emilia e o seu indomavel egoismo tanto ajudára a crear.

A noite estava tépida e serena. Depois do jantar, todos os convivas saíram para o jardim e Claudio foi sentar-se no banco que dominava a varzea, ao lado de Laura, que para ali se tinha affastado pelo braço de uma prima sua hospede, vinda da Beira a Coimbra para dar lições de piano com uma mestra afamada.

Conversaram da paizagem, das flores, dos appetites e prazeres de cada um, trocando entre si impressões e ideias que se lhes afiguravam da mais perfeita conformidade.

Laura adorava a musica, dizia; estudára-a cinco annos em Lisboa, no collegio das irmãs de Santa Ignez, com uma senhora irlandeza, e continuara depois, tres annos, com um professor que vinha do Porto uma vez por semana, para a ensinar. Claudio admirava os primores de educação de Laura e tristemente se deixava levar em devaneios de ventura e em vagas esperanças d'um futuro feliz.

Foi n'este scismar que voltou a Albergaria, tão magoado de saudade como enfadado de Emilia, que n'aquelle momento não representava nem um affecto nem um remorso; era apenas um estorvo.

Estranhou que no dia seguinte Emilia não lhe mandasse o convencional aviso para ir á capella.

—Ou o marido saiu ou está desesperada com ciumes, pensava; seja como fôr, em boa hora!... Não sentia o menor desejo de a vêr, antecipadamente aborrecido das explicações que tinha de lhe dar.

Não tardou porém a carta da amante. Dois dias depois da sua visita a Coimbra, exactamente áquella hora em que o silencio e a suavidade da noite mais lhe aggravavam a saudade dos doces momentos em ouvira a voz de Laura confundindo-a n'uma só delicia com as caricias d'uma atmospherá impregnada d'uma subtil sensualidade, encaminhava-se vagarosamente para a rua da Cruz.

Emilia estendeu-lhe seccamente a mão e foi sentar-se affastada, no degrau do altar-mór.

—Então como estás, perguntou elle, ao fim d'uma ligeira pausa, tentando tomar-lhe a mão que ella distraidamente retirou.

—Bem, tenho passado muito bem.

—Antehontem não pude vir porque o jantar acabou tarde, o Albuquerque instou comigo para me demorar e pareceu-me que não seria muito delicado...

—Fez muito bem, como é proprio da sua educação. Nem eu mesmo o esperava.

—Estás a dizer isso maliciosamente, e não tens razão. Pódes crêr que fiquei muito contrariado. Deus sabe o que me custou!

—Imagino! disse ella então levantando-se e dando largas á sua colera. Que impostor!...

—Não sejas injusta comigo. Magôas-me tanto... Se adivinhasses o mal que me fazes...

—Muito grande! Deve soffrer muito, calculo bem!

—Talvez mais do que julgas...

—Oh! sim, acredito. Tem pressa de se casar e quer vêr-se livre d'este trapo velho. Pois case-se!... Quanto mais cedo, melhor!... O meu desejo é que fosse já amanhã, para me vingar... para lhe vêr coberta essa cabeça de cornos como a mãe d'ella fez ao pae!

Claudio ergueu-se raivoso; os punhos cerrados, o olhar dardejante, os labios e as narinas palpitantes de frenesi, cresceu para Emilia.

—Veja o que faz! disse ella recuando e acobardando-se.

Um lampejo da propria indignidade, como um relampago, lhe illuminou o espirito; n'um salto, transpôz a capella, lançou a mão á porta e saiu.

—Canalha!... ouviu ainda.

E começou a fugir atravez dos campos sobre que poisava, quietamente, bafejando-os, o véu de humida gaze que se desprendia dos regatos.

O amor, offendido no insulto a Laura, vencera onde a razão e a consciencia tinham sossobrado, debatendo-se passivamente no remorso e na duvida.

V

D. Pedro Menezes de Tavora Abreu e Albuquerque era todo o nome com que nos actos sollemnes se assignava o fidalgo que vivia em Coimbra, na estrada da Beira, e cujas relações Claudio frequentava.

Senhor de grandes propriedades e muitos bens no valle de Lafões, onde era conhecido pelo morgado de Cercosa, reunira nas suas mãos, por successivas heranças dos seus antepassados, uma das maiores fortunas territoriaes que por aquellas regiões se conheciam.

Em Coimbra tinha menos; mas fazia ahi maior assistencia porque o palacio era bello e rico, e a vasta quinta que o rodeava, com grandes insuas a morrer no rio, um ninho de frescura entre o arvoredado magestoso.

Demais, tinha a convivencia de muitos lentes da Universidade que, tirados de condição humilde, se curvavam reverentes perante a nobreza, felizes de se acercarem d'ella.

Tratavam-n'o por sr. D. Pedro d'Albuquerque, e elle queria mais a este tratamento, que aos seus olhos indicava funda e genuina fidalguia, do que ao de sr. fidalgo ou sr. morgado que em Lafões usualmente lhe davam.

Fidalgos e morgados havia muitos; que usassem o titulo de Dom eram raros. De portas a dentro, em Coimbra, esse tratamento era de obrigação e indicado aos creados, logo que entravam em casa.

Uma vez que Claudio singelamente perguntára pelo sr. José d'Albuquerque, o filho do fidalgo, o creado apressou-se a corrigir:

—O sr. D. José está a almoçar.

D. Pedro nascera em 1825. Muito cedo, aos cinco annos, ficára sem o pae que tinha morrido d'uma catarrhal, apanhada andando á caça em Cercosa, segundo lhe diziam. Ficára entregue aos cuidados da mãe e d'um tio, filho segundo, irmão do pae, que em

vida d'este tomára a seu cargo os cavallos e os cães de caça, e de nada mais se occupava. Na verdade, póde dizer-se que ficára unicamente entregue aos cuidados da mãe, senhora fidalga de origem, de maneiras e de costumes, caridosa e boa, mas com excessivo affêrro ao estreito formalismo da gente da sua igualha.

Um dos motivos por que ella, á morte do marido, se apressára a tomar nas suas mãos toda a administração da casa, fôra o temor de que o seu governo caísse sob as ordens do cunhado.

Temia-o e evitava-o, não por ciumes de dominio mas porque receiava a influencia d'elle, grosseiro e rude, sempre em gracejos com as raparigas do campo; queria affastar o filho d'essa má escola, queria, no seu pensar, fazer d'elle um legitimo fidalgo, de modos nobres e nobres sentimentos, como convinha á gente fina. Por isso fazia valer os seus direitos de mãe e tutora, para que ninguem podesse com auctoridade interpôr-se entre ella e o filho.

D. Pedro passou a mocidade, ora em Cercosa, ora em Coimbra, sempre acompanhado por um padre que a custo lhe ensinou a lêr e a escrever, porque o discipulo era, além de pouco intelligente, remisso na applicação e no estudo.

—Esperto, esperto! dizia o padre á morgada. Mas muito distraido... O que elle quer é brincar, está sempre com o sentido no que lá vae fóra.

Por seu lado, a mãe toda se esmerava em educar os modos do filho. Até aos dezaseis annos, em Coimbra, nunca o deixou sair que não fosse seguido por um creado, para não se perder em más companhias; tinha-o sempre a seu lado na egreja e em todas as suas devoções, corrigindo o mais pequeno gesto descompassado, se o filho se benzia com excessiva rapidez, se ajoelhava ou se levantava estouvadamente, se deixava de se curvar com reverente moderação e suavidade ao erguer a Deus.

Na sala, os seus cuidados eram extremos e as lições completas; mandava-o entrar e sair, sentar-se, cumprimentar, despedir-se,

indicando d'uma maneira precisa as palavras, as attitudes, os logares e as distancias que convinhão a cada momento. No dia em que pela primeira vez viu o filho descendo a escada com uma dama pelo braço, a acompanhá-la á carruagem, lento, pausado, com toda a nobreza de movimentos que lhe vinha do seu corpo moço e robusto, teve um fremito de alegria e de triumpho. A sua obra estava consumada. Que fidalguia! Que gentileza!

Com intimo pezar e grande receio, era necessario entregar o morgado ao tio para as lições de equitação. Tão má companhia... Mas d'essa penosa impressão cobrava allivio quando, ao entrar no palacio, o tio que em casa era sempre tratado pelo sr. D. Joãozinho, vinha dizer-lhe enthusiasmado:

—O rapaz dá um cavalleiro! É atrevido e firme. Hoje na Calçada era tudo a olhar para elle. Trazia o *Corisco* numa dobadoira.

D. Pedro aproveitára as lições; exteriormente estava tal qual ella o desejára. Interiormente, porém, o character era o do tio e as preocupações dominantes, absorventes, os cavallos e as mulheres. Muito novo ainda, não saia de ao pé das creadas que continuamente inquietava, perseguindo-as e apalpando-as.

—Menino! Isso não se faz! Olhe que eu digo á senhora!... Que tal está o fedelho?... Eram as vozes que a cada instante corriam na cosinha e na casa de trabalho, por toda a parte em que elle se encontrava com as creadas.

Aos creados, com quem ás vezes vinha conversar ás occultas da mãe, dizia sempre que havia de ter um cavallo grande, hespanhol, como o que vira na serra, aos Malafaias, de Serrazes, e uma boa mulher, com boa perna.

—Isto ha-de ser bom!... commentavam os creados. Temos outro como o sr. D. Joãozinho! Cão de caça quer-se de raça!

A mãe julgava-o uma vestal, e já elle ia longe nas suas aventuras, tendo começado pela mulher do jardineiro e proseguindo com uma

costureira habitual da casa, quando ella, por conselho do padre, começou a dar ao filho liberdade de dispôr de si, do que elle usou com a largueza que os seus instinctos exigiam.

A elegancia do novo morgado, que a mãe procurava, quasi unicamente, na sua educação, combinada com o fogo d'um temperamento sanguineo, deu em resultado o amor do luxo alliado a uma vida de continuadas festas, caçadas, conquistas amorosas e jogo.

Ás muitas despesas que provinham da lauta vida provinciana, juntaram-se em breve alguns mezes de inverno passados em Lisboa onde D. Pedro Albuquerque acabára por estabelecer residencia que lhe permittisse frequentar a capital com as commodidades de que era tão cubiçoso. A abertura das linhas ferreas deu o ultimo impulso a esta ruina. A cada passo estava a caminho de Lisboa, para assistir ao baile do conde de X..., para ouvir uma cantora em S. Carlos, ou mesmo, mais simplesmente, para se vestir no Keil, que a esse tempo era o alfaiate dos janotas; e, inversamente, a cada passo estava acarretando de Lisboa para Coimbra moveis de mau gosto que vinha misturar ás solidas mobílias de pau santo, herdadas de seus avós, roliços estofos armados em casquinha que um estofador francez, chamado Gardé, lhe vendia por bom preço, farrapos d'algodão arrendados que vinham substituir os sumptuosos cortinados de damasco de seda vermelha.

Tambem trouxe um cosinheiro que, á força de *consommés*, *foie gras*, *galantines*, *mayonnaises* e outras preparações que muito confundiam e intrigavam os velhos fidalgos beirões que se sentavam á meza do morgado de Cercosa, veio banir para a frugalidade dos banquetes da burguezia prospera o succulento pato com arroz, o cosido bem adubado com carnes de porco e a famosa vitella de Lafões.

Foi á meza do Albuquerque que primeiro, em Coimbra, se viram gordos espargos, comprados em Lisboa, n'uma salchicharia franceza; houve lentes da Universidade que, sentindo com vexame

faltar-lhes o seu profundo saber para usar tão exóticos petiscos, deixavam de os comer por hesitarem na forma de se servirem.

O Albuquerque, que lhes percebia o embaraço mas que por cortezia não queria dizer-lhes francamente como se comiam espargos, fallava alto, rolando-os no molho com a mão e chamando para si a attenção, a dar o exemplo.

Mas apesar d'isso passaram-se mezes sem que os bisonhos convivas acceitassem os novos manjares. Os mais ousados, os que primeiro entraram na communhão dos usos estrangeiros, vinham depois para a Via latina gabar aos collegas menos elegantes a cosinha franceza, os espargos e as *galantines*, pondo um particular deleite em ostentar o conhecimento d'essas cousas finas perante a gente rustica que as ignorava.

Entretanto, a administração dos bens andava por mãos de feitores e procuradores que todos enriqueciam e serviam a contento, se tinham a habilidade de arranjar dinheiro sempre que de Lisboa ou de Coimbra o Albuquerque o pedisse, o que bastas vezes fazia.

A velha morgada, a mãe de D. Pedro, julgava ter cumprido a sua missão no mundo fazendo do filho um homem religioso, que ia á missa aos domingos e dias santificados e se confessava todos os annos, de casaca e gravata preta, e um fidalgo pela distincção com que se havia n'uma sala e na presença das damas.

A sua grande preocupação era a manilha e os parceiros de todas as noutes, no salão do palacio da estrada da Beira onde ella invariavelmente se encontrava no mesmo lugar, distribuido medidas e palavras doces aos que entravam, perguntando-lhes com o seu finissimo tacto pelas cousas que os interessavam, a este pela saude dos filhos, áquelle pelo andamento dos trabalhos na Universidade, e áquel'outro pelas colheitas das propriedades que possuia nos campos do Mondego e a que amiudadamente se referia, para dar mostras de riqueza.

Quando essa senhora falleceu, cerca de 1865, a casa do Albuquerque estava na realidade escalavrada. Em Lisboa tecera uma rede de lettras passadas a amigos e a agiotas que lhe tinham valido em apuros de dinheiro, os bens de Cercosa já estavam hypothecados á misericórdia de Vizeu, e um negociante da Praça Velha, em Coimbra, com quem se adeantára em contas, sabendo que as dividas cresciam, instava por uma hypotheca das melhores insuas. Nem ao certo se sabia a quanto montavam as dividas porque nunca se tinha pago um real de juros a ninguem, havia contractos feitos em condições leoninas e, quando se chegasse á liquidação, era de esperar que a somma se elevasse a uma quantia fabulosa.

O tio do Albuquerque, que os annos e a gotta tinham privado do regabofe que fôra toda a sua vida, com o grosseiro bom senso que acompanhou a sua existencia descuidada via o estado da casa. Chamou o sobrinho, procurando convencel-o da conveniencia de se salvar pelo meio simples que lhe ia propôr.

Era preciso casar-se, dizia-lhe; a mãe tinha fallecido, faltava áquella casa uma senhora que lhe dêsse o tradicional esplendor; elle, D. Pedro, estava com quarenta annos e era necessario que tivesse um herdeiro. Demais, accrescentava, em continuação do exordio que invocava os brios fidalgos, as dividas tinham crescido e se encontrasse uma noiva com um dote bom...

A estas palavras, o sobrinho que se tinha conservado silencioso e indifferente, de perna cruzada, limpando pachorrentamente as unhas com um canivete, ergueu a cabeça ante-gozando boa maré de dinheiro e recrudescencia de prazeres.

—Pois depende só de ti! apressou-se o tio a concluir aproveitando a impressão favoravel. Tua prima Maria Francisca...

—Oh! diabo! Mas ella em tempo não tinha tido umas historias com um Mendonça, capitão de engenharia?

—Não, quem sabe lá d'essas cousas?! Fallaram um pouco, mas isso passou. Raparigas tem sempre os seus namoriscos...

—Em todo o caso...

—Deixa-te de piéguices; vamos ao que importa... Tua prima está agora com os seus trinta annos,—e é uma mulher toda perfeitaça!—o pae não póde ir longe porque já deve ter passado os oitenta, e tu bem sabes o que ali está... um poço sem fundo! O Ornellas, do Pragal, disse-me, a ultima vez que estive com elle, que só em ouro o velho devia ter para cima de cem contos de réis.

O sobrinho não pôz mais objecções, fizesse o tio como quizesse. Foi para Lisboa, a gastar por conta das suas novas esperanças e das heranças futuras, e o tio partiu para Vizeu. Em quinze dias, estava tratado o casamento de D. Pedro.

Esta menina, Maria Francisca de Menezes Noronha e Mello, tinha em Vizeu uma historia muito sabida e commentada.

Era uma mulher alta, morena, d'olhos negros, dentes perfeitos e longos cabellos d'azeviche, filha d'um fidalgo, avarento e sórdido, e d'uma creada que elle tivera.

A creada fallecera quando a pequenita tinha cinco annos; e o velho, que tudo consentia menos que lhe pedissem dinheiro, deixou crescer a filha ao Deus dará, entre creados grosseiros que nem na sua presença se guardavam de toda a casta de brinquedos e gracejos maliciosos.

Demais, sendo filha natural, só muito tarde os parentes consentiram em a receber. Ficou por isso sem a minima educação nem de intelligencia e sentimentos nem de delicadas exterioridades.

Apesar d'isso, como era bonita e rica, não lhe faltavam casamentos que todos se goravam, uns pela opposição do pae, que ella desde creança se habituára a temer pelo seu genio irascivel,

outros por capricho da rapariga que não olhava a fortunas nem fidalguias e pretendia marido que lhe satisfizesse os sentidos.

Entre os pretendentes, contava-se um capitão de engenheiros, homem alentado e grande, de grandes bigodes atrevidamente levantados, jogador e conquistador famoso.

Diziam que D. Maria Francisca tivera por elle profunda paixão e nada poupára para lh'a demonstrar, compromettendo o seu bom nome em longas entrevistas nocturnas que se tornaram sabidas na cidade.

Mas nem por isso o casamento se realisára, porque o pae d'ella se oppunha e o capitão, desde que não presentia probabilidades de dote, preferia não crear obrigações e lançar mais esta á conta das aventuras de que tinha já larguissimo ról. A rapariga chorou, desgostou-se, e em breve, por despeito e desespero, tinha novo namoro.

A proposta do tio, offerecendo-lhe o casamento com D. Pedro, vinha enconral-a na mais favoravel disposição de espirito. Perdida a esperança de casar a seu contento, mórmente depois dos infelizes amores com o capitão, estava com trinta annos. Que lhe restava?

Ao menos, casando, seria senhora da sua casa e gosaria uma liberdade e independencia que muito apetecia. Acceitava.

O pae acceitava tambem. Suppunha que o sobrinho estava ainda rico, não lhe pediria dote, morava longe e não o incommodaria. Era até uma economia! A lembrança de que ia ter menos um encargo, menos uma pessoa a sustentar e a vestir, trazia-o contente.

Verdade seja que era necessario dar-lhe alguma coisa... Parecia mal! Mas tinha as joias que herdára da irmã, algumas pratas, peças de panno de linho, colchas de damasco... Emfim, veria. Dinheiro é que não!

O Albuquerque recebeu em Lisboa a noticia de que o casamento estava ajustado, o que só pela certeza d'uma nova fortuna a desbaratar o commovia. Comprou ricos presentes para a noiva, depois de conseguir do agiota da Praça Velha um novo emprestimo para o qual hypothecou as insuas, fazendo-se então largas contas de todos os atrasados que d'esta vez ficaram garantidos. Veio immediatamente a Vizeu prestar homenagem, que era de bom estylo, á futura esposa, a qual de resto conhecia muito de perto dos bailes e festas beirôas onde costumava encontral-a e onde uns leves pruridos de conquista tinham creado já entre os dois uma certa intimidade.

Depois recolheu a Coimbra para presidir a uma ligeira reparação do seu sumptuoso palacio, que foi rapida, e sem mais delongas se realisou o casamento.

Passados os primeiros e curtissimos tempos em que o Albuquerque julgou de bom gosto acompanhar a mulher em visitas e apresental-a aos seus velhos amigos n'um riquissimo baile, como tradicionalmente eram os da sua casa, voltou ao seu antigo viver, jogo, mulheres e bastas visitas a Lisboa. Entregava a administração da casa á esposa para melhor conquistar a sua generosidade e simultaneamente se desonerar de enfadonhos encargos.

Ella, em quem dominavam os instinctos plebeus e uma insaciavel sede de mandar, exultava com tão subida investidura.

Não se casára com outro fim; a liberdade compensava-a de todas as magoas presentes e passadas, incluindo a indifferença do marido que tratava respeitosamente mas que no intimo considerava como um simples e pouco incommodo tributo imposto á sua independencia.

Quando o velho pae de D. Maria Francisca morreu, o Albuquerque veio com ella a Vizeu; mas ao fim de poucos dias, já tristemente convencido de que a fortuna a herdar ficava muito áquem do que lhe tinham annuciado, deixou-se ganhar pelas saudades dos seus prazeres habituaes e apressou-se a voltar a

Coimbra onde agora tinha uma amante, rapariga do povo, travessa e maliciosa, muito cubiçada dos estudantes, e que possuía o condão de despertar em D. Pedro os mais insoffridos ciúmes.

A D. Maria Francisca ficava o cuidado de liquidar a herança, o que realisou com uma ganancia e uma crueldade que recordavam bem a ascendencia paterna.

Foi então que ella contractou um procurador e administrador, que havia de a acompanhar a Coimbra e ficar sob as suas ordens, para a coadjuvar n'aquella missão de morgada e senhora rica que aos seus olhos significava uma corôa real.

O procurador era um padre, novo, de vinte e cinco annos, lindo, d'olhos azues e cabellos louros, occultando sob uma apparencia de doçura e placidez um coração apaixonado e ardente.

Em breve D. Maria Francisca o presentiu e, n'uma inflammada avidez de luxuria, entregou-se sem reservas a um amor que realisava a melhor fortuna da sua vida.

A humildade do padre, casada com um vigor juvenil, dava-lhe uma impressão de plenitude em que o contentamento do espirito coroava os regalos do corpo satisfeito.

Pelo seu lado, o padre correspondia impetuosamente a esse amor, concentrando todos os seus esforços em affastar de Coimbra D. Pedro para mais tranquillamente possuir a amante.

—Vá v. ex.^a para Lisboa, dizia ao morgado; não se prenda com os negocios da casa. Estão a meu cuidado; não vim aqui para outra cousa. É a minha obrigação.

O Albuquerque partia e, depois de estar em Lisboa, o padre fazia de modo que o dinheiro nunca lhe faltasse para que não se tentasse a voltar a casa. O fidalgo escrevia ao procurador, reconhecido por tanto trabalho e affecto; aos seus amigos não cessava de o elogiar, como um modelo de dedicação, associando-lhe sempre o nome da

mulher cujo zelo pelos bens e pelas commodidades do marido, dizia este, a obrigava a viver quasi sempre no meio d'aquellas inhospitas serras de Cercosa, mal servida por uma velha creada que trouxera de casa de seu pae.

Porque era Cercosa a habitação preferida dos amantes. As visitas, os serões com os lentes e mais frequentadores do palacio da estrada da Beira, a creadagem basta, tudo isso perturbava em Coimbra as horas d'amor, e tudo isso desaparecia no silencio do solar de Cercosa protegido pela discrição da creada que já em Vizeu fôra confidente de D. Maria Francisca.

Do casamento de D. Pedro nasceram, com largos intervallos, tres filhos; Leonor, José e Laura. Até aos nove annos foram educados com os velhos creados da casa, no abandono proprio das circumstancias em que se encontravam; a mãe a todo o momento estava em jornada com o capellão para Cercosa, o pae fugia para Lisboa sempre que se via com algum dinheiro e, quando estava em Coimbra ou na Beira, passava o tempo em caçadas, visitas e recepções, folgando continuamente, como um rapaz, ora em sua casa ou nas festas visinhas, que retribuia com largueza. D'este modo, os filhos tornavam-se um estorvo, quer aos amores da fidalga, quer aos prazeres do morgado.

Era preciso remover esse embaraço. Sobre isso conversaram amigavelmente os paes, que de resto sempre viviam em paz e harmonia, n'uma indiferença intima e exteriormente na mais estremada cortezia.

Queriam para os filhos uma educação primorosa, diziam, como aquella que elles mesmos tinham tido, queriam-n'os, principalmente, educados na religião christã.

Por isso resolveram mandar as filhas para o recolhimento das irmãs de Santa Ignez, estabelecidas em Lisboa, umas freiras irlandezas que a marquezia de Fermelã, piedosa senhora que lá ia todos os dias ouvir missa, lhes tinha elogiado como um modelo de bons costumes e fina educação.

Durante muitos annos, no 1.º d'outubro, D. Pedro era certo á porta do recolhimento, que ficava para os lados do Campo d'Ourique, a principio só com Leonor, mais tarde, quando Laura chegou aos nove annos, com as duas filhas.

Ele, pelo seu natural descuido e por certo pendor para a bondade, que facilmente o levariam a ceder aos rogos das filhas, consentiria em alongar as ferias; mas a mãe que vivia contrariadissima com a sua presença, por causa do capellão, punha todos os seus esforços em que os regulamentos collegiaes fossem cumpridos a rigor. Era um bom costume, dizia ao marido sempre que o sentia propenso a qualquer concessão.

No collegio elogiavam a pontualidade das meninas Albuquerque; apontavam-na como exemplo aos mais remissos. Aquelles sim, aquelles educavam conforme as boas regras d'outros tempos! Os filhos lh'o saberiam agradecer mais tarde. Não eram como a gente de Lisboa que estragava as creanças com mimo.

Com o rapaz não se podia fazer outro tanto; o pae não consentia. Queria-o educado em liberdade, para que fosse um homem; o collegio tornal-o-ia maricas.

O melhor seria um professor que viesse a casa dar-lhe lições até ao exame de instrucção primaria, depois havia de frequentar o lyceu para se habituar a tratar com os outros rapazes e por fim formar-se-ia em direito na Universidade.

D. Maria Francisca acceitou e applaudiu o programma. Tinha pensado em que a solução era boa; durante o tempo lectivo o filho estava preso em Coimbra, deixando-lhe por conseguinte a liberdade de gozar a sua querida tranquillidade de Cercosa, as ferias do natal e da paschoa eram breves, e dos mezes de agosto e setembro não tinha a preoccupar-se que esses estavam d'antemão prejudicados pela presença das filhas.

D'esta arte tudo se harmonisou, a contento dos regalos dos paes, até que chegaram os dezoito annos de Leonor, a filha mais velha.

Era necessario trazel-a para casa, apresental-a, para que se mostrasse em toda a sua belleza, que era grande, e tomasse os habitos mundanos que consideravam parte integrante, e a mais essencial, da sua educação. E assim se fez.

No collegio, Leonor aprendera o cathecismo; só por isso sabia mais doutrina christã que toda a aldeia de Cercosa e arredores. Aprendera tambem a bordar a ouro, em branco e a torçal, copiava desenhos a lapis e a carvão, sabia francez e inglez muito bem, escrevia regularmente o portuguez, e ao piano tivera o primeiro premio, um livrinho de estampas, encadernado em papel côr de rosa com lettras douradas.

Ouvira e repetia que a caridade era a primeira das virtudes, o que a obrigava a não bater nas companheiras e não as accusar das suas faltas, sem embargo do intimo prazer que sentia ao reconhecer a sua superioridade e ao vêr-se louvada pelas suas mestras como a primeira. Sabia que era uma obra de misericordia dar agasalho aos nus, de beber a quem tem sede e de comer a quem tem fome, mas sem exercer essas virtudes ou mesmo sentil-as interiormente; porque no collegio não havia miserias nem mendigos, todos comiam á mesma meza, que era abundante, e dormiam em leitos macios, quentes e aceiados.

Verdadeiras obrigações n'esta vida eram o modo de dobrar a roupa ao deitar, a maneira de pegar no garfo e na faca, o modo de fechar o piano, sem precipitação, e as lições que deviam ser bem decoradas. Feito isto, o elogio das mestras era certo; os premios publicamente distribuidos no fim do anno a confirmação plena de todas as satisfações da vaidade.

Saindo do collegio, a transformação era facil; tinha apenas a substituir vaidade por vaidade, os cuidados escolares pelas preocupações do vestuario, os louvores dos superiores pelo elogio da sua belleza feito nos requebros e galanteios.

As instigações do instincto, auxiliadas pelos conselhos da mãe, não tardaram a operar rapidamente a mutação; dois annos depois

de sair do collegio, com pratica d'alguns salões da capital, de S. Carlos e da Figueira da Foz, Leonor tinha feita a sua reputação de bondade, de formosura e boa educação.

A mãe, astuta, nunca perdendo da lembrança o padre, aneando pelos tempos de tranquillidade que com elle passava em Cercosa, espreitava o ensejo de casar a filha. O destino breve lhe deparou boa fortuna. A victima foi o filho d'um brasileiro do Minho, novo e riquissimo, que do Porto veio á Figueira ostentar as suas carruagens e os seus anneis e procurava afidalgar-se pelo casamento.

Exultou quando o viu seguir a filha. Era a felicidade para ella e talvez para toda a familia, porque o rapaz decerto ia pagar as dividas da casa do Albuquerque que dia a dia se afundava vertiginosamente. Teve uma certa difficuldade em convencer Leonor, que soffria d'ambições de fidalguia, mas o amor do luxo tentou-a e o casamento realisou-se.

D. Maria Francisca podia voltar mais livremente a Cercosa, até que Laura deixasse o collegio. Leonor tinha do marido tudo quanto queria e elle se julgava obrigado a conceder á nobreza e ao lustre que ella trazia ao plebeu.

Só os calculos de resgate das dividas se desfariam em desillusões, porque o brasileiro, rehavendo para isso toda a energia d'um bom burguez, defendia-se tenazmente.

Não queria saber dos negocios dos outros, tinha os seus capitaes muito bem collocados e não podia tocar-lhes.

Á sr.^a D. Leonor, como respeitosa a tratava, nada faltaria, nem mesmo o titulo de condessa da Maia que um deputado lhe promettera e as vastissimas propriedades, que n'aquelles logares possuia, justificavam.

José d'Albuquerque completamente convertêra em desenganos as esperanças dos paes. Por um capricho de hereditariedade, carecia absolutamente das qualidades que caracterisavam o

temperamento dos paes, a vivacidade, o amor do luxo e dos prazeres.

Era um philosopho, diziam. Levára arrastadamente os seu estudos, não por falta de intelligencia, que realmente possuia grande reflexão e bom senso, mas por incuria e aversão ao que os mestres lhe ensinavam.

A cada momento deixava os livros da aula, para se entregar á leitura das velhas chronicas que ha muito jaziam abandonadas no seu palacio e tinham pertencido a um seu remoto ascendente que fôra conego da sé de Coimbra.

Finda a formatura na Universidade, começou a passar dias inteiros entre a livraria e o jardim, com a paixão d'um alfarrabista. Os seus unicos jogos eram os livros e as flores.

Recusava todos os casamentos *vantajosos* que tentavam fazer-lhe com fidalgas e parentes da Beira; na sua indolencia, tão avêso ao jogo, aos cavallos e a mulheres, que constituiam os regalos tradicionaes da sua casa, como indifferente á administração dos bens, tornára-se, com grande desgosto de D. Pedro, a negação do morgado que elle phantasiára continuando o regabofe da familia.

D'aqui, nem D. Pedro nem a mulher esperavam cousa alguma, tanto mais que o filho, além das qualidades de espirito que tão accentuadamente manifestára, era d'uma teimosia invencivel, mansa, calada, mas infinitamente resistente. Na parcimonia, no desprendimento do luxo, e até mesmo no poder de intelligencia, fazia lembrar o avô materno, tendo pelos livros a soffrega cubiça que o outro tinha pelo dinheiro.

Talvez por isso, por lhe recordar o pae, senão mesmo pela propria contradicção de caracteres, a mãe adorava-o; só por elle consentia em fazer qualquer sacrificio dos amores do padre. A mansidão captivava o seu genio ardente; onde quer que a encontrasse, acariciava-a.

Como ultima esperança de salvar a casa, restava Laura. O casamento de Leonor só para ella trouxera riqueza, e de José todo o pensamento de especulação se tinha affastado, graças á sua doce e energica resistencia.

Laura tinha uma educação perfeitamente igual á da irmã. Ao tempo em que a conhecemos, contava vinte e quatro annos de idade e havia seis que deixára o collegio, continuando em casa com lições de piano e de pintura cujos resultados se exhibiam frequentemente nos seus magnificos salões, como tentação aos noivos ricos que infelizmente não vinham.

A fama de ruina da casa de D. Pedro era larga e fundada, vivia n'uma teia infinda de embarços; todos fugiam de ligar o seu nome e a sua existencia aos vexames e vergonhas de que os Albuquerque estavam permanentemente ameaçados.

Entretanto, não faltavam a Laura carinhos de educação nem vestidos elegantes. Devia-se aos mestres e á modestia, de quem periodicamente se recebiam cartas agridoces instando pelo pagamento, mas uma derradeira esperança concentrava na pobre rapariga todos os desvelos e para a fazer brilhar não havia hesitações.

Tal era muito em breve a historia e a situação da familia a que Claudio pensava em unir-se, buscando paz á sua alma n'uma vida de dignidade, de trabalho, de elevação e de grandeza moral.

Tambem, pelo seu lado, D. Pedro e a mulher o cubiçavam. Instigados pela mesma ambição, tacitamente reunidos num mesmo pensamento de interesse, viam ha muito em Claudio um genro que lhes convinha. Suppunham muito elevada a sua fortuna; sempre que de Albergaria vinha alguém aos seus jantares, não perdiam occasião de se informarem.

—É muito bom rapaz, todos lhe diziam, e deve estar muito bem. Além do que elle comprou ao fidalgo, tem muito dinheiro; calculam-lhe para mais de cem contos que herdou do tio. Elle diz que não,

que apenas recebeu de lá uns quarenta contos, mas é claro que essas cousas nunca se confessam.

Ao jantar e na palestra que precedia as partidas de *whist*, enquanto o creado punha sobre a meza as marcas e os baralhos de cartas, collocando aos cantos os castiçais de prata e os cinzeiros, o velho fidalgo, no sofá encarnado, perna cruzada, a pôr em evidencia o seu pé pequenino que toda a Beira galante conhecia, não cessava de elogiar o amigo do seu José.

—Uma joia de rapaz! exclamava. E de boa familia...

O seu entusiasmo ia ao ponto de imaginar fidalguias para o seu futuro genro. Não sabia ao certo... mas pelo nome era indubitavelmente descendente d'uns Souzas, muito nobres, ainda parentes do duque d'Aveiro, que viviam em Albergaria quando foi da invasão franceza.

Os francezes queimaram-lhes o palacio; elles, desgostosos com isso, nunca mais lá voltaram, foram morar para umas herdades que possuíam no Alemtejo e mais tarde venderam tudo o que tinham no norte.

Depois, mesmo o nome de Portugal indicava alguma cousa. Em Semide conhecia uma familia com aquelle appellido, parente dos condes de Montemor que, como se sabe, eram da mais antiga nobreza do reino.

No fundo, o velho Albuquerque sentia uma ligeira contrariedade ao pensar no casamento da filha com Claudio. Tentando convencer os outros, procurava ao mesmo tempo desvanecer as sombras que lhe empannavam o espirito. Claudio não era, infelizmente, fidalgo; só por triste necessidade de ruina o acceitaria para marido de Laura.

Não tardaria que isso succedesse, porque, enquanto os Albuquerque se davam a este novo sonho de riqueza, Claudio resolvia definitivamente a sua situação.

Na madrugada que se seguiu áquella noite tormentosa em que como doido deixára para sempre a capella da rua da Cruz, ainda no ardor da febre em que a anciedade o consumia, Claudio encontrava casualmente sobre a mesa um livro de Paulo Bourget, *L'Irreparable*. Leu e sentiu um subito despertar. Accordava, tinha encontrado a chave do enigma da sua existencia, a resolução de todas as duvidas. Recuperava o animo, n'esta esperança que d'antemão se lhe afigurava uma realidade.

Sim, comprehendia agora o que tinha a fazer, o que ha muito podéra ter feito, se a fraqueza o não tivesse vencido.

Era necessario, urgente, que por um acto de energia creasse entre elle e Emilia uma situação irreparavel em que lhe fosse impossivel voltar atraz; e essa situação não podia ser outra senão o ajuste immediato do seu casamento com Laura.

Com Laura?!... Se ella o acceitasse!... Tremia, recordava as palavras de sympathia que tinha ouvido da sua bocca e, recordando-as, moderava as apprehensões que lhe provinham do confronto da sua humildade plebeia com a nobreza dos Albuquerque.

Fosse como fosse, a hora era de acção; estava resolvido a lançar para longe esta cruz d'uma eterna hesitação.

Ia escrever a Jorge pedindo-lhe que viesse a Coimbra fazer aos Albuquerque o pedido da filha. Elle mesmo, n'aquelle dia, iria ver Laura e, confessando-lhe o seu amor, propôr-lhe-ia o casamento. Se ella recusasse, telegrapharia a Jorge para que elle suspendesse a jornada e partiria para o estrangeiro a refazer-se de todas as dôres no repouso e nos prazeres.

De Emilia não cuidava. Fizesse o que quizesse, não se julgava responsavel da loucura que a accomettera e em que ella pretendia, com um egoismo cruel, reduzi-lo a propriedade sua, calcando todas as attribuições da sua consciencia e cuspiendo palavras de

escarneo e desprezo sobre aquillo que elle amava. Era de mais! A taça trasbordava.

Sentou-se e escreveu:

«Meu querido Jorge:

Esta carta será para ti uma surpresa e espero que, conjunctamente, um motivo de alegria. Vae surprehender-te o pedido que venho fazer-te, a ti que me suppunhas talvez cahido na impenitencia final, e ha-de por certo alegrar-te saberes que, embora tarde e o coração rasgado pela dôr e pelo remorso, vou tentar uma nova vida de honestidade e de trabalho, procurando resgatar nos annos que porventura tenha deante de mim, os erros que foram o amargo fructo de toda a minha mocidade.

Depois que estiveste aqui na primavera passada, nunca mais te fallei dos tormentos com que tenho vivido em continuada mortificação; julguei por um lado excessiva fraqueza da minha parte e, por outro, profanação da paz risonha do teu lar ir inquietar-te com lamentos que nunca deveria soltar porque eram unicamente a minha culpa, minha grande culpa. Mas a triste verdade é que ha um anno vivo n'uma constante lucta, procurando fazer penetrar no coração de Emilia a luz de Deus que nos devia guiar, a ella e a mim, no caminho da emenda e salvação.

Todos os meus esforços foram vãos; todos se partiram e desfizeram d'encontro a um egoismo sem limites em que, invocando o meu amôr, procurou prender-me por todos os modos, com rogos e ameaças, já invocando os meus loucos protestos de fidelidade perpetua, já soccorrendo-se das obrigações que me attribuia por ter manchado a sua honra e destruido a sua reputação.

Não pódes calcular, meu querido Jorge, a sinceridade e instancia com que luctei, chamando-a ao dever, em nome dos filhos, da religião, da consciencia e do proprio amor que me jurava e de que

implorava um acto de resignação e desprendimento, restituindo-me a tranquillidade d'alma sem a qual me julgo indigno da vida.

Tudo foi em vão! A cegueira do peccado vendava-lhe todos os sentidos e não tive meio de a levantar d'esse abysmo de tenebroso erro em que, por infelicidade sua e minha, ambos nos precipitamos n'um momento de desvairada tentação.

Chegou porém a hora de pôr termo á miseria e vergonha em que me tenho arrastado.

Hontem, louca de ciumes, insultou-me e insultou pessoas a que muito quero em termos que nunca julguei ouvir da sua bocca e que até mesmo ignorava que ella conhecesse, fazendo-me passar talvez a hora mais indigna da minha vida. Fugi, para não a esmagar n'um impeto de raiva, e agora estou no firme proposito de estabelecer entre mim e ella qualquer cousa irreperavel que d'uma vez para sempre nos livre de consentir em prolongar, por mais um só dia que seja, os nossos amores.

Ah! meu Jorge, tu nunca saberás que fortuna significa uma consciencia imaculada nem poderás imaginar o que são as penas do remorso! Como um Lazaro, coberto de ulceras e das mais fundamente gangrenadas, só peço a Deus que me proteja e conduza no seu infinito amor. Todas as dores do corpo, todas as enfermidades serão para mim melhores que o castigo das minhas culpas nas accusações da consciencia.

Vou tentar libertar-me d'esses phantasmas sem piedade que me perseguem e aterram, reunindo n'um só esforço todas as energias da razão e da vontade que ainda possa encontrar nos miserandos restos d'um corpo exausto e d'uma alma repassada de soffrimento. Quero casar-me.

Conheceste como eu as irmãs do nosso bom amigo José d'Albuquerque; é mesmo provavel que mais do que eu as tenhas encontrado na sociedade que frequentas em Lisboa. A mais velha, a Leonor, casou no Porto com um rapaz muito rico; a Laura está ainda

solteira e é no seu nome e na sua imagem angelica que estão hoje todas as minhas esperanças.

Não me julgues apaixonado; vão longe esses tempos e devaneios, posto que a sua formosura e os seus dotes bem os justificassem. Procuro realizar um casamento longamente reflectido e meditado, á fria luz da razão.

Hoje, o meu pensar transformou-se. Ha poucos annos a vida era para mim uma festa pagã em que a livre expansão de todas as forças animaes significava a felicidade suprema; mas a experiencia e a dôr ensinaram-me que concorrentemente ha leis moraes, derivadas de inspiração interior, a que não se póde impunemente faltar. Por as ter desconhecido e prostergado, passei pelas mortificações que só agora espero affastar.

Não que a vida mystica me tente ou desconheça o que devo ao corpo. Pelo contrario, vejo e comprehendo as suas imperiosas necessidades. Mas quero que a existencia humana, para ser bella e nobre, se traduza n'um equilibrio das inspirações divinas e das aspirações terrenas, na harmonia da luz da consciencia dominando e regulando o tumultuar das paixões mortaes.

Não contesto as leis da vida organica e tudo o que a sciencia me ensinou; pretendo apenas que, conjunctamente e superiormente, existem leis divinas, um impulso interior que nos domina e ordena a pratica do bem.

N'estas condições, dada a conclusão definitiva a que cheguei sobre o que a vida deva ser, pódes comprehender a que motivos obedeci inclinando-me a casar n'uma familia nobre. Laura trará ao meu casal a candura, a ingenuidade, a educação profundamente religiosa que recebeu e os encantos da vida aristocratica, no melhor sentido da palavra, os delicados instinctos artisticos que são a coroa da vida mundana e a cercam d'um puro deleite; eu levarei com o meu sangue plebeu os habitos de trabalho que são o brazão da gente humilde e o fundamento da dignidade.

E assim viveremos na modestia que convém á exiguidade das minhas riquezas, na caridade que será para nós o premio divino, o melhor dos bens, e no estudo e na arte que elevam o espirito e nos arrebatam n'uma aurora infinda onde o sol se eleva sempre, espargindo serenidade e luz e jámais se afunda derramando a treva.

Quizera dizer-te todo o programma de vida que em longos mezes de inquietação pude determinar na anciedade de paz e de virtude; quizera dizer-te como espero resgatar estes tristes annos de loucura e de erro.

Mas, alem de que te escrevo extenuado pela fadiga d'uma noite tempestuosa que me deixou o espirito em desordem, a esperança de te vêr dentro em pouco convida-me a ser breve. Porque o que desejo pedir-te, e é o fim principal d'esta carta, é que sem perda de tempo venhas vêr-me para me ajudares com o teu conselho e a tua amisade e para regulares a minha situação com Laura e os Albuquerque, conforme as boas regras de cortezia em que és perito e de cujos preceitos me não reputo sabedor.

Seja qual fôr o teu juizo e opinião sobre as duvidas que me trazem perturbado, a tua presença será para mim, estou bem certo, um grande bem. Nem tu pódes calcular que allivio foi esta curta confissão! Sinto-me agora bem, parecem-me distantes as sombras afflictivas da noite; enche-me o coração a esperança e a paz. Meu Deus! Protegei-me no caminho da virtude e fazei que jámais d'elle torne a desviar-me!

Do teu

Claudio.»

N'essa mesma manhã, Claudio, levado ainda na impaciencia que o fizera escrever a Jorge, pediu á mãe, no fim do almoço, que viesse fallar-lhe ao seu gabinete e ambos se encaminharam para lá.

A velhinha entrou, sentou-se, e erguendo os olhos negros, a brilhar na face rugosa toucada de cabellos brancos, esperou um instante que o filho começasse. Claudio, tremulo e pallido, não sabia o que dizer; sentia sobre si o peso e o terror d'um grande crime a confessar perante o tribunal supremo. Foi á janella, voltou, dirigiu-se á mesa de trabalho, pegou n'uma faca de cortar papel, pousou-a immediatamente, e n'estes movimentos inconscientes e desconnexos dava pasto á sua agitação sem poder articular uma palavra.

Queria confessar á mãe toda a sua vida e pedir-lhe perdão das suas culpas. Seria o primeiro passo para a regeneração e para a virtude.

—Então que me queres? resolveu-se por fim a velhinha a perguntar, vendo o silencio do filho e começando a sentir certo mysterio n'esta longa pausa.

—Então que me queres? resolveu-se por fim a velhinha a perguntar

—Eu queria, minha mãe... queria dizer-lhe... que, se fosse da sua vontade... se fosse da sua vontade... já lhe tenho dado tantos desgostos...

—Que tens tu? disse ella levantando-se ao vêr a angustia do filho. Senta-te, senta-te aqui, tu não estás bem.

Claudio sentou se e proseguiu, olhando vagamente, sem se atrever a fitar a mãe:

—Queria dizer-lhe que, se fosse da sua vontade, talvez me casasse...

—Oh! Claudio! respondeu ella abraçando-o. Deus Nosso Senhor ouviu as minhas orações...

E, nos braços um do outro, afogaram em lagrimas e soluços a agonia, dissipando-a. A confissão que havia de ser longa, encerrara-se n'estas rapidas palavras; o coração sentira o que os labios não souberam dizer.

Não tardou a resposta de Jorge.

«O casamento e a mortalha no ceu se talha», começava elle. Esse é que era o preceito antigo e authentico sobre casamentos. Que se deixasse Claudio de theorias que já uma vez lhe tinham provado mal e que agora mesmo não podiam prometter-lhe cousa alguma.

Que tinha feito muito bem em acabar com os amores de Emilia, se o inquietavam, e que tambem lhe não dizia que deixasse de casar com Laura, se gostava d'ella; mas que ficasse bem certo que nem o primeiro caso era motivo para os exaggerados remorsos de que se deixára possuir nem devia pôr no casamento tão extraordinarias esperanças que o futuro não as podesse satisfazer. Conhecia muito bem o Albuquerque pae, que a cada passo

encontrava em Lisboa; era um dissipador, mas um cavalheiro, excelente homem.

Não conhecia igualmente a mulher que quasi nunca vinha a Lisboa, mas ouvira que era uma senhora de muito tino e que toda se dedicára á administração da casa.

Quanto á rapariga, nada lhe diria senão que era muito bonita, porque ninguem sabe o que está dentro do coração d'uma menina que ainda não conheceu nem póde conhecer o que seja a vida do casamento com todos os seus trabalhos e obrigações. O tempo lhe diria a sua sorte.

Ia partir immediatamente para Albergaria; guardava para a sombra dos platanos, que tanto apreciava, a discussão de todos esses pontos que a Claudio pareciam tão obscuros e que para elle eram tão limpidos como agua da fonte.

Em poucos dias tinha ajustado o casamento de Claudio com Laura. Restavam só os cuidados de ordem material, o enxoval da noiva e a installação da casa, para o que se calculou que quatro mezes seriam bastantes.

Claudio deixava o palacio de Albergaria, ia viver em Coimbra. A mãe voltava a Villalva, separando-se do filho com a mágoa e a resignação que era propria da doçura do seu character mas ao mesmo tempo contente por ir acabar onde vivera a sua melhor vida, dando largas aos habitos de simplicidade, ao genio laborioso e á caridade constante. O filho promettia ir vel-a todas as semanas.

A casa escolhida pelos noivos era na estrada da Beira, a pequena distancia do palacio dos Albuquerque. Sobre uma elevação, recolhida no meio d'uma pequena quinta que descia em largos taboleiros vicejantes de jardins, de hortas e de pomares, dominava todo o valle, triste nas tintas sombrias do olivedo que o cobria. Em frente, atravez uma pequena garganta, entre duas collinas, as aguas do rio e os salgueiros mimosos, balouçando-se, lançavam um brando alento de movimento e frescura sobre a morna placidez do

valle. Aqui e além, erguiam-se os choupos, corajosamente, brandindo ao vento as tenues folhas.

À festa da natureza quiz Claudio associar os primores da arte; aos moveis do palacio de Albergaria juntou o *bric-à-brac* que Jorge lhe enviou de Lisboa.

Elle mesmo veio ajudal-o a dispôr quadros e louças, tapeçarias e bronzes, cogitando artificios para dar relevo á belleza dos objectos.

O ninho era tentador para a mais delicada sensualidade; o proprio Albuquerque, que na frequencia da gente fina adquirira auctoridade em materia d'armador, exclamava contente nos serões do seu palacio, entre os lentes que vinham tomar-lhe o chá:

—A casa fica linda; o rapaz tem muito gosto!...

Quando chegou a hora de se separar da mãe, Claudio sentiu pela primeira vez a apprehensão da inanidade de todo o esforço em que com tanto entusiasmo e tão boas aspirações se empenhára.

Onde ia? Para que tanto movimento? Que buscava? Que valia á sua vida a riqueza e o ninho que architectára n'esse valle que agora lhe parecia estranho? Sonhára uma companheira para a sua vida... Onde estava? Laura? Afigurava-se-lhe uma mulher alheia. Desconhecia-a.

Varrido e abandonado já o palacio de Albergaria, n'essa pequena sala de Villalva, só com sua mãe, via em torno os montes escavados, em baixo o estreito campo a que déra todos os seus cuidados, ao longe um retalho da varzea cortada pelo rio. Tarde de primavera, suavidade e silencio, só cortado pela voz guthural do lavrador que animava o jugo! Era a hora de jantar, a ultima refeição que teria em commum com sua mãe antes de partir para essa jornada mysteriosa, que tão ardentemente desejára e que agora quasi aborrecia.

Ia dormir a Coimbra, na sua nova casa.

No dia seguinte, á uma hora da tarde, era o casamento. Dos seus amigos e dos seus parentes só Jorge o acompanharia; a mãe e a irmã não consentiram, por timidez e acanhamento, em deixar os seus campos. De resto, os Albuquerque, incluindo Laura, mal se referiram a essa falta, muito promptos em acceitar todas as escusas. Intimamente temiam que lhes viessem manchar a festa com a sua rudeza.

Ao fim d'essa derradeira refeição, aproximou-se da mãe para a abraçar pela ultima vez antes de se casar. A lembrança de todo o passado que lhe enchia o peito trasbordou em largos soluços e lagrimas abundantes. Choraram unidos estreitamente, trocando um prolongado beijo, sem articular uma só palavra, n'uma supplica fervorosa e muda de felicidade em que se confundiam mágoas, esperanças e um infinito affecto. Depois, Claudio, abrindo os braços, com um gesto de resolução, deixou a mãe:

—Adeus!

—Adeus!

Foram as unicas palavras que em voz sumida se ouviram; e saiu descendo o caminho, sem olhar para traz, dirigindo-se á carruagem que o esperava em baixo.

A meia encosta, veio juntar-se-lhe, correndo e querendo acompanhá-lo, o cão de guarda da lavoura.

—Chama-o, chama-o, disse Claudio para um creado que estava perto.

—Leão, Leão, aqui! gritou o creado.

O cão parou hesitante e contrafeito. Por fim obedeceu.

Claudio seguiu, juntando, no coração opprimido, esta caricia ás fundas dores que o trespassavam.

A este tempo, em casa dos Albuquerque, o movimento e a confusão eram completos. Rolos de tapetes, vasos de flores, escadas, louças, creados em mangas de camisa, mulheres do campo transportando cestos com ramos de hera e de loureiro, um ininterrompido cruzar de vozes dando ordens e pedindo objectos, tudo redemoinhava em volta de D. Pedro que corria de salão para salão querendo dirigir toda a esmerada ornamentação do palacio.

—Olha esse lustre!... Cuidado com as cortinas!... Esses vasos vem ou não vem?!... Então o tapete?... Assim... pela direita... está bem! mais acima!

O tiroteio não cessava, tentando cada um desembaraçar-se da sua tarefa n'uma desordem activa e alegre.

Ao cair da noite estava tudo completo; a casa guarnecida de verdura e de flores, coberto o chão de tapetes a amortecer todos os ruidos, as vellas postas profusamente nos candelabros e nas serpentinas para se accenderem no dia seguinte.

Nos aposentos de Laura e D. Maria Francisca, pelas cadeiras, pelas camas e pelos sofás estendiam-se rendas, plumas, flores e vestidos fôfos e ondeantes. A um canto da janella uma costureira apertava a cintura d'uma saia de seda que se espraia pelo chão sobre um lençol de linho e que a modista mandára larga, errando a medida.

Para o casamento estavam convidados alguns parentes da Beira e uns fidalgos de Lisboa, companheiros de D. Pedro em S. Carlos, nas touradas e nos clubs.

Começavam agora a chegar em char-à-bancs, que os transportavam da estação do caminho de ferro, os da Beira com bahús de folha envernizada, mal fechados e ligados com cordas delgadas, os de Lisboa com grandes malas de couros macios, afivelladas com ferragens brancas e polidas como prata.

O Albuquerque recebia os hospedes, conduzindo-os aos seus quartos e mostrando-lhes em seguida as salas mal iluminadas, para não desmanchar os preparativos da festa, ouvindo com desvanecimento os elogios.

—Um palacio, uma palacio! Estás aqui como um principe!

D. Maria Francisca tomava as damas a seu cargo e recebia-as nos seus aposentos.

Pelas dez horas da noite caíra tudo em relativa tranquillidade, os hospedes de Lisboa acantonados nas mezas de *whist* e as senhoras no quarto de D. Maria Francisca, mexendo e remexendo com a sua natural curiosidade o enxoval e as prendas de Laura, discutindo, apreciando e fazendo comparações com outros casamentos nobres a que tinham assistido.

—Vaes ser muito feliz! diziam com denguiçe para Laura.

—Parece-me muito bom rapaz, respondia D. Maria Francisca. Creio que ha-de saber estimal-a... E agora hão-de dar-me licença, que são horas de preparar a meza. Quero deixar tudo prompto hoje; se lá não vou abaixo, os creados não fazem nada. Uns estupidos!...

—Oh! tia, eu vou ajudal-a, respondeu uma das meninas recémchegadas.

E seguia D. Maria Francisca para a sala de jantar.

Claudio veio tambem, mas demorou-se pouco. Tinha umas ultimas cousas a regular na sua nova casa. Laura não procurou prendel-o, absorvida como estava pelos cuidados dos seus vestidos novos e de se mostrar bella e fidalga no dia que lhe diziam ser o maior da sua vida.

O casamento foi á uma hora da tarde, na capella do palacio.

Desde o meio dia havia um incessante rodar de carruagens, que entravam o largo portão de ferro coroadado pelo braço dos Albuquerque e iam parar em frente dos degraus do palacio alcatifados e ladeados de vasos com hortensias.

Os cocheiros, na almofada, voltavam-se para traz, recebiam ordem de regressar á noite, esperavam que o criado da casa, fardado de verde e branco, batesse a portinhola, e saiam dentro das suas librés de emprestimo, mal ajustadas, conduzindo os cavallos magros, cobertos de arreios baços, em que só brilhavam as ferragens amarellas, excepcionalmente polidas, para aquelle dia, tentando honrar os creditos da cocheira.

Nas salas, as casacas negras e brunidas entre vestidos de seda, muitas rendas, algumas joias, e um rumor de vozes abafadas na timidez de indiscrição e no respeito da solemnidade. Só os convidados de Lisboa destacavam por fallarem alto, trazerem casacas usadas e macias, amoldando-se bem ao corpo, e sapatos com visiveis signaes de terem servido muitas vezes; passeavam e conversavam livremente com damas e cavalheiros, e os da terra olhavam-n'os estudando elegancia, confrontando-se com elles e procurando aprender aquella maneira tão facil de dar o nó na gravata que muito cubiçavam.

O Albuquerque entrou sorridente, com Laura pelo braço; Claudio deu por sua vez o braço a D. Maria Francisca. Juntos os convidados aos pares, cada cavalheiro dando o braço á sua dama, poz-se o cortejo a caminho da capella, saindo a porta principal e atravessando pelo jardim. Na rua, o povo apinhava-se nas grades que vedavam a quinta, espreitando por entre as arvores.

—Tão linda! Parece um anjo... exclamavam, confundindo em vágas remeniscencias a noiva e as creanças que viam nas procissões com grandes azas de pennas brancas e vestidos estrellados de lantejoulas.

A cerimonia na capella foi breve; dentro d'uma hora o cortejo regressava ao palacio. Houvera lagrimas ao verem os paes abraçar

a filha, mas a missa em seguida ao casamento e os gracejos com que os mais alegres commentavam a situação tinham desvanecido essas sombras passageiras; quando saíram da capella, todos vinham risonhos.

O *lunch* era ás tres horas; no breve intervallo que medeava entre o casamento e a refeição, os convidados dispersaram-se em grupos pelas salas e pelos jardins, n'aquella molleza que é característica da gula esperando a hora de saciar-se.

Geralmente discutia-se a grandeza e o viver dos Albuquerque. Os commentarios divergiam.

Entre dois parentes de Vizeu sentados á sombra d'uma olaia, podia surprehender-se o seguinte dialogo:

—É uma grande casa! Vê tu que riqueza ahi está e que gente aqui vem!

—Já foi melhor. Deve muito.

—Deixa lá! Tem uma grande casa... Só em Cercosa recebe ainda para cima de cem moios de milho, fóra o trigo, o centeio, o vinho e o azeite.

—Pois sim... mas que importa isso? Á Misericordia deve perto de trinta contos e disse-me outro dia o Nunes, que é lá o cartorario, que tem mais de quatro annos de juro em atrazo e é uma cruz para lhe apanhar um vintem. Só quando estão ameaçados de qualquer penhora é que se mexem. Olha que ha mais de quarenta annos que este homem não faz senão gastar dinheiro!...

—Mas a casa é muito grande, tem muitos recursos. Quanto não vale isto aqui? e os bens de Pombal?

—Está tudo hypothecado ao Credito Predial e quem lá vae é alma que caiu no inferno. Não se sae de lá mais. Lembra-te do que aconteceu ao marquez de Cannas. Foi tudo! Ficaram sem nada!

—Mas agora tem os genros para o ajudarem...

—Só se fôr isso!... Este rapaz dizem que tem boa casa.

Mais adeante, dois lentes de direito, passeiando de braço dado á beira do lago, commentavam differentemente, em tom malicioso.

—Hein!? Que sorte! Dá cabo da fortuna dos paes, refresca com o casamento, arruina-se outra vez, e agora casa as filhas ricas.

—Elle merece-o, que nos tem dado muito boas festas. Não ha ninguem para receber como este homem. Nasceu para isto!... Acabou-se.

—Mas não podem ir longe... Já por ahi ha procurações para penhora, vindas de Lisboa, sem conta.

—O que eu admiro é como este rapaz aqui veio cair. Foi meu condiscipulo e era o avêso de todas estas cousas. Retraído, muito modesto...

—Então?! Está rico, quiz afidalgar-se...

—Não, não é este homem d'isso. Gostou da rapariga, os paes haviam de lh'a metter á cara, e caiu.

—Pois olhe que, se elle é como você diz, não me parece que vá lá muito bem. Esta gente gosta de gastar e de luxar.

—Não, não! A Laura é muito boa menina!

—Boa!... Historias! As meninas são todas boas, mas, quando se habitua a viver á larga, não ha quem as ature. Isto de fidalgos é muito boa gente para gozarmos com elles; de portas a dentro o caso é outro.

Claudio estava aturdido com todo aquelle rumor, que tanto contrariava os seus habitos, e enfadado. As suas preoccupações

andavam muito longe da alegria em que a excitação das viandas e o calor dos vinhos lançavam os convidados.

Às nove horas da noite dançava-se e ria-se desprendida e folgadoamente; toda a frieza solemne se tinha partido ao contacto do sangue escandecido. Só Claudio se conservava affastado, ao lado de Laura, supportando como um estranho o prazer alheio, intimamente dominado d'uma religiosa tristeza, meditando na vida virtuosa a que ia consagrar-se, o coração tumido de angustias passadas e de esperanças futuras.

Ao bater da meia noite, julgou ter cumprido o seu dever de assistencia e saiu com Laura para a sua nova casa. Os convidados acompanharam-n'os até ao portão do jardim, a musica deixou de se ouvir por um momento, as salas ficaram desertas, repetiram-se os abraços e as lagrimas que de manhã se tinham visto na capella, ouviram-se alguns beijos e a festa proseguiu redobrando de animação.

Os primeiros dias passados na pequena casa da estrada da Beira foram para Claudio d'uma infinita doçura. Do governo da casa não havia a cuidar; D. Maria Francisca mandára com a filha uma velha creada da sua confiança, para tudo dirigir e regular sem que a paz e felicidade dos noivos fosse perturbada.

Longas horas no jardim entre flores, pequenos passeios a pé pelos caminhos menos frequentados, colhendo plantas e admirando a natureza, passeios de carruagem pelas margens do rio, e o serões em casa dos Albuquerque, ora jogando, ora conversando: n'isto se consumiam os dias.

Claudio sentia-se bem. Aceitava todos estes gozos da sensualidade e da indolencia como um premio de virtude, pensando quanto o amor era bello na consciencia tranquilla pela satisfação das convenções do mundo, e comparando o presente com esse passado que a ventura d'agora mais carregava de crimes e remorsos.

Emprehendia a educação do espirito de Laura, admirando com pasmo e veneração a sua ingenuidade e louvando a Deus por lhe ter concedido tão precioso bem. Aquella sim, aquella seria boa, porque era simples.

Confundindo a estupidez, a inexperiencia e a futilidade com a candura, tomando por singeleza d'alma, prompta a desabrochar em sentimento christão, o que era apenas estreiteza de intelligencia e de coração, Claudio communicava-lhe todos os seus planos de vida.

Ella ouvia-o, de ordinario silenciosa, fundamentalmente alheia a toda a profundez de pensamento; elle ficava contente, tomando esse silencio por um tacito assentimento e interpretando a mudez como uma forte e serena energia. Exultava; a esposa transformar-se-ia n'uma mulher superior.

Foram a Villalva. Laura pouco disse á mãe de Claudio. A unica coisa que lhe permitiu uns momentos de conversação foram as imagens do oratorio e particularmente uma imagem da Senhora do Carmo. Havia uma outra igual no collegio, em Lisboa, e tinha com ella muita devoção. A velhita louvou intimamente os sentimentos religiosos da sua nova filha e repetia:

—Assim é bom, assim é bom... É o que n'esta vida me tem valido e ajudado nas minhas afflicções.

Voltou-se para o filho, sem uma palavra sobre a sua situação. Instinctivamente affastava uma ociosa confissão de desejos e aspirações tão carinhosamente sentidas que nenhuma palavra saberiam traduzil-as.

Perguntava pelas cousas da casa e referia o que na ausencia de Claudio se tinha passado. Que visse elle o que precisaria em Coimbra, que já começava a haver alguma hortaliza no Serrado de Baixo e o azeite que tinha levado talvez não fosse do melhor.

Tinha vindo um rendeiro do Amial pagar a renda, era preciso experimentar o vinho que havia de precisar de trasfega, e o José, o

creado, não tinha geito nenhum para isso. O melhor seria Claudio ir lá passar um dia para vêr todas essas coisas, mesmo porque o dr. Azevedo, de Albergaria, lhe tinha dito que precisava fallar com elle por causa dos fóros de Sernadas. Claudio prometteu voltar dentro de pouco dias. Partiu, com grande allivio de Laura a quem as atenções do marido pela mãe começavam a enfadar e que se sentia estranha áquella atmosphaera. Não lhe queria bem nem mal; ignorava-a. Por vicio de educação, por temperamento e inclinação hereditaria estava realmente destinada a ignorar-a perpetuamente.

Em vão Claudio, saindo de Villalva, lhe mostraria o campo em que tantas horas tinha trabalhado, as arvores e as flôres que plantára por suas mãos. Tudo lhe parecia uma simples mania; e cautelosamente a occultava nos salões do pae, para não dar ensejo ao riso das antigas amigas, que lhe mordida a vaidade, amesquinhando o marido.

Ao fim d'um mez de vida idyllica, o contentamento do mavioso casal da estrada da Beira foi subitamente perturbado por um incidente doloroso.

Uma noite, pelas tres da madrugada, Claudio despertou aos gemidos de Laura.

—Que tens, minha filha, que tens?... perguntou ancioso.

Ella continuava gemendo, sem responder, e elle insistia em tom afflictivo:

—Dize, dize-me, minha filha, por quem és... Que tens tu?

Por fim, cedendo aos rogos do marido, respondeu arrastadamente.

—Ai! meu Deus!... Ha uma hora que não durmo. Não posso parar com dores n'um dente, d'este lado... E indicava com a mão.

—Se tu fosses ao dentista pedir o elixir...

—A esta hora?! perguntou Claudio surprehendido.

—Sim... sim... não posso esperar.

N'um instante, Claudio estava na estrada, correndo ladeira abaixo, a caminho da cidade. Ao pé de Laura ficára a creada que se offerencia, suavizando a voz, para aquecer uma pinguinha d'agua, segundo ella dizia. Talvez um chásinho...

Laura nem lhe respondia, conforme os seus habitos de menina mimosa.

Entretanto Claudio batia á porta do dentista que veio á janella, ás escuras, a resmungar com somno. A estas horas!... É preciso ter muito pouco respeito pelo socego d'uma pessoa! Bem tolo é quem os atura.

—Quem é que está ahi? gritou de cima.

—O dr. Claudio...

—Ah! é v. ex.^a. Eu vou abrir, respondeu apressadamente o dentista, moderando a impaciencia e esforçando-se por sorrir perante o freguez rico.

—Então?!... perguntou mal abriu a porta. Faça v. ex.^a o favor de subir.

—Minha mulher está com uma dôr de dentes e eu vinha pedir-lhe aquelle elixir...

—Pois não! Eu dou-lh'o já...

E dirigiu-se a uma estante.

—Queira desculpar.

—Ora essa! É a nossa obrigação, não me falle v. ex.^a n'isso... Se a dôr não abrandar á primeira applicação, renova o algodão no fim

de meia hora...

—Eu sei, eu sei, respondia Claudio, apressando-se a descer a escada. Infelizmente já o tenho usado... Muito obrigado, sim? E desculpe...

—Não ha de quê. Sempre ás ordens de v. ex.^a.

Claudio entrou em casa offegante. Correu ao quarto da mulher que, logo que o sentiu, se sentou no leito.

—Aqui está! exclamou elle risonho de contentamento por vêr satisfeita a vontade de Laura.

Com diffículdade applicou-se o remedio, porque mal se percebia uma sombra de carie no dente, e Laura adormeceu rapidamente n'um somno tranquillo.

Excitado pela inquietação e pelo movimento, o marido ficou passeiando na sala. Só tarde, pelas sete horas, a fadiga o dominou e adormeceu sobre um sofá, para não entrar no quarto e perturbar com os seus passos o somno da mulher.

Ás nove horas despertou, sentindo vozes e passos estranhos. O que seria? Ergueu-se sobresaltado. Laura estaria peor?

A creada velha, logo pela madrugada, mandára dizer á creada de quarto de D. Maria Francisca que prevenisse a sua senhora de que a menina tinha passado muito mal a noite. D. Maria Francisca soubera a noticia quando ás oito horas pediu o primeiro almoço e apressou-se a vir a casa da filha.

Mal penteada e mal vestida, com uns sapatos lassos e a góla do casaco desapertada deixando vêr o collo que as rugas começavam a sulcar, D. Maria Francisca, espavorida, perguntou subitamente ao genro:

—Então que foi, que foi?!...

—Uma dôr de dentes... Felizmente pude applicar-lhe o elixir...

—E agora como está?

—Deixei-a a dormir...

—Sósinha!... Que imprudencia!...

—É que estava tão socegada que eu não quiz aproximar-me d'ella com receio de a accordar.

Entraram no quarto.

Laura tinha dormido excellentemente depois do tratamento; nem sequer apresentava no rosto vestigios de ter soffrido o quer que fosse. Acercaram-se do leito pé ante pé e a mãe, em voz dorida, perguntou á filha, que não levantava a cabeça do travesseiro:

—Estás melhor, minha filhinha?

—Parece que agora estou melhor, mas passei muito mal a noite. Ai, que dôres, Santo Deus!

—O Alexander bem te disse, replicou a mãe em tom de mágoa e reprehensão, que esse dente precisava tratamento. Tu não quizeste e ahi tens as consequencias! Agora o remedio é voltar lá.

—A Lisboa?! perguntou Claudio com certa vivacidade e espanto.

—Sim, e quanto antes. Devem ir hoje mesmo antes que a dôr volte. É um soffrimento horroroso, horroroso!...

—Mas talvez aqui mesmo...

—Ai, pelo amor de Deus, não! Uns brutinhos!...

—É que o dentista foi tão amavel comigo que póde scandalisar-se...

—Não tenha medo. Ha-de fazer-lhe boa conta.

E voltando-se para a filha, a cortar a discussão que lhe parecia ociosa:

—Apósto que ainda não tomaste nada? perguntou.

—Não m'o trouxeram... respondeu Laura.

—Com estas cousas é que é necessario ter muito cuidado, disse D. Maria Francisca, voltando-se enfadada para Claudio e poisando o dedo sobre o botão da campinha.

Appareceu a creada.

—Então são quasi dez horas e esta menina sem ter tomado o leite!?... exclamou irritada.

—Oh, minha senhora, começou a creada a explicar, ainda agora deram nove horas no relógio lá de dentro e eu até vinha saber...

—Vamos, desembarace-se, deixe-se de historias. Traga o leite, traga o leite. E não fique lá quatro horas, conforme o seu costume, ouviu?... Isto quem as atura...

—Oh, minha filhinha, continuou para Laura, talvez umas bolachas de araruta... Deves estar tão fraca!...

—Não, mamã, não; não me falle em comer. Sabe Deus o que me custa o tomar leite!

O leite veio, Claudio e D. Maria Francisca saíram para não incomodar a doente que durante todo este tempo não tivera uma palavra de gratidão pelos seus cuidados, e, satisfeito o estomago, Laura caiu n'um somno profundo, a refazer-se da interrupção da noite.

Ficou resolvida a partida immediata para Lisboa, apesar da ligeira opposição de Claudio que viu assim desmanchados todos os seus

planos de tranquillidade e estudo. Uma necessidade! repetia a sogra. Não quizesse elle tomar a responsabilidade d'uma cousa d'essas.

Dentro de poucas horas, estava revolvida a casa, os corredores atulhados de malas e os guarda-roupas desfeitos. Os vestidos de Laura occupavam duas grandes caixas, tendo-se contado com todas as hypotheses, os theatros, os bailes, as visitas, os passeios, a chuva, o sol, o frio, a humidade e o calor. As bagagens de Claudio tambem não eram pequenas. Laura temia um pouco a apresentação do marido aos parentes elegantes da capital e vigiava e com particular cuidado que nada lhe faltasse; gravatas, calçado, abotoaduras, alfinetes, bengalas, luvas, chapéus, tudo ia combinado ponto por ponto para que não discrepasse das leis vigentes do janotismo.

Em Lisboa passaram quinze dias que para Laura foram d'uma completa felicidade. Á parte as breves horas que dedicaram ao dentista, todo o tempo se dispendeu em visitas, jantares, theatros e apresentação de Claudio á numerosa parentela fidalga. O marido agradava; no trajar e nos modos não destoava dos usos e costumes correntes e essa conformidade com a banalidade consagrada deixava Laura radiante de jubilo e vaidade.

Não succedia outro tanto a Claudio que, regressando a Coimbra e pensando no caminho percorrido, via com mágoa quanto os factos divergiam das aspirações, quanto a realidade se distanciava dos sonhos.

No fundo, inconscientemente, a esposa que elle desenhára no seu espirito e nas suas ambições era a imagem de sua mãe, a honestidade, o trabalho, a resignação e a caridade distillados dia a dia, gota a gota, marcando todos os passos e todos os movimentos da vida; o que o casamento lhe offerecia eram vaidades e impaciencias, occultando um egoismo sem limites, tanto mais cruel quanto era instinctivo e inconsciente.

Lembrava-se da noite em que Laura o fizera ir a correr procurar-lhe remedio para uma passageira dôr de dentes e comparava a com a serenidade que sua mãe mostrava nas dores phisicas e moraes; lembrava-se da simplicidade de Villalva e comparava-a com a vida de infinitas necessidades a que entre gente fina se deixava arrastar.

D'esse confronto saia com umas vagas apreensões de ter errado na maneira de realizar as suas aspirações moraes, mas breve esses temores se dissipavam. A candura de Laura venceria as fraquezas da educação. Era só o tempo necessario para a revelar e vêr desabrochar na sua consciencia as flores de suave perfume que lá dormiam em botão. A esperança reanimava-o.

Tardava, porém, essa almejada quietação na virtude. As futilidades absorventes succediam-se; a existencia consumia-se inutilmente. Laura não dispensava a companhia de Claudio a todas as refeições, em todos os passeios e nos serões passados em casa dos paes, prolongados serões em que a moleza dos estomagos replectos se espreguiçava pelas flexuosas cadeiras Luiz XV. Por amor, dizia ella, não queria desamparal-o um instante.

O certo era que a vida de Claudio se subordinára inteiramente á da mulher; todo o trabalho se reduzia a servir-a nos seus prazeres e nas suas necessidades, empregado a todo o instante nos mais frivolos misteres, em procurar um lenço que esquecera algures ou em transmittir ordens aos creados. Já em casa dos Albuquerque se dizia que a filha encontrára um excellente marido.

Aos primeiros incommodos da gravidez esta situação aggravou-se. Laura passava mal, constantemente enfadada, com um fastio permanente, ora no leito, ora recostada n'uma ottomana dos seus aposentos.

A presença de Claudio era então reclamada como um dever; não podia abandonar a esposa, cumpria-lhe servir-a em todos os seus caprichos como bom enfermeiro. Nos peiores dias, nem sequer lhe era permittido sair ao jardim; ficava em casa, inventando jogos para a distrair, a ella que com tudo se contrariava e aborrecia.

Uma vez, porém, teve a tentação de se affastar para seu prazer. Os jornaes annunciavam a chegada a Coimbra d'uma pianista notavel, Sophia Menthner, que vinha dar um concerto, um unico. Claudio leu a noticia á mulher e perguntou:

—Queres lá ir?

—Deus me livre! respondeu ella irritadamente e accentuando a inconveniencia da pergunta. Estou lá em estado de cousa nenhuma! Como queres tu que eu me vista?

—Gostava muito de lá ir. Ha tanto tempo que não apparece por cá quem se possa ouvir...

—Mas vae tu...

—Talvez. Logo veremos. Conforme tu estiveres...

Chegou a noite e Laura estava com o seu habitual fastio, mas sem molestia alguma. Claudio não se conteve; foi ao concerto. Receiando os seus amuos, explicou que era só por uma ou duas horas quando muito, que o desculpasse. Tinha muita vontade de ouvir a pianista; precisava mesmo de se instruir.

Laura nada respondeu, contendo o seu despeito. Claudio saiu na persuasão de que a tinha deixado convencida e de que ella generosamente acquiescera aos seus desejos.

A pianista era notabilissima. Claudio não teve coragem de deixar o theatro até ao fim do concerto. Sentia-se enlevado nas visões tragicas de Beethoven, nos idyllios de Chopin, na attica serenidade de Mozart.

Era uma embriaguez para os seus nervos doentes, ainda magoados das mortificações moraes, uma agitação sádica e capitosa.

Recolheu a casa contente, sentindo em si uma vibração que o erguia da prostração morbida em que os azares do seu destino continuamente o traziam. Esperava encontrar Laura adormecida e abeirou-se do seu leito cautelosamente.

Immovel, os olhos abertos, junto das almofadas um lenço a indicar as muitas lagrimas que tinha chorado, Laura sentiu aproximar-se o marido e nem se moveu nem disse uma palavra.

—Que tens, perguntou Claudio ancioso, que tens?

Não respondia; todas as instancias e todos os carinhos eram vãos, baldada toda a mágua afflictiva com que era interrogada. Uma convulsão de choro foi a sua unica resposta, ao cabo d'alguns minutos.

Claudio nem sequer se atrevia a pedir explicações dos modos de indiferença e aborrecimento com que a mulher o tratou durante todo o dia que se seguiu á noite do concerto. Por demais tinha aprendido com Emilia a colera que esse mutismo significa. Pensava apenas no seu triste destino, d'esta vez sem poder fugir a uma ponta de azedume que se lhe cravava no coração.

Não era senhor de si, não podia dispôr de duas horas para seu prazer e sua instrucção, para repousar, avigorando-os, os membros fatigados? Toda a obrigação se reduzia a servir Laura, os seus habitos e os seus caprichos, ainda mesmo aquelles que condemnava como uma perniciosa ociosidade? Esquecia as aspirações de virtude que o tinham levado ao casamento; o egoismo, calcado pelo dominio absorvente da mulher, revoltava-se em nome de direitos soberanos e infiltrava-lhe no peito um mau fermento. Lembrava-se de Albergaria e porventura passou-lhe pelo pensamento, rapidamente, uma onda de saudade.

Ao menos, lá, tinha o socego do seu palacio, a liberdade, a independencia, os carinhos protectores da mãe para lhe suavisar a cruz a que o prendera o amor de Emilia.

Aqui, nem isso; só, a todo o momento em face de uma mulher que constantemente o magoava com uma crueldade que a seccura do seu coração ignorava, todos os caminhos estavam vedados, o carcere era perfeito, o soffrimento sem esperança de remissão que não viésse d'aquella mesma que era a causa da sua dôr. Vinham, por instantes, alentos de energia e fé, clarões que varriam estas sombras.

Sob a meiguice de Laura, nos momentos em que o seu dominio se traduzia acariciando aquelle que era amado por ser objecto da sua posse, Claudio recuperáva animo. Não! errava; as exigencias da esposa eram as exigencias do dever. Precisava banir da alma os derradeiros impulsos do egoismo, abdicar de toda a liberdade, viver só e unicamente para a sua familia. Que lhe importava o resto?

Prazeres da intelligencia e do espirito, alegrias do corpo expandindo-se ao contacto da natureza, tudo eram vaidade de que lhe cumpria despojar-se perante a imagem hirta e sombria que a consciencia lhe apontava, repetindo-lhe com impassivel inflexibilidade a palavra dever. Era necessario viver para a sua familia: essa era a obrigação por excellencia para cumprir a qual se casára e a que espontaneamente havia de consagrar-se, tendo posto termo a um passado criminoso que não voltaria. Aceitasse pois sem trepidar o sacrificio de todos os desejos egoistas.

Claudio promettêra a sua mãe ir vê-la todas as semanas. Essas visitas, á proporção que o character de Laura se revelava, começavam a tornar-se um problema inquietador.

Para Claudio eram a maior das alegrias; a presença da mãe e das serras de Villalva eram para o seu coração um magico lenitivo que apagava todas as dores sem o minimo esforço da razão e do pensamento.

Perante ellas sorria, como se bebesse, por um filtro mysterioso, a mocidade e a frescura. Não o comprehendia Laura e por isso sentia, com um vago ciume, como se lhe roubassem uma parte de qualquer cousa que lhe pertencia, os constantes cuidados do marido pelo que

se passava em Villalva, a alegria e a impaciencia com que esperava o dia de lá ir, as pequeninas necessidades que inventava para servirem de pretexto a mais frequentes visitas. Convertia em tortura esse prazer singelo e bom.

Antecipadamente discutia-se o dia da visita; já não era sem receio que Claudio se aventurava a lembrá-la, tendo percebido quanto a mulher se contrariava.

—Vamos amanhã?

—Amanhã, não. Temos que acompanhar á estação as Mendonças que vão para o Porto e vieram despedir-se.

—Ah! é verdade!... Depois de amanhã...

—Depois de amanhã também não. Disse-me hontem a mulher do dr. Ramos que queria vêr o nosso jardim e talvez cá viesse.

—No outro dia... mas faz-se tão tarde... E não sei o que por lá vae...

—O melhor é não te prenderes comigo. Vaes sósinho.

Estes dialogos eram frequentes; quasi se repetiam invariavelmente todas as semanas. Mal passava o domingo, era necessario começar a preparar o terreno para fazer a jornada a Villalva sem provocar a irritação de Laura.

O problema não tinha solução; estava destinado a manter-se indefinidamente nos termos em que o punham a contradicção do affecto de Claudio e da indiferença de Laura. Ou Laura acompanhasse o marido ou ficasse em Coimbra, essa visita era sempre toldada por inquietações.

A presença de Laura importava um retraimento de expansões que por completo prejudicavam toda a alegria; a sua ausencia obrigava Claudio a apressar-se no regresso e prejudicava do mesmo modo

toda a alegria com a suspeita do descontentamento da esposa. Temia o mutismo em que se traduziam os seus frequentes despeitos; apavorava-se com esse espectro que lhe embargava toda a felicidade.

Só a mãe de Claudio ignorava quanto essas visitas custavam, porque o filho, para lhe poupar a tranquillidade dos seus ultimos annos, apparecia-lhe sempre sorridente de ventura, d'uma ventura que só pelo amor da mae se lhe mostrava na face mas que no intimo suspeitava que jámais seria o seu quinhão n'este mundo.

Os seus olhos resplandeciam de felicidade ao transpôr a estreita porta do casal de Villalva, para que as trevas do coração jámais se derramassem na luminosa paz d'essa velhinha que nas suas orações não cessava de pedir a Deus que ungissem o filho com as suas benções. Mas, voltadas as costas a esse santuario, logo a tristeza envolvia Claudio como n'uma lugubre mortalha.

À casa da estrada da Beira corriam os mendigos, attraidos pela fama de gente rica recentemente casada, esperando generosidades proprias de quem tem fé na recompensa divina.

Raro batiam á porta principal. Contornavam a casa e, segundo o seu velho costume, procuravam a porta de serviço, onde tinham probabilidades de encontrar alguém que os attendesse. Para isso passavam em frente das largas janellas da sala de jantar, vestidas de flores e trepadeiras a emoldurar o fulgor das pratas e as cores mimosas das louças da India, que se viam dentro, cobrindo as paredes em extensas prateleiras. Quando sentiam vozes na sala, começavam n'aquelle ponto as suas lacrimosas melopêas.

Laura contrariava-se com essas visitas. Aborrecia os mendigos cuja miseria e immundicie repugnava á sua esmerada elegancia; apressava-se a despedil-os recusando ou dando a esmola, a maior parte das vezes concedendo-a, por ser esse o meio mais rapido de os vêr sair.

Claudio tentava moderar essas impaciencias com palavras de sympathia pelos pobres, esperando despertar iguaes sentimentos no coração da mulher e associar-a aos seus impulsos de caridade, mas encontrava uma indiferença inabalavel.

Essa indiferença havia de transformar-se um dia n'uma explosão de maldade em que deviam naufragar todas as esperanças de conversão.

Regaladamente, banhada a sala pela luz brilhante que as sombras do arvoredado moderavam com uma vibração de frescura e os lilazes e as roseiras embalsamavam espargindo perfumes, Claudio almoçava com Laura, quando um mendigo entrou a cavallo n'um burro, um par de muletas cruzadas sobre o albardão esfarrapado, o corpo do animal ulcerado pelo attrito constante dos apparelhos que jámais deixava, ou pastasse pela beira dos caminhos ou conduzisse o seu miserando cavalleiro. O burro entrou, parou em baixo das janellas e, enquanto o mendigo começava rezando, elle, com esforço, estendendo os labios, procurava alcançar os ramos d'uma acacia que tinha em frente.

—Ah! é de mais!... exclamou nervosamente Laura dirigindo-se ao marido e apontando o mendigo. É preciso que ponhas termo a isto, d'outro modo não se póde parar n'esta casa!

—Deixa-os lá! Coitados! Precisam e não percebem mais...

—Qual precisam! Precisam menos do que nós. Que trabalhem! O que elles são é uns vadios, a viver a custa dos outros. Afinal morrem e estão ahi a cada passo a encontrar-lhes muito bom dinheiro.

—Isso são casos rarissimos. Lá apparece um que pôde fazer um mealheiro, mas a quasi totalidade d'esta gente passa fome. E ainda os que vem pedir serão os menos infelizes. Deus sabe o que soffrerão os que ficam por esses casaes!... Nós é que deviamos procural-os.

—Não faltava mais nada!... Ainda em cima de nos incommodarem a toda a hora e a todo o instante...

—Incomodar, não. Não gosto de te ouvir dizer isso. Temos obrigação de os ajudar. Até são bonitos!... Nos seus andrajos, nas suas rugas cavadas, n'estas barbas descuidadas, quanta vida, que dramas intimos de miseria physica e de miseria moral, quantas dores, quantos desejos calcados, quanta esperança enganada!

—E os que andam ahi pelas tabernas e pedem para ir beber, tambem te parecem muito bonitos?

—Tudo é miseria. Que importa que venha das enfermidades do corpo ou das enfermidades da alma? Não podemos distinguir. Bem diz o Evangelho: Dá a quem te pede.

—As phantasias que tu quizeres... disse Laura córando de colera e querendo terminar; eu é que não estou para aturar isto. Tenho cá os meus pobres que sei que são necessitados e não quero saber dos outros. D'aqui a pouco não ha gente decente que possa vir a esta casa. Sempre tudo entulhado com pobres. Deus sabe as doenças e a porcaria que elles trazem. Ainda queres agora que ponham os burros a pastar no jardim!... Eu é que não estou para aturar isto!... Para me consumir basta o que aturo aos brutinhos dos creados.

Claudio calou-se, não se atrevendo a insistir perante a irritação de Laura, e ficou scismando, com infinita mágoa, no character rebelde da esposa. Enganára-se? Essa educação religiosa das irmãs de Santa Ignez, em que tanto se fiára, seria unicamente uma série de formulas occultando a inanidade de sentimento? As devoções bastas, as orações, as missas, as confissões, os escrúpulos em faltar aos preceitos ecclesiasticos nos dias de abstinencia seriam um habito, ainda uma singular especie de vaidade, a vaidade religiosa, coincidindo com um egoismo tenaz e uma implacavel sede de commodidades? A ingenuidade, a candura de Laura seria apenas a inexperiencia d'uma rapariga educada ao abrigo de todo o

esforço e de toda a contrariedade, só para ostentar a gentileza da sua figura?

Os factos tentavam convencer-o, mas elle affastava todas as suspeitas ruins com a vara magica do amor e da esperanza. Não; Laura era um anjo. Só a impaciencia de tranquillidade e de virtude lhe povoava a imaginação de pavores. Toda esta irritabilidade que simulava estreiteza ou perversão moral, todo o egoismo absorvente que reduzia o marido a uma simples commodidade da mulher, d'uma passividade completa, tudo isso eram apenas o resultado necessario d'um mau estado physiologico, d'enfadonhos incommodos de gravidez. Mas, terminados elles, quando Laura fosse mãe, a generosidade, os carinhos e a caridade haviam de desabrochar na sua alma e a vida seria então para Claudio o eden que nas attribuições do erro sonhára e se propozera conquistar. Esperasse; a sua hora chegaria.

E assim tudo perdoava a Laura, abdicando sempre, perante o dominio da esposa, dos seus mais pequenos desejos e das suas ambições mais nobres, tomando por motivos de bom quilate as razões que para desvanecer suspeitas amargas lhe eram suggeridas por um amor ainda flamejante, e porventura por um ardor de sensualidade que não attingira ainda a sua inevitavel e satanica consumpção.

Para alliviar o enfado de Laura, começaram a reunir-se á noite em casa de Claudio os antigos frequentadores do palacio dos Albuquerque. Vieram as classicas mezas de jogo com os seus castiçaes de prata, os cinzeiros e o panno verde, accenderam-se as vélas do piano para ouvir as walsas e as marchas em que as meninas fidalgas mostravam o esmero da sua educação, entre a assistencia circularam os taboleiros com bolos e chicaras de chá levados nos braços hirtos dos creados, em bom aprumo, envergando a casaca bem assente.

Laura sentia então um suave contentamento que lhe dava uma expressão de felicidade; via ali uma reproducção fiel do viver de seus paes, toda a sua vaidade vibrava quando algum mais intimo

lhe vinha dizer que os seus serões já tinham fama de elegantes na cidade.

Na meza, porém, é que punha os seus maiores cuidados. O arranjo das flores, a combinação do jantar, o serviço, o modo de pôr e tirar os pratos, a maneira de servir os vinhos, tudo isso era objecto de longas reflexões e consequentes recommendações severas aos creados. Se havia algum convidado, o que bastas vezes succedia, os cuidados redobravam e não deixava de perguntar ao marido pela sua impressão.

—Que te pareceu?

—Muito bem, respondia invariavelmente Claudio.

—Dizes-me sempre isso!... Não me ajudas em cousa alguma!...

A frivolidade invadira-lhe a casa com todo o seu cortejo de fainas ociosas e estereis trabalhos em que a vida se dissipa sem o minimo valor moral. Todos os sonhos de caridade, de trabalho, de honestidade, de modestia e de affastamento das cousas mundanas esvaíam-se deante das mesquinhas exigencias de Laura a quem parecia ter cedido completamente.

Não cedera, apenas esperava. Todas as ambições geradas na cruz do remorso permaneciam vivazes, bem arreigadas no fundo da sua alma, esperando a hora de saciar-se. Cedia levado pela convicção de que era seu dever dar tranquillidade á esposa proxima a ser mãe, sacrificando-se n'esta abdicação ao culto da maternidade, mas intimamente contando os dias que o separavam da hora da redempção. Nem poderia esquecer os propositos com que se casára: lá estavam a lembrar-lh'os as visitas a Villalva, que Laura supportava com mal dissimulado aborrecimento.

D'ahi voltava sempre com uma tristeza inquieta que o tornava silencioso e distrahido. Porventura a sua vida teria naufragado sem remedio? O dever que impozera á sua vontade como norma de

existencia e satisfação da consciencia havia de curvar-se á fragilidade d'uma mulher?

A duvida voltava a apossar-se do seu espirito, mas o desalento era breve, terminando sempre em uma cega confiança na transformação de Laura. Toda a sua fundamental frivolidade lhe parecia então uma transitoria meninice, e, resignado, esperava ansioso as dôres que, fazendo a mãe, accenderiam na sua alma as fachos do amor divino.

Quando viu approximar-se esse momento, exultou. Era a libertação de toda a agitação vazia em que consumira quasi um anno. Laura aprenderia nos labios côr de rosa do filho a piedade e o sacrificio. Não mais coraria de desespero quando os mendigos lhe calcassem o jardim; havia de preferir á banalidade fastidiosa dos seus serões entre os convivas o silencio da alcova singela compassadamente cortado pelo embalar da berço. Só estranhava o borburinho que lhe ia em casa e as andadas de D. Maria Francisca, já interrogando o medico, já segredando com a parteira.

—Olhe, doutor, parece que agora sentiu umas picadas mais para o lado esquerdo... Que me diz?

—Isso não significa nada, minha senhora.

E ia ao pé da filha, a dizer-lhe que não era nada, tinha respondido o medico.

Voltava instantes depois.

—Oh, doutor, não acha que isto vae a demorar-se. Se a examinasse... O dr. Xavier, um indio que estudou lá fóra, disse-me que em Paris...

—Ora, Paris!... Em Paris, respondeu o doutor que era um rude e singelo descrente de medicinas, em Paris as mulheres teem filhos como em Portugal. Até devem ter menos que a população diminue.

—Tem uns modos este doutor... ia dizer D. Maria Francisca á parteira. Já estou arrependida de não ter mandado vir de Lisboa o dr. Xavier. Sempre é outra cousa!...

—Oh, sr.^a D. Amelia (era o nome da parteira) talvez seja melhor passar outra vez as mãos pelo sublimado. Esteve agora ahi a mexer nesses vestidos e o dr. Xavier disse-me que era preciso muito cuidado. O sublimado sempre! Para a mais pequenina cousa!...

—Deixe lá, minha senhora! Tenho assistido a muita mulher. Isto com a ajuda de Deus Nosso Senhor...

—Oh, doutor, voltava D. Maria Francisca a perguntar ao medico, as dores parece que são tão distantes...

—Não se afflija v. ex.^a, ellas apertarão.

—Que homem, que modos estes! E dizem que é bom medico! Ai, Senhor, tomára já isto passado!

Claudio olhava este espectaculo surprehendido, vagueando pelas salas e pelos corredores. O que?! Pois o nascimento era este vil receio da morte e esta ridicula fé nas cousas que hão-de salvar o corpo? Não havia uma religião que libertasse de tantos e tão mesquinhos cuidados elevando a alma em extasis divinos? Não era toda a maternidade, desde o parto e o berço até á formação completa do homem, o modo providencial de pagarmos a divida d'amor e de carinhos que a existencia de cada individuo significa? E, sendo assim, porque tamanha pressa em cuidar do corpo e de passageiras dôres que a resignação, tirada da consciencia d'uma missão sublime, curaria melhor que todas as medicinas? Ainda aqui as aspirações da sua alma vinham bater contra a mais extrema pobreza moral; o desgosto perturbava a piedade que a afflicção da esposa lhe despertava.

No quarto de Laura ouviu-se um grito afflictivo. Fez se um silencio d'anciedade. Os gritos repetiram-se, lancinantes, e, após uns curtos momentos, os vagidos d'uma creança pozeram a casa em alvoroço.

—Felicissima! veio o medico dizer a Claudio. Muitos parabens! É um rapaz!... Adeus que não tenho aqui que fazer. Muito socego é que a doente precisa.

—Muito obrigado, muito obrigado, respondia Claudio acompanhando o medico até á porta.

O medico saiu e Claudio correu apressado ao quarto de Laura. Queria vêr a sua physionomia illuminada de contentamento, queria vêr os primeiros clarões d'essa aurora. Era que a sua alma havia de expandir-se nas auras d'uma vida nova.

Entrou cautelosamente, pé ante pé.

—Entre, entre, disse com affouteza D. Maria Francisca, que estava sentada á cabeceira da cama de Laura. Venha vêr o seu morgado. Muito gordinho e lindo como um anjo!

Claudio aproximou-se da creança, tumefacta e vermelha, apertada em faixas brancas, mas logo a deixou para se dirigir a Laura.

Beijou a mulher timidamente, humildemente, com uma uncção religiosa. Não era o corpo enfermo que os seus labios tocavam, era a imagem em que a graça de Deus incarnára.

—Como te sentes? murmurou.

Ella entreabriu os olhos e, n'uma contracção de repugnancia e odio, respondeu:

—Ai, meu Deus! Que horror!

E os olhos cerraram-se novamente. Não houve uma palavra para o filho, nem um gesto de ternura, nem o mais leve movimento que não significasse um fastio mortal.

Claudio ficou de pé, immovel, esperando ainda d'aquella massa inerte envolvida em finissimo linho uma vibração que viesse

confirmar as suas esperanças de tantos mezes.

Só uma gélida mudez lhe respondia. Saiu do quarto de Laura esmagado de desalento.

Embora! No seu espirito procurava razão para justificar o estado moral de Laura e continuar a esperança que até alli tinha mantido.

Era uma reacção natural do corpo fatigado pela dôr physica, mas, quando a saude voltasse, com ella viriam os affectos de mãe e o ardor de sentimento em que todos os sacrificios são recebidos, na alma ávida de amor, como favores do destino.

Todavia, pensava, que singular perversão a do genero humano! Não acontecia o mesmo com os animaes. N'elles, o instincto materno dominava todas as dores e tanto era o zelo que, nos primeiros tempos immediatamente ao parto, a aproximação das mães era perigosa; havia uma resurreição de instinctos bravios a proteger os recém-nascidos.

Porque não seria assim para as mulheres? Que degeneração de sentimento as podia levar a abandonar os filhos logo ao nascer, friamente, sem um grito do coração offendido? Não, não podia ser assim.

Laura soffria apenas uma crise passageira; em breves dias havia de operar-se a transformação milagrosa do ser frivolo e egoista na esposa e mãe profundamente generosa, consagrada com uma intima felicidade, á existencia alheia.

Essa transformação porém não vinha. Deccorriam os dias, as forças voltavam, e Laura continuamente se lamentava. Não podia dormir uma hora descançada! dizia. Era impossivel restabelecer-se com a creada a entrar-lhe no quarto a cada instante, para que dêsse de mamar á creança!

D. Maria Francisca tinha creado os filhos. A sadia animalidade da sua robustez comprazia-se nas suavissimas caricias da

amamentação; o calor das creanças junto aos seios em que pousavam as pequeninas mãos, comprimindo-os ligeiramente, fôra sempre para ella um instinctivo prazer, desprendido de quaesquer razões moraes. Para a filha, porém, era differente. A filha fôra e continuava a ser um objecto de luxo que queria conservar em todo o seu brilho e belleza. Por isso, ouvindo os queixumes de Laura, invariavelmente lhe dizia:

—Toma uma ama! Tu não queres crer que és muito fraca...

—Mas o Claudio tem dito sempre que não quer...

—Lá vens tu com o Claudio! O Claudio ha de fazer o que o medico lhe disser. Pensas que os maridos gostam muito de vêr as mulheres magras e velhas antes de tempo?

Interrogaram o medico, na presença de Claudio. O medico respondeu:

—Olhem, minhas senhoras, isto de crear os filhos é conforme a vontade de cada um. Quando se tem n'isso grande empenho, fazem-se das fraquezas forças, e elles criam-se. Agora quem quer ter descanso...

—O que eu não comprehendo, interrompeu Claudio que a conversação contrariava extremamente, é como uma mulher tem forças para crear um filho no ventre durante nove mezes e trazel-o a este mundo sadio e forte, e não não tem forças para em seguida o amamentar durante um anno. Muita gente devia morrer entre os pobres que não tivessem para pagar a quem lhe creasse os filhos!

—Sim, observou D. Maria Francisca, eu posso fallar porque creei os meus... Quem não tem outro remedio, ou seja forte ou fraca, cria os filhos; mas quem é fraca, tem meios e teima em os criar faz muito mal. Nem mesmo ás creanças é util. Pois se ellas podem ter um leite bom para que hão de estar a mamar um leite fraco? Não é verdade, doutor?

—Até certo ponto... respondeu o medico. Mas lá isso, diga-se com franqueza, não sei o que é o cuidado das mães! As creanças parece que medram só com o calor da cama. Por melhores que sejam as amas, sempre são madrastas.

Claudio applaudia, mas D. Maria Francisca instava pela vinda d'uma ama. Era uma necessidade. Só se Claudio tinha muito gosto em vêr a mulher tísica!...

Ao fim de pouco tempo, estava contractada a ama. Não houve razões, nem instancias, nem um confessado desgosto e pezar que povessem barreiras ao egoismo de Laura e a levassem a ceder aos desejos do marido. E Claudio via com espanto, que em breve se transformaria em aversão, o filho entregue a braços estranhos.

Seguiu-se o baptisado. Como de costume, D. Maria Francisca veiu discutil-o com a filha e por deferencia que ella julgava um requinte de delicadeza, quiz ouvir tambem Claudio. Já tinha combinado com Laura o character da festa e o numero dos convidados, baptisado ás cinco horas da tarde, jantar em seguida e depois uma pequena reunião dos intimos. Preferiria um grande baile, mas a casa não o comportava e a disposição dos moveis não era adequada á dança. Fica assim uma reunião mais escolhida, concluia ella, como teu pae gosta. Com o pretexto da casa, escusamos de convidar os gebos que não sabem vestir uma casaca e não vêm ahi senão para comer.

Claudio não concordava; não queria festa alguma. O baptisado, dizia, é um sacramento e deve ser dado com a placidez e o recolhimento de quem tem consciencia do que faz. Não foi instituido para patuscadas.

—Ora que idéas!... respondia a sogra. Haviam de julgar que caíram em miseria ou que tem muito pouco gosto em ter um filho. Nada, nada, deixemo-nos de excentricidades, vamos andando assim, que foi sempre o costume cá de casa. Que diria o Claudio se visse o baptisado do José?!... Durante oito dias tivemos em casa vinte e sete hospedes! O conde de Palhares, que veiu cá de

propósito, disse-me que os bailes do Farrobo não tinham mais grandeza.

—Coitado, murmurava, dirigindo-se á Laura, é muito bom rapaz mas ha de ressentir-se sempre d'aquella vida na aldeia.

—Se a mamã soubesse o desgosto que tenho com isso...

A vontade de Laura e de D. Maria Francisca prevaleceu.

Tomando por singela obediencia as complacencias com que até então Claudio se tinha sujeitado aos habitos e vicios da mulher, D. Maria Francisca, que as ausencias do marido e a docilidade do capellão tinham convencido de que todo o dominio lhe pertencia, começava agora a mandar em casa da filha como em sua propria. Por isso, passando de leve sobre as observações do genro, dispoz tudo para o baptisado conforme o desejava.

Claudio começava a viver sob uma impressão de pavor que crescia á maneira que via perderem-se todas as suas esperanças. A cada instante se refugiava no seu gabinete, procurando o silencio e o isolamento em que poderia encontrar-se só e bem de frente com a tristeza da sua vida.

Quando chegou o dia do baptisado, sentia-se mais do que nunca oprimido. Quasi não fallava; respondia por monosyllabos, se o interrogavam.

—O sr. dr. Claudio, dizia um velho lente de theologia para D. Maria Francisca, vê-se mesmo que está doido de felicidade! Não diz uma palavra, vae todo entregue ao pensamento no filho.

Na igreja, porém, a imagem do Christo e a magestade do templo, juntando-se á febre do seu espirito, produziram-lhe um momento de oração ardente. Com uma supplica instante, fervorosa, acompanhava as palavras do padre, dirigindo se a um deus desconhecido que não via com os olhos do rosto mas que sentia na alma dominando o mundo. Intimamente repetia com o sacerdote:

Omnem coecitatem cordis ab eo expelle, varre-lhe do coração toda a cegueira, *disrumpe omnes laqueos Satanae*, quebra-lhe todos os laços com Satanaz, *aperi ei Dominé januam pietatis tuae*, abre-lhe, Senhor, a porta da tua piedade, *accipe lampadam ardentem et irreprehensibilem*, recebe a lampada ardente e irrepreensível, *custodi baptismum tuum*, guarda o teu baptismo, *serva dei mandata*, obedece aos mandamentos de Deus, *ud habeas vitam aeternam*, para que tenhas a vida eterna. *Vade in pace et Dominus sit tecum*, vae em paz e o Senhor seja contigo.

A estas ultimas palavras os olhos toldaram-se-lhe de lagrimas. Vae em paz e o Senhor seja contigo! repetia interiormente.

A dôr das amarguras do passado e a ambição da felicidade do filho confundiam-se n'um mesmo anseio. A consagração a Deus era plena, irrompia-lhe do coração. Vae em paz e o Senhor seja contigo!

—E fique-se por aqui, dizia-lhe D. Maria Francisca ao entrar em casa, enquanto atravessavam o jardim. A Laura é muito fraquinha. Depois não sei o que é... Por mais cuidados que se tenha, os partos envelhecem muito. Lembra-se de vêr minha prima Luiza? Casou ha cinco annos, como sabe, e tem tres filhos. Via-a outro dia em Cercosa. Está uma velha! Não faz ideia. Fique-se por aqui, fique-se por aqui, que está muito bem. Demais, um rapaz!...

Claudio ouvia sem responder, pasmado do despejo da sogra. Sabia que havia muito quem assim pensasse, nunca imaginára que alguém se atrevesse a aconselhar-lh'o.

A sua regra era a do Evangelho: Crescei e multiplicai-vos. Crescei e multiplicai-vos para o trabalho e para a virtude, para que a verdade se derrame no mundo, para que a caridade e o amor cresçam alargando-se as relações na humanidade.

O seu desejo era ter muitos filhos, julgava que essa seria uma das condições do resgate das suas faltas passadas; formando para o bem numerosas almas christãs, havia de compensar os seus erros.

A intervenção da sogra surpreendera-o e por isso se calára; mas, passado esse primeiro momento de surpresa, revoltava-se.

D. Maria Francisca, porém, é que não desanimava, posto que pelo silencio do genro ficasse suspeitando de que elle não acceitava o conselho. Á noite, conversando n'um pequeno grupo em que se encontravam Laura e Claudio, julgou conveniente repetir a instancia mas d'esta vez levando-a por outra via.

—Hoje, dizia para a sua velha amiga D. Maria do Amaral, já não ha nem póde haver casas nobres. Vem as partilhas e não ha fortuna que lhes resista. A abolição dos morgados acabou com toda a fidalguia que fazia tanto bem. Desgraçado de quem tem mais do que um filho!

—Pois o meu desejo é ter vinte, apressou-se Claudio a responder bruscamente, não tentando dissimular a sua irritação Que trabalhem! Foi assim que fizeram meus paes. Deus me livre de gente vadia!

Laura córou e D. Maria Francisca respondeu:

—Crédo! Que ideias! Nem parecem d'um rapaz fino como Claudio!...

A conversação ia visivelmente azedar-se e D. Maria do Amaral, com o fino tacto que adquirira na sua vida de mundanismo fidalgo, accudiu a interrompel a:

—Olha que o sr. Soares não tira os olhos de nós, disse para D. Maria Francisca. Está á nossa espera para a manilha; lá entende que por ser dia de festa não ha-de ficar sem partida.

E todos se levantaram.

—O meu Claudio, veio dizer Laura ao marido quando mais tarde se recolhiam aos seus aposentos, foi hoje muito mau. Não gosto de o vêr assim. Fico muito zangada.

—Porquê?

—Ora, porquê?!...

—Talvez tu também não queiras ter mais filhos?...

—Ai, decerto que não! Um vá. Mais do que um, Deus me livre! Só o que eu soffri!...

—É a boa educação religiosa que vos dão n'esses collegios de beatas.

—Tomara-me eu lá! São umas santas...

—Ninguém te prende.

—Bom. Deixemo-nos de discussões que não estou para me inquietar.

—É melhor, é. Mesmo a unica cousa de que deves cuidar é de não te inquietares. Fazes bem. Has-de tirar-lhe bom proveito! exclamou já ao cerrar a porta e dirigindo-se ao seu gabinete.

Essa noite foi tormentosa para Claudio. As quatro paredes da sua cella asphyxiavam-n'o. Desceu ao jardim e passeiou até á madrugada, meditando no drama da sua desventura. A realidade apparecia-lhe sem attenuantes, as phantasiosas esperanças que por alguns mezes alimentára com uma tristeza resignada voavam como arremessadas ao longe pelo rebentar da metralha. Não queria ter mais filhos! Este pensamento obececava-o. Era a extrema perversão, o repudio completo de todas as leis naturaes, a cobardia e o egoismo, calcando e reprimindo toda a expansão da vida ingenua, um misero e constante terror, substituindo a alegria intensa do peito que canta com a natureza, dos ninhos das aves que adejam nas manhãs d'abril. E todavia era a sua sorte!... A maternidade não transformára Laura; pelo contrario, revelava-lhe o character. O amor de sacrificio não viera, mas, em logar d'elle, o egoismo redobrava, tornando-se indomavel.

Durante dois dias, Claudio só trocou com a mulher as palavras indispensáveis; taciturno, nada fazia já para lhe occultar o seu desgosto que era profundo. Intimamente, mantinha talvez ainda uma derradeira esperança, que ella fizesse por amor d'elle, pela sua paz e alegria o que por instincto e instigação da consciencia não tinha podido alcançar. Laura porém conservava-se inteiramente estranha ao que se passava no espirito do marido; julgava-se offendida com o seu silencio. Pois não era uma santa, um anjo, como tantas vezes ouvira aos que a cercavam?!

A sua vaidade não lhe deixava um instante de hesitação. Claudio não podia ter d'ella o menor agravo. Tudo o que elle fazia caia sob uma condemnação formal, completa. Demais, dera-lhe um filho, fizera por elle esse sacrificio. O filho não era para ella uma dadia de Deus para melhor cumprir o seu destino no mundo; tinha sido uma tortura supportada por uma victima da sensualidade e do capricho d'um homem. A obliteração do senso moral consumara-se n'essa creatura a que a educação formalista, dando-lhe a apparencia externa, os modos, as palavras e os gestos da bondade, no intimo creára uma plena secura de coração. Sem as luctas da vida em que se fórma e avigora a alma, repellia como uma offensa todo o esforço e toda a situação que não lhe lisongeasse sem reservas os seus desejos.

Entre Claudio e Laura começou uma verdadeira lucta, surda, sem explosões retumbantes, mas continuada e persistente, manifestando a cada momento uma divergencia de caracteres que, não logrando fundir-se, mutuamente tentavam dominar-se. Os creados, as visitas, o filho, os passeios, de tudo se tirava motivo para discussão que invariavelmente terminava por accentuar uma incompatibilidade de pensamento profunda.

Claudio queria os creados tratados como familiares, bondosamente, sempre propenso a excusar-lhes os erros e as faltas. Laura aborrecia-os e odiava-os cruelmente; batia-lhes por um prato que se partira, por uma fita que uma creada trazia mal posta,

porque se demoravam em acudir ao seu chamado. Não havia mez em que algum não fosse substituído.

—Antes um pedaço de brôa, diziam, e o seu socego do que os regalos dos fidalgos. E iam-se embora, maldizendo da casa.

—São do nosso sangue, dizia Claudio á mulher admoestando a; tem as mesmas tentações de descanso e de folgar, os mesmos vícios, o mesmo afêrro aos seus habitos. É preciso tratá-los com caridade. São elles que nos servem, é sobre elles que lançamos todos os trabalhos pesados que não podemos ou nos repugna fazer.

—Pois governa-os tu! Eu é que não estou para isso. Se te incommoda ouvir os meus ralhos, também a mim me incommoda aturá-los. O que elles são todos, concluia, enfurecendo-se, é uns demonios que não servem senão para me inquietar.

A primeira vez que Laura, depois de casada, tivera uma furia raivosa contra os creados, ficara de lembrança a Claudio.

Era sexta-feira da Paixão. Laura jejuára n'esse dia com todo o rigor que a egreja aconselha, tendo-se previamente informado com o confessor sobre as horas, quantidade e especie de refeição a que devia sujeitar-se, para alcançar todos os beneficios que d'ahi podessem provir-lhe.

Às dez horas saiu para a sé, de carruagem, elegantemente vestida de negro, levando nas mãos um livro rico, presente do casamento que uma sua parente beata expressamente encommendára em Paris e onde vinha traduzido para francez o evangelho. Na egreja foi sentar-se proximo do pulpito, n'um banco que um conego, antigo frequentador do palacio do Albuquerque, se apressou a mandar-lhe offerecer pelo sachristão, mal a viu. Depois seguiu com grande recolhimento toda a cerimonia, lendo, a cabeça inclinada sobre o livro, erguendo-se apenas de longe em longe para olhar a cruz e o altar.

À uma hora da tarde entrou em casa para tomar o magro alimento que lhe era permittido, mas ás quatro voltou a sair, sempre de carruagem, para ir vêr a procissão do enterro. Nova visita a casa ao anoitecer, logo seguida de immediato regresso á sé, para assistir ao officio de trevas e ao sermão da paixão. Tinha pressa, para não perder o logar que o conego promettera reservar-lhe.

Ouviu o officio, ouviu os córos e o orgão, pousando graciosamente o livro sobre os joelhos para se entregar a essa delicia, e ouviu por fim o sermão. Quando o pregador, um rapaz que tinha entrado havia pouco para a faculdade de theologia, terminando o discurso e procurando motivos de emoção, clamava no templo sombrio, pedindo um lençol para amortalhar o Christo morto na pobreza e no abandono, Laura, sentindo um fremito mais de temor que de piedade, bateu com a mão no rosto e enxugou duas lagrimas. Depois, deu o braço ao marido, saiu vagarosamente

acompanhando a onda de povo que se dirigia á porta da igreja e entrou na carruagem.

—Está frio, disse para Claudio. E este cocheiro é tão descuidado... Nunca se lembra de trazer os escalfadores.

Quando passavam na estrada da Beira, batia a meia noite. Ao entrarem em casa, encontraram um silencio profundo e Laura dizia ao marido, já levemente irritada:

—Adormeceu tudo, pelo que vejo! Parece que ninguem sabia que eu tinha saído e jejuei todo o dia. Que desmaselo!

la entrando, desabotoava a capa ao transpor a porta do quarto, quando n'um movimento de surpresa, estacou.

A creada, fatigada de esperar, sentara-se n'uma cadeira e adormecera.

Laura approximou-se d'ella pé ante pé, para mais amargo lhe tornar o despertar, e n'um accesso de colera indiscriptivel começou a bater-lhe e a injurial-a.

—Canalha! Que porcaria! Quem ha de dormir agora aqui?! gritava. O meu regalo era pôl-a immediatamente no meio da rua.

Claudio não se atrevia a pronunciar uma unica palavra.

—E tu então calas-te?!... dizia-lhe a mulher. Que homem este!

Eram estes os fructos da lição que na igreja Laura acabava de receber? pensava Claudio. Era este o modo por que commemorava os soffrimentos de Christo? A surpresa turvava-o inteiramente e, como de costume, a imaginação espraia-se buscando illusões, para retardar ainda por mais algum tempo a convicção de que a sua vida estava unida á mais cruel aridez do coração em que os seus sonhos de piedade christã tinham de se dissipar.

O filho era um acrescento ás vaidades de Laura. Entravam na sala as visitantes e logo a ama o preparava com rendas e fitas de seda para vir apresental-o. Choviam então as exclamações. Ai! Mas que belleza! Um mimo! Um apetite! E que gordinho!...

—É todo Albuquerque, diziam a meia voz as mais lisongeiras. É o retrato do avô.

Laura passava então momentos felizes. Não era o filho seu producto e propriedade, não vinham os elogios cair directamente sobre ella, juntando-se aos que em solteira ouvia sobre as suas graças e belleza?

A satisfação da vaidade continuava-se agora sob uma nova fórma e, despedidas as visitas, voltava risonha a contar a Claudio o que haviam dito a condessa dos Casaes e a prima Sarmento. Todos o acham um encanto, uma belleza!...

O marido ouvia; o contentamento da mulher despertava-lhe o desprezo que por ella começava a ter, lembrando-se da indiferença com que abandonára o filho a uma ama, da colera com que mandava affastal-o para que os seus chóros não a importunassem e principalmente do seu receio louco de ter novos filhos.

Comparava a mãe que idealisára, os olhos cavados e os braços doridos das longas vigalias a amamentar os filhos, com a imbecilidade risonha e paramentada que tinha deante de si; a convicção do naufragio das suas aspirações arreigava-se-lhe no espirito. Nem já o filho lhe podia reanimar esperanças O que seria d'elle creado n'aquelle ambiente?!..

Laura continuava sempre estranha ao que se passava no pensamento de Claudio.

A cada passo o contrariava, com a sêde de dominio e posse a que a tinham habituado os mimos dos paes, enquanto solteira, e que vira confirmados pela submissa obediencia com que o marido se curvára a todos os seus appetites durante os tempos de

gravidez. Queria saber todos os seus passos, queria que nunca se separasse d'ella. Não tinha a liberdade de sair sem previamente lhe dizer onde ia e para que. Era um passeio em que procurava concentrar-se algumas horas na reflexão sobre a sua malograda existencia para o trabalho e para a virtude? Esperasse, que ella iria tambem. Eram negocios que tinha a tratar? Escusava de sair e de a deixar só, tudo se regularia por meio de cartas; e punham-se os creados em movimento. O amor em Laura não era o ardor de sacrificar-se á vida d'alguem, de viver para outrem, era a paixão de possuir e conservar só para si a vida d'um estranho que lhe trazia gozos e commodidades. Por isso dizia que tinha muito amor ao marido e ao filho, e tomou por ingratidão o descontentamento de Claudio, que percebia sem poder explical-o.

—Ah! a inconstancia dos homens! exclamava. O que eu lhe ouvi e o que agora vejo!...

Succederam-se longos mezes sem que a situação se modificasse apparentemente, porque no fundo ia-se cavando a extincção de todo o affecto conjugal. Era uma lucta surda, sem expansão ruidosa, mas constante, inevitavel, entre dois caracteres oppostos e entre duas maneiras de conceber a vida, o egoismo que se occulta em convenções de religião e de bondade, e a virtude que rudemente, por um trabalho assiduo, procura servir o proximo.

Ao fim de dois annos de casamento, Claudio não tinha uma hora sua, para os seus prazeres, para os seus estudos ou para o seu trabalho; a sua existencia estava completamente absorvida pelas exigencias de Laura, pelas suas recepções, pelas suas visitas, pelos cuidados e deligencias que lhe impunha, continuadamente a caminho da pharmacia ou do consultorio, se a mulher sentia o mais ligeiro cansaço ou se o filho se mostrava impertinente.

O gabinete em que reunira os seus livros, sonhando uma vida de beneditino, affagada pelos carinhos vigilantes da esposa, essa cella em que, lendo e pensando, havia de alcançar o conhecimento da verdade, que toda a vida fôra a sua ambição, para lhe conformar a existencia, estava hoje convertido n'uma simples sala onde cada

dia, em trajes bem talhados por alfaiates de fama, ou aguardava a chegada dos convidados que vinham festejar os annos das pessoas de familia—os pretextos de festas multiplicavam-se,—ou pacientemente esperava Laura que, sem se dar pressa, rematava a *toilette* para passeiar de carruagem, ou se consumia em qualquer outro frivolo mistér.

Perdia-se o tempo e a fortuna soffria. Os tres a quatro contos de réis de renda que Claudio possuía e que em Albergaria lhe permittiam uma vida lauta, sob o governo burguez de sua mãe, nas mãos de Laura eram insufficientes para os seus habitos e costumes fidalgos. Era preciso um cocheiro e um trintanario, um jardineiro, um escudeiro, um hortelão, uma creada para o serviço de Laura, uma outra para a cosinha, uma outra para ajudante da cosinheira, mais outra para o serviço das roupas, mais outra para o filho, fóra o pessoal incerto de lavadeiras, de recoveiros, de engommadeiras e as innumeras gentes que frequentavam a cosinha da pequena casa da estrada da Beira.

Claudio calculava. Em dois annos tinha consumido quatro contos de réis além dos seus rendimentos. Era a ruina. Queixava-se a Laura.

—Tu bem sabes que não se póde viver com menos! respondia ella com vivacidade. Só se queres que eu lave a roupa e faça a cosinha...

—Não, mas tudo tem limites.

—Tem muita graça essas economias! Quem não quer gastar, não se casa. Ou então casasses em Villalva, com alguma rapariga de pé descalço. Não viesses procurar uma pessoa fina.

—Talvez não tivesse sido infeliz...

—Pois eu ainda mais feliz seria! Estava em casa de meus paes muito bem, não me faltava lá nada. Escusava de me vir metter n'este inferno.

Claudio calava-se perante os modos irritados da mulher. Por triste experiencia sabia que não lograria convencer-a, e fugia de violencias inuteis. Interiormente, porém, o desengano consumava-se e o desprezo crescia, illuminado de rapidos clarões de revolta.

Começava agora a manifestar-se d'uma maneira bem patente a sêde de libertar-se do jugo. Entrava n'um periodo de desespero. Os momentos de tranquillidade em que o espirito se lhe desanuviava e a alegria parecia voltar, e que d'ordinario eram os que passava conversando com antigos companheiros, já não significavam esperança; eram apenas o natural repouso das cogitações em que a sua infelicidade se revolia, reacção do pensamento fatigado de tristeza e buscando espontaneamente uma atmosphaera sã.

Intimamente, a desillusão era perfeita. Sabia que não podia esperar de Laura outra cousa que não fosse a futil existencia que até alli tinha levado; a educação, a estreiteza de espirito e uma vaidade sem limites venciam todas as tentativas de conversão que o marido tinha tentado, enquanto o habito de mandar e satisfazer todos os caprichos a tornava insolente e colerica perante a mais pequena contrariedade.

—Onde vaes? perguntava ao marido, vendo-o pegar na bengala e pôr o chapéu na cabeça.

—Passeiar e tratar umas cousas na baixa.

—Mas eu preciso sair tambem...

—Sae com o pequeno. Fica-te ahi a carruagem.

—Bons costumes! E muito delicados...

Claudio não respondia; continuava o seu caminho. Não tinha negocios alguns a tratar; o que queria era libertar-se d'aquelle ambiente que o suffocava, distrair-se em extensos passeios á beira do rio, na contemplação das aguas espelhadas e dos vergeis

mimosos ou encontrando quem lhe fallasse de coisas ociosas que eram para o coração dorido um rapido refrigerio.

Bem sabia que por cada vez que desobedecia a Laura teria alguns dias de despeitado mutismo, mas a frequencia e a injustiça dos repetidos amuos haviam-n'o tornado indifferente a essa arma que a mulher usára com proveito nos tempos em que elle esperava vencel-a e conquistal-a pela doçura e pela paciencia. Agora penetrava-o o desengano e abandonava Laura ao proprio desespero, que era apenas o castigo da ruindade dos seus sentimentos.

Foi n'esta situação que uma manhã o vieram encontrar as peiores noticias de Villalva. A mãe mandava-o chamar; tivéra um novo ataque de paralyisia e queria vê-lo. Claudio não se surprehendeu; ha muito esperava essa má nova. Via o declinar da sua velhinha, como lhe chamava, que já por duas vezes fôra accommettida de ligeiros insultos apopleticos; o proprio medico não lhe tinha occultado que era provavel que se repetissem e que constituíam, uma ameaça grave.

Claudio partiu na convicção de que ia vêr a mãe pela derradeira vez. Laura quiz acompanhá-lo, não porque sentisse o menor respeito pela sogra, de cuja rudeza se envergonhava, ignorando o que n'ella havia de santo e de grande, mas porque julgava ser proprio de gente fina acompanhar o marido em occasião tão difficil. Elle, porém, instou e foi só; talvez exaggerassem o estado da mãe, de lá lhe mandaria noticias e depois se resolveria como fosse melhor. A verdade era que queria vêr-se sósinho com a mãe e affastar de si, nos seus ultimos momentos, tudo aquillo que podesse perturbar-lhe a concentração na saudade d'aquella que fôra a maior affeição da sua vida.

Em Villalva, esperava-o o dr. Carvalho. Não saira d'alli toda a noite, dizia, nem sairia enquanto Claudio não viesse. Escusava dizer-lhe, acrescentava, que o estado da doente era muito grave.

—Os annos são muitos, meu amigo, e isto não póde ir longe. É a sorte que a todos nos espera, e o dr. Claudio, como homem intelligente que é, deve ter coragem para se conformar com o destino.

Claudio apressou-se a cortar o enfadonho discurso do doutor.

—Posso fallar-lhe, não posso?

—Póde... Ella por enquanto está ainda bem. Mas não convém conversar muito. Sempre excita...

Claudio entrou no quarto da mãe. Estava deitada, os olhos semi-cerrados, unicamente acompanhada pela filha, que se sentava á cabeceira da cama.

A filha, quando viu o irmão, levou rapidamente o lenço ao rosto a occultar as lagrimas que lhe rebentaram n'uma contracção afflictiva. Depois, dominando-se, chamou baixinho:

—Minha mãe, minha mãe?

—O que é? respondeu a velhinha abrindo os olhos.

—Está aqui o Claudio.

—Ai, meu filho, respondeu ella procurando-o com a mão esquerda, que o braço direito estava completamente paralytico. Estou muito mal... É tempo de dar contas a Deus Nosso Senhor... E foi bom que cá viesses hoje...

Calou-se e fechou novamente os olhos. As palavras tardavam e a voz embaraçava-se.

—Está assim, disse a irmã de Claudio. Falla quando a chamam, diz meia duzia de palavras e depois fica outra vez n'esta somnolencia. Já não se lembra de que foi ella que te mandou chamar.

Por pouco tempo se prolongou esta agonia. Proximo da meia noite, a velhinha moveu-se no leito. Claudio perguntou:

—O que tem? Quer alguma coisa?

—Quero... quero... um caldo, respondeu confusamente.

A filha saiu para ir buscar o caldo e Claudio aproximou-se da mãe, a observá-la. Pareceu-lhe alterada a face; para vê-la melhor, desvendou a luz que estava sobre a commoda, occulta por detraz d'um pequeno bahú de coiro, antiga herança da casa em que o pae guardava os titulos das suas propriedades.

—Luiza, Luiza! gritou chamando a irmã.

O rosto da velhinha moribunda congestionava-se e Claudio, ancioso, sem articular uma palavra, apenas pde apontar para elle.

Os dois filhos cahiram de joelhos chorando; em breves momentos, jazia inerte aquelle corpo que os animára com o seu alento e que lhes legava a eterna luz d'uma vida immaculada na caridade e no trabalho.

Houve certo rumor em toda a casa, dos creados que saiam a levar ordens para o enterro, a prevenir o parochio e os armadores. Depois, pelas duas horas, tudo caiu em silencio. Só Claudio e Luiza velavam o corpo da mãe, pallida e serena, vestida de negro, coroada de cabellos brancos, sobre o leito, mal illuminada pela luz dos castiçaes que ladeavam o crucifixo, em cima da commoda, convertida em altar.

Às oito horas, começaram a chegar os visinhos que vinham com palavras de sentimento, e muitos com lagrimas, offerecer os seus serviços. Dirigiam-se a Claudio que os recebia na sala e a maior parte, ao sair, entrava no quarto e ajoelhava, rezando, junto do cadaver.

Laura chegou com o filho, proximo ao meio dia. Claudio abraçou-os, soluçando n'uma crise de lagrimas.

—Vae vel-a, disse para a mulher.

Na confusão do seu espirito perpassou a esperança d'um milagre. A mãe havia de converter a esposa; dos tristes despojos d'aquella que fôra uma santa emanaria, a transformar a alma ingrata, a humildade e o amor.

Todo o dia se passou recebendo as visitas da gente de Albergaria que correu a Villalva. O enterro foi á tarde. Quando chegou a noite, voltou a paz. Tudo parecia dormir.

No dia seguinte Claudio regressou a Coimbra. Tinha pressa de restituir a mulher á sua casa e ás suas commodidades. Sabia que ella não podia estar contente ali, servida por creados rusticos, e a sua presença perturbava-o.

Porquê? Não o sabia ao certo. A confusão do seu espirito era completa, tudo o que conscientemente sentia era uma fadiga extrema. Voltava a Coimbra, lá pensaria o que tinha a fazer. Entregou a casa á irmã e partiu.

Em Coimbra, sentiu-se ainda peor. Desde que lá tinha chegado, succediam-se sem interrupção as visitas de gente fina que vinha trazer-lhe consolações banaes, em palavras que no correr do dia ouvia innumeras vezes.

Breve voltou a Villalva. A Laura disse que precisava tratar de partilhas e regular os seus negocios, mas a verdade é que queria estar só com as suas saudades, as suas máguas e os seus degostos. Queria concentrar-se na meditação, tentar descobrir e vêr claro o estado da sua alma. Contrariedades, esperanças, desillusões e uma infinita saudade batiam-n'o sem cessar como o lebreiro persegue a caça. Fugiria? Resistiria? No seu pensamento ia pelejar-se mais uma temerosa batalha.

VI

Villalva! O silencio e a paz no contacto da natureza, a absorpção no seu caudaloso palpitir, o arrebatamento nas suas emanações purificantes! Perante a cintura de montanhas que lhe cerravam o horizonte, lançando os olhos pelo valle em que os casaes dormiam escondidos no arvoredos ou debruçados á beira dos campos vicejantes, Claudio sentia uma vaga aspiração, um desejo obscuro cortado de saudades traduzindo-se n'um pullular de interrogações que opprimiam. Onde estava? Por que agrestes caminhos tinha andado? Onde ia? O que queria?

Só, n'aquella sala que ouvira os seus primeiros risos e as suas primeiras lagrimas, perante o vulto sagrado da mãe, agora sempre presente aos seus olhos, resurgindo reanimado, para não mais morrer, na exaltação d'uma immarcessivel lembrança, reconstituia a sua existencia, recordando factos, buscando ainda, com uma tenacidade de naufrago, esperanças de salvação.

O desengano esmagava-o; já não podia ter duvidas sobre a situação a que chegára, a historia da sua vida era um livro aberto em que não ficava o mais breve enigma nem a mais passageira obscuridade. Recordava os annos da infancia e mocidade, o respeito pelo trabalho e pela humildade de que seus paes lhe haviam dado lição profunda no exemplo ininterrompido, via como depois surgira a tentação accendida pelas fascinações da sciencia materialista e pelas perversões da riqueza, e sentia ainda com angustia a tortura em que o lançára o tormentoso desvairamento do adulterio.

Casára-se para se salvar. Não desenganado ainda sobre a significação moral da vida elegante, confundindo o luxo e a arte, a delicadeza do espirito e os cuidados corporaes, procurava mulher n'uma familia fidalga sonhando a alliança d'uma simplicidade christã

com os requintes artisticos e os gozos e as commodidades da gente fina.

Os curtos annos de casado tinham-n'o desiludido dolorosamente e profundamente. Encontrara um egoismo sem limites, occultando-se em palavras doces e sorrisos convencionaes, onde esperava uma alma aberta á sympathia, ao amor e ao sacrificio; encontrára uma inconsciente crueldade onde phantasiára uma perenne bondade e denguiques sentimentaes no lugar d'uma forte e sadia franqueza. Agora tudo estava perdido, sem remedio.

Quando fôra dos amores de Emilia, era livre, senhor de recommençar a sua vida; ligado pelo casamento seria arrastado na sua desgraça sem remissão. Passava-lhe pela mente todo o seu viver com Laura, os continuados motivos de desgosto que ella lhe dava e que por constantes definiam a sua vida normal; os ralhos e a odienta brutalidade com os creados, a aversão aos pobres e aos mendigos, o horror da procreação e essa avidez feroz com que reclamava o marido só para os seus prazeres, para os seus vicios e para as suas futilidades fidalgas, não lhe permittindo um momento de liberdade, não lhe concedendo, n'uma hora de bondoso desprendimento, que vivesse para si, para os seus trabalhos, para o seu repouso, ou, mais singelamente ainda, para as suas meditações.

Na verdade, não tivera com Laura um só acto de violencia, não podia dizer quando começára esse sentimento indefinido que o fazia temer a sua presença e o levava a affastar-se de Coimbra. Nem por isso a dissolução era menos completa; infiltrára-se-lhe na alma, subtilmente, impregnando-a dia a dia mas envenenando-a de amargura, enchendo-a do fél que trasbordava jorrando um sombrio desespero.

Como supportára até então essa cruz, porque não fugira ha mais tempo do lugar em que um tormento incessante o perseguia? Não tinham sido as esperanças de emenda da parte de Laura que o tinham contido. Essas perdera-as por completo quando o filho nascera; a mesquinhez da sua alma revelára-se então sem reboço,

deixando-lhe no espirito uma arreigada convicção que, de resto, os factos quotidianos confirmavam tenazmente.

Rememorando as mortificações que soffria, persuadia-se, n'um exame da propria consciencia, que só por amor de sua velha mãe occultára a sua desgraça tentando deixar-lhe sempre a impressão de que vivia feliz. Sim, só por ella bebera corajosamente esse calix sem trepidar, sem uma apparente contracção, para que a tristeza não perturbasse a sua velhice e pudesse morrer, como morreu, na tranquillidade de quem louva a Deus por ter abençoado de felicidade a sua próle.

Tudo estava acabado, partira-se esse ultimo laço que o ligava á terra! Aquelles cyprestes que além oscilavam ao vento junto á igreja, tinham agora para Claudio uma fascinação estranha. Os seus olhos não se desprendiam d'esse pedaço de terra, interrogadores, fitando os tumulos, buscando a revelação do enigma da sua vida. Viver! Para que?! Para sua mãe, o seu grande affecto? Dormia já para sempre. Para Laura, sua esposa? Era alheia ao seu coração e, ámanhã, quando o tivessem lançado ali ao pé de sua mãe, havia de cobrir-se de crêpes finos, e correria, em carruagem, a fazer medidas lacrimosas por casa dos parentes fidalgos, e bateria nos creados quando errassem e em accessos de ira expulsaria os mendigos do jardim.

Passava-lhe nos labios um sorriso de desdem perante a imagem d'essa dôr mentirosa, ávida da vida, d'uma crueldade impenitente; e o desprezo do mundo crescia no seu coração. Viveria para o filho? Nada podia esperar d'elle. Havia de crescer ao sabor dos caprichos da mãe. Já uma atmosphaera de louvores e constante lisonja começava a tornal-o enfadonho e falso; quando com a idade se lhe juntasse a sede de regalos, a perversão mostrar se-ia completa. Melhor seria livrar a tempo os seus olhos d'essa imagem em que veria incessantemente a miseria do seu destino. Viver para os estranhos, para os desconhecidos, para uma vida de caridade, enxugando lagrimas, agasalhando os indigentes, levando consolo aos desventurados? Era tarde! Toda a energia estava extincta,

consumida na propria desventura. Viver para os prazeres do corpo, lançando para longe todas as preocupações moraes, despindo-se affoitamente d'esse cilicio e libertando a carne? Muitas vezes, deixando a casa da estrada da Beira sob a impertinente insolencia da mulher, sentira os impetos d'uma reacção naturalista que o vigor dos annos aticava mas de todas as tentações logo accordava pela lembrança dos tormentos passados em Albergaria da Serra nos tristes annos dos amores de Emilia e pela perseguição de invenciveis espectros da consciencia em que as aspirações de virtude se confundiam com a imagem da sua mãe, no intimo sempre presente.

Que podia pois essa alma dilacerada pelo desengano, privada de todas as alegrias que ambicionára, continuamente retalhada de dôres? Tivesse a coragem de anniquillar os restos inuteis do seu corpo. Para que servia n'este mundo? O pão que o alimentava queimava-lhe os labios como um roubo ao trabalho dos que eram sãos, vivendo no amor, e o suicidio não seria um crime nem uma deserção, era uma obra de caridade livrando a humanidade d'um ser enfermo e esteril, era um acto de justiça, reconhecendo e castigando o desvairamento da sua existencia perdida em sonhos vãos e agora sacrificada á frivolidade d'uma mulher. Uma pesada sombra lhe escurecia então o pensamento e olhava esse abysmo eternamente mysterioso como o mar calmo em que precisava lançar-se para seu repouso, para sua gloria, para sua redempção.

N'esta febre havia porém remissões. Pela manhã, desde que fallecera a mãe de Claudio, a casa de Villalva era invariavelmente visitada pelos devedores, pelos rendeiros, pelos muitos que a serviam ou d'ella dependiam.

Vinham regular as suas contas, pedir perdão das dividas em atrazo ou que lhes esperassem pelo pagamento das rendas caidas, saber se poderiam contar com as terras, o que seria de futuro, a quem pertenceriam.

Era gente rude, vestida de burel, mostrando no peito uma camisa grosseira, de grandes e toscas botifarras, muitas vezes descalça,

tendo deixado á entrada os tamancos ferrados e o cajado. As mulheres vinham tambem; por homenagem ao novo senhor traziam-lhe aves que iam levar a cosinha, em pequenas cestas.

—Ai, Senhor! Está no ceu, era uma santa; diziam gemendo para que Claudio ouvisse e se compadecesse da sua pobreza.

Depois entravam, mansamente, e com longos rodeios, começavam a falar dos seus males, este dos gados que lhe morreram, aquelle das doenças que houvera em casa, est'outro das más colheitas e dos maus preços. Terminavam pedindo alguma cousa. Por alma da senhora sua mãe... rematavam.

Claudio, a essa invocação, que bem sabia ser banal, não tinha coragem de resistir. Era no seu espirito uma instantanea resurreição de qualquer cousa sagrada perante a qual ajoelhava submisso e humilde.

De resto, as horas que passava com os arrendatarios, com os devedores e com os creados que vinham receber ordens e dar contas das suas obrigações, eram para a sua alma um refrigerio. Ao escutal-os comprehendia quanto a vida e a virtude eram simples. As riquezas do mundo encerravam-se em algumas medidas de pão guardadas na arca, em meia duzia de varas de panno, fiado pelas encostas, enquanto o rebanho vae traçando o pasto, e tecido nos serões de inverno á minguada luz d'uma candeia.

Moral, problemas da alma não existem. «Tu comerás o pão com o suor do teu rosto», é tudo, um evangelho inteiro. Trabalha, tira da terra o sustento que ella nunca recusa ao teu suor, não contes os teus passos, nem as tuas fadigas, trabalha, trabalha sempre, para ti, para os filhos, para os visinhos, para os viandantes que passam no caminho; não penses para que nem para quem, os necessitados te virão buscar o pão, como nas horas de miseria tu irás tambem viver do trabalho alheio.

A suprema lição era-lhe dada por aquelles que esmolavam e nada pretendiam ensinar. De tanto estudo e ambição, de todas as suas

cogitações e de todos os seus loucos anseios de perfeição, recebia alli correctivo.

Mas era tarde, era tarde! Considerava o que perdera n'essa noite em que, creança ainda, pela primeira vez deixára Villalva para ir buscar riqueza e saber que tão cedo se converteriam em infortunio, e a ideia da morte voltava como a unica redempção.

Laura escrevia-lhe longas cartas. Que não sabia que crimes eram os seus para que assim fosse abandonada, que todos a estimavam e adoravam, menos elle; que só á inconstancia dos homens podia attribui-lo pois ella, se por alguma cousa peccava, era pelo muito amor que lhe tinha. O que diriam, perguntava, todas aquellas pessoas com quem convivia ao saber que Claudio desertara a sua casa quasi completamente? Por certo haviam de o condemnar.

No fundo, essas cartas eram apenas a confirmação do que Claudio por demais conhecia, a vaidade da mulher, a crença nos seus merecimentos alimentada pela lisonja banal dos que a cercavam, e uma vontade insaciavel, absorvente, de ser senhora de todas as acções do marido.

Não mentia. Tinha-lhe muito amor, como a um objecto que era seu, para seu uso e regalo e não para viver para elle, sacrificando-se. Confirmando a sua infelicidade, lançavam-n'o em novos impetos de desespero, varrendo qualquer duvida que no tumultuar das suas cogitações pudesse surgir.

Uma tarde, como estivesse só, desceu abaixo, ao campo em que empregára tantos cuidados quando habitava em Albergaria. Custava-lhe vê-lo; tinha caído em abandono e recordava-lhe os primeiros mezes dos amores de Emilia em que julgára ter alcançado a felicidade. Com que risonha esperança alli se sentára em mornos crepusculos do estio e em que desvairada agonia alli chorára as lagrimas da sua culpa!

Apezar d'isso, aquelle pedaço de terra atraia-o. No seu proprio abandono havia uma belleza consoladora; os jacinthos que

brotavam entre a herva, as roseiras que se perdiam nos ramos das laranjeiras, todo esse desalinho da natureza a que era estranha a mão do homem, cantava a vida ingenua e simples em emanações de viço e de frescura.

Estávamos em fins de fevereiro. Pela manhã chovêra e o campo brilhava todo aljofrado de gottas de água.

Claudio abriu a cancella embaraçada nas trepadeiras que a enlejavam e olhou procurando um carreiro enxuto. Não havia; as ervas ruins cobriam todos os caminhos.

Quasi a seus pés, descobriu uma violeta. Abaixou-se para a colher. Reparou então que eram muitas estendendo-se pela beira do caminho, rompendo por meio das ortigas e das malvas, estioladas na sombra das acelgas.

Instintivamente, começou a limpar o chão das plantas parasitas, primeiro devagarinho, com medo de se sujar e de se picar nas ortigas, depois affoitamente, sentindo um prazer estranho em afundar os dedos na terra. As violetas iam surgindo e, assim libertas, pareciam grandes e bastas.

Durante uma hora, esteve occupado n'isto. No fim não podia mais, todo o corpo mortificado pela posição em que estivera, abaixado. Levantou-se, contemplou com alegria os poucos palmos de terra que tinha limpo, e, para repousar, seguiu pelos caminhos orvalhados, enlameando-se, sem receio, procurando as plantas que tinham resistido ao abandono.

No dia seguinte voltaria a proseguir no trabalho, á tarde, depois de ter recebido os clientes. Antes de sair, voltou a vêr as violetas. Abaixou-se novamente, teve tentações de continuar, mas não podia mais, os membros entorpecidos.

—Amanhã! amanhã! pensava subindo a encosta.

Aquelles momentos tinham sido porém uma revelação. Apetecia-os com frenesi.

Pela madrugada, ergueu-se. Desceu novamente ao campo. Trazia a ferramenta, o sacho, a thesoura e a navalha, para poder repousar d'um em outro trabalho. Voltou ás violetas. Não podia abaixar-se, o corpo dorido ainda do exercido da vespera. Começou a sachar um alegrete, mas o serviço ia mal feito, deixava escapar algumas hervas e a terra ficava aos montes, mal arrasada. Despiu o casaco; o sol começava a apertar pelos abrigos. Ia-se agora a limpar as roseiras, mas a mão tremia-lhe, o cóрте era incerto, mal rematado.

Sentou-se sobre o tronco d'uma arvore derrubada pelos vendavaes do inverno. Que infelicidade a sua! Quanto desejava, tudo lhe era vedado. Não poder trabalhar alli desde o romper do dia até á noite!... Seria a salvação. Affluíam as lembranças da mocidade, o prazer de cuidar das suas flores que a mãe vinha colher para pôr aos pés do crucifixo. Porque não tornaria esse tempo? Era persistir, estava novo ainda, as forças voltariam com o uso.

Cada dia começou então a ter para Claudio os seus momentos de prazer. As violetas expandiam-se agradecendo os carinhos de quem lhes dá espaço e sol, as roseiras mostravam purpureos e tumidos botões e já da cylindra se erguiam suavissimos perfumes. Era uma festa interminavel que recrudescia a cada instante em novas vibrações de vida, coroando e abençoando o esforço humano.

Claudio sentia-se alegre junto da nova companheira da sua vida, a natureza, e tenazmente procurava vencer e sujeitar o corpo debil ao seu grande amor.

No dia em que pela primeira vez lançou mão da enxada, passou-se na sua alma um grande drama, uma lucta gigante entre o destino e a esperança. Ergueu a enxada ao ar, deixou-a cair, guiando-a, e cravou-a no sólo. Depois, firmando-se, recuou o corpo e voltou a leiva cortada cerce, rompendo a terra de cuja escuridão se desprendia um alento de fertilidade, como uma promessa. Ergueu

novamente a enxada, cravou-a, recuou e voltou uma outra leiva. Triumphava! De repente, porém, caíram os braços e um suor de fadiga se lhe derramou em todo o corpo. Não podia! O esforço era superior ás suas forças; uma reacção violenta quasi o prostrava. Encostou se á enxada e duas gottas de suor, rolando-lhe pela fronte, foram beijar a terra. Misterioso hymeneu!

N'aquelle beijo consumava-se um eterno amor. A esperança, succedendo ao desalento, reanimaria o corpo enfermo e d'aquella união, fecunda e casta, sem peccado, brotariam fructos abundantes para matar a fome aos miseros famintos e para restituirem á vida a alma angustiada.

Dentro em breve, poderia trabalhar quatro a cinco horas no seu campo, vencendo pelo exercicio e pela perseverança a debilidade physica, affrontando as instancias dos servos, que se julgavam humilhados vendo regeitados os seus serviços, e desprezando risos equivocos dos visinhos que entre si discutiam se Claudio era um avaro, se um louco.

—É aquelle mesmo genio do pae, diziam uns. Muito agarrado!

—Qual genio! diziam outros. Foi uma mania que lhe deu. Elle não faz aquillo para poupar. Parece até que se importa pouco com o que é seu. Tem perdoado as dividas todas e traz as rendas de rastos.

Para preencher o muito tempo que lhe sobrava do trabalho n'aquella estreita lavoura, Claudio tomára á sua conta alguns serviços de casa mais ligeiros. Era elle que olhava pelo penso das aves e dos gados que breve aprenderam a conhecel-o e a festejal-o na sua característica e descompassada alegria, abeirando-se do seu senhor com as caricias de gratidão que elle recebia com avidez, elle que era tão pobre d'essas dadivas.

Mas não podera banir ainda todas as horas de angustia; a fadiga e os novos prazeres d'esta existencia nas graças da natureza não tinham vencido inteiramente as tristezas da meditação. Ás vezes voltavam os zumbidos demoniacos do desespero e com elles a

prostração do espirito. Não, não havia modo de se libertar e desprender do passado! A sua vida estava finda, precisava ter a coragem de compreender e esperar com resignação o esphacelamento d'esse involucro que se lhe afigurava desprezível e que era o seu corpo.

De longe em longe, vinha a Coimbra. Não tinha animo para um rompimento formal; a dissolução dos antigos vinculos ia lenta, com bastas interrupções, prendia-se em conveniencias que não conseguira combater victoriosamente, e com os estranhos mostrava cuidar da administração da casa e estar preso em Villalva por interesses temporaes.

Laura recebia-o com um azedume que não procurava encobrir, mitigado de contentamento por ter ensejo de mostrar quanto se sentia agravada pelas ausencias e pelo viver do marido. Na sua impenitente vaidade, julgava se perfeita; attribuia o affastamento de Claudio a sentimentos brutaes e ruins.

Já a mãe deixava entrevêr nas suas conversações entre os intimos a infelicidade da filha e não perdia occasião de repetir:

—Coitadinha! Quasi sempre só... Meu genro tem aquelles gostos extravagantes. Só está bem entre brutinhos.

Claudio comprehendia o que se passava em volta de si; pouco fallava, cortando sempre abruptamente qualquer tentativa de explicação sobre o seu viver.

Antecipadamente sabia, por experiencia, que nem a mulher lograria fazel-o mudar de rumo nem elle conseguiria emendar o insubmisso character da mulher, formado para o egoismo e para a vaidade n'uma atmosphaera de inconsciente perversão. Por isso se tornára taciturno. Quando por acaso se encontrava nos serões do palacio da estrada da Beira, apressava-se a tomar logar a uma meza de jogo onde o dispensassem de conversar e não o perseguissem com indiscretas e enfadonhas interrogações sobre os seus passos e os seus actos.

Logo que podia, ao minimo pretexto, corria a Villalva, lançando fóra com desprezo o casaco que o embaraçava de trabalhar e a gravata que tinha por um farrapo inutil e significativo; mal vestido e mal calçado, começava a visitar os gados e as plantas, retemperando-se no silencio d'aquellas montanhas; e este regresso ao ninho, como lhe chamava, deixava-lhe invariavelmente nas primeiras horas a impressão d'uma felicidade reconquistada e segura. Accordava-o uma vibração salutar, emanada d'esses milhões de vidas, mudas para o coração arido, eloquentes para os que palpitam na mesma onda.

Em frente da casa de Claudio morava um velho que fôra creado de seus paes. Juntara um escasso mealheiro á custa d'uma economia inflexivel, casára com a vizinha que possuia aquelle albergue em que habitavam, e com isso e com as terras que o seu antigo senhor lhe déra de renda tinha prosperado em certa independencia.

Do seu casamento houvera muitos filhos, mas uns tinham ido para o Brazil, outros trabalhavam em Lisboa, outros tinham-se casado, outros morrido, e em casa, a este tempo, tinha só um rapaz de quatorze annos que o ajudava na lavoura e uma filha de vinte annos, e de nome Maria, que no labutar domestico auxiliava a mãe alquebrada pelos partos, pela criação dos filhos, por quarenta annos de ininterrompidas fadigas.

Claudio olhava aquelle casal como um templo em que se guardava pura a felicidade e a virtude. Era aquillo que elle hoje desejaria para si, se podesse recommençar a sua vida;—ter tirado da terra com o suor do seu rosto o pão de cada dia e ter dado ao mundo uma numerosa próle de gente honesta e sã.

Muitas vezes, ao recolher, quedava-se longas horas a conversar com o visinho, interrogando-o com uma curiosidade insaciavel, como começára, d'onde viera para alli, como conseguira crear os filhos. O velho contava singelamente; parecia sentir prazer em rememorar o passado. Para comprar os primeiros gados ainda pedira dinheiro ao pae de Claudio, que o do mealheiro não chegava.

—Que o sr. seu pae, dizia interrompendo a narração, tinha aquelle genio... Para os desmazelados era todo imperioso, mas para quem lhe andasse direitinho era bom, gostava de os ajudar. A mim, era elle mesmo que ás vezes me dizia: Porque não compras mais uma junta de bezerros? Tens ahi tanto pasto... Eu empresto-te o dinheiro. E ia buscal-o alli, áquella arca da sala onde a sr.^a sua mãe, Deus lhe perdoe, guardava as arrecadas e o cordão. Devo-lhe muito. E cá a minha serva de Deus tambem me ajudou... Deu-me nove filhos e todos se crearam. O Julio morreu mais cedo, era um rapagão! tinha já sete annos. Veio-lhe esta doença, aqui á garganta, não sei como lhe chamam, e ficou suffocado. Mettia dó. Mas emfim... Deus Nosso Senhor assim o quiz.

Entretanto a rapariga passava levando para a ceia a hortaliza lavada na ribeira; accendia a candeia, e começava a cortar a num alguidar, sobre a meza. A mãe conchegava o lume á panella de barro, negra, em que a agua já fervia.

Claudio contemplava aquelle quadro, n'uma adoração em que se envolvia a tristeza da sua vida desbaratada.

Um dia, trabalhava no campo e, como o sol fosse já alto e a fadiga o prostrasse, procurando a sombra, sentou-se junto a uma oliveira, ao pé da cancella, enxugando o suor.

Momentos depois, passava Maria, de volta do mercado, descalça, o pé comprido e magro, erguendo os braços a amparar o açafate que trazia á cabeça, cruzado no peito o lenço branco de ramagens vermelhas.

—Dá Deus nozes a quem não tem dentes! disse ella avistando Claudio. Isso até é peccado andar assim a cançar-se sem precisão...

Claudio levantou os olhos. Enquanto respondia á rapariga, embaraçado, como desculpando-se, attentou na sua belleza.

Era alta, nervosa, olhos garços, cabellos louros, e assim de pé, sorrindo, os braços erguidos, lembrava uma estatua antiga, d'estas em que crystalisa o ideal feminino d'um povo inteiro.

—Que linda me pareces! exclamou depois de ter procurado justificar-se das suas fadigas que Maria tanto estranhava.

—Que linda me pareces!

—Eu! Linda!...

E riu-se.

—Mal diria que havias de ser bonita quando estava em Albergaria e vinha aqui ás tardes. Ainda me lembro bem!... A maior parte das vezes encontrava-te a guardares as ovelhas com o cesto da meia no braço e o fio d'algodão preso no hombro. Agora estás uma moçoila que os rapazes hão-de cubiçar.

—Não, não se quer d'isso, respondeu ella lisongeada e ao mesmo tempo envergonhada com o elogio, contorcendo-se timidamente.

E seguiu ladeira acima.

D'ahi em diante, Claudio começou a prender-se á rapariga. Prolongava a conversa, á noite, com o pae d'ella para a vêr risonha e deligente a cuidar da casa, e nos dias de mercado era certo a esperal-a á cancella do seu campo. Não trocavam palavras de amor; elle interrogando-a sobre o seu viver, sobre as suas ambições e os seus prazeres, procurando penetrar a sua alma, ella respondendo laconica, com um inalteravel sorriso em que revelava meigamente a sua sympathia.

Claudio, reflectindo na attracção que sentia por Maria, tentava convencer-se, a poder de logica, de que não tinha tomado novos amores. Era um symbolo da vida simples, d'aquella que elle julgava a suprema sabedoria e a suprema virtude. Adorava-a com um fervor intimo, agradecendo-lhe a revelação d'esse mundo de paz e de

felicidade. Não passaria d'alli. Repellia todo o pensamento de concupiscencia; queria coroar pela castidade esse novo culto.

Maria tinha um campo proximo áquelle em que Claudio trabalhava e onde elle, na impaciencia de a vêr, vinha algumas vezes procural-a. Uma tarde a conversa alongou-se e, já proximo da noite, passou na estrada um rapaz ligeiro e agil, com um vigor de mocidade que ao primeiro olhar se mostrava. Ella, vendo-o, disse para Claudio:

—São horas. Vou-me até casa.

E abaixou-se para levantar a cesta que tinha ao lado.

Claudio abaixou-se tambem para a ajudar.

—Oh, Maria! Isso é que são creados!... Muito boa noite, sr. doutor, gritou de longe o rapaz alegremente.

—Quem é este rapaz? disse Claudio com certa anciedade, parecendo-lhe na frouxa luz do crepusculo que um ligeiro rubor se derramava nas faces da rapariga.

—Então não sabe?... Elle conhece-o. Deu-lhe as boas noites.

—Mas não sei quem é. Não me lembra de o ter visto.

—Já lá tem ido a casa. É o filho do tio Antonio da Azinhaga. Móra lá mesmo.

Claudio estremeceu. Passava-lhe uma suspeita no espirito. Áquella hora... fazendo caminho por ali.. o modo como se dirigiu a Maria... Adivinhava! Era o seu namorado!

—Elle gosta de ti?! perguntou apressadamente.

—Creio que sim, respondeu Maria serenamente. Pelo menos assim o diz.

—E tu gostas d'elle?

—Não sei... Quando ouço essas coisas, parece-me que não são comigo. Nunca acredito no que me dizem.

A conversa não continuou. Claudio, confundido, despediu-se de Maria.

—Vou ainda dar um passeio, disse. O luar está tão lindo!...

Desceu a tomar a estrada que seguia á beira da varzea ladeada de oliveiras. A lua subia n'uma serenidade divina, espargindo docemente a sua luz, e do arvoredado quieto e dos prados onde a neblina pousava, erguia-se uma tranquillidade augusta em que se sentia a terra latejante de vida. Claudio parou, voltado para o nascente, ouvindo na contemplação as vozes mysteriosas que tantas vezes interrogava. Era certo, era certo! As aves que arrulhavam na rama dos pinheiros, o musgo que rastejava pelos troncos carcomidos, a pedra alva e fria que o regato polia, as aguas que desciam pressurosas, todos n'um côro unisono cantavam louvores ao seu destino. Só elle estava proscripto da alegria, pela propria loucura!

Sentou-se á beira do caminho, a cabeça pendida, amparada entre as mãos, n'uma agonia de tristeza.

D'onde lhe vinha essa dôr que tanto contradizia a natureza feliz? Bem o sabia; o seu coração já não se illudia. Uma oppressão de inveja e de ciúme,—eis o segredo de tanta mágoa. Maria tinha o seu namorado. Corára quando o avistou e quiz logo voltar a casa. Amava-o, era indubitavel. Em poucos mezes estariam casados; os sinos da igreja haviam de celebrar na madrugada a sua união e elle havia de ouvir-os annunciando-lhe a sua desgraça. Que importava?! Não fizera voto de castidade? Não era Maria uma simples imagem perante a qual ajoelhava na adoração da simplicidade? Tivesse animo, desprendesse-se por uma vez das ambições terrenas, elevasse a sua alma ás regiões de eterna beatitude.

Embora! Repetia as palavras do Evangelho: «O espirito é prompto mas a carne é fraca», e não conseguia libertar-se da propria

fraqueza, reconhecendo-a e condemnando-a na sua consciencia. Todos os raciocinios eram impotentes para dominar a dôr. A lembrança de que estavam terminadas as horas em que a voz de Maria, como um canto de feiticeira, lhe fazia esquecer toda a desgraça da sua vida, esmagava-o. Iam roubar-lhe todo o conforto da sua existencia.

A noite foi de agitação. Aos primeiros alvôres da manhã, por que anciava, ergueu-se e de casa começou a espreitar a saída de Maria. Não tardou que ella apparecesse á porta, com um cesto de roupa á cabeça. Ia á ribeira lavar. A rapariga levantou os olhos para a casa de Claudio.

—Meu Deus! disse elle consigo. Suspeitará o meu tormento?

E saiu ligeiro, pela porta do quintal, tomando por atalhos, a cortar-lhe o caminho. Chegou abaixo, proximo do rio, e começou a subir a encosta. Em breve a encontrava.

—Bom dia, minha rola!

—Que madrugada!... Quando saí, olhei lá para casa e vi tudo socegado. Pensei que ainda estivesse a dormir.

—Não, não dormi bem. Dize-me uma coisa, perguntou abruptamente: Quando é o teu casamento?

—Para a semana dos nove dias.

—Mas aquelle rapaz que hontem passou por nós, quer casar contigo...

—Quer... mas eu por enquanto é que não quero casar-me. Já lh'o disse.

Para Claudio estas palavras foram um completo allivio.

Restituíam-lhe Maria, restituíam-lh'a pelo menos para a sua admiração, para na sua singeleza reanimar a alma enferma de

cogitações e contrariedades. Agradeceu-lh'o com um olhar, sem se atrever a uma confissão em que temia manchar a candidez dos seus sentimentos, e voltou a casa alegre e repousado, cantando, a cuidar dos gados.

Continuava o idyllio, as palestras com Maria e o trabalho na lavoura. Sentia-se vigoroso e forte; nenhuma fadiga o alquebravam. Pela madrugada estava a pé, distribuindo o penso aos gados. Almoçava um pedaço de brôa com um ligeiro condimento e vinha para o campo. Não havia já serviço de que não fosse capaz; tudo estava em o saber distribuir e alternar. Prendia-se á terra com um amor febril, talvez n'uma vaga ambição de igualar Maria e por isso melhor a merecer. A rapariga estranhava todos os devaneios de Claudio, perguntava-lhe se não era melhor viver na riqueza, mas sorria perante as razões que elle lhe dava e que despertavam no seu coração um impulso de meiga sympathia.

Um dia, Claudio veio para o trabalho sem ainda ter visto Maria. Algumas vezes isso lhe acontecia mas sempre o deixava apreensivo e triste; então, o trabalho caminhava lento, os braços a custo podiam com a enxada. Era mal sem remedio; a mãe de Maria é que distribuia o serviço e nem sempre podia saber antecipadamente em que se consumiria a manhã.

Como era dia de mercado, suppoz que tivesse saído mais cedo e resignou-se com a lembrança de a vêr no regresso. Embalde porém a esperou. Maria não veio, em todo o dia não poudo encontrá-la. Ficava inquieto. O que seria? Doença? Teria partido para fóra da aldeia? O espirito perdia-se-lhe em conjecturas. Pensava em parar á tarde a conversar com o pae, como fazia muitas vezes, mas o velho veio a casa de Claudio para vêr umas vitellas que este mandára vir de Miranda e por ali se quedou, no pateo, até á hora da ceia.

Desfeita esta ultima esperança, a inquietação redobrou. Para a acalmar, saiu n'um longo passeio, subindo pelos atalhos da serra. Queria muito áquella aspera nudez dos montes, que infundia na sua alma sentimentos de força e tenacidade na vida ingrata, sujeita ao

açoite de todas as intemperies, despida de todo o viço e de toda a doçura.

A noite ia adeantada, já ha muito tinham batido as dez horas. Desceu á aldeia.

Quando avistou a casa de Maria, pareceu-lhe descobrir um vulto debruçado no muro da eira que era junto á rua. Aproximando-se, a sua suspeita confirmava-se. Era ella. Que felicidade! Todas as inquietações iam cessar.

—Boa noite, Maria. Que fazes aqui?

—Ouvi meu pae dizer que o tinha visto sair, deixei-o adormecer e agora estava á sua espera. Quero muito fallar-lhe.

Na sua voz percebia-se a perturbação interior. Claudio sentiu um fremito de terror.

—O que foi?! perguntou confundido.

Maria contou-lhe então que tinham dito á mãe que elle a namorava, que todas as manhãs a esperava á porta do campo. A mãe reprehendera-a e prohibira-lhe que lhe tornasse a fallar, a não ser em casa ou quando outras pessoas estivessem presentes. Ameaçara-a de o dizer ao pae, que nada sabia ainda, e de a mandar servir para longe, se continuasse.

—Esqueça-se de mim, esqueça-se de mim, foi o singelo pedido com que respondeu a todos os rogos e protestos apaixonados de Claudio que a deixou assegurando-lhe que ia voltar a Coimbra e que havia de procurar esquecel-a. Bem sabia que não poderia fazel-o, que isso não dependia da sua vontade, mas queria deixal-a tranquilla, sentindo-se feliz pelo sacrificio.

Interiormente, quasi estava contente. Estes amores que terminavam sem macula engrandeciam-se aos seus olhos por este facto: a abdicção de todos os seus desejos em proveito da

felicidade de Maria coroava d'uma maneira gloriosa o culto que lhe consagrara.

Enlevava-se em cristallinos sonhos de pureza, n'um amor sublimado. Iria a Coimbra, soffreria a tortura de viver ali durante um ou dois mezes e, quando voltasse a Villalva, saberia dominar-se, affastando-se de Maria. De longe, silenciosamente, faria sua alegria da sua amada onde a encontrasse, ou cantando na romaria ao lado do namorado ou batendo a roupa sobre as lageas do rio, á sombra dos salgueiros.

Partiu pela manhã, recommendando repetidas vezes aos creados os gados, as aves e as plantas. Jam sentir a sua ausencia. Com um carinho em que a saudade e a tristeza transpareciam, indicava aquellas flores que careciam de regas mais frequentes, a hora a que convinha levar o gado ao pasto.

Deixava-os! pensava. Eram os melhores companheiros da sua vida. Aquelles sim, aquelles nunca lhe mentiam e sabiam agradecer as suas fadigas, prosperando e prodigalizando os fructos, derramando em torno a abundancia e a belleza.

Foi a pé, seguindo os caminhos menos frequentados. Procurava bastas vezes vencer pelo movimento e pelo cansaço a agitação do espirito; por experiencia sabia quanto o silencio e a contemplação da natureza lhe eram salutaes. Captivavam-n'o, pareciam communicar-lhe uma parcella da sua serenidade.

Em Coimbra, o seu regresso inesperado foi visto com grande estranheza. Não que elle tivesse deixado completamente de lá ir mas, sempre que o fazia, a sua vinda era previamente conhecida pelo facto de mandar ir a carruagem a Villalva... D'ordinario, demorava-se um ou dois dias dando solução aos negocios da casa e entregando pontualmente á mulher todos os rendimentos. Ficára assente pelo simples uso, sem qualquer declaração formal, que os rendimentos de toda a casa pertenceriam a Laura, que d'elles dispunha como queria, e para elle só reservaria os bens de Villalva.

De resto, Claudio supportava este encargo de visitar e administrar a casa sem maior contrariedade apparente. Transpondo o portão da estrada da Beira era outro; envergava os trajos da gente da cidade e com elles rehaviam antigos habitos de polidez e de delicadeza mundana. Ás vezes, parecia mesmo contente; a certeza de que dentro em pouco voltaria ao seu casal, perdido entre as montanhas permittia-lhe tolerar resignadamente, porventura bondosamente, os costumes que no intimo condemnava e aborrecia. Intencionalmente evitava fallar de Villalva; quando alguém tinha a indiscrição de lhe perguntar pelas suas lavouras, respondia com um laconismo que cortava todo o seguimento da conversa.

Na sua ausencia, porém, o seu viver era muito discutido. Em geral, julgavam-n'o um maniaco. Laura e D. Maria Francisca tinham-n'o por um homem brutal, destituído de todo o sentimento de bondade; o abandono da mulher e do filho, que aliás viviam na abundancia e no luxo, pareciam-lhes um crime. Só D. Pedro o desculpava; sempre respeitára muito a liberdade de pensar de cada um, dizia, para que lhe respeitassem a sua.

—Gosta de andar de tamancos e tratar dos bois. Está no seu direito! E tu, dizia para a mulher, não gostas de trazer plumas no chapéu e de jogar o *whist*? É a mesma cousa! Eu tenho-o encontrado sempre muito bom rapaz... Traz ahi a Laura com todas as commodidades e ainda fallam d'elle!

A vida desregrada e a estreiteza de espirito não tinham pervertido o coração do fidalgo. Incapaz de uma bondade activa, conservava um constante pendor á indulgencia e tinha, como homem enfastiado do mundanismo, certa attracção para os caracteres que se desviavam dos typos consagrados. Por isso estimava o genro e o defendia.

Levava o seu affecto até ao ponto de o visitar em Villalva, quando nas caçadas se encaminhava para esses lados.

Entrava-lhe em casa com os seus lebreiros que se estiravam na sala, offegantes, a lingua pendente e humida, ostentando a

dentadura recurva e eburnea.

Claudio recebia-o com sincero contentamento e affagava a matilha cujas proezas D. Pedro logo começava a narrar.

D. Maria Francisca scandalisava-se com essas visitas que destoavam da sua attitude reservada com Claudio. Se por acaso acontecia que o marido dormisse em Villalva, para alongar a caçada, ás vezes mesmo em companhia dos seus hospedes beirões, não deixava de o reprehender, escarnecendo.

—Bom gosto, dizia, lebares os teus hospedes a esses palacios! Ha-de-se lá dormir muito bem e com muita limpeza!

—Olé se dorme! respondia o fiadalgo rindo dos assomos da mulher. O Manoel de Vasconcellos ainda agora me escreveu de Lisboa a chorar pela ceia que Claudio nos tinha dado. E tem razão! Aquelle lombo de porco, assado no espeto, alli á lareira, nunca mais esquece.

No mesmo dia em que Claudio chegou a Coimbra foi á noite a casa dos sogros.

A sua presença despertou grande curiosidade entre os convivas, que eram muitos. Todos o rodeavam, e muitos, estranhando a sua magreza, perguntavam se tinha passado mal ou soffrido qualquer doença.

—Não, tenho passado excellentemente, magnifico, mesmo muito vigoroso, respondia Claudio.

Na verdade, estava magro, os olhos encovados, as faces enrugadas. Illudia-se tomando por vigor a excitação em que o trabalho physico e a intensidade das impressões moraes o traziam. O organismo empobrecia-se.

—Deve ter cuidado, deve ter cuidado, repetiam insistindo os que o cercavam.

—Talvez uns ares e uns banhos do mar... aventou alguém. Que diz o doutor?

Este doutor era um medico que ha pouco tinha tomado capello em medicina e se preparava para lente da Universidade.

Muito vaidoso, tendo lido e decorado grossos volumes sobre doenças nervosas, escriptos em francez, julgava-se senhor de toda a sciencia e deixava perceber, sem abertamente o declarar, para não crear antipathias que lhe prejudicassem a entrada na Universidade, que os lentes nada sabiam. Elle é que estava ao par dos trabalhos modernos. Gostava que o consultassem, tomando a consulta como reconhecimento dos seus talentos, e fallava pausadamente, cathedratamente.

—Eu lhe digo, respondeu emphatico ao seu interlocutor, hoje a sciencia tem feito grandes progressos que, digamos de passagem, são quasi completamente ignorados em Portugal. Infelizmente, entre nós, estuda-se muito pouco; com excepção de meia duzia de homens de verdadeiro talento e de saber, no geral cura-se por uns processos rotineiros de que a medicina estrangeira se ri. Principalmente de doenças nervosas conhece-se muito pouco... mesmo muito pouco! Quando ultimamente defendi theses, tive occasião de ouvir as criticas mais extravagantes. Convenci-me de que a materia era perfeita novidade para os meus collegas. N'um caso, por exemplo, como este do dr. Claudio, o que a sciencia aconselha é não só o exame de todo o organismo mas particularmente a observação das manifestações nervosas. É cousa que demanda um grande tacto... um grandis...simo tacto! Qualquer medico que o visse, naturalmente aconselhava-lhe os tonicos e os reconstituintes. Tem uma apparencia de fraqueza e guiava-se por ella. Seria um erro! O dr. Claudio diz-nos que se sente vigoroso e está ao mesmo tempo com apparencias de fraqueza? Evidentemente, ha um desequilibrio entre a força organica e a actividade nervosa, que é necessario combater. Uma vida tranquilla e particularmente o aspecto das montanhas, o espectaculo da quietação é o que hoje se recommenda n'estes casos. O mar em

caso algum; a sua agitação é communicativa. Eu creio que o dr. Claudio ganharia muito em passar dois ou tres mezes na Suissa.

—Não digo que não, meu caro doutor, respondeu Claudio disfarçando mal um sorriso, mas nem sempre se pódem tomar remedios... tão energicos. São, ainda que mal lhe pareça, depauperantes em alto grau. Da algibeira, é claro.

—Sim... mas nas circumstancias de v. ex.^a isso não é motivo.

—Eu não digo que rejeite por completo o tratamento, mas tomo-o em dóse mais moderada. Uma digressão pelo Minho será o bastante.

—Mas creia v. ex.^a que isso não lhe dá resultado. O que tem desacreditado muitas vezes a therapeutica moderna é deixarem de a seguir com todo o rigor que a sciencia aconselha.

Claudio ria-se da presumpção do medico e ia aproveitando o conselho, porque lhe convinha. Já antes tinha pensado que a permanencia em Coimbra não podia fazer-lhe bem; as incorrigiveis exigencias de Laura, de que nem o abandono do marido a curara, os serões em casa dos Albuquerque, toda a rede de impostura, de mentira e de futilidade que é o character da vida elegante, contrariavam-n'o e irritavam-n'o. Precisava fugir d'alli.

Seguiria pelo Minho quasi até á fronteira e d'ahi, por Montalegre e Chaves, desceria ao Douro para o atravessar e passar á provincia da Beira Alta d'onde voltaria a Coimbra. Terras novas e novas paizagens haviam de o ajudar a vencer a inquietação em que o amor o trazia.

Ao fim d'um mez, talvez podesse regressar a Villalva inteiramente de posse da sua vontade que empregaria com firmeza em evitar quanto podesse levantar a mais ligeira duvida sobre a honra de Maria. Ia pôr-se a caminho.

Saiu de Coimbra por uma madrugada humida e fria. Vinha rompendo o dia. No rio a nevoa e as aguas confundiam-se envolvendo as sombras incertas dos salgueiraes e dos choupos que se banhavam e retemperavam como deuses pagãos, em ondas claras.

Claudio affastava d'ali os olhos. Era a paz no turbilhão da vida ingenua, era o fructo prohibido dos seus anceios, uma recordação amarga.

Do outro lado, subindo os montes, pelas cumiadas e pelos valles estendia-se a casaria da cidade. Illuminadas pela alvorada que se espraiava empallidecendo o ceu, surgiam as torres, os corucheus e as cupulas dominando e protegendo os tectos negros que, afundando-se pelas quebradas, rastejavam em torno d'aquelles vultos de linhas nobres, ora magestosos, ora audazes, ora suavemente graciosos. Quantas lagrimas, quanta tortura e miseria despertavam com a manhã d'aquella massa obscura! Um sentimento de piedade lhe apertou o coração, e logo o remorso começou a perseguil-o implacavelmente. Tambem elle era criminoso, tambem elle semeiara lagrimas, tambem elle ateiara com os seus desvarios o fogo das paixões que alimentam a miseria!

Porque saira de Villalva, porque não ficára ali como seus paes modesto e ignorado? Talvez... talvez... Uma suspeita lhe passava pelo espirito... Talvez então vivesse contente com Maria, no seu casal abençoado e fecundo. Ai, quanta saudade d'essa felicidade ignorada que só em sonhos sentira!

Sob esse sentimento deixava Coimbra e com elle ahi regressaria. Levava comsigo a saudade da vida que jámais o abandonaria e que agora se personificara poeticamente na lembrança de Maria.

Parou em Aveiro. Estivera ali, quando estudante. Ficára-lhe d'aquellas terras uma boa recordação. A belleza das mulheres, altas, d'um raro concerto de majestade e de graça nos seus trajos esguios, a payzagem viçosa e ampla, em que a luz se attenua e pulverisa sobre as aguas extensas e na atmosphaera humida, os

costumes, a liberdade sem altivez do povo trabalhador e independente, tudo isso o incitava a voltar a Aveiro.

Apenas chegou, percorreu vagarosamente a cidade. Dava-lhe agora uma impressão de silencio, de calma, de desolação que provocava a tristeza. O movimento nas ruas era pequeno; as officinas e as fabricas, com os seus ruidos caracteristos, muito poucas. Enganára-se; não era aquillo que tinha na memoria.

Pela manhã percorreu os caes. Saíam os barcos levando os pescadores para a ria e os marnotos para as salinas; a jarra da agua, o cesto com o almoço e o gabão era toda a sua bagagem. Deixavam a casita onde se abrigava o lar e o berço, e deixavam a guardal-a a companheira da sua vida; voltariam á tarde, a trazer-lhe generosos o pão que haviam ganho durante o dia, sujeitos aos azares da fortuna, aos perigos do mar e aos ardores d'um abrazado estio. Tambem assim era em Villalva, tambem áquella hora Maria desceria a encosta a mourejar pelos campos e pela serra aspera.

A saudade dominava-o. Não era a cidade que estava deserta, era o animo que faltava ao seu coração. Os olhos recusavam-se a vêr o que se passava em torno, constantemente voltados para uma imagem interior.

Estes dois dias desenganavam-n'o do resultado da viagem. Seria inutil. Ia proseguir, mas adivinhára já o que o esperava. Toda a terra lhe parecia arida e silenciosa; em toda ella só poderia prender-se ao que lhe recordasse a existencia de Maria.

Uma tarde, em Vizella, do crepusculo já adeantado, aos primeiros reverberos das estrellas, passeiava á beira do rio e, como se sentisse fatigado, encostou-se sobre um rochedo e adormeceu. Um vento agreste batia as cumiadas dos montes, açoitando as arvores que se curvavam desgrehadas, mas no valle os amieiros apenas se balouçavam mollemente nas brizas humidas que corriam sobre as aguas. Claudio aproveitava o favôr da natureza e no torpor que precedia o somno fixava os olhos com gratidão n'este espectáculo de feliz remanso.

Sonhava, e no sonho a imagem de Maria associava-se ás palpitações da natureza. O rio transformára-se em alvas nuvens que pousavam sobre o seu leito apertadas na cinta de salgueiros; entre ellas, como uma apparição, em meio d'um nimbo de claridade vermelha e candente, uma cosinha pobre e uma rapariga curvada sobre a lareira ateando o lume que se erguia em labaredas fugidias. Ao longe sentiam-se as lufadas do vento mordendo as cearas que ondulavam. N'essa lucta, o corpo humilde e fragil cubiçava o calor vivificante que irradiava do facho luminoso.

Por um estranho acaso repetia-se o que vira nos Casaes quando ha muitos annos vinha com Emilia de S. Braz. Estava ali a imagem da sua vida, das suas ambições, da sua felicidade, da tempestade que o cercava. Corre-se a aquecer-se ao fogo redemptor da simplicidade que a imaginação sobreexcitada lhe mostrava n'um quadro tentador.

O seu regresso a Villalva ficava resolvido. Para que ir mais longe? Em vão! em vão!... Mais uma vez repetia estas palavras com que tão dolorosamente terminara tanta illusão da sua vida.

Voltava a Villalva, depois de curtas semanas de ausencia, vencido pela saudade. Vinha na persuasão de que o trabalho na lavoura e a simples presença de Maria o curariam de todo o mal. Não precisava de fallar-lhe, não precisava d'essas arrastadas conversas á beira da estrada que os estranhos viram com suspeição. Não estava ella divinizada no culto que o seu coração lhe consagrava? Uma adoração muda e casta bastaria a satisfazel-o.

A jornada para Coimbra foi rapida. Ás pessoas de familia disse que se apressara a voltar porque se sentia bem de saude e n'aquelle tempo havia muito que fazer. Para evitar explicações que o contrariavam, seguiu immediatamente para Villalva onde chegou noite cerrada.

Os creados receberam-n'o surprehendidos e alegres, dando-lhe conta do estado dos gados, das sementeiras, de tudo o que succedera n'aquelle pacifica solidão. Claudio ouviu-os sem

impaciencia e visitou os estabulos acariciando os animaes que o reconheciam.

Dominando a impaciencia de tornar a vêr Maria, julgava-se victorioso e começava a sentir, penetrado de delicias, a realização dos seus sonhos de castidade.

Já tarde, abeirou-se da janella e contemplou a aldeia recolhida no valle apertado. Tudo dormia. Olhava a casita que abrigava Maria e tremia em inquietações d'amor. Tambem ella dormiria? Porventura tel-o-ia esquecido?... Fixava os astros, escutava as auras da noite procurando o segredo da sua vida, mas a aldeia jazia silenciosa num somno de fadiga.

—Amanhã, amanhã!...

N'esta risonha esperança adormecia tambem.

Pela madrugada desceu ao campo. Não tardou que Maria apparecesse tangendo o burro que conduzia a moenda. Ao vê-la sentiu como uma vertigem em que o sangue lhe corria ao coração. Ella sorria de alegria. Em poucas palavras ajustaram encontrar-se á noite, muito tarde, junto ao muro da eira, quando ninguem os visse.

Em todo o dia Claudio trabalhou com um contentamento e um vigor desusados. Estranhava as suas forças. Como acontecia que, depois de tanto tempo de repouso, não sentisse a menor fadiga? Na excitação em que o deixava a certeza do amor de Maria, illudia-se; tomava como um triumpho do seu corpo o que era apenas uma passageira febre.

Depois da ceia, saiu. Ninguem o estranhava em casa; fazia-o frequentes vezes para acalmar a inquietação do espirito.

Ao bater das onze horas esperava Maria junto ao muro. Sentiu-se um ligeiro bulicio de folhas seccas. Era ella que se aproximava pisando descalça a caruma que cobria a eira.

Claudio começou então a contar o que soffrera na jornada, como os dias lhe pareciam longos, como em toda a parte via a imagem de Maria.

—Não sei viver sem ti. Sou tão infeliz que preciso da tua voz para me dar animo.

Como ella ouvisse silenciosa, a noite estivesse escura e não podesse avaliar na physionomia a impressão das suas palavras, perguntou-lhe:

—E tu? tambem tinhas saudades minhas?

—Cada um sabe de si, respondeu Maria timidamente.

O incendio estava lançado. Vieram as confissões d'affecto em serões prolongados pela noite calma, as caricias, as tentações e os impetos d'amor. Essa castidade no contacto da natureza e na adoração das cousas simples que Claudio sonhára, doente do affastamento e da saudade de Maria, voava desfeita como todas as bastas illusões da sua vida.

A simplicidade é vigorosa e sadia, e o vigor é naturalista. A luz do sol e toda a terra cantam o amor fecundo.

Esse mesmo frenesi com que Claudio revolvia o solo lançando-lhe a semente, era uma forma de fecundação, a anciedade de criar e multiplicar as formas e a vida, um agitar de seiva que se confundia com o desejo da sua amada.

Uma noite adormeceu no regaço da sua amada; ella, cariciosamente, consentiu-o. Dormiu um somno breve, povoado de enlevos amorosos e acordou n'um arrebatamento de paixão em que toda a pureza angelica cedeu ao sangue encandecido.

Não se passou muito tempo sem que Maria apparecesse com o rosto desbotado, os olhos cavados, toda alquebrada d'uma desconhecida molleza. Adoecia das primeiras perturbações de gravidez.

Chorando, confessou á mãe a sua desgraça.

—Que fizeste, que fizeste?! exclamava a mãe chorando tambem. Que vergonha a nossa!

Claudio sentia-se contente, realisada toda a sua ambição. Estava finalmente livre de todas as convenções com que tinha rompido, inconscientemente, levado pelo amor de Maria, e d'esse amor ia ter filhos que elle saberia guardar das tentações mundanas, guiando-os a uma existencia de simplicidade. D'esta vez a felicidade era segura e certa.

Uma cousa, porém, preocupava os amantes. A gravidez de Maria adeantava-se, já na aldeia todos a suspeitavam com ditos e remosques que a rapariga presentia e soffria resignadamente porque era a vontade d'elle, de Claudio. Tarde ou cedo, o pae teria de o saber tambem, mais cedo do que tarde, que o tempo urgia.

Combinou-se que a mãe lh'o annunciaria e assim se fez.

Elle ouviu em silencio, suffocado pela colera, e, nas primeiras palavras que poudé articular, disse apenas:

—Tira-me já de casa esse esterco! Se a torno a vêr, esmago-a!

E saiu tremulo, afogueado em ira.

—Claudio, Claudio!... pensava no doido caminhar em que a dôr o levava. Se fosse outro... matava-o! Matava-o, sim! Mas elle, o filho do meu protector...

Vinham-lhe á lembrança todas as esmolos que tinha recebido da casa de Claudio; não ousava revoltar-se.

Sentou-se sobre um muro baixo, ao lado da estrada. Sentia não sei quê a cravar-se-lhe na cabeça, do lado esquerdo.

Os labios humedeciam-se de espuma. Pouco e pouco o corpo inclinou-se para a frente, e caiu, perdidos os sentidos, ferindo o rosto nas pedras agudas do chão.

Trouxeram-n'o para casa em braços, semi-morto, e foram á villa chamar o dr. Carvalho. O velho tinha sido acommettido d'uma congestão cerebral.

—Muito mal, muito mal, por milagre escaparia, dissera o medico meneando a cabeça.

Por acaso, Claudio estava no jardim, olhando o pôr do sol, quando os vizinhos trouxeram o corpo do pae de Maria. Sabia que n'aquelle dia elle havia de ter conhecimento da gravidez da filha e, adivinhando immediatamente o que se passava, correu a esconder-se em casa antes que se aproximassem e o vissem.

Os braços pendidos, o olhar desvairado, deixou-se cair sobre o escabello da sala, immovel de assombro. D'esta vez era certo o crime! Fôra elle, fôra elle que o assassinára levando-lhe a deshonra ao lar! E não morria tambem!... Pasmava da propria frieza e

indiferença. Olhava o seu corpo, os seus braços, as suas mãos, o seu peito como duvidando da sua existencia. Respirava, vivia, era o mesmo, elle, agora assassino, que n'aquelle logar, n'aquella sala ajoelhára erguendo a Deus as suas primeiras orações e se prostrára perante o cadaver da mãe pedindo á sua alma inspiração e conselho! Não, não podia ser! Era outro, era outro!...

O assombro crescia e a repugnancia por esse novo homem redobrava.

Levantou-se, pé ante pé, e foi á porta espreitar se havia alguem no pateo. Ninguém! Provavelmente tinham corrido todos a casa do velho. Aproveitou o ensejo e fugiu a perder-se nos montes, pelos caminhos desertos, escondido, ao abrigo dos muros que vedavam os campos.

Esperou a noite que caiu serena, sem luar, estrellada e profunda. Ia descer á aldeia. Para quê? Não era melhor seguir errante, em penitencia, expirando o seu crime, a esmolar por terras ignoradas e a servir desconhecidos, descalço, miseravel, rojando-se humildemente?

Maria, Maria!...

O amor vencia todas as dôres e ainda n'aquella angustia os braços estendiam-se a procural-a.

Desceu, e começou a vaguear em volta da eira de Maria. Tudo dormia n'um grande silencio e apenas por uma fresta se percebia um reflexo de luz.

Tinha fome. Voltou a casa a pedir a ceia.

—Ai que desgraça aquella do pobre tio Manoel! exclamou a velha creada ao vê-lo.

—Já sei, já sei, apressou-se Claudio a interromper com firmeza. Venho agora de lá. Muitos annos, muitos annos... Coitado!

—Deus Nosso Senhor o salve que ainda faz falta áquella pobre gente...

—Hoje sim, hoje já me deixa mais contente, dizia a creada alguns momentos depois levantando da meza os pratos vazios e estranhando a voracidade com que Claudio tinha comido.

—O passeio foi larguito, replicou elle como que explicando.

Levantou-se e tornou a sair. Queria vêr Maria. O que seria d'ella?

Dirigiu-se ao logar em que costumava fallar-lhe e no ponto em que o muro era mais baixo saltou para dentro da eira. Esperou. Não vinha ninguem. Não se lembrava ella de que Claudio estava alli ou não queria tornar a vê-lo? Um suor de afflicção lhe cobria o corpo e o receio da condemnação de Maria vencia o remorso do crime.

Impaciente, atravessou a eira e foi collar o ouvido a uma pequena fresta que dava luz á cosinha. Silencio! Ninguem se movia.

Recuou. Reflectia agora na sua imprudencia. Podia ter apparecido alguém e aquelles passos occultos seriam a confissão do seu crime. Coragem! Porque não iria antes francamente saber do seu visinho? Era natural. Demais, já dissera á creada que tinha lá ido e precisava que não o encontrassem em mentira.

Saltou novamente o muro. Sem hesitar, como possuido d'uma resolução serena e inabalavel, subiu os degraus da casa de Maria, lançou a mão á aldraba da porta e, cauteloso, abriu-a suavemente.

Foi Maria que veio vêr quem entrava, assomando á porta que communicava a sala com o interior. Parou um instante surprehendida. Na escuridão só cortada pela languida claridade que vinha da pequena lampada ardendo aos pés d'um crucifixo, a sua physionomia mostrava a mais profunda mortificação. Ia queixar-se, ia perguntar a Claudio porque só agora vinha e a abandonára. Mas elle, adeantando-se, apertou-lhe freneticamente as mãos e o peito

agitado pelos soluços, sem proferir uma só palavra, fitou-a, deixando correr as lágrimas.

Com um instinto seguro, Maria compreendeu o que se passava na alma de Claudio e transformando em piedade os queixumes que trasbordavam do seu coração:

—Não chore, não chore, disse consolando-o. Foi a minha sorte, foi a minha sorte! Foi Deus que assim o quiz.

As lágrimas de Claudio redobravam, mas agora de gratidão pelo amor de Maria. Era ella, a victima, que vinha consolar o criminoso! Dominava-o uma impressão de espanto.

Encontrava ali, n'aquelle pobre tugurio, o que fora a maior ambição da sua vida, o amor. N'um lampejo, em meio da vertigem de sentimentos que lhe dilacerava o peito, lembrou-se de Laura e compreendeu toda a grandeza de Maria. Para Laura, amar era possuir, era guardar zelosamente uma fonte de gosos; para Maria, amar era servir, era sacrificar-se e consumir se protegendo uma vida estranha e abdicando de toda a dôr e de todo o prazer da propria existencia. Não podia furtar-se a um secreto contentamento descobrindo em plena consciencia o thesouro de que estava senhor. Negra aberração! pensava, sentindo-se aviltado. Tambem á hora do crime tinha alegrias! Oh, ainda uma vez, mysterio amargo!...

O medico voltou de manhã e achou que o doente estava melhor. Já ouvia e já se lhe divisavam ligeiros movimentos.

—Temos homem! disse voltando-se para a familia, quando o examinava, curvado sobre o leito. Com setenta e sete annos! É preciso ser rijo.

Claudio, ancioso por se informar do estado do pae de Maria, espreitára desde o alvorecer a vinda do dr. Carvalho. Vira-o entrar em casa d'ella e veio para o jardim, a limpar as hervas d'uns vasos de flores que estavam pousados sobre o muro sobranceiro á rua.

O dr. Carvalho, ao sair, immediatamente deu com os olhos n'elle.

—Ora isso é que é madrugada, disse chamando a atenção de Claudio.

—Suba, suba, respondeu Claudio, mostrando-se risonho e despreocupado. Então já não quer nada com esta casa?

O dr. subiu.

—Como encontrou o doente? perguntou Claudio.

O dr. Carvalho explicou então em termos da sua arte, para mostrar saber, que o velho tinha grandes melhoras. Recuperára os sentidos, percebiam-se já alguns movimentos, e quando em tão poucas horas se apresentavam symptomas d'aquella importancia, d'ordinario a salvação era certa. Não dizia que tornasse a ser homem para o trabalho, mas esperava pól-o a pé. Ainda ha pouco tivera, em Aradas, o Gusmão n'aquelle mesmo estado. A mesma cousa, exactamente a mesma cousa! Viera o dr. Madail, que é lá muito de casa de seus sogros e que se tem por um chavão, dizia, e foi de parecer que não merecia a pena tratá-lo.

—Pois, meu amigo, tomei conta do homem e já corre a casa toda, encostado a uma bengala!

—Deus queira que o mesmo lhe aconteça aqui, respondeu Claudio.

Interiormente sentindo grande allivio com as palavras do medico, para não revelar uma insistencia que poderia tornar-se suspeita, mudando rapidamente de conversa, perguntou:

—E por Albergaria que ha de novo?

—A mesma paz podre. O dr. não quer nada connosco. Tem razão e... bom gosto. Está por aqui muito entretido, respondeu o Carvalho

atrevida e maliciosamente, batendo com a mão no hombro de Claudio e sorrindo-se.

Claudio percebeu a allusão. Tremendo da conversa, apressou-se a cortar-a.

—Venha cá, quero mostrar-lhe em que me entretenho. Venha vêr os meus mirandezes. Estou contentissimo. Comem admiravelmente, são rijos no trabalho e conservam a carne d'uma fôrma espantosa.

Proseguiu alguns instantes a fallar dos bois, n'uma apertada continuidade, para que o medico não podesse reaver a palavra e reatar a conversa que tinha tentado encetar. Sabia até que ponto ia n'essa materia a ousadia do dr. Carvalho, temia que elle viesse perguntar-lhe pelos amores de Maria, que eram já sabidos na villa, e não queria profanal-os com os commentarios de concupiscencia que por certo não faltariam. Por isso foi d'uma rara loquacidade emquanto não viu sair o seu terrivel hospede.

As previsões do medico realisavam-se. O velho continuou a melhorar; ao fim d'um mez, embora d'uma extraordinaria irritabilidade e com perrices infantis que revelavam a debilidade cerebral de que jámais se curaria, parecia ter rehavido a razão. Não podia porém mover-se; a perna e o braço esquerdos estavam inteiramente paralyticos, e por tal motivo se conservava no leito.

Do passado devia ter boa memoria. Havia um manifesto proposito em nunca proferir o nome da filha. Maria deixou de lhe apparecer mal elle recuperou a vista, por se conhecer que a sua presença o impacientava, e elle rehavendo a sua antiga firmeza de character, nem uma só vez perguntou mais por ella.

N'estas circumstancias, passados os dias de desvairamento em que o desastre o lançou, Claudio, reflectindo, resolveu trazer Maria para casa. Já que a tinha privado, por sua culpa, da protecção paterna, devia-lhe o amparo que a sua desgraça exigia.

Demais, o seu amor não affrouxára, antes se radicára, n'essas horas tragicas. A sorridente resignação de Maria, o piedoso carinho com que reprimira as proprias lagrimas para enxugar as de Claudio, elevaram-n'a na sua adoração e circumdavam a sua figura d'uma auréola de bondade simples que perpetuamente havia de a illuminar. A inteira posse d'essa creatura angelica compensava-o de muita amargura. Apesar de tão recentes motivos de profunda dôr, não podia furtar-se a uma intima alegria.

Em breve, tinha mais um filho. Quando elle nasceu, pareceu-lhe que a sua vida e a sua felicidade d'esta vez se completavam na realisação de todas as suas ambições. Olhava o berço encanastrado, coberto com um grosseiro retalho da manta que Maria fiára emquanto no monte guardava as ovelhas. Comparava-o com o outro que deixára na estrada da Beira, a espumar de rendas finas, compradas caras e vindas de longe, urdidas por mãos desconhecidas.

Sentia ali duas almas differentes: via n'uma a sensualidade estreme, uma caricia dos olhos e de todo o corpo, via na outra uma historia de singeleza e de trabalho, os placidos dias guiando o gado pelas serras, as mãos tismadas ao sol, lançando o fuso e distendendo a lã.

Atravez de mil angustias, que fortuna lhe concedia o destino, que horas de paz e de poesia lhe promettia aquelle berço emballado pelos mesmos cantares que ouvira na sua infancia! Era feliz. Um sentimento de gratidão lhe penetrava docemente o peito.

Assim terminava o primeiro acto d'este idyllio dramatico.

Em Coimbra, todos estes factos foram sabidos e commentados com rancor por D. Maria Francisca e pela filha, com simples curiosidade pelos frequentadores habituaes do palacio da estrada da Beira que, emquanto esperavam o chá, debatiam o caso em voz discreta agrupando-se nos cantos mais afastados da sala.

Interiormente indiferentes, no seu egoismo satisfeito com os ordenados pagos em dia e as digestões abundantes e tranquillias que os encaminhavam á obesidade, procuravam gestos de mágoa para successivamente exclamarem:

—Que pena! que pena! Um rapaz tão intelligente e que podia viver tão bem... casado com uma menina de tão boa educação...

Os de melhor consciencia, alguns lentes que porventura se lembravam das suas concupiscentes ousadias com as creadas, accrescentavam indulgentemente:

—Fraquezas! Todos as têm... Afinal tudo isso lhe ha-de passar e elle hade voltar á mulher e aos filhos.

Laura ficou apopletica de colera quando soube pela mãe as circumstancias em que o marido se encontrava. A sua inflexivel vaidade soffria um profundissimo golpe com a demonstração quasi publica de ficar preterida por uma mulher do povo.

—Não quero ser d'esse homem nem mais um instante! Vou mandar chamar o dr. Moraes para me tratar da separação. É demais!... Com uma mulher de pé descalço! Até me mette nojo! Que me ponha para cá o que é meu...

Ao ouvir estas palavras, D. Maria Francisca pensou que Laura tinha casado com separação de bens, e, reflectindo em que o divorcio poderia trazer-lhe grande prejuizo, apressou-se a aconselhar com insistencia:

—Oh, filhinha, isso não, isso não! Que escandalo! Deus nos livre. O que diria esta gente? Eram capazes de inventar que tu tinhas feito algum mal. Não te impacientes, não te impacientes! Até te faz mal. Já estás com umas rosetas na cara que são de fraqueza. Vae tomar alguma cousa. Anda, anda minha filhinha!

—Ai, Senhor!... exclamáva já no corredor dando o braço a Laura e encaminhando-se á sala de jantar.

Depois de muito discutir, venceu a opinião e a astucia de D. Maria Francisca; poz-se inteiramente de parte a ideia de uma separação judicial. Esperavam que por bons conselhos levariam Claudio a abandonar Villalva e a voltar á companhia de Laura. Para isso iam dizer a José d'Albuquerque que escrevesse ao cunhado pedindo-lhe que não dêsse mais desgostos á mulher, que tão virtuosa tinha sido, e mostrando-lhe como a sua vida era censurada até pelos proprios amigos, segundo diziam.

Procuraram-n'o e, como de costume, foram encontral-o entre os seus alfarrabios.

Ficou muito contrariado com a presença da mãe e da irmã que iam interromper-lhe a leitura d'uns documentos do tempo de el-rei D. Diniz, em que um erudito julgára ter feito descobertas preciosas, das quaes a mais importante consistia em se provar que o motivo principal que determinou a sementeira do pinhal de Leiria foram os amores do rei com uma mulher do Porto de Móz, de baixa estirpe, mas com quem o rei vivia em intimidade e, dizia o cartapacio, «eram os jogos e fallas entre elles tão a miude, misturados com beijos e abraços e outros desenfadamentos de similhante preço, que fazia a alguem ter deshonestas suspeitas da sua virgindade ser por elle minguada.»

Sobre este ponto trazia José d'Albuquerque grande correspondencia, estando prestes a demonstrar triumphantemente que os documentos eram de nenhum valor e que o texto citado não passava d'uma calumniosa e malevola interposição d'um compilador sem escrupulo do seculo XVI, cujo nome e naturalidade já tinha descoberto. Faltava-lhe saber ao certo a data do nascimento, mas tambem para isso levava adiantado o trabalho.

Apesar de ser perturbado nas suas cogitações, unica cousa que no mundo amava com affecto, ouviu pacientemente a catilinaria da mãe contra o cunhado. Queria ella que o filho lhe escrevesse ameaçando-o de cortar com elle todas as relações, se não voltasse immediatamente á casa de Coimbra.

—Tens obrigação de olhar pela honra de tua irmã, já que teu pae não trata senão de se divertir, dizia ella dogmaticamente. Não deves consentir que o marido a deixe para ahi como um trapo sujo e ande por lá mettido com um reles estafermo que o que quer é viver á custa d'elle. Eu já conheço bem o que é essa gente!... Tudo uma canalha! Uma canalha!...

—Escusam de estar para ahi com todo esse aranzel que eu não me metto n'isso, respondeu pachorrentamente José d'Albuquerque. O Claudio é de maior idade ha muitos annos, não me deve favores nenhuns, e eu não tenho o minimo direito a reprehendel-o. Demais, eu sei lá como essas cousas são?!... Muito mexerico, muita intriga... Quem as armou que as desarme!

Não obstante esta primeira attitude de resistencia, D. Maria Francisca que conhecia a fraqueza do filho, lamentou-se com voz lacrimoniosa de que tinha creado tres filhos e ninguem a ajudava, insistiu, e conseguiu por fim que elle lhe promettesse escrever a Jorge de Castro para que este por sua vez escrevesse a Claudio e procurasse trazel-o á companhia da esposa legitima.

De facto, escreveu, mas em termos inteiramente despreoccupados «O Claudio», dizia a Jorge, «com aquelle genio romantico que nós sempre lhe conhecemos, metteu-se em Villalva a cuidar dos rouxinoes e das flores e parece, segundo dizem, que arranjou lá uma amante de que já tem um pequenito. Minha mãe e Laura andam em braza com a noticia e querem muito que tu lhe escrevas, aconselhando-o a deixar aquella vida. Duvido muito que o leves a mudar, que elle com apparencia de indifferente é muito teimoso, mas, se lhes quizeres fazer a vontade, e tambem para me livrares d'esta continua cegarrega, dize-lhe d'ahi alguma cousa.» Depois, passava a fallar longamente das suas investigações. «Tem-me dado bom trabalho», continuava, «o tal sr. Castanheira d'Almeida que, com uma petulancia sem precedentes, se lembrou de fazer sobre a vida d'el-rei D. Diniz as mais estupidas affirmações. É claro que não era cousa que se sustentasse cinco minutos, mas é

preciso não deixar correr estes erros, convém destruí-los pela raiz, e por isso... etc.» N'este tom escreveu duas folhas de papel.

Jorge, porém, que, por inclinação natural e pelas circunstancias particulares d'uma vida feliz, se habituára a considerar a familia uma cousa sagrada, ficou muito impressionado com a noticia, parecendo-lhe que Claudio praticára a maior das loucuras e renunciára para sempre a toda a felicidade, lançando-se n'um mar de inquietações infinitas.

Sem mais tardar e com grande anciedade pela situação do amigo, que se lhe afigurava cruel, escreveu-lhe palavras de conselho paternal todas impregnadas de carinho, de mágoa e de esperança. Procurava convencer-o, mostrando-lhe que a familia era o verdadeiro fundamento de toda a ordem moral na sociedade e relembrando-lhe as ideias com que a organisara; invocava os seus sentimentos de rectidão e de lealdade para exigir a fidelidade conjugal, ponderando a gravidade da offensa feita á esposa que a fraqueza propria do seu sexo e a impossibilidade de se desaggravar dignamente collocava em condições de obrigar todo o character nobre a respeitá-la; e finalmente, n'uma curta confrontação da paz d'uma união legitima com os continuados vexames e a mentira d'uma ligação irregular, em que nem sequer os filhos lhe podiam dar o nome de pae sem recordarem a falta e a vergonha da mãe, pedia a Claudio que no proprio interesse da sua tranquillidade pozesse termo áquella vida tão contraria a uma salutar moralidade.

Claudio leu esta carta n'uma oppressão de mágoa e compungimento. A condemnação do seu viver pelo maior dos seus amigos parecia-lhe quebrar um dos laços mais fortes que o prendiam ao mundo; alargava a devastação que ha muito se vinha alastrando em volta do seu coração. Mas, passada essa primeira dôr, sempre presente aos seus olhos a humildade simples de Maria, recobrou animo n'essa imagem e escreveu:

Meu querido Jorge:

Um mau fado presidiu ao meu destino e affastou de mim toda a alegria. A tua carta é o ultimo grito d'essa correria de dôres que ha muitos annos me persegue e que quasi me tem vencido.

Esperava-a, antecipadamente sabia que havias de condemnar o meu viver presente; por isso mesmo tenho addiado até hoje uma confissão que só novas magoas me podia trazer. Mas faça-se a tua vontade. Aqui me tens a ouvir-te submisso, d'essa submissão que será o derradeiro estado da minha alma, que não sei bem se é desengano de toda a ventura, indifferença pelas causas da terra ou consciencia e reconhecimento da propria fraqueza, abandono de toda a energia aos impulsos d'uma fatalidade cega.

Ouve-me, porém, ainda algumas palavras antes de me excluir da tua estima. Não é defeza, é confissão; não é a voz do orgulho que repelle a condemnação, é o queixume do culpado que a acceita sem revolta.

Sim! é verdade. Deixei uma mulher que tinha tomado por esposa legitima, segundo todas as convenções sociaes, deixei-a, deixei o filho que ella me tinha dado e a casa que com ella habitava, e vim esconder-me nas serras em que vi a luz, entre gente inculta, ligado pelo amor a uma rapariga do campo, tentando partilhar a sua humildade e a rudeza que tomei pela maior virtude e pela felicidade suprema. Abandonei a familia que tinha estabelecido, abandonando-lhe quasi todos os meus bens e riquezas, deixando-a n'uma vida de ociosidade, de abundancia e de prazeres, abandonei o luxo e uma existencia que me era odiosa, e fugi a acoitar-me nas caricias silenciosas da natureza e na protecção carinhosa d'uma mulher que me ama servindo-me.

Este é o meu crime, que por certo aos teus olhos parecerá uma vileza sem nome, imperdoavel.

Talvez não tão grande como a tua imaginação a representa! Talvez aos erros da minha desventura correspondam as alucinações da tua felicidade!...

Queres que o respeito da familia seja o alicerce de toda a ordem moral na sociedade e tambem eu outra cousa não pretendo. Se a familia é a união de dois seres ligados por sentimentos congeneres de trabalho, de consagração das suas forças á educação d'uma nova geração, de auxilio mutuo e mutua submissão, de renuncia aos prazeres da carne, de caridade e amparo para todos os desvalidos, não ha por certo melhor força para manter a ordem e a beleza moral na humanidade. Se a familia é a união de dois seres ligados pelas mesmas aspirações de riqueza, de tranquillidade e de socego egoistas, de comodidade e de luxo, de meza lauta e de ninho tepido e macio, com os filhos entregues a mãos mercenarias desde o berço até que a escola os entrega á sociedade, poderá ser uma inutilidade para os estranhos, mas, quando se tem a fortuna de possuir todas essas cousas apetecidas, é, para os seus favorecidos, um manso e ininterrompido regabofe. Se a familia é porém o encarceramento, sob o mesmo tecto e em volta do mesmo lar, de dois seres guiados por aspirações oppostas e nenhum d'elles disposto a ceder das suas ambições, em permanente conflicto, consumindo n'esses dissentimentos toda a energia que deveriam consagrar ao cumprimento da sua missão social, então não sei o que a familia signifique, além d'uma enorme e torpe mentira quando esta discordia se abriga sob formulas e exterioridades d'um falso respeito.

O que eu ainda não pude saber ao certo é o que venha a ser, como principio de moralidade, essa tão famosa fidelidade conjugal. É o concubinato legal em que a mulher grávida e a mulher que amamenta se prostituem e aviltam, ás mãos do que tem o nome de esposo, confundindo no mesmo leito a mãe e a amante? Mas isso é sem duvida a maior aberração das leis naturaes, uma especie de immoralidade desconhecida dos animaes inferiores que todos, sem evangelhos doutrinados, respeitam a femêa prenhe e são repellidos raivosamente pela que guarda e aquece os filhos. É essa outra especie de concubinato em que cautelosamente se evita a procreação para que os prazeres e a beleza do corpo não soffram quebra ou interrupção e para fugir aos encargos sociaes que do matrimonio resultam? N'este caso, significa a degradação pela

cobardia moral e pelos desregramentos da concupiscencia que se arvora em virtude e que a sociedade acceita como joia de bom quilate.

Só como inicio de perfeita castidade poderei julgar a fidelidade conjugal um valor moral; só como principio de abstinencia e de completa annulação das tentações da carne poderá aos meus olhos tornar-se digna de ser considerada por aquelles que um anseio de vida superior domina. D'outro modo, confunde-se nas labaredas da luxuria que todas fascinam e matam igualmente. Que a prostituição se dê dentro ou fóra dos limites do codigo civil, pouco importa; será sempre a sujeição deprimente da alma aos incitamentos impuros da sensualidade.

Pensa um momento; porventura convencer-te-ás de que os meus erros não são tão grandes como pretende mostrar-t'os a tua felicidade que não é, como toda a felicidade, o resultado do teu esforço mas a concorrência de elementos fortuitos.

O meu crime foi procurar soffregamente a virtude e tentar a sujeição da minha vida á realisação d'um destino consciente, em lugar de acceitar humildemente os azares da propria fortuna. Nas minhas aspirações de santidade houve talvez um orgulho sem medida de que a providencia me castigou transformando-as em corôa de espinhos.

Que sonho mau, que instigação satanica me levou um dia a descer estas escarpas para ir procurar na riqueza e na sciencia a felicidade que deixava na vida simples? Porque não fiquei aqui, como meus paes, na paz laboriosa d'uma existencia ignorada e singela?

Quiz reaver essa ventura perdida, magoado das infinitas asperezas do longo caminho por que me trouxeram a sensualidade e a curiosidade de saber, mas, ai de mim! era tarde, e chego ao porto tão ensanguentado que jámais as minhas feridas poderão cicatrizar, jámais poderão estancar as chagas em que o animo se me esvae.

Não póde a razão e a vontade resgatar o que uma vez ao coração foi roubado. Debalde o pensamento, em rodeios sem fim, tentára restituir-me a tranquillidade.

Não penses pois em ressuscitar o Lazaro; deixa que elle espere no abandono a hora abençoada de voltar á terra, a esse pó em que todos os crimes e todas as virtudes se dissolvem e apagam para brotarem resgatados n'uma fecundidade infinita.

Teu

Claudio.

Apezar da serenidade apparente que Claudio revelava, era certo que a carta de Jorge lhe deixára uma profunda impressão de mágoa. Todo o passado se dissolvia. Mulher, filho, amigos, tudo se transformava em sombras de que se affastára a vida que só no coração residia; desligados do seu affecto, morriam para os seus olhos perante os quaes passavam como espectros d'uma apagada existencia. Não fôra elle que errára? Não significava esse isolamento que elle tinha deixado o bom caminho, aquelle em que as almas cantam uma alegria sem peccado? Voltavam suspeitas, duvidas cruciantes.

Todavia, exteriormente, a vida de Claudio parecia ter caído na mais absoluta calma. Na aldeia já ia esquecido o escandalo e o povo acceitava sem murmurio os amores de Maria; a caridade, a modestia e a singeleza que continuavam a ser os espiritos bons do casal de Claudio varreram rapidamente a repugnancia que ao maior numero inspirava a sua desregrada paixão, substituindo essa passageira aversão pelo mais carinhoso respeito.

O pae de Maria ficára entrevado, mal se arrastava da cama para o quintal, a aquecer-se ao sol ou a visitar os gados, tentando ainda relembrar a antiga vigilancia e uma febre de trabalho que a doença não pudera anniquilar inteiramente; mas a familia, com a peculiar

resignação que a gente rude põe na acceitação das cousas sem remedio, perdoára a Maria a sua falta e frequentava-lhe a casa e as relações como a do visinho a que mais queria.

A vida ainda tinha alegrias para Claudio. Brotavam, como flores silvestres disseminadas pelas montanhas aridas, das aguas que se escoavam espumantes na azenha ou se perdiam mudas beijando as tumidas raizes do arvored, dos cantares das lavadeiras que erguiam os braços robustos batendo turgidos linhos sobre as pedras da ribeira, dos zumbidos das abelhas fartando-se na madresilva dos comoros, do sol espargindo-se nos orvalhos com que a noite mansamente cobrira os campos; brotavam do palpitar da natureza em que todo o movimento é sem peccado, e brotavam ainda do coração de Maria em que a simplicidade e o amor fulguravam, protegendo em um nimbo de pureza sadia o espirito decrepito e enfermo de Claudio.

Muitas vezes, quando o trabalho apertava ou quando o calor era muito, Claudio descia de manhã ao campo e só voltava a casa ao pôr de sol. Maria trazia-lhe o jantar ao meio dia, o caldo, a broa e o conducto.

Procuravam uma sombra a que se acolhessem; a refeição fazia-se n'um recolhido silencio que era como uma prece perante a magestade olympica da natureza.

Depois vinham as sextas, cerrando os olhos na contemplação das flores que se abriam ao sol exalando aromas n'uma mysteriosa fecundidade.

Uma tarde, por um dia de julho, Maria veio, como de costume, trazer o jantar a Claudio, o cesto á cabeça coberto d'uma toalha alva e grosseira; nos braços o pequenito, repousada a fronte sobre o hombro da mãe, no abandono em que o somno o vencia.

Chegando ao campo, foi poisar a creança sobre o chale, debaixo d'uma oliveira, proximo d'um muro, abrigando-a do vento e do sol que abrazava, caindo das serras.

Claudio sentou-se ao lado, sobre uma pedra, e Maria sentou-se tambem, em frente d'elle, no chão, desapertando o lenço e mostrando o cólo, agora exuberante no primeiro despertar da maternidade.

Estavam calados, n'um d'aquelles silencios que eram frequentes e em que perpassava uma palpitação d'amor e de ventura.

A creança tinha uma belleza angelica, os olhos cerrados, os finos cabellos loiros desalinhados, o sangue agitado pelo calor da atmospha e os labios humidos, levemente entreabertos, como segredando palavras ignoradas d'uma doçura divina.

O pae attentou na mãe e no filho. Sentindo desprender-se d'aquelles peitos impenetraveis á corrupção um refrigerio que instantaneamente corria as feridas do seu coração, libertando-o de dôres perguntou a Maria:

—Gostavas de ter muitos filhos?

—Filhos!... respondeu ella rindo surprehendia da estranheza da pergunta. Cada um tem os que Deus dá!...

Claudio calou-se novamente, dominado de respeito. Era a voz da virtude ingenua que chegára aos seus ouvidos, da coragem na acceitação da condição humana, da religião no amor sem limites, na conformidade do destino.

N'aquella rapariga humilde, pobre e rude, encontrava o que nem o saber nem a razão tinham podido conceder-lhe.

Ai! Era bem certo!... A felicidade havia de nascer do coração em jorros cristalinos como a agua que rebenta entre os rochedos.

Tentar subjugal-a sob os impulsos da intelligencia era profanal-a. A candura maculada jámais recupera a alvura.

N'este labor continuado, em que o amor da terra o absorvia, havia ainda para Claudio horas de repouso e de ocio, já por simples fadiga, já porque o trabalho tinha tambem as suas pausas naturaes.

Vinham então a leitura, a meditação e as longas caminhadas pelas veredas desertas, pelas cristas despidas dos montes ou pelos valles apertados, entre o arvoredado cerrado.

Procurava, avidamente, em interrogações infinitas, conquistar para si um retalho d'essa paz augusta em que toda a natureza se envolvia. Escutava, na doce luz do crepusculo, o brandir compassado da Ave Maria em que sentia murmúrios de orações, supplicas e louvores de gratidão erguendo-se da aldeia e confundindo se n'uma só prece, em mystica união, com o repouso que a noite vinha derramando.

Queria lançar a sua alma n'essa fornalha ardente d'amor e de fé, purifical-a no contacto das almas simples, mas sempre sentia o tumultuar d'um passado que o despertava dos sonhos bons para o torturar nas angustias da consciencia.

Temia as noites tenebrosas do inverno e os dias pesados e humidos que o obrigavam a enclausurar-se na estreita sala de Villalva. Renasciam phantasmas que julgára dissipados, visões sombrias que a luz do sol e os carinhos humildes de Maria pareciam ter varrido para sempre.

Começava a desfiar esse rosario das suas amarguras; um infinito desalento se apossava do seu espirito, prostando-o de desesperança, convencendo-o da infelicidade sem remedio.

Porque não casára com a Conceição e passára de animo leve sobre as suas lagrimas? Porque abandonára Emilia á miseria que elle mesmo por suas mãos tinha aggravado? Porque deixára Laura que elle espontaneamente fôra buscar tal qual era, com todos os seus prejuizos? E Maria,—pobre Maria!—para que a juntára á sua desgraça, roubando-a ao amor sadio do seu namorado? Egoismo,

ciumes, aspirações impuras que tinham perdido a sua alma, lançando-a nas chammas do remorso.

Revoltava-se contra a miseria do corpo que com seus doidos anceios o tinham transviado do caminho de caridade e de sacrificio em que, imolando as suas ambições, teria encontrado a paz da consciencia.

Tentava desprender-se d'esse pesado involucro carnal com frequentes jejuns e esforçando-se por ser casto. Por momentos, quando as minguadas forças phisicas pareciam dar ao espirito uma liberdade que o enlevava em delicias, tinha a illusão de que chegára a hora de renascer n'uma vida de pureza e resgatar o passado, santificando-se pelo offerecimento a Deus de toda a sua existencia, calcando como reptis venenosos os ardores dos sentidos.

Essa illusão pouco durava. Rebrilhava o sol, punha a enxada ao hombro e, revolvendo a terra, communicava-se-lhe essa gigantesca vibração de fecundidade que é a propria vida de todo o universo. Criar, reproduzir a sua força e o seu sangue nos seus filhos, nas flôres e nos fructos que regára com o suor do seu rosto, era nas horas de culto naturalista o novo deus a que sacrificava. E, abandonando-se a esse movimento, outras bençãos, as bençãos do amor terreno triumphante, se lhe espargiam sobre a fronte e lhe infiltravam um vigor desconhecido.

N'esta lucta, porém, consumia-se; as suas forças decaiam rapidamente. Às vezes dominava-o um abatimento, uma prostração em que sentia proximo o seu fim. Então convencia-se que aquillo que tomára por um rejuvenescimento não era mais do que uma desesperada excitação em que inteiramente e para sempre ia anniquilar-se.

Em um d'esses dias, pouco tempo depois de Maria lhe ter dado o segundo filho, recolheu tarde. Maria já por mais d'uma vez viera á porta, olhando o caminho a vêr se o descobria, quando elle entrou.

Vinha contente, risonho, como que alliviado das suas preocupações sombrias.

—Vim tarde. Estavas com cuidado?... Tem paciencia. Foi-me preciso...

—Não, logo me lembrei que andasse a passeiar ou tivesse tido alguma coisa que fazer, mas nunca se fica em descanso. Às vezes, onde menos se espera estão trabalhos.

—Tive de ir a Albergaria. Toma, guarda isto bem guardado. É o teu pão e dos nossos filhos, se eu faltar, disse elle, entregando-lhe um papel azulado com grandes manchas de lacre.

Era o seu testamento em que lhe entregava, por sua morte, os bens de Villalva.

—Para que é isso? respondeu ella recuando com uma anciedade triste. Deus Nosso Senhor hade levar-me primeiro.

—Não, não... guarda, replicou Claudio com firmeza.

A rapariga então, obedecendo, recebeu o papel e, os olhos rasos de lagrimas, beijou as mãos de Claudio.

Quizéra insistir na recusa, sentia uma commoção que a turvava, mas era a sua vontade, a vontade d'elle, e amal-o era obedecer-lhe, era servir-o.

Sentaram-se á mesa. Não se ouviu nem mais uma palavra sobre o testamento, e a ceia começou. Claudio estava alegre, perguntando pelos filhos, pelos gados, pelo que em casa se fizera n'aquella tarde, fallando dos trigaes que vira na varzea e que promettiam uma boa colheita.

No dia seguinte, voltou ao trabalho, continuando na sua pacifica faina. O trabalho era a sua alegria, não ficavam horas nem para recriminações nem para idyllios.

Em todo o tempo que Claudio viveu com Maria, só houve um momento que lembrasse as horas de paixão que antigamente o crucificavam.

Uma manhã, Claudio veio a casa almoçar. Como o orvalho no campo fosse muito e trouxesse os tamancos enlameados, deixou-os á porta e entrou descalço. Maria estava em pé, no meio da sala. Parecia procurar vêr, atravez a janella, qualquer coisa que se passava fóra, mas occultando-se ao mesmo tempo para não ser vista. Era o pae d'ella que em frente, encostado ás muletas, se arrastava no estreito carreiro do seu quintal, vendo as ervilhas que se prendiam na sêbe grosseira.

Claudio poudé aproximar-se sem ella o sentir. Compreendeu rapidamente toda a amargura que lançára n'aquelle coração, dilacerado de remorsos.

—Perdoa-me, perdoa-me, disse-lhe apertando-a nos braços e beijando-a na fronte.

E fugiu, sem voltar o rosto, deixando-a a soluçar, banhada em pranto.

Durante quatro annos, viveu assim; apparentemente tranquillo na paz da vida do campo, interiormente minado de duvidas que por vezes a consciencia lhe apresentava como espectros. Maria era sempre a mesma que fôra na hora em que a conhecera, humilde, laboriosa, singelamente amoravel. Mas Claudio, possuindo-a, via n'ella, repassado de contricção, a imagem da felicidade perdida. Era tarde para a merecer; as lembranças do passado perseguiram-n'o implacaveis, já não havia alegria que não fosse cortada d'um travor de arrependimento.

As forças decaíam sempre. Não tinha doença alguma; sentia uma depressão de vigor que todos os dias se accentuava, uma velhice precoce que caminhava incessantemente.

Em maio, um dia tardou a erguer-se. Foram procurá-lo. Parecia dormir, mas, como o somno se prolongasse excessivamente, acordaram-n'o.

—O que tem? perguntou-lhe Maria. Não quer hoje levantar-se?

—Não é nada, respondeu elle, fitando-a mansamente e procurando sacudir a somnolencia que o dominava. Estou muito constipado, tenho o peito muito opprimido. Creio que foi do vento que hontem apanhei lá em baixo. Isto com agasalho cura-se.

—Mas é melhor chamar o medico. Quer?

—Para mim não era preciso. Mas se tu ficas assim mais descansada, manda-lhe dizer que venha cá.

Maria saiu e Claudio immediatamente caiu n'um somno pesado, a respiração frequente e anciada.

O dr. Carvalho veio cerca do meio dia. O doente até então não cessára de dormir. Apenas acordava quando o chamavam, e logo cerrava os olhos, continuando em torpor.

—Está muito doente! disse o dr. para Maria. Eu vou á villa e volto já para lhe pôr um caustico. Tenho medo que não lhe façam isso em termos.

E saiu a entrar na carruagem que o levou á pharmacia.

—Oh! disse o boticario, vendo-o apear-se ligeiro, vem hoje muito atarefado!

—Quero um caustico para o dr. Claudio que está muito mal.

—Sim!?... Então com quê? perguntou o boticario abrindo um armario envidraçado e tirando um grande frasco com um rotulo em lettras d'oiro.

—Tem uma pneumonia. E o pulso... Que desconcerto!...

—Se aquelle organismo não estivesse tão depauperado, continuou o dr., sangrava-o, mas assim... não me atrevo.

—Não sei o que será... não sei o que será, repetia inquieto. Olhe, deixe-me vêr uma folha de papel que sempre quero avisar a familia. Que elles não se importam mas, se não vierem, não ha de ser por minha culpa.

E sentou-se a escrever, pedindo ao boticario que mandasse a carta para Coimbra, no correio da tarde.

A applicação dos medicamentos não deu resultado. A pneumonia seguiu os seus tramites.

Claudio conhecia mal o seu estado. Às vezes chamava as pessoas de casa, levado por uma vaga saudade, procurando combater o somno que o ia dominando e luctando por despertar a consciencia! Tinha então palavras carinhosas, principalmente para Maria.

—Estou a dar-te tanto trabalho... Tem paciencia, tem paciencia, sim?

Esses momentos eram, porém, cada vez mais raros.

Ao terceiro dia, já noite adeantada, perguntou por um velho creado que fôra de sua mãe e se chamava Luiz.

O creado veio sem demora, mas entretanto Claudio adormecia novamente.

—Está aqui o Luiz, está aqui o Luiz, disse Maria tentando despertal-o.

O creado tinha ajoelhado junto da cabeceira da cama e inclinava sobre o doente o craneo calvo, orlado de raros e longos cabellos brancos. Claudio entreabriu os olhos, quiz afagal-o, levantou

ligeiramente o braço, e a mão rolou pela cabeça do velho, caindo novamente, quasi inerte, sobre o leito.

O creado tinha ajoelhado junto da cabeceira da cama

Foi o seu ultimo movimento consciente. Depois não se sentiu mais que um estertoroso arfar.

Pela manhã, abriram a janella, cuidando que a frescura do ar alliviaria a agonia. A luz do sol foi bater no leito e cercou o moribundo d'um esplendor de gloria entre o perfume da madresilva e o canto das aves que alegremente cantavam a eterna alleluia dos seus amores. Distante, ouvia o balido do rebanho que o pastor levava a beber no regato. Era uma festa de canticos angelicos.

De repente, a respiração pareceu baixar docemente. Houve no quarto um murmurio de lagrimas e de soluços; instinctivamente todos ajoelharam, e alguém disse:

—Acabou.

Maria levantou-se, inclinou-se sobre o cadaver, cerrou-lhe os olhos e, soluçando, abraçou-o.

Algumas horas depois chegava Jorge.

No alvoroço que em casa de Laura produzira a carta do dr. Carvalho, tinha resolvido D. Maria Francisca, porque o marido estava para a Beira, pedir a Jorge que viesse vêr o amigo.

Ainda se lembrou de aconselhar á filha que fosse a Villalva. Parecia-lhe elegante, de bom effeito no publico, esta reconciliação á hora da morte. Mas a filha revoltou-se.

—Isso nunca!... Não é pelas offensas que elle me fez, é porque a minha dignidade não me permite entrar ali n'aquella casa e pôr-me a par com uma mulher réles...

—Bem, bem, não te exaltes, filhinha. Eu cuidarei de tudo, rematou D. Maria Francisca.

Foi então que telegraphou a Jorge.

Este veio immediatamente, por Coimbra, para saber os desejos dos Albuquerque.

Laura desmaiou mal o viu, e a mãe levou-a em braços para o quarto, voltando á sala alguns minutos depois.

—Coitadinha! Muito tem soffrido! Eu nem sei como ella póde...

Mas logo, sem poder conter-se, continuou:

—Eu o que receio é que haja algum testamento e elle tenha passado tudo para as mãos d'essa mulher que lá tem!... O meu querido Jorge verá. Se não houver nada, peço-lhe que tome conta de tudo e, se houver, faça então como entender. Elle está muito mal, segundo o que o dr. Carvalho me diz, até talvez a estas horas tenha morrido... O que lhe peço também é que me mande um proprio, a cavallo, para se tratar do enterro logo que elle falleça.

Com estas instrucções partiu para Villalva onde foi encontrar o amigo, morto, sobre o leito, já lavado e vestido pelas mãos de Maria e do creado Luiz.

Não se atreveu a entrar sem pedir que o annunciassem a Maria. Ella veio recebel-o á sala.

Jorge não teve coragem de articular uma palavra, tão grande era a commoção em que todo este drama o lançava.

Foi Maria que singelamente resolveu a situação, dizendo-lhe magoadamente e reprimindo as lagrimas:

—Então o senhor era o amigo d'elle?!... Ai! Que pena não ter vindo mais cedo!... Fallava tanto no Jorge quando delirava... Parecia que lhe queria dizer alguma cousa...

Immediatamente, como prescrutando n'um breve esforço o que significava ali a presença de Jorge, entre as lagrimas que já não podia mais conter, perguntou:

—Vem buscal-o, não é verdade?... E elle que tanto queria ficar ali ao pé da mãe!...

Pela manhã veio um carro funereo, com penachos negros, a balouçarem-se no macadam, sobre o qual pozeram o caixão que continha o cadaver de Claudio. Maria viu-o affastar-se, de joelhos, orando ao pé da janella e pedindo, não a Deus que o tivesse junto de si porque no seu espirito não podia haver duvida sobre a salvação de Claudio, mas a Claudio que junto de Deus a protegesse e amparasse com o seu auxilio. O carro desapareceu entre as ramagens dos choupos que orlavam a estrada; ella voltou os olhos para os cyprestes do cemiterio, como querendo instinctivamente prender-lhes qualquer cousa que lhes roubavam, e ergueu-se a dar o peito ao filho que se movia no berço.

Levaram o corpo de Claudio para a egreja de Santa Cruz e pozeram-n'o sobre um catafalco rodeado de tochas accesas e muitas velas em serpentinas de prata. Cobriram-n'o de corôas feitas de pannos tingidos, em fórmula de flores, e aos pés do caixão, do meio d'esse montão informe de enfeites, pendia uma fita preta com grandes lettras douradas, dizendo:

Eterna saudade da sua Laura.

Em seguida aos responsos, pôz-se tudo a caminho do cemiterio. Um lente da Universidade dizia na carruagem para o juiz que o acompanhava:

—Vão mais de quarenta trens! Este Albuquerque tem ainda uma grande influencia!...

—Pois não tem! respondia o juiz. O genro, se não fosse tolo, podia ter feito uma linda figura. Ainda nas ultimas eleições se lembraram de o eleger deputado por Vizeu. Quem sabe?... Talvez ainda agora vivesse!...

Passados tres dias, n'aquelle campo em que Claudio costumava trabalhar, uma creança brincava á sombra das oliveiras. Ao lado,

uma mulher, vestida de negro, ceifava o azevem. Era Maria.

À mesma hora, em Coimbra, rodavam as carruagens a caminho do palacio dos Albuquerque. Ali, trocavam-se palavras doces em meio das paredes despidas dos seus adornos. Laura e a mãe discutiram longamente, maduramente, quantos vestidos havia a fazer, e resolveram mandar vir da capital uma modista em voga.

—Porque, dizia D. Maria Francisca, sempre é lucto de mais d'um anno!... Aqui fazem-te lá alguma cousa em termos?! Não has-de andar todo esse tempo com vestidos desageitados. Depois, vem a Figueira e precisas ter com que te apresentes. Tu bem sabes como aquella gente de Lisboa repara...

FIM

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK TRANSVIADO

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.